REVISTA TRIMENSAL

DO

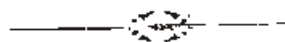
INSTITUTO DO CEARÁ

ANNO II

1.º TRIMESTRE DE 1888

TOMO II

Dedimus profectò grande
patientiæ documentum.

Assignatura annual 4$000.

CEARÁ—1888

Typ. Economica

SUMMARIO

O PADRE IBIAPINA

I

Não ha homem que não falle em virtude, e o que é mais—que não a exalte e até a aspire!

Já Confucio dizia que tinha visto homens incapazes de sciencia, incapazes de virtude nunca.

Os que mais tem libado a taça inebriante dos gosos, sensuaes, esses mesmos vem afinal render-lhe o seu insuspeito testemunho de homenagem e arrependimento.

Começo de conhecer, diz Byron, que neste mundo condemnado só é bôa a virtude. Acho-me cançado do vicio, cujas variedades hei provado á saciedade. (1)

Elmano, já no declinio da sua vida licenciosa, exclama com ares de contricção :

Prazeres, socios meus e meus tyrannos !
Esta alma, que, sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumio dos desenganos.

Deus!... oh Deus!... quando a morte a luz me roube
Ganhe um momento o que perdera annos ;
Saiba morrer o que viver não soube !

Si a conversão não foi sincera é o caso de repetir-se que a hypocrisia ainda assim é uma homenagem á virtude.

Não valem certamente as lagrymas da virtude todas as alegrias de que se embriaga o vicio, já o disse alguem:

A adversidade nada lhe tira si é que não lhe augmenta mais o brilho.—

Não desmaia a virtude entre a procella,
Brilham mais que os do raio os seus fulgores,
Mais formosa se mostra, qual bonina
Que o pêso da agua debruçou na margem. (2)

---

(1) *Memorias*, Tom. 1.º, Pag. 236.
(2) João de Lemos, *Cancioneiro*, Tom. 2.º, *Deus*, Pag. 13.

A prosperidade tambem não lhe faz crescer a ventura, porque não lhe faz crescer o merito.

Aquelle mesmo, que chega a attingir ás mais elevadas posições sociaes ou pelo mero acaso do nascimento ou pela audacia da fortuna, muito cêdo reconhece que o primeiro dia da sua vangloria é o ultimo da sua felicidade.

Pela porta por onde entra uma por essa mesma sahe a outra, quasi sem deixar esperança de voltar.

O merito, que é a unica decoração da virtude, é um bem que não se compra; e o publico independente em seus suffragios, disse o Chanceller D'Aguesseau, dá a gloria, mas não a vende nunca.

Por isso a unica nobreza é a dos corações e dos entendimentos que buscam erguer-se para as alturas do céu, mas essa superioridade deve de ser extraordinariamente humilde e singella, como ensina o evangelho, que é um protesto, escripto por Deus e para os seculos contra as vans distincções, radicadas neste mundo de lodo, de oppressão e de sangue pela força e o orgulho. (3)

O' mesquinha nobreza essa do sangue
Que faz com que o homem della se glorie
Neste mundo em que tudo é transitorio!
Tu és, a bem dizer, manto que encolhe,
Si prestes não se oppõe emenda á fimbria,
Que a thesoura do tempo vae cortando. (4)

A virtude não se define, pratica-se; mas a pratica de todos os dias nos convence de que o seu reinado seria deserto si seu reino fosse só deste mundo, ou o mundo uma floresta habitada só por salteadores do direito e da justiça.

---

(3) Alexandre Herculano, *Eurico o Presbytero*, Pag. 15.

(4) Dante, *Divina Comedia, O Paraizo*. Cant. XVI. Traducção do Barão da Villa da Barra, Pag. 416.

Uns fazem já muito em conhecel-a pelo nome e renome que não podem desconhecer ; e outros querem-n'a servir, mas com a pretenciosa condição de serem primeiramente servidos em seus interesses e caprichos.

São, como diz o P.e Antonio Vieira, catholicos do credo, mas não dos mandamentos.

Dessa subordinação imposta, mas impossivel — si a suppõem completa e duradoura, não pode sahir sinão um producto substancialmente informe e perigoso.—

Que inimiga não ha tão dura e fera
Como a virtude falsa da sincera. (5)

O verdadeiro typo desta encontra-se somente nas bôas obras, cujo criterio só nos pode dar a consciencia esclarecida pelas luzes do christianismo—fé, esperança e caridade, as tres virtudes theologaes ou as unicas verdadeiras consolações d'alma em suas afflicções.

Tomo um caso extremo, é o insuspeito Max Nordau quem falla. Um aeronauta cahe da barquinha do seu balão da altura de algumas centenas de metros. Si é livre pensador, sabe que está irremissivelmente perdido, e que não ha poder capaz de impedir que o seu corpo deixe de estender-se no chão e dez minutos depois esteja espedaçado e ensanguentado. Ao contrario si é crente. Conserva durante todo o tempo da quéda, emquanto não perde os sentidos, fé em que um poder sobrenatural, cuja intervenção poderá obter por meio da oração, suspenda em seu favor, por espaço de um minuto, as leis da natureza, e o colloque suavemente são e salvo em terra. Emquanto a consciencia persiste, é dominada pelo instincto da conservação, e conserva-se obstinadamente firmada no seu direito de appellar da irrevogavel condemnação á morte para uma possibilidade diminuta de salvação. O bem mais presado que a alma humana

(5) Camões ; *Lusiadas*, Cant. X. Est. 113.

encerra em si é a illusão, e nenhuma é tão grandiosa e tão consoladora como a da fé e a da oração. (6)

A esperança, essa nunca morre nos céus. De lá ella desce ao seio dos máus antes que sejam precitos. (7)

A caridade nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por elle e para elle obra, e nem espera e nem precisa de retribuição na terra ; porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador de suas acções.

E' virtude diversa da philantropia : ou mais exactamente, a caridade é uma philantropia mais pura. Aquella é a virtude dos homens, esta dos anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesus Christo : *Amar os que vos amam é de todas as leis* ; *eu mando-vos que ameis os proprios inimigos.* (8)

O seu esmalte é o segredo, tanto quanto o pregão a faz desmerecer, si é que não a annulla de todo aos olhos de Deus, que manda que a mão direita dê de modo que não a veja a esquerda.

E' flôr que se abre ao orvalho da sagrada esmola, e se fecha á simples vista profana dos homens. Tão delicada e esquiva, como a flôr de lotus, que não pode supportar os esplendidos raios do sól, e floresce uma só vez de cem em cem annos á brisa suave da noite.

Mas as bôas obras, como a luz, não se podem occultar de todo.

Si ellas chegam a ser conhecidas, ou pela boca do que assim pensa pagar o favor recebido, ou por alheios testemunhos, que vem em seu auxilio, então dar-lhes a maior publicidade é, alem de grato dever, edificante estimulo para que outros as pratiquem.—

Que a virtude louvada vive e cresce
E o louvor altos casos persuade. (9)

---

(6) *Mentiras Convencionaes*, Pag. 64.

(7) A. Herculano cit., Pag. 31.

(8) Garrett, *Camões*, Pag. 218, Nota.

(9) Camões cit., Cant. 4, Est. 81.

II

Sobral, já uma das mais importantes cidades da Provincia por muitos titulos, deve honrar-se de ser o berço de um varão, que honrou a patria e a humanidade, a historia e a religião.

Seu nascimento desde logo começou de comprovar a verdade da maxima de Fenelon, duque e arcebispo de Cambraia : *L'homme s'agite et Dieu le mène*.

Era no principio deste seculo, quando o sentimento religioso ainda tocava quasi ao fanatismo no nosso povo.

Por isso e tambem pelo papel benefico que representava o padre no lar domestico, substituindo ao pae, não tanto na herança dos bens da fortuna, como nos pésados encargos da familia, Francisco Miguel Pereira tinha sido desde a infancia destinado para a vida ecclesiastica por seu pae, chefe de uma das principaes familias da localidade.

O moço condescendeu quanto lhe foi possivel, mas finalmente não poude torcer a vocação, que o arrastava brandamente aos doces laços do hymineo ; de tal sorte que quando o pae suppunha-o prompto para seguir ao seu destino, no seminario de Olinda, rapta elle uma moça, tambem das melhores familias do lugar, e casa-se.

Ao rapto da donzella sobralense não seguio-se um cerco como o de Troia pelo de Helena ; mas houve muita transformação, que então deu que fallar e ainda mais que sentir : o sogro, revoltado contra o procedimento do filho, retirou-lhe logo toda a estima e protecção, obrigando-o por necessidade a recorrer á vida pastoril e da lavoura, á que estava desacostumado, para haver os meios da parca subsistencia, ora apascentando seu pequeno rebanho, ora empunhando a enxada para tirar o pão quotidiano.

Não era trabalho deshonroso esse, de que aliás nunca se desdoiraram os senadores e consules romanos, conforme o testemunho de Ovidio.

. . . . Levava ao pasto
o proprio senador suas ovelhas ;
e em cabeceira de oleroso feno
somnos tomava a bom levar dormidos :
iam do arado ao tribunal os consules ;
ter de prata uma barra era delicto. (10)

Mas, sobretudo o desamor paterno, que não arrefecia, amofinava-o bastante.

Desse consorcio affectuoso, mas ao mesmo tempo tão cheio de amarguras, já tinha tido tres filhos, o terceiro delles, o mais moço, de nome José, nascido na fazenda *Morro da Jaibára*, a 5 de Agosto de 1806, e que mais tarde devia assignar-se—Dr. José Antonio Pereira Ibiapina e por ultimo — P.e José Antonio de Maria Ibiapina. (11)

As cordas sensiveis desse coração de avô ainda não tinhão sido afinadas aos gorgeios dos sorrisos de um netinho, essa harpa eólea, essa harmonia, essa poesia

---

(10) *Fastos*, Trad. do Visconde de Castilho, L. 1.o, Pag. 23.

(11) Eis a sua certidão de baptismo :

« José, filho legitimo de Francisco Miguel Pereira e de Thereza Maria de Jesus, naturaes e moradores nesta freguezia de Sobral, nasceu a 5 de Agosto de 1806, e foi baptisado nesta fazenda do *Olho d'Agua* a 25 do mesmo mez e anno pelo Rvd. P.e Antonio Mendes de Mosquita : padrinhos Joaquim José de Souza e sua mãe Thereza Maria d'Assumpção : e para constar mandei fazer este assento, em que me assigno. O vigario José Gonçalves de Medeiros. »

Francisco Miguel teve os seguintes filhos :—1.o—Alexandre Raymundo Pereira Ibiapina, que morreu desastradamente em Fernando de Noronha ; 2.a D. Francisca Ibiapina do Coração de Maria, que ainda existe em Sobral em estado de viuvez ; 3.o P.e Dr. José Antonio de Maria Ibiapina ; 4.o Dr. João Carlos Pereira Ibiapina, que morreu cégo em juiz de direito aposentado da comarca do Principe Imperial ; 5.a D. Rita Thereza de Jesus, casada, hoje fallecida ; 6.a D. Maria José Ibiapina, viuva em Pernambuco ; 7.a D. Anna Ibiapina, residente na casa de Caridade do Gravatá em Pernambuco ; alem de outros que morreram pequenos.

Estes apontamentos me foram fornecidos pelo Rvd P.e Vicente Jorge de Souza, digno vigario de Sobral, a quem d'aqui mesmo dirijo meus agradecimentos.

d'alma, que só um genio como de Victor Hugo podia traduzir na sublime—*Arte de ser Avô* !

Defeitos de educação, formada na ignorancia dos sãos principios da moral e da religião, que respeitam as vocações licitas !

O matrimonio é tambem um sacramento da nossa Santa Madre Igreja ; e com certeza serve igualmente a Deus quem o prefere ao da Ordem, por não se sentir com forças bastantes para honral-o, como deve.

Entretanto, sabios e imprescrutaveis decretos da Providencia ! desse casamento tão estygmatisado—por o moço não ter querido ordenar-se, nasceu para a religião santa de Jesus Christo um grande luzeiro, qual é crivel que nunca tivesse sido o pae !

III

Ralado de desgostos e privado de recursos para a decente manutenção da familia, que crescia, Francisco Miguel mudou-se para a povoação de S. Pedro de Ibiapina, onde pretendia tentar a fortuna, que tão mal lhe fôra no torrão natal ; mas pouco tempo teve de demorar-se ahi, por ter sido logo nomeado tabellião e escrivão das correicções do termo do Icó, para onde teve de seguir. Entretanto dessa localidade guardou tão grata recordação que mais tarde, por occasião do movimento revolucionario de 1824, tendo de juntar ao nome, como fizeram muitos, algum outro patriotico, preferiu o de Ibiapina, que passou desde logo aos filhos.

No Icó o menino José deu as primeiras letras com o professor José Felippe, que se desvanecia dos seus progressos.

Em 1819, tendo o pae obtido remoção para o termo do Crato, ahi, aos 13 annos, á falta de mestre, teve de limitar-se em cultivar os exercicios de piedade com o Rvd. vigario da freguezia P.e José Manoel Felippe Gonçalves, que constantemente aconselhava ao pae que aproveitasse a bella intelligencia e comportamento do filho para a vida sacerdotal.

Que pae não se desvaneceria de invidar todos os esforços pelo futuro de um filho de tão raros dotes intellectuaes e moraes ?

Em 1820 seguio o joven José para o Jardim, afim de lá estudar o latim com o afamado latinista Joaquim Theotonio Sobreira de Mello ; e tão bôa copia deu de si que em dous annos preparou-se na lingua de Virgilio, que então raro era o estudante que aprendia em menos de quatro annos.

A sua organisação era fraca, por isso os collegas chamavam-n'o *Pereirinha*, em contraposição a outros mais corpulentos e robustos.

Em principios de 1823 Francisco Miguel poz-se de viagem para a Capital, com toda a familia, menos a idolatrada esposa, que havia fallecido victima de um aborto.

Avalio muito de perto a profundeza de sua dôr. A mulher, quando sabe sel-o, é um anjo de amor e de bondade, que nos entretece os raros fios de seda que nos correm na téla da vida, a voz que nos anima quando desacoroçoados, o seio onde descançamos a cabeça nos dias de fadiga, a mão que nos enxuga as lagrymas corrosivas do pranto, que nos allivia as magoas, e redobra os nossos prazeres, compartilhando-os comnosco, que sempre tem um sorriso que lhe vem inteiro do coração, ainda no equuleo das dôres si a sombra de um contentamento nos alegra a phisionomia como nuvem risonha dourada pelo sol do occaso. (12)

Tronco, haste, folha e flôr de uma familia, que herdará as suas virtudes, a mulher só pode ser bem comparada á luz vivificante de uma lampada sempre accesa defronte de um sacrario, que é o nosso coração.

Mas si Agricola mereceu louvores de Tacito, por ter sabido resistir á morte do filho de um anno de idade, sem a insensibilidade das almas fortes, nem a desolação e abatimento das mulheres, ainda merece mais ser lou-

---

(12) Gonçalves Dias. *Um Anjo*, *Obr. Posth.*, Tom. 3, Pag. 167.

vado o esposo que resignadamente curte a dôr pungentissima da perda da terna e fiel companheira de sua vida, a carinhosa mãe dos seus filhos.

O infeliz marido, que passára por tão tremendo golpe, mal sabia que essa viagem que emprehendia no interesse do filho e de si mesmo, desejoso de novos horisontes, apressava-lhe apenas a sua total perdição! Como a mariposa attrahida pela luz em que se abrasa, elle marchava para a capital, onde devia cumprir-se a lei fatal do seu funesto destino!

Ha gente escrava de uma estrella infausta,
fixa, immutavel que a domina e vela;
Como sentar se! se lhe conta os passos!
Como fugir-lhe? se a vigia a estrella! (13)

O realista de 1817, que actuára poderosamente no animo do amigo intimo capitão-mor do Crato José Pereira Filgueiras, para fazer a contra-revolução e prender os republicanos José Martiniano de Alencar, depois senador, sua mãe e irmãos, vamos vêl-o agora envolvido de corpo e alma n'outra revolução—a da *Republica do Equador* em 1824!

Apenas chega á Capital em principios de 1823, faz seguir o filho com destino ao Seminario de Olinda, e entra em cooperação activa no movimento revolucionario com as victimas de outr'ora, que desta vez deviam ser mais felizes que elle.

Quantum ille
Mutatus ab illo!

E' elle agora quem, exercendo sua grande ascendencia sobre o Capitão-mor, a influencia mais popular e poderosa da situação, arrasta-o á revolução!

A 6 de Maio de 1824 toma posse do logar de Escrivão-Deputado da Junta de Fazenda, já sob o governo da Republica, em substituição de Antonio de Castro Vianna, que demittiu-se, e depois é eleito um dos oito deputados

(13) Thomaz Ribeiro. *D. Jayme*. Pag. 78.

pelo Ceará ao *Congresso da Republica do Equador* no Recife.

Mas, operada a contra-revolução pelo almirante lord Cochrane, Conde de Dundonald e Marquez do Maranhão, é elle agora preso, condemnado á pena ultima pela *Commissão Militar* e passado pelas armas na manhã de 7 de Maio de 1825, (14) no *Campo da Polvora*, hoje *Passeio Publico* !

De todas as cinco execuções, que então se deram, foi esta a que mais sensibilisou geralmente.

Ha pouco havia a victima sido acommettida de bixigas, que de preferencia atacaram lhe as solas dos pés. No funebre trajecto para o supplicio tinha-nas ainda tão feridas que não podia andar e foi preciso ser carregado e vestido com a alva do condemnado, em palanquim !

O filho mais velho, Raymundo Alexandre Pereira Ibiapina, escapou á pena ultima bem contra-gosto de certas influencias do tempo; (15) mas foi condemnado á *degredo por toda vida para a Ilha de Fernando de Noronha*, para pouco depois ter ahi morte desastrada! (16)

---

(14) Pompêo, *Ensaio Estatistico*, Tom. 2, Pag. 306, diz que a execução foi a 30 de *Abril* de 1825; mas ha engano, como se vê da seguinte—

ORDEM DO DIA DE 6 DE MAIO DE 1825.—O Ex.mo Sr. Governador das Armas ordena que *amanhã* ás 7 horas do dia a Brigada esteja debaixo das armas nos quartéis, e o contingente, que entrar de guarda, deve estar prompto no logar da fortaleza, para acompanhar o réo Francisco Miguel Pereira Ibiapina, que sobe ao patibulo, e depois de feita a execução se mudarão as guardas, e o resto da Brigada poderá despersar-se.—*Francisco Xavier Torres*, Secretario e Ajudante de Ordens.

(15) O Coronel Pedro José da Costa Barros, cearense e 1.º Presidente do Ceará, em officio ao ministro do imperio, Estevão Ribeiro de Resende, depois Marquez de Valencia, n.º 3 de 26 de Dezembro de 1824, referindo-se a Francisco Miguel Pereira Ibiapina e a seo filho Raymundo Alexandre Pereira Ibiapina, chama-os — « *dous monstros, que deveriam ter mil vidas para, em perda dellas, satisfazerem e expiarem seus horrendos delictos de todo genero.* » E em outro officio ao ministro da Justiça, Clemente Ferreira França, depois Marquez de Nazareth, de 24 de Dezembro de 1824 diz que— « *ambos são dous monstros que não devem respirar um momento.* »

(16) Por escarneo disse-se então que o pobre moço havia-se suici-

IV

O joven José chegára ao Seminario de Olinda em meiados de 1823, mas demorara-se pouco tempo ahi, ou por falta da necessaria moralidade nesse estabelecimento, como querem alguns, ou por falta da precisa instrucção no corpo docente, como querem outros.

Foi residir no convento da Madre de Deus, onde applicou se devotadamente ao estudo dos preparatorios que lhe faltavam.

Já contava-18 annos e estudava philosophia quando vem-no sorprender a dolorosissima noticia da execução do pae e da desgraça da familia.

Estava orphão de pae e mãe, e distante do torrão natal!

Que tristeza! que supplicio
é perguntar n'um deserto:
— O meu tecto natalicio
onde está?!... longe ou perto?!...
sem responder mãe nem pae!... (17)

Estava o desditoso moço na transição mais perigosa, que é a da infancia á juventude. Nessa crise surgem as paixões, que sopitam as puras crenças e as illusões da innocencia. Si a alma tem para amparal-a a educação e os germens da sã moral—sahe triumphante da luta: a virtude corôa a innocencia. Si porem o coração não é

---

dado! Mas a verdade é outra:—Estando um dia, á tarde. á borda de um grande despenhadeiro da Ilha, matando talvez as saudades da patria no immenso azul do céo e na immensidade do oceano, aproximaram-se delle dous soldados e o atiraram ao abysmo, onde cahiu em pedaços! Esta barbaridade é com toda razão, attribuida a ciumes. sem fundamento. que teve o commandante do presidio, Capitão João Bloem, allemão naturalisado o ex-vogal da sanguinaria *Commissão Militar*, da mulher, a quem a desgraça da victima, tão moço ainda e bonito, a enternecia. Era esta tambem a convicção do Padre Ibiapina, segundo referio-me o Revd.º Padre José Thomaz de Albuquerque, que me disse tel-a ouvido delle proprio.

(17) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*, Pag. 178.

defendido nem pelo principio, nem pelo exemplo, succumbe; e a flôr da mocidade, quando brota da infancia, vem já eivada. (18)

Nas crises supremas é que se conhecem as organisações superiores.

Tambem a occasião faz o homem, disse José de Alencar, como o chôco faz o pinto; sem ella o homem é um ôvo gôro. (19).

O mancebo de 19 annos triumphou da mais tremenda situação da vida. Pelo menos não desanimou, podendo repetir corajosamente com o poeta:—

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em placido repouso adormeceu,
quem o frio da desgraça não sentio,
quem passou pela vida e não soffreu,
foi um espectro d'homem, não foi homem,
só passou pela vida, não viveu. (20)

A desgraça da familia, reduzida a irmãs solteiras e um irmão menor, foi cruamente augmentada pela confiscação dos unicos bens, que lhe restavam, proveniente de uma fiança, que o pae havia dado no Maranhão.

Ibiapina, como passamos a chamar o nosso herôe, embarcou incontinente para aquella praça, afim de liquidar esse negocio; e de volta, nesta Capital, encontrou corações amigos e bemfazejos, que se abriram generosamente ao seu grande infortunio.

Era em 1827.

Uma modesta subscripção, promovida por Alencar e outros amigos de seu pae, habilitaram-no a remover as manas e o mano para Pernambuco e a proseguir nos seus estudos superiores. (21)

---

(18) José de Alencar, *Sonhos d'Ouro*, Tom. 1.°, Pag. 97.

(19) *Guerra dos Mascates*, Tom. 1.°, Pag. 86.

(20) Octaviano Rosa, *O Collar de Perolas.*

(21) *Diario do Maranhão* de 20 de Dezembro de 1874, transcripto no *Cearense* n.° 4 de 14 de Janeiro de 1875.

Ao chegar á Olinda, porem, encontrou o convento da Madre de Deus em abandono; pelo que teve de ir morar no convento de S. Bento, estudando no Seminario, para onde foi depois passado como *numerario* pelo bispo D. Thomaz de Noronha, em virtude do pedido, que lhe fez na hora da morte, o Padre do Convento da Madre de Deus, João Dias que, admirador dos seus talentos e virvirtudes, muito o protegia e desejava vel-o ordenado.

Mas estava escripto no livro do destino que era cêdo para o moço entrar no cultivo da vinha do Senhor. Outros estadios devia ainda percorrer para, com a propria experiencia, vir a formar a constituição de brilhante, com que tanto honrou a Egreja de Jesus Christo, convencido afinal de que os prazeres desta vida são apenas sementes de dôres eternas. *Temporalia guadia futurorum sunt semina dolorum.* (22)

Nesse anno de 1827 tinhão sido creados os Cursos Juridicos de S. Paulo e Olinda; e, aberta a matricula no anno seguinte, foi elle um dos 32 estudantes que se matricularam na Academia de Olinda; mas teria abandonado a carreira, á mingua da recursos monetarios, si a sincera amisade de um condiscipulo, Manoel Teixeira Peixoto, não lhe proporcionasse generosa hospedagem. (23)

Em 1832 tomou o gráu de bacharel em direito a primeira turma dos matriculados. Ibiapina pertencia á ella, de que tambem faziam parte Euzebio de Queiroz, Nunes Machado, Sergio de Macedo e o nosso illustre patricio Figueira de Mello, de grata e saudosa memoria.

Sua estrella começou então de brilhar como astro de primeira grandeza, abrindo-lhe os mais vastos horisontes.

Poucos mezes depois passou de discipulo a mestre. Por Decreto da Regencia de 1.° de Fevereiro de 1833,

---

(22) Guigon de Chartreux, de *Tranquill.*, C. 4.

(23) *Apostolo* n.° 14 de 19 de Janeiro de 1875, transcripto na *Tribuna Catholica* n.° 6 de 13 de Fevereiro de 1876.

foi nomeado lente substituto interino da Academia de Olinda, e prestou juramento a 27 de Março seguinte. (24)

Nesse mesmo anno leccionou direito natural, e a sua palavra eloquente e illustrada foi ouvida por discipulos, que vieram a honrar o mestre, como João Mauricio Wanderley, hoje Barão de Cotegipe, Zacharias de Goes e Vasconcellos, Alvaro Tiberio de Moncorvo Lima, e seus patricios Miguel Fernandes Vieira, Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira, Pedro Pereira da Silva Guimarães, Felippe Baulino de Souza Uchôa e seu mano João Carlos Pereira Ibiapina.

Mas si o governo imperial se apressou a distinguir os seus talentos, a sua Provincia natal não lhe ficou em divida, elegendo-o logo deputado geral o mais votado para a legislatura de 1834 a 1837.

V

Augmentam em numero e importancia os episodios da vida de Ibiapina, qual mais digno de menção.

Por pouco tempo fez elle parte do corpo docente da academia de Olinda, por ter pedido e lhe ter sido concedida a exoneração por Decreto de 20 de Dezembro de 1833; visto ter sido nomeado, por Decreto de 12 e Carta de 13 tambem de Dezembro do mesmo anno, juiz de direito e chefe de policia de Quixeramobim, comarca novamente creada nesta Provincia em virtude da lei geral de 29 de Novembro de 1832. (25)

Tendo sido reconhecidos os seus poderes de deputado geral na sessão preparatoria de 25 de Abril de 1834, prestou juramento e tomou assento na sessão ordinaria de 3 de Maio seguinte.

---

(24) Do seu termo de juramento não consta que tivesse tomado o gráu de doutor; mas em um quadro dos lentes feito pelo conselheiro Bandeira de Mello Filho, como Director interino da Faculdade, dá-se-lhe este titulo.

(25) Confirmada pelas leis provinciaes n.° 22 de 4 de Junho de 1835, art. 4, e n.° 52 de 28 de Setembro de 1836, art. 1.°

Dos annaes do parlamento não consta que elle tivesse tomado parte em discussão alguma durante toda a sessão.

Mas esse silencio em um orador fluente e arrojado pelo enthusiasmo proprio da mocidade diz muito, porque traduz a transformação radical que já se havia operado em suas ideias politicas.

Si elle ainda tivesse de enfrentar com o governo que creára o tribunal de sangue, que mandára ao patibulo seu pae, ao degredo seu irmão mais velho, que ensanguentára o solo da patria e fôra causa da desgraça da sua familia, bem podia dirigir-lhe a mesma terrivel imprecação, que Seneca poz, na sua tragedia *Hercules*, na boca da desventurada Megara contra o cruel Lycus:

« Tu roubaste-me meu pae, meu irmão, a minha patria e a minha corôa; mas resta-me um bem mais precioso do que aquelles de que me despojaste — é o odio que te tenho. Chego a ter ciumes de o dividir com o povo; porque quizera, si isso fôra possivel, encerral-o inteiro no meu coração. »

Mas as cousas politicas estavam substancialmente mudadas. Não havia mais motivos para expansões de odios e vinganças.

Os destinos do imperio, depois da abdicação do Imperador, passaram aos brasileiros, seus arbitros exclusivos; e estes dividiram-se para serem—uns governo, e outros opposição; isto é,— liberaes e *regressistas*, hoje conservadores.

A' frente destes na camara dos deputados, o grande Vasconcellos, quando não convertia—fulminava os proprios adversarios com orações desta força:

« Fui liberal; então a liberdade era nova no paiz, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas ideias praticas; o poder era tudo; fui liberal. Hoje porem é diverso o aspecto da sociedade; os principios democraticos tudo ganharam e muito comprometteram; a sociedade que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganisação e pela anarchia. Como

então quiz, quero hoje salval-a ; e por isso sou regressista. Não sou transfuga, não abandono a causa que defendo no dia dos seus perigos, da sua fraqueza ; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triumpho que até o excesso a compromette.

« Quem sabe si, como hoje defendo o paiz contra a desorganisação, depois de o haver defendido contra o despotismo e as *commissões militares*, não terei algum dia de dar outra vez a minha voz ao apoio e á defeza da liberdade ? Os perigos da sociedade variam ; o vento das tempestades nem sempre é o mesmo ; como hade o politico cégo e immutavel servir o seu paiz ? » (26)

Que repugnancia podia ter o joven deputado cearense de abraçar essas ideias sadias e patrioticas,—elle testemunha ocular da desorganisação do paiz, já devida a excessos da liberdade, excessos que em breve converteram os seus proprios autores em fanaticos promotores da maioridade de D. Pedro II ?

Menos repugnancia podia ter elle de militar sob o commando do velho democrata, do consummado estadista, o primeiro que levantára eloquente protesto contra a creação de *commissões militares*, accusando formalmente no parlamento, em 1829, os ministros que as crearam, ao ponto de ter-lhes sido decretada a accusação, si não lhes cobrisse hermeticamente o manto imperial. (27)

Accusaram-n'o, sem razão, de ingrato, por não ter acompanhado os amigos de seu pae.

No terreno das ideias, dos interesses geraes, tão somente, traduzir por ingratidão a divergencia de opinião é amesquinhar muito a individualidade humana.

Ingrato ! porque não acompanhava o governo, fonte de todas as graças e beneficios !

---

(26) Vide Barão Homem de Mello, Biographia de Bernardo Pereira de Vasconcellos, na *Bibliotheca Brasileira*, Tom. 2.°, Pag. 57.

(27) J. Armitage, *Historia do Brasil*, Cap. 23, Pag. 248.

Ingrato ! elle que durante a legislatura recusara presidencias de provincias e a pasta da justiça !

Ingrato ! porque, renunciando os favores da situação, preferira seguir os ditames da sua consciencia e os que estavam pelo poder votados ao ostracismo !

Talvez que mais depressa assentassem em alguns dos seus pretensos protectores os judiciosos conceitos de Garrett :—

Raras vezes a ingratos obrigaram
Os que são verdadeiros bemfeitores ;
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,
Harto está cheio de ruins Mecenas,
De falsos protectores,
Que a detestavel raça
Dos ingratos no mundo propagaram.
Arrastados favores,
Inda menos baratos
Que interesseiros sordidas onzenas
O que hão de produzir senão ingratos ? (28)

VI

Encerradas as camaras, Ibiapina dirigio-se à Provincia, onde trazia-n'o principalmente o cumprimento de dous deveres : — casar-se e assumir o exercicio da sua comarca : mas em ambos foi bem mal succedido.

Havia ajustado casamento com D. Carolina Clarense de Alencar Araripe, filha mais velha do desventurado Presidente da malfadada *Republica do Equador*, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, irmão do senador Alencar, Presidente da Provincia ; mas ao chegar á esta Capital soube que a noiva, preferindo—um parente, eleito do seu coração, fôra por elle raptada e com elle casára-se.

Essa contrariedade teria causado forte abalo ao seu espirito ? Nunca o demonstrou senão pela resolução calma e silenciosa de jamais fallar em casamento.

---

(28) *Fabulas, O Menino e a Cobra*, Pag. 65.

Assim acontece com as almas nobremente resentidas por uma decepção amorosa. A mulher que se deseja poetisa-se angelicamente; a que se possúe adora-se humanamente; a que porem se amou e que se perdeu volta em espirito á poesia da saudade até que a imagem chorada se esbate e evola nas profundezas do nada. (29)

Ibiapina não foi um Eurico, porque não teve a desventura de merecer o desamor de uma Emengarda; mas quem sabe si a resolução que mais tarde tomou de ser *presbytero* não foi buscar sua origem nessa contrariedade reprimida?

Tendo sido infeliz no cumprimento do primeiro dever, tratou de cumprir o outro.

A 10 de Dezembro tomou posse da sua comarca.

E' tão curiosa e importante sua correspondencia official com o administrador da Provincia, retrata tão fielmente as feições locaes d'aquelles máus tempos, que não me posso furtar ao desejo de dal-a integralmente á publicidade, até porque o perfeito conhecimento della vem a ser a sua melhor justificação a censuras de que foi victima.

—Exm.º Snr.—Participo á V. Exc.ª que no dia 10 deste corrente mez tomei posse da vara de juiz de direito desta comarca. Prompto, portanto, estou para obedecer as ordens de V. Exc.ª e executar as leis na parte que me toca.

Aproveito esta mesma occasião para pedir á V. Exc.ª força com que possa punir os criminosos. V. Exc.ª sabe bem avaliar o estado das cousas desta comarca; providenciará, portanto, a tal respeito, emquanto eu no circulo das minhas attribuições emprego todo o meu cuidado para que de uma vez o crime deixe de zombar das leis.

Deus Guarde a V. Exc. muitos annos. Villa de S. Antonio de Quixeramobim, 14 de Dezembro de 1834.—Illm. e Exm.º Snr. Presidente da Provincia do Ceará, José Martiniano de Alencar. — José Antonio Pereira Ibiapina. (30)

---

(29) C. Castello Branco, *Narcoticos*, Pag. 179.

(30) Este officio teve a seguinte resposta: — Fico certo de haver Vmce. tomado posse do logar de juiz de direito dessa comarca, como me participou em officio de 14 do corrente.

—Illm. e Exm. Snr.—Recebi os dois officios de V. Exc.ª, e os Decretos que me remetteo.

Já deve V. Exc.ª ter recebido um officio meu, remettendo outro do Juiz de Paz da Villa de S. João do Principe. De novo faço ver á V. Exc.ª que o estado actual d'aquella parte desta comarca é deploravel. Por cartas particulares sei que de Outubro para cá se tem perpetrado oito assassinios, e que o ultimo, de que faz menção o officio do Juiz de Paz, deixa temer resultados gravosos a não empregarem-se quanto antes meios energicos, para que todos os homens d'aquelle termo conheção que ha um poder superior aos caprichos, e que só á lei pertence punir o crime

Convencido que é do meu dever remover a triste posição em que se achão os povos d'aquelle termo ou municipio, tenho resolvido partir já para Maria Pereira, e logo depois para S. João do Principe. Como porem nada poderei fazer sem uma força que me acompanhe para todas as operações que o caso pedir, eu de novo a requizito á V. Exc.ª, lembrando-lhe que com guardas nacionaes nada poderei fazer pela natureza desta instituição e mil outras difficuldades, que estão bem ao alcance de V. Exc.ª.

Quanto ao pequeno destacamento, que nesta villa se acha, mal pode elle servir para conter os criminosos na prisão, e desempenhar requizições das autoridades policiaes, que a cada momento requizitam seu auxilio. Agora mesmo ficamos bem embaraçados para conter na prisão dous criminosos do bando dos Moirões : elles nos ameaçam que uma força os ha de tirar da cadeia ; e eu estou persuadido que é muito possivel acontecer, não estando aqui o destacamento.

Lembro á V. Exc.ª que em toda esta comarca não existem prisões capazes de conter os presos ; por isso lembro á V. Exc.ª para fazer

---

Quanto ao que pede para a punição dos criminosos, cumpre-me dizer que nessa Villa tem um destacamento de 1.ª linha, só distinado a auxiliar as autoridades, e nesta data officio ao seu commandante para annuir ás requisições de Vmce. com a mesma promptidão com que obedeceria as ordens desta Presidencia, e si apparecer grupos de facinorosos armados que essa força (que aliás pode ser augmentada com guardas nacionaes) se julgue pouca, eu a farei reforçar ; ficando Vmce. certo que tendo encetado a tarefa de pôr em acção todos os meios legaes para fazer cessar a impunidade que ia levando a nossa bella Provincia a um abysmo de males e atrocidades, só desejo que as autoridades judiciarias me ajudem nesta tão necessaria empreza, e pelo conseguinte farei pôr á disposição d'aquelles que, como Vmce., se mostrarem desejosos de punir os criminosos, toda a força publica que fôr necessaria para o prompto desempenho de suas funcções.

Deus Guarde á Vmce.—Palacio do Governo do Ceará, 21 de Dezembro de 1834.—José Martiniano de Alencar.—Sr. José Antonio Pereira Ibiapina, Juiz de Direito da Comarca da Villa de Quixeramobim.

com que o inspector da Thesouraria mande dar a quantia designada para a prisão desta villa : si isto poder ter logar mui util seria para que os sentenciados a trabalhos tivessem essa applicação.

Os antecessores de V. Exc.ª ainda não criaram as Juntas de Paz, o que grande desarranjo tem feito á administração da justiça ; tomo portanto a liberdade de lembral-o á V. Exc.ª como magistrado e cidadão.

A fazenda publica aqui soffre por não haver collector, e muitos feitos estão parados por omissão do inspector, ou por ter este empregado meios insufficientes. As partes clamão, vendo suas questões paradas por falta de sello ; o recurso á essa Capital é tão tardonho, e d'aqui nascem consequencias bem más.

Muito me alegrarei se poder corresponder ás vistas de V. Exc.ª na punição dos criminosos, para o que todo sacrificio farei, não só como magistrado, mas ainda como muito interessado na prosperidade da minha Provincia e do Brasil.—Deus Guarde a V. Exc.ª felizmente.

Villa de Campo Maior de Quixeramobim, 30 de Dezembro de 1834. —Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente José Martiniano de Alencar.—*José Antonio Pereira Ibiapina,* Juiz de Direito e Chefe de Policia da Comarca de Quixeramobim. (31)

---

(31) Resposta ao officio supra de 30 de Dezembro :—Tomando em muita consideração o que me expõe em seu officio de 30 de Dezembro ultimo, cumpre-me dizer-lhe que nesta occasião envio-lhe um reforço de 10 praças ao destacamento dessa villa para assim poder elle melhormente coadjuvar á Vmcê. e mais autoridades judiciarias e policiaes dessa comarca.

Quanto á falta de cadeias seguras, que me pondera, sendo isso um mal que não póde ser remediado no momento, e convindo á tranquillidade desses logares a perfeita segurança dos grandes e prepotentes criminosos, que os vão dilacerando, julgo conveniente que Vmcê. tome a medida extraordinaria, mas indispensavel, e tambem não prohibida expressamente em nossa legislação criminal, de remetter os réos de crimes graves ou para as cadeias desta cidade, ou para as do Icó, conforme fôr mais perto para uma ou para outra parte o logar em que forem presos, afim de serem guardados até que na reunião dos Jurados sejão reinviados para o respectivo termo. O que, não obstante o encommodo que dará aos guardas nacionaes e as despezas que occasionará á fazenda publica, convém mais do que arriscar o socego publico com a fuga dos criminosos, que pela impunidade se têm tornado insolentes.

Quanto á Junta de Paz, ellas já foram creadas ou approvadas pelo meu predecessor em Conselho de 24 de Julho de 1833, como constará do officio desta Presidencia dirigido á Camara Municipal de Quixeramobim em 3 de Agosto d'aquelle anno, que deve estar no seu archivo ; restando agora que Vmcê. advirta os juizes de paz respectivos para effectuarem sua reunião.

Vou expedir terminantes ordens ao Inspector para crear nos differentes termos dessa Comarca collectorias, afim de poder ter logar o sello dos papeis para se não paralisarem os feitos judiciarios com notavel inconveniencia á administração da justiça, como Vmcê. muito bem pondera.

E tendo assim respondido os differentes topicos do seu dito officio, só me resta asseverar-lhe que me achará sempre disposto a annuir a todas as requizições que Vmcê., já como magistrado, já como cidadão, me houver de fazer para o socego e prosperidade dos povos da sua comarca, esperando eu da sua parte igual coadju-

— Illm.º e Exm.º Snr.—Hontem terminei a sessão dos jurados neste Julgado, e é para dar á V. Exc.ª uma parte detalhada do que por aqui se fez, do que convem fazer e da causa dos males destes sertões, que dirijo este á V. Exc.ª.

No dia 15 do corrente mez installei os jurados nesta povoação. Infinitas difficuldades encontrei para pôr em andamento esta salutar instituição neste ponto de nossa Provincia.

A primeira e mais difficil de vencer foi a inexacta divisão do termo deste Julgado. A Camara de Quixeramobim, a quem pertencia este trabalho, deixou-o á discripção, e d'aqui originou-se grande confusão; porque uns réos dizião ser do termo de Quixeramobim, e outros deste, quando realmente erão d'aquelle. Attendendo porem eu ao Decreto que regulou os limites deste termo pelo da freguezia, cortei estas difficuldades, que, para haver um resultado fixo, necessario se faz que V. Ex.ª faça sanccionar pela Assembléa Provincial este projecto, que junto remetto, o qual é deduzido do mesmo districto, e só tem mais algumas explicações, que devem ser por todos conhecidas.

Não achei casa propria para nella trabalharem os jurados, e a Igreja, onde, em falta dessa, deveriam trabalhar, segundo o disposto no Codigo do Processo Criminal, não servio por mui pequena e maltratada. Servi-me de uma casa particular, que as circumstancias me offereceram melhor.

Uma terceira difficuldade me embaraçou bem, e foi a falta de uma prisão qualquer. Remediamos com uma casa tomada a um particular, estreita e sem segurança. Finalmente encontrei falta de tudo; porem a boa vontade dos habitantes do paiz supprio muito bem essa falta.

Começamos nossos trabalhos, e muito tivemos que fazer. Os jurados mostravam as melhores disposições na punição do crime, quando em alta voz contra elle clamei: a isso somente se oppunha a falta de illustração dos juizes de facto. Para remover este obstaculo, empreguei todos os momentos, desde que cheguei a este logar, em explicar-lhes o Codigo do Processo Criminal na parte que lhes era necessario. Foi bello ver como estes pobres homens se entretinhão com os codigos

---

vação aos esforços que vou fazendo para esbarrar a furiosa carreira de atrocidades com que os facinorosos vão arruinando e destruindo mesmo nossa bella Provincia.

Deus Guarde a Vmcê.—Palacio do Governo do Ceará, 6 de Janeiro de 1835.—José Martiniano de Alencar—Sr. José Antonio Pereira Ibiapina, Juiz de Direito da Comarca de Quixeramobim.

abertos! Era para elles uma descoberta o verem no Codigo Criminal taes e taes penas para taes e taes crimes.

Maravilhavam-se das disposições legislativas penaes sem as desgostar.

Aproveitei-me destas disposições para infundir-lhes horror ao crime e interessal-os na punição delle; e creio ter conseguido a primeira pela mudança que se experimentou então na linguagem; e a segunda V. Exc.ª avaliará pelas sentenças pelos jurados proferidas, que junto remetto. (32) Para remediar e mudar a primeira fiz festejar o dia da abertura do jury, com o que todos se alegraram, dando parabens a si mesmos; convenci-os que estes bens emanavam da Constituição. Eu mesmo acompanhei uma arvore, que denominamos da *Liberdade*, a qual por voto unanime foi plantada em minha porta. Cantamos o — Hymno Nacional, e ouvio-se pela primeira vez nestes campos—Vivas á Liberdade, Constituição, etc.

O remedio do segundo mal depende de trabalhos mui longos; porque está todo na educação; todavia fallamos a linguagem do cidadão manso, ensinamos a chorar á vista das desgraças dos nossos semelhantes, fizemos passar como homens despreziveis aquelles que protegião assassinos, e a estes por tigres da Escania, etc.: elles acharam, como bem demonstraram, a minha linguagem preferivel á sua, e desde então fallou-se diverso; porque se pensou assim. O acabamento das vinganças era mui difficil; porque ellas se fundavam em antigas intrigas particulares, nascidas das differentes crises politicas, por que tem passado nossa Provincia, etc.

Reuni as pessoas mais influentes deste logar; em uma céia concilici todos os animos divergentes, e de boa fé se communicam hoje como amigos. A minha presença aqui e os meios que empreguei equivaleram para os criminosos — um exercito legal: fugiram todos, e só tive ao redor de mim e em todo o termo cidadãos pacificos. Os criminosos perderam os protectores, e estes passaram a ser os primeiros interessados na perseguição do crime.

Outro tanto podesse eu conseguir no Tauhá, para onde tem corrido todos os criminosos, não só deste termo, mas ainda de differentes pontos da Provincia! E com que desprazer não participo á V. Exc.ª que a

---

(32) Sentenciados pelo Jury de Sentença á prisão—*treze*; pronunciados e a pronuncia sustentada pelo Jury de Accusação—*vinte*; absolvidos pelo Jury de Accusação por lhes não achar materia—*dez*; absolvidos pelo Jury de sentença—*dez*.

maior parte dos criminosos do norte deste termo ahi tem achado protectores, em cujas casas estão, e que protectores! Pessoas mui influentes do logar!

Chegamos verdadeiramente ao *nó-gordio*. Não se pode, Sr. Presidente, tirar resultados duradouros para nós por maiores que sejão os sacrificios, emquanto, já não digo no Brasil, porem em nossa Provincia, houverem homens que se persuadam que é grande heroicidade proteger assassinos e criminosos. São estes batidos aqui, correm para alli, e quem de lá os tirará? O que tenta perpetrar o crime diz com todo o atrevimento:—Zombo das leis e das autoridades, porque tenho em meu favor em tal parte o Capitão F. — Convencido disto mata a seu semelhante, procura a casa do Capitão F., que é em outro termo; este recebe o assassino em sua casa, e diz para todos o ouvirem: —Venhão cá tiral-o!!! O Capitão F. é um rei do logar, ligado por parentesco com as pessoas mais ricas e de representação, etc.

E vão tirar o criminoso das mãos do Capitão F.! Os Juizes de Paz que, ou são parentes, dependentes do Capitão F., ou se não querem compromettter, dormem profundo somno sobre as lagrimas da infeliz viuva, que pede a punição do que matou o seu esposo, o qual vive publicamente na casa do Capitão F.! Irritam-se os animos contra estes despresos, não se confia mais nada da lei, e nem das autoridades, armam-se uns poucos, e aqui temos novos assassinios!! Veja V. Exc.ª que remedio a isso se pode dar! A immoralidade, a ignorancia, causas fataes de todos esses males, só podem ser curadas por longos annos. O meio que nos resta é em todo o sentido improficuo; porque está de todo dependente da rigorosa execução das leis: que gente temos para isto? O mal tem contaminado tudo; e como para executar as leis se necessita de lançar mão de gente do paiz, eis aqui aonde está o *nó-gordio!* Corsario não atira em corsario.

Alem dos males que soffremos por terem em nossa propria Provincia ponto de apoio os criminosos, nossos soffrimentos se multiplicam por termos o mal de serem limitrophes os fins desta Provincia pelo lado da minha Comarca com os de Piauhy, onde se desconhece, sem exemplo, o imperio da lei. Ahi os assassinos cruzam impavidos todos os caminhos; creio ser muito raro achar-se um homem ahi, que pelo menos não seja protector de assassinos. D'aqui acontece que, quando os malvados de nossa terra não achão asylo aqui mesmo, para lá correm sem susto, e V. Exc.ª sabe que custo ha em seguir criminosos em Provincia estranha, ainda mesmo n'aquellas aonde se respeita a lei; avalie

agora fugindo os assassinos para o Piauhy ! ! Em nossa propria Provincia, quando o criminoso foge para differente termo, considera-se seguro ; é uma das cousas difficeis prendel-o e punil-o. Dos Srs. Juizes de Paz me queixo, a elles attribúo a maior parte dos crimes de nossa terra. Aqui tem logar reclamar de V. Exc.ª, cuja voz é ouvida em toda a Provincia, medidas energicas (que eu as desconheço contra taes autoridades !) ao menos que mettam terror a essas autoridades policiaes, que consentem no circulo de suas jurisdicções pessoas criminosas de outro termo sem a menor averiguação. Não é isto admiravel, é verdade para mim, vendo que elles não perseguem os criminosos do seu districto.

Apenas aqui cheguei apresentaram-me varias queixas deste e outro genero contra um Juiz de Paz. Dei andamento a esse negocio, foi processado o Juiz de Paz, e já respondeu perante os Jurados. Isto aproveitou muito, e continúo ; porque é mui util ao nosso paiz punir as autoridades prevaricadoras. Mandei processar tambem o Juiz Municipal ; porem o crime deste era por ignorancia, por essa razão foi logo absolvido no Jury de Accusação, como verá V. Exc.ª da nota dos sentenciados.

Vamos agora dar á V. Exc.ª parte do mais que fizemos. Reuni a Junta Policial neste termo, dei-lhe illustração conveniente para que os criminosos fossem presos, e o Codigo Criminal na parte policial bem executado. Fiz um regulamento pelo qual os Juizes de Paz em menos de um dia devem saber as pessoas, que de novo vierem habitar o seu districto : sobre isto apertei muito a policia ; porem, aproveitando toda a força da lei, della não me desviei. Para conhecer os que não trabalhão e não tem occupação honesta, dei regras aos Juizes de Paz, obrigando os inspectores de quarteirão a darem em uma lista mensal conta dos proprietarios e aggregados, etc., etc., e da occupação de cada um, etc., por onde se conhecerá o vadio e por isso o criminoso.

Como por aqui não ha cadeias, consenti que se fizesse um *tronco*, não obstante saber eu que *como* prisão é *inconstitucional* ; *porem* dando-lhe outra applicação não é contra a Constituição ; por isso assim se fez. Só servirá para a segurança dos presos por uma noite ou algumas horas, emquanto se apresenta a força, que deve conduzir o criminoso para cadeia segura ; isto a Constituição não prohibe. Como a falta de prisão aqui é uma das causas de impunidade, promovi uma subscripção para a obra, a qual já está muito adiantada. Espero tudo

dos habitantes do paiz; porem elles são pobres, e a obra volumosa; veja V. Exc.ª se pode applicar uma parte das rendas publicas para fim tão util.

Requizito para beneficio do povo deste termo uma escola de primeiras letras. Para V. Exc.ª convencer-se que é grande a necessidade, basta dizer-lhe que, podendo este termo dar quasi 300 jurados, só deu cento e tantos; porque, os outros, tendo os mais requizitos, não sabem ler.

Pedi ao official encarregado do destacamento de Quixeramobim 16 praças, mandou-m'as; porem de nada me servem, porque me prohibe leval-as para o Tauhá, onde havia urgente necessidade dessa força. Requizitei de novo ao official, fundado nos officios de V. Exc.ª, e agora vejo pela resposta que me dá, que V. Exc.ª deu contra-ordem.

Esta contrariedade e outras disposições em minha Comarca, onde sou Chefe de Policia, sem ser ouvido, poderião desgostar-me; mas são pequenas cousas, de que não faço caso, e desapparecem á vista do bem do meu paiz. Aqui não é o poder executivo que antipathisa com o judiciario; porque este nada tem obrado em contrario áquelle; são indisposições de homem a homem, que só me podem offender; porque ellas offendem o meu paiz.

No dia 4 parto para o Tauhá; V. Exc.ª para lá pode dirigir-me suas ordens.

Deus Guarde a V. Exc.ª por muitos annos.—Julgado de Maria Pereira, 30 de Janeiro de 1835.—Ill.mo e Exc.mo Sr. José Martiniano de Alencar, Presidente da Provincia do Ceará.—*José Antonio Pereira Ibiapina.* (33)

---

(33) O Presidente respondeu-lhe:—

—Desprezando a ultima parte do seu officio de 30 de Janeiro proximo passado, em que Vmcê. escreve palavras inconsideradas que, alem de atacarem minha pessoa, são em extremo offensivas do decoro devido á autoridade de que me acho revestido, cumpre-me tão somente louvar-lhe todo o mais contexto do seu referido officio, donde respira o maior zelo, energia e habilidade professional, com que Vmcê. tem desempenhado o importante cargo que lhe foi confiado, não podendo deixar de significar-lhe o meu prazer quando li as diligencias por Vmcê. feitas para infundir no animo dos povos ainda não preparados o amor ás instituições livres que possuimos.

Sinto que não se podesse utilisar da força em sua ida para o Inhamum, mas posso asseverar-lhe que o Commandante do destacamento não lhe a podia conceder, á vista de ordens até imperiaes de que se acha incumbido por esta Presidencia para executar fora da Comarca de Vmcê.: mas si Vmcê. me tivesse prevenido em tempo eu teria de certo providenciado, para que uma força o acompanhasse ao Inhamum, onde até não suppunha que fosse, visto o pouco tempo que lhe resta para seguir á Assembléa Geral. Caso porem Vmcê. não vá este anno ao Rio de Janeiro (no que talvez faria maior serviço á sua patria) e queira ter effectivamente comsigo uma força que

— Illm.º e Exm.º Snr.—Recebi o officio de V. Exc.ª em resposta ao que lhe dirigi de Maria Pereira, e fico de tudo inteirado.

Parti, como communiquei á V. Exc.ª, para o Tauhá, e apenas lá cheguei quiz fazer trabalhar a Junta de Jurados. Não é porem facil, com peças antigas e enferrujadas, mover machina nova. Achei resistencia ás minhas vistas desde o escrivão até o ultimo potentado do logar.

Persuada-se V. Exc.ª que as ideias do seculo 19 não penetraram ainda a primeira camada dos homens d'aquelle logar; e como alli nada se faz contra a sua vontade, e a execução das leis importa o mesmo que a quéda do seu poder, não querem; e como ninguem os pode mudar de vontade, porque alli regula a lei do mais forte, segue-se disso que só se faz o que se quer, e infelizmente o que se quer é quasi sempre a execução de antigos prejuisos, que não podem casar com o nosso systema liberal.

Todavia, depois de me terem resistido desde 6 de Fevereiro, installei a custo de todo o sacrificio os Jurados no dia 18. Achei-me só contra todos: e como a negativa da força, que pedi á V. Exc.ª, lhes pareceo desunião entre mim e V. Exc.ª mesmo, e a isto accresceo a declaração, que fiz, de resistir tambem á qualquer ordem illegal, e nesse caso estava uma de V. Exc.ª contra João Rodrigues do Nascimento, aproveitaram-se disso e de minha falta de tropa, para só fazerem o que quizessem.

Assim mesmo trabalhei todo o tempo, que alli estive, contra as ideias gastas, e só por me faltar o tempo deixei de concluir a tarefa, que tinha começado.

Remetto á V. Exc.ª a Acta da Junta Policial, (34) e pela resposta

---

coadjuve seus actos em qualquer parte, avise-me que eu immediatamente mandarei pôr inteiramente á sua disposição um destacamento.

No entretanto, desejando em tudo mostrar-lhe o conceito que faço de Vmcê., e o quanto desejo habilital-o com a força necessaria ao bom desempenho das funcções do seu emprego, incluso remetto-lhe com sello volante este officio para usar delle se assim o julgar conveniente.

Deus Guarde a Vmcê.—Palacio do Governo do Ceará, 21 de Fevereiro de 1835.—José Martiniano de Alencar. — Sr. José Antonio Pereira Ibiapina, Juiz de Direito de Quixeramobim.

(34) ACTA da Junta de Policia de Paz que mandou fazer o respectivo Juiz de Direito.

Aos 11 dias do mez de Fevereiro de 1835, nesta Villa de S. João do Principe, da Comarca de Quixeramobim, em casa da residencia do Dr. Juiz de Direito, José Antonio Pereira Ibiapina, aonde eu escrivão fui vindo, e sendo ahi presentes o Juiz Municipal Francisco Pereira Maia e os Juizes de Paz Antonio José Cavalcante, Antonio Lopes dos Santos, e Ignacio Ferreira de Loyola, convocados pelo dito Juiz de Direito para uma Junta de Policia de Paz, o mesmo Juiz de Direito passou a perguntar-lhes qual a

que deu o Juiz Municipal d'aquelle termo avaliará melhor V. Exc.ª da razão, por que alli se tem perpetrado tanto crime.

No dia 25 de Fevereiro parti para me apromptar e seguir viagem para o Rio de Janeiro. Tanta cousa tenho encontrado a fazer que, a não terem occorrido certas circumstancias, deixaria de todo a viagem para occupar-me de minha Comarca.

Esqueceo-me no officio antecedente, que dirigi á V. Exc.ª, requizitar que mandasse publicar pela imprensa os nomes dos jurados de Maria Pereira, e que V. Exc.ª fizesse recommendação de todos aquelles que ainda não estão presos ás differentes autoridades judiciarias desta Provincia e de todas as outras.

Acabo de dar direcção á queixa contra o Juiz de Paz do Quixadá e seu supplente; já começou o processo, e tenho toda a pressa. Fica tambem a ser processado o Juiz Municipal deste termo, para o que tenho dado os passos necessarios.

De passagem direi á V. Exc.ª que a restricta observancia da lei no sertão é cousa que mal se entende, e apenas nisto se falla todos querem abandonar o paiz.

Parto breve para o Rio de Janeiro a tomar assento n'Assembléa Geral, e lá mesmo prompto estarei sempre a tudo quanto fôr em beneficio da Provincia, especialmente da minha Comarca, attenta minha posição.

Deus Guarde a V. Exc.ª—Villa do Campo Maior de Quixeramobim, 8 de Março de 1835.—Sr. José Martiniano de Alencar.—*José Antonio Pereira Ibiapina,* Juiz de Direito da Comarca.

A 24 de Março com effeito deixou o exercicio da Comarca com destino á Capital, donde partio para a Côrte.

---

causa de tantos assassinios que tem havido neste municipio: ao que cada um de per si respondeu, dizendo o Juiz Municipal que suppunha e de certo era devido á falta de cumprimento das leis e ás mesmas autoridades do lugar; o que sendo ouvido pelo Dr. Juiz de Direito, este a todos fez ver que, sendo estranhavel ver-se este paiz em uma desgraça tal, sobrevindo males sobre males, como assassinos vivendo no seu socego, acordassem do lethargo em que estavam, e com pouco trabalho poderiam prender ou desterrar os criminosos do seu circulo, o que serviria de grande exemplo para outros; e assim cumpria-lhes que policiassem os seus districtos, encarregando cada um aos seus inspectores de lhes darem conta das pessoas que entrassem nos seus districtos, ao que vinhão e que negocio trazião: e conforme suas respostas os farião despedir ou processar, inclusive os mendigos que se não quizessem occupar, para não viverem ociosos, pois a ociosidade conduz a todas as malicias. Pelo que o Dr. Juiz de Direito determinou crear uma Junta Policial no 1.º de cada mez, presidida pelo Juiz Municipal, nesta villa. Do que para constar mandou o Dr. Juiz de Direito lavrar esta acta que assignou com o Juiz Municipal e Juizes de Paz. E Eu Manoel Ferreira Calassa, Escrivão que a escrevi.

VII

Conhecida integralmente a correspondencia trocada entre a primeira autoridade judiciaria de Quixeramobim e a da Provincia, da qual rescende reciproco zelo pela causa publica, admira que entre ambas se tivesse dado um choque tão rude, que as incompatibilisára de todo!

O caso tomou feições muito carregadas, porque cada uma suppunha de bôa fé cumprir o seu dever, e por isso acreditava ficar-lhe mal ceder.

Pedro Vieira de Souza Caldas assassinou barbaramente, em S. João do Principe, a José Rodrigues do Nascimento, pelo que foi pronunciado a 2 de Dezembro de 1834, e recolhido á cadeia da villa.

O pae da victima, João Rodrigues do Nascimento, acompanhado de seu sobrinho e genro, José Pedro Pereira, do caboclo Manoel Caetano e outros, entra na villa no dia seguinte ao da pronuncia, ás 9 horas do dia, ataca a cadêa, tira o assassino do filho, depois de lhe ter cortado a perna, que estava atada á uma corrente, leva-o para o meio da rua, e ahi fal-o em postas publicamente. (35)

Em circular a todos os juizes de direito da Provincia e em outras peças officiaes Alencar qualifica João Rodrigues de—prepotente facinoroso etc., e o attentado—de nunca visto em parte alguma do mundo civilisado.

Mas Alencar, louvavelmente compenetrado da feliz ideia de prevenir o crime e punir os criminosos, no que prestou á Provincia os mais assignalados serviços, que lhe deram renome na gratidão publica, com certeza, dessa vez, carregou demasiadamente as côres do quadro.

João Rodrigues não era um facinoroso, antes uma victima das desgraçadas ideias do seu tempo, que infeliz-

---

(35) Officio do Juiz Municipal de S. João do Principe ao Presidente da Provincia de 10 de Janeiro de 1835, *Falla* com que Alencar abrio a Assembléa Provincial a 7 de Abril do mesmo anno, e Discurso do mesmo Alencar no Senado na sessão de 10 de Fevereiro de 1850.

mente attribuiam brio e dignidade áquelle que em certos casos desforçava-se por suas proprias mãos, por parecer até cobardia confiar da justiça publica a punição do culpado.

Nada havia contra seus precedentes, que aliás o elevaram á 1.º juiz de paz do seu districto, tanto pela confiança dos conterraneos, como pela escolha da insuspeita administração passada, sendo que a actual, para suspendel-o, não teve que declinar outro motivo. (36)

Nem o attentado praticado era virgem nos tristes annaes do crime.

Por esse tempo, mais ou menos, o *Jornal do Commercio*, da Côrte, referio outro mais atroz, talvez, dado, não nos sertões de uma provincia ainda inculta, mas em uma cidade das mais civilisadas da Europa.

Na invicta cidade do Porto, em Portugal, um réo miguelista, ao sahir escoltado da prisão para ser julgado, não só foi apedrejado, em pleno dia, como tambem morto á pedra e a páu pelo povo, e o cadaver, depois de levado ás portas dos que se diziam amigos, foi lançado de uma ponte abaixo, não obstante a tropa que o acompanhava, e a que veio em seu soccorro! (37)

E ainda hoje não está em pleno vigor n'uma das mais civilisadas provincias do Brasil, S. Paulo, a famosa lei de Linch? Constantemente a imprensa, sem a minima reprovação, não nos está dando noticia de execuções publicas por esse systema popular summarissimo e tambem illegalissimo?

Mas instaurado o competente processo contra os matadores de Pedro Vieira, foram elles absolvidos pelo jury, em consequencia de nullidades manifestas e substanciaes de que estava eivado o processo.

Isso ainda mais exacerbou o animo do Presidente,

---

(36) Officio do Presidente da Provincia de 23 de Fevereiro de 1835 á Camara Municipal de S. João do Principe.

(37) Discurso do deputado Costa Miranda na sessão da Camara temporaria de 28 de Julho de 1835.

sem se advertir de que era a propria lei, que autorisava esse resultado, quando determinava a nullidade dos feitos crimes instaurados por juiz e escrivão incompetentes, como então aconteceo. (38)

Si esse era o preceito positivo da lei, como podia torcel-o o juiz imparcial e illustrado, ex-professor de uma academia de direito ?

Antigamente isso era assim ?

Os antigos reis do Egypto, antes dos juizes entrarem em exercicio, obrigavam-nos a jurar que lhes desobedeceriam si os mandassem julgar injusta e illegalmente. A autoridade dos principes romanos consistia na submissão ás leis. *Princeps legibus solutus est.* (39)

Si a lei é má—derrogue-se ou emende-se antes do que sophisme-se na applicação.

Um dia disse o general Grant, Presidente dos Estados-Unidos, com admiravel bom senso : *O melhor meio de fazer com que caiam as más leis é applical-as rigorosamente.*

Alencar não podia perdoar a Ibiapina a absolvição dos matadores de Pedro Vieira ; mas mal sabia elle que sobre sua cabeça se condensava ainda maior e igualmente injusta accusação pelo então recente assassinato juridico do Pinto Madeira e pela impunidade em que ficaram seus autores ! (40)

Levou o facto ao conhecimento da Assembléa Provincial em sua *Falla* de abertura a 7 de Abril de 1835, e Ibiapina esteve ameaçado de ser arrastado á barra desse tribunal de excepção para responder por semelhante crime !

---

(38) Officio do Juiz Municipal de S. João do Principe de 15 de Abril de 1835 ao Presidente da Provincia.

(39) Pand., Liv. 1.º, Tit. 3.

(40) Vide a minha *Memoria—A Execução de Pinto Madeira perante a Historia*, publicada na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tom. 50, Pag. 125.

A espada de Damocles ainda chegou a estar pendente sobre sua cabeça ! (41)

Ibiapina, porem, depois que deixou o exercicio da comarca, guardou sempre o mais profundo silencio sobre o caso que, quer na Provincia, quer na camara temporaria, foi discutido pelos deputados cearenses (42);

---

(41) Na sessão da Assembléa Provincial de 29 de Abril de 1835, Torres e Vasconcellos, como relator da commissão de resposta á *Falla* do Presidente da Provincia, apresentou o seguinte requerimento :

« A Commissão encarregada de dar o seu parecer sobre o conteúdo da *Falla do* Exm.° Presidente da Provincia, para o fazer com conhecimento de causa, requer que se peça ao mesmo Exm.° Presidente a correspondencia official entre elle e o Dr. Ibiapina, juiz de direito de Quixeramobim ; assim como os documentos, que provam as doutrinas anarchicas pregadas pelo dito juiz de direito e a opposição por elle feita ás ordens do Presidente da Provincia dirigidas contra assassinos prepotentes ; e da mesma forma se requer que se peção essas mesmas ordens do governo, e que lhe sejão entregues. Sala das Sessões, 29 de Abril de 1835 — Torres e Vasconcellos, Costa Barros, Machado, Castro Senior. Foi approvado e na Sessão de 7 de Maio seguinte o 1.° Secretario leu este officio :—

« S. Exc.ª o Sr. Presidente ordena-me que faça transmittir á V. Exc.ª, para levar ao conhecimento d'Assembléa Provincial, ás 13 copias inclusas, tendentes á correspondencia official entre elle e o juiz de direito de Quixeramobim e mais autoridades do centro da Provincia ; ficando desta sorte respondido o officio de V. Exc.ª de 30 de Abril proximo passado, em que pedio a mencionada correspondencia.

Deus Guarde a V. Exc.ª, Secretaria do Governo do Ceará, 6 de Maio de 1835. — Illm.° e Exm°. Sr. Secretario d'Assembléa Provincial. — André Bastos de Oliveira, Secretario do Governo.

Os papeis foram na mesma data enviados á Commissão, em cujo poder ficaram sepultados.

(42) Na sessão de 13 de Julho de 1835—

Pinto de Mendonça :—Eu vi um officio, Sr. Presidente, do Presidente da minha Provincia aos promotores, ordenando-lhes que, quando o juiz absolver qualquer criminoso, accuse-o ; porque, dizia elle, os jurados não são irresponsaveis pela Constituição, como são os deputados, os senadores e a regencia ! Isto custa a crer, mas é uma verdade, e d'est'arte está destruida a grande vantagem do jury.

—Na mesma sessão de 28 do mesmo mez responde-lhe—

Costa Miranda :—Disse o Sr. deputado que vio um officio do Presidente aos promotores publicos, ordenando-lhes que, quando o jury absolver algum criminoso, accuse-o, etc.

Sr. Presidente, esse officio não foi concebido nos termos que diz o

tendo entretanto elle tomado parte em varias discussões e apresentado projectos de lei. (43)

E' que em seu animo já se havia formado a resolução de não voltar mais ao exercicio de uma comarca, que lhe havia deixado tão acerbos desgostos.

Sr. deputado, e teve logar por causa da absolvição escandalosissima de um criminoso, desses poderosos, o qual em o anno proximo passado na villa de S. João do Principe, sabendo que se achava preso na cadeia um homem que se dizia ter-lhe morto um filho, requisitou-o ao juiz de paz para lhe mandar entregar. Este recusa; e o que faz elle? Ajunta a sua caterva de facinorosos, vae á frente delles á cadeia onde se achava o preso, força a prisão, tira-o fóra, e alli mesmo na villa, de dia, publicamente o faz em postas!

Eis, Sr. Presidente, o réo absolvido pelo jury de S. João do Principe de um tão horroroso crime, em que presidia um juiz letrado! Eis o réo que os inimigos do Presidente se empenharam acintosamente para que fosse absolvido, a pretexto, sem duvida, de nullidade do processo ou outro estratagema! Eis enfim o que deu logar ao officio do Presidente accusado pelo Sr. deputado, de quem contam, que fóra o mais empenhado nesse milagre.

—Na sessão de 19 de Julho de 1837—

Figueira de Mello:—Havendo succedido uma morte na comarca de que era juiz de direito o Dr. Ibiapina, os parentes do morto, querendo tomar vingança de quem suppunham causa deste assassinato, recorreram ao Sr. Alencar, que mandou prender immediatamente a uma pessoa de quem suspeitavam, quando tal ordem devia, se tivesse logar, ser passada pela autoridade competente, sendo o cidadão, contra quem se passára a ordem, jurado, o Sr. Dr. Ibiapina, que presidia o conselho, declarou que devia-se apresentar o cidadão no conselho, sob pena de ser multado, e que a ordem do Sr. Alencar não devia ser apoiada, visto que não havia contra o homem um só acto. Bastou isto para assanhar as iras do Sr. Alencar, e o resultado foi excitar a Assembléa Provincial a usar da attribuição, que lhe confere o art. 7 § 11 da lei da reforma constitucional.

(43) Vide sessão de 3 de Julho. Na de 17 entra em 3.ª discussão este seu artigo additivo:

Art. 5—A moeda de cobre em circulação fica reduzida á quarta parte do seu valor.

Art. 6—O governo pagará as duas partes inutilisadas em moeda qualquer de pequenos valores; e a ultima parte perderá o portador.

Art. 7—Esta operação será feita em tres mezes.

Art. 8—Um anno depois de publicada a presente lei, o governo

Com effeito, encerradas as camaras, por officio de 14 de Novembro deu sua demissão nas mãos do Presidente da Provincia, e assim, contra a expectativa geral e pezar dos proprios desaffectos, despedio-se para sempre da magistratura, que elle tanto honrára.

O Presidente acceitou a sua demissão, e nomeou interinamente, para substituil-o, o Bacharel Antonio Leopoldino de Araujo Chaves. (44)

---

emittirá na circulação tanta moeda de cobre quanta fôr a quarta parte da que hoje existir em cada provincia. Salva a redacção.

Paço da Camara 1 de Julho de 1835.—*Ibiapina.*

Na sessão seguinte de 18, justifica seu additivo, e apresenta este projecto de lei :

A Assembléa Geral Legislativa Decreta :

Art. 1.º—Fica creada na provincia do Pará uma cadeira de economia politica.

Art. 2.º—O lente desta cadeira explicará a constituição do estado.

Art. 3.º—Ficam revogadas as leis em contrario. Paço da Camara dos Deputados, 13 de Julho de 1835.—*Ibiapina.*

Na sessão de 27 de Agosto, por occasião de discutir-se este requerimento do Sr. Ramiro :—« Requeiro que se pergunte ao governo se tem noticias de ameaças á ordem publica na provincia da Bahia ; e se em consequencia tem feito estacionar a força de 1.ª linha bastante para evitar funestos acontecimentos. »—

Ibiapina, discorrendo sobre a materia, declara que de tudo que se tem annunciado se collige o triste estado em que está o Brasil, e que em logar de se tratar deste requerimento será melhor que esta Camara officie á outra para, em assembléa geral, se tratar de remediar os males que affligem o Brasil ; e manda á mesa a seguinte indicação, que é remettida á Commissão de Constituição :—

« Que se convide a outra camara para que, em assembléa geral, se trate de remediar a critica posição em que se acha o Brasil—Paço da Camara, 27 de Agosto de 1835.—*Ibiapina.*

(44) Officio :—Acceitando a demissão na forma, que Vmce. deu em seu officio de 14 do proximo passado mez de juiz de direito da comarca de Quixeramobim, tenho nomeado nesta data interinamente como me autorisa a lei provincial n.º 22 de 4 de Junho do corrente anno, art. 4, o Bacharel Antonio Leopoldino de Araujo Chaves para occupar aquelle logar até que, preenchendo o tempo exigido na lei, possa ter logar a nomeação effectiva. O que participo á Vmce. e em resposta aquelle seu mencionado officio.

Deus Guarde a Vmce. Palacio do Governo do Ceará, 17 de Dezembro de 1835.—*José Martiniano de Alencar.* — Sr. José Antonio Pereira Ibiapina.

VIII

A sessão de 1836 correu-lhe tempestuosa, devida ao seu genio impetuoso, defeito de que só quasi no ultimo quartel da vida conseguio curar-se radicalmente.

E' que, como já dizia Homero :—

O Céo nunca aos mortaes confere tudo. (45)

No dia 26 de Julho amanhece roubado o thesouro nacional em 497:000$000.

Era ministro da fazenda Manoel do Nascimento Castro e Silva, cearense e deputado pelo Ceará, o qual apressou-se a dar circumstanciada e exacta informação á Camara, como consta da sessão do 1.º de Agosto.

Este facto que, como se comprehende, devia ter custado acerbos desgostos ao ministro e damno ao thesouro, cujo estado financeiro era precario, foi aggravado por esta indicação mortificante de Ibiapina, apresentada na sessão de 16 de Agosto :—

« Indico que se dirija uma mensagem ao throno com o fim de ser substituido o actual ministro da fazenda por quem possa desfazer a crise financeira que ameaça esmagar o Brasil. »

Remettida á commissão de constituição, esta apresentou seu parecer na sessão de 19 :—

« A commissão de constituição prestou a devida attenção á indicação do Sr. deputado Ibiapina, que contem a proposta de uma mensagem ao throno com o fim de ser substituido o actual ministro da fazenda por quem possa desfazer a crise financeira que ameaça esmagar o Brasil. A commissão, comquanto julgue que o meio indicado não se desconforma com a indole do systema representativo, e reconheça que elle tem apoio na historia parlamentar de nações civilisadas, que devem servir de modelo em taes materias ; todavia entende que na presente conjunctura não convem adoptal-o ; já porque semelhante mensagem não importa mais do que a signi-

---

(45) *Illiada*, L. 4, Trad. de Odorico Mendes, Pag. 53.

ficação de haver o ministro perdido a confiança da camara, e tal significação pode ser feita com o auxilio de outros meios, talvez preferiveis por serem indirectos ; e já porque estando o negocio do roubo do thesouro affecto a duas commissões da casa, seria menos prudente prejudicar o juizo das duas commissões, adoptando desde já a proposta mensagem ; portanto é de parecer que a referida indicação não entre em discussão.

Paço da camara dos deputados, 18 de Agosto de 1836. —C. J. de Araujo Vianna (Marquez de Sapucahy), H. H. Carneiro Leão (Marquez de Paraná), M. J. de Mello e Souza (Barão do Pontal. »

Ibiapina pede a palavra, em consequencia do que fica adiado o parecer, na forma do regimento, e propõe a urgencia para entrar em discussão, a qual é apoiada ; mas, pedindo o deputado Bhering a impressão do parecer, Ibiapina concorda e retira a urgencia.

Antes, porem, da impressão do parecer, na sessão de 2 de Setembro, discutindo-se uma urgencia requerida por Vasconcellos para se tratar do projecto sobre o melhoramento do meio circulante, Manoel do Nascimento—

—« Observa que não lhe parece muito decorosa a opposição que se ha feito ao ministro da fazenda numa conjunctura como esta. Cumpria primeiro que o ministro désse conta da casa que administra, para então poder ter logar essa opposição, *para então fazer-se esse requerimento, para fazer-se uma mensagem ao throno, requerimento que nas circumstancias actuaes não é decoroso.* »

Ibiapina, sentindo-se assás ferido em seu amor proprio com o qualificativo *indecoroso*, toma a palavra na mesma sessão, e responde de um modo descommunal :—

« O Sr. ministro da fazenda disse que era indecoroso a um membro da opposição indicar uma mensagem ao throno para ser elle demittido nas circumstancias actuaes, em que ninguem queria entrar para o thesouro, depois de roubado.

« Indecorosa entende o orador ser essa linguagem do

Sr. ministro ! Declara que apresentou essa indicação ; porque, sendo do seu dever velar nos interesses do paiz, conheceu que o mais grave mal que nos ameaça é a desordem no systema financeiro, e que a crise que ameaça o Brasil crescerá, não obstante qualquer medida util, uma vez que o chefe dessa repartição seja uma pessoa tão inhabil, tão incapaz como o actual ministro da fazenda. Convencido disso, propoz aquella medida, para aventurar esse meio de salvação publica ; e é ainda por isso que vota pela urgencia que se discute, posto que nenhum resultado feliz espere conseguir.

« Mas S. Exc. disse que era indecorosa a indicação da mensagem ; permitta a camara, diz o orador, que em minha defeza use dos meios mais favoritos, de que sempre se serve S. Exc. quando nesta casa se defende das justas e pesadas arguições que lhe fazem seus adversarios.

« Indecoroso foi S. Exc. pedir ao actual Presidente da minha Provincia que o nomeasse inspector da alfandega, e isto, Sr. Presidente, para que se lhe não tirasse o pão para a boca ! ! ! Será isto decente, será isto decoroso ? ?

« Indecoroso foi que o Sr. ministro demittisse e removesse empregados que contavam annos de serviços, alem de uma capacidade professional conhecida, e sem nenhum crime, para em seu logar arranjar seus irmãos e parentes ? !

« Indecoroso é que o Sr. ministro, depois do roubo do thesouro, nenhuma providencia tenha dado sobre os empregados do mesmo thesouro, e que todas as outras acerca do papel em circulação tenham sido marcadas com o cunho do desacato, trazendo em consequencia o tropeço ao commercio, difficuldade mesmo nas transacções domesticas, o clamor publico em uma palavra.

« Indecoroso, enfim, é que o Sr. ministro, a despeito de precedentes tão desfavoraveis ao seu conceito, ainda se assente entre os representantes da nação. Mas ao Sr. ministro nada é capaz de lhe fazer a face vermelha.....

« O Sr. Presidente chama o orador á ordem.

« O Sr. Ibiapina : Eu poderia fallar, mas enfim calo-me, porque sei obedecer. »

Si essa represalia poude na occasião encontrar attenuante na susceptibilidade de um caracter ardente, e na excepcionalidade d'aquelles tempos de geral agitação, não ha hoje quem não a condemne por excessiva e injusta.

Manoel do Nascimento foi um cearense distincto, e com certeza, entre os seus titulos de distincção, não sobresahia menos o de probo, quer na vida publica, quer na particular.

Foi um dos melhores ministros da fazenda do periodo regencial : economico, zeloso, intelligente e trabalhador, como attestam seus trabalhos.

A sessão de 1837 foi calma para Ibiapina, não obstante ter elle tomado parte em diversas discussões, e apresentado projectos de lei e trabalhos de gabinete. (46)

A 15 de Outubro foram encerradas as camaras, e assim terminou a legislatura.

IX

Com a expiração do mandato legislativo quebraram-se todos os laços que prendiam Ibiapina á politica.

Quatro annos de sessões foram outros tantos de desillusões e desenganos.

Passando do mundo ideal para o mundo real e dos livros para a pratica conheceu que estava completamente deslocado, e que precisava de rehaver o terreno perdido.

A vida real não se compõe de simples linhas rectas como a doutrina ; é necessario que ella torça e force os principios para applical-os. A politica pratica é uma arte complicada, onde numerosas forças se encontram, se combinam, se combatem ; as attenções, as transac-

---

(46) Vide as sessões de 18 e 29 de Maio e 14 de Julho.

ções, os compromissos são aqui indispensaveis. Recusar toda concessão por um zelo cégo pelo espirito moderno, será proprio de um doutrinario, nunca porem de um homem de estado. (47)

Seria, porem, compativel essa maneira de vêr as cousas com as suas vistas, com os seus intuitos, com a sua consciencia ?. Quantas vezes esteve elle quasi a repetir da tribuna aquella atrevida apostrophe de Marcello no *Hamlet de Shakspeare : Something is rotten in the State of Denmark : Cezar, no teu estado ha alguma cousa que está pôdre ! ?*

Longe de mim, disse o Barão de Viel-Castel, maldizer dos partidos e dos homens de partido. Sem elles as cousas humanas não marchariam ; mas é bom, é necessario que, ao lado delles, no meio delles, se encontrem homens cuja razão firme saiba resistir a seus arrastamentos, e que nas grandes lutas politicas, vindo alternativamente em soccorro das opiniões momentaneamente opprimidas, obstem que os vencedores do dia abusem muito dos seus successos, e com isso preparem a sua propria causa e ao paiz funestas catastrophes. (48)

Politica impossivel, pelo menos sem successo ; apenas cheio de fataes seducções. E' a opposição chamada de consciencia que, no pensar de Chateaubriand, consiste em flutuar entre os partidos, morder o freio, votar até, conforme o caso, em favor do ministerio, fazer de magnanimo quando se está possuido de colera : opposição de imbecilidades indoceis da parte de soldados, de capitulações ambiciosas entre os chefes.

Quando não fosse esse o seu grande defeito, que partido disciplinado supportaria por um momento em seu seio um conselheiro importuno ou inconveniente, que viesse em conselho pleno pôr em duvida a infallibilidade, a impeccabilidade do chefe poderoso e idolatrado ?

---

(47) Bluntschli, *La Politique*, Pag. 180.

(48) Discurso de recepção do Duque d'Audiffet—Pasquier, na Academia Franceza.

O director de partido é de ordinario a imagem fiel do bispo pedante de Gil Blas: não podem, outros dirão melhor—não devem, consentir impunemente que alguem mude uma virgula, sequer, de suas incorrectas humilias. Pena de ser declarado profano e despedido incontinente do templo com a macula do peior mercador.

A politica tem a perfeita conformação do anzol, que se quebra nas mãos d'aquelle que tenta endireital-o, e a astucia cruel dos leões do palacio encantado da fada Alina:—

Dous enormes leões, que noute e dia
Solicitos o guardão, nem se affoita
Mortal nenhum ao limiar terrivel;
Certo é porem que ás vezes fatigados
Os leões adormecem, mas quem sabe
Quando elles adormecem? Muitos, outro tempo,
Vendo d'olhos fechados se atreveram
A entrar á porta e foram devorados
Pelas terriveis feras que dormidas
Nesse instante suppunhão. Encantado
E' esse paço; e os leões d'encanto
Os olhos quando dormem arregalão. (49)

Para os seus crentes, talvez—subservientes, é a lampada de Aladino: esfregar e pedir por boca; mas para os infelizes Gil Blas transforma-se no leito de ferro de Procustes: se as victimas forem maiores, que se encolham ou se mutilem; se menores, que se estirem ou se desloquem, como diz o Visconde de Castilho.

Ibiapina teve a felicidade de conhecer primeiro a si que a celebrada diva, e de reconhecer por fim que não lhe podia ter adoração; ou porque lhe tivesse repugnancia, ou lhe faltassem as aptidões, que sobram a muitos; e despedio-se cêdo para não ser despedido tarde, quando já talvez pelo habito, que é uma segunda natureza, lhe

---

(49) Garrett, *D. Branca*, Cant. 3, Pag. 66.

custasse alguma saudade a partida ingratamente tramada e desamorosamente realisada.

Poder-lhe-ião chamar tudo, menos ambicioso, pois é fama não contestada — que renunciou as melhores graças do poder, como presidencias de provincia e pasta ministerial, que a outros fazem deslumbrar.

Da politica passou para a advocacia.

Que profissão mais independente é condigna do seu caracter nobilissimo?

Isenta de toda a casta de jugo, ella chega á maior elevação sem perder algum dos direitos de sua primeira liberdade; e olhando com desdem para todos os ornamentos inuteis á virtude, pode tornar o homem nobre sem o nascimento, rico sem bens, elevado sem dignidades, feliz sem o soccorro da fortuna. (50)

Mas foi o mesmo que passar de Sylla á Carybde; porque ainda nesta profissão deu-se mal!

Abriu banca no Recife, onde desde todo o principio conquistou invejavel nomeada, produzindo-lhe grande e rendosa clientella, augmentada cada vez mais pela fama de sua illustração, talento e caracter, que acabava por inspirar a mais plena confiança aos seos constituintes.

Si como civilista podia encontrar honrosa competencia, como criminalista era sem possivel rivalidade. Suas orações eloquentes na tribuna judiciaria serviam de modelo á mocidade, e garantiam-lhe sempre esplendido triumpho.

Aquella importante capital, que ha pouco desvanecia-se das suas bellas conquistas academicas e no magisterio, agora desvanece-se dos louros que vêl-o diariamente colher no fôro.

O discipulo fez se esquecer pelo mestre, e este foi offuscado pelo advogado.

Não durou muito, porem, esse bem estar do seu espirito.

. . . .

(50) M. d'Aguesseau, *Discurso da Abertura das Audiencias*—1698.

Depois de uma ausencia de tres annos na actual cidade do Brejo de Areia, da provincia da Parahyba, onde esteve tratando de negocios de uma importante casa commercial, voltou ao Recife para pouco depois fechar o seu escriptorio e abandonar de todo a carreira tão felizmente encetada e trilhada.

Isto era no anno de 1850.

Motivou essa resolução a perda de uma questão civel, que elle reputava justissima. Restituio ao constituinte a importancia recebida pelos seus honorarios, distribuio aos collegas e amigos a excellente livraria que possuia, e tornou publico por todos os meios possiveis que nunca mais advogaria em parte alguma!

Faz recordar uma bella acção de Chamillard.

Conta-se, diz Samuel Smiles, que esse distincto advogado francez perdeu uma causa, porque não podera apresentar um documento importante. A decisão do juiz subio ao tribunal superior, que a confirmou definitivamente sem mais recurso possivel.

O constituinte foi ter com o seu advogado e queixou-se amargamente da perda da questão e portanto da sua fortuna, devida somente á não exhibição do documento.

Chamillard convenceu-se da sua culpa, ao verificar que o documento por descuido seu tinha ficado na sua pasta.

Reduzio a dinheiro tudo quanto possuia, entregou o producto ao infeliz constituinte em indemnisação do seu prejuiso.

Estava pobre de bens da fortuna, mas rico de satisfação intima por ter cumprido com o seu dever de consciencia.

Fez mais: foi ter com o presidente do tribunal, e rogou-lhe que nunca mais o admittisse como advogado, pois não o merecia depois d'aquella grande falta! (51)

Entre os dous casos ha, entretanto, uma differença:

---

(51) O *Dever*. Pag. 82.

alli o erro foi do advogado, aqui—dos juizes, muito mais grave que o outro.

Realmente quem conhece as dolorosas e injustificaveis vicissitudes do fôro, quando não applauda a resolução de Ibiapina, a qual privou assim a advocacia de um membro de grandes prestimos, ha de por força reconhecer a procedencia dos motivos que allegava Molière contra as demandas, fallando pela boca de Theodoro a Anselmo:—

Uma demanda! sabe o que é uma demanda!
Não é só o juiz, menos a lei, quem manda!
E' o escrivão, o empenho, o rabula, o sophisma,
a testemunha falsa! Um leve toque ao prisma
logo as côres transforma; o escuro em claro muda;
o sanguineo em verde. A gente fica muda,
incredula. O demonio a rir do prejuiso!
E Deus a escrever mais no Livro do Juizo!
Ou se tenha justiça ou não se tenha, um pleito
enoitece-nos a alma; enturva-nos as festas;
põe-nos o tedio á meza, tem-se visões infestas,
a arguir-nos talvez, tristes, sem dar palavra,
da sentença fatal que o nosso amor lhe lavra!
E a existencia minada, a tão máu uso havida,
vê sem pena o sepulchro, e pesa-lhe o ser vida!
Tudo menos um pleito! E digo-lh'o outra vez:
em o levar a mal nem sabe o mal que fez! (52)

De modo que quando se tem o infortunio de ter o que se chama uma *pendencia*, diz Xavier de Maistre, não se faria mal em tirar á sorte para se saber se convem terminal-a segundo as leis ou segundo o costume; e como as leis e o costume são contradictorios, os juizes poderiam tambem jogar a dados a sua sentença. (53)

Quem tiver realmente alguma pratica do fôro, diz

(52) *Tartufo*, Trad. do Visconde de Castilho, Pag. 146.

(53) *Viagem á roda do meu quarto*, Cap. 3, Pag. 14.

José de Alencar, ha de reconhecer que são as boas causas as que mais frequentemente se perdem.

Quem sustenta um pleito justo, confia no direito; mas o seu adversario emprega todos os recursos e ganha! (54)

E Euzebio de Queiroz, um dos brasileiros que mais tem honrado a magistratura e o paiz, ministro do Supremo Tribunal de Justiça, ministro da corôa, conselheiro de estado e senador, não trepidou ante a verdade para proferil-a nestes termos causticos :—

« Este facto com que estou vestido é meu, porque o comprei e paguei, porem si alguem disser que é seu e me ameaçar com a justiça dos tribunaes superiores, neste caso pedirei que me deixe a camisa e a ceroula, e entrego-lhe tudo o mais.» (55)

Todos sabem que toda regra tem excepção, e que neste assumpto nenhuma excepção é mais honrosa e diga-se mesmo numerosa; mas as citações feitas, de nacionaes e estrangeiros, bem mostra que o mal é geral, deploravel e talvez crescente.

Nem mesmo a magistratura ingleza, apontada geralmente como modelo, e effectivamente digna de elogios, está isenta de graves e justas censuras. Na camara dos communs, em 1876, William Vorcourt emittiu a seu respeito este insuspeito juizo, chamando a attenção do governo :—

« Está muito em uso elogiar a magistratura ingleza á custa das outras nações: sem negar as vantagens de nossa organisação judiciaria, direi que uma sentença tem muitos defeitos e lacunas.

« Nossos juizes são muito bem remunerados e independentes; entretanto os processos accumulam-se, as delongas dos pleitos são desesperadoras, e tudo isso constitue um estado, que chamarei escandaloso.

« Só processos de pessoas presumidas innocentes pela lei, que esperam, ha mezes, seu julgamento — 86: re-

(54) *Sonhos d'Ouro* cit., Tom. 2, Pag. 92.

(55) *Jornal do Commercio* da Côrte, n.º 138 de 19 de Maio de 1875.

colhidas á cadeia, ha mais de seis mezes, e sem julgamento—826, e 3,000 ha mais de dous mezes !»

Não é uma accusação infundada: tanto que o ministro da justiça respondeu, dizendo que « o governo promettia estudar o assumpto e procurar o remedio mais efficaz para destruir o abuso.» (56)

Si, portanto, Ibiapina exagerou o caso, dando-lhe maiores proporções, não se lhe pode negar muita razão para desgostar-se profundamente.

Só quem nunca foi advogado ou não tem consciencia do dever e da sua nobre missão, não sabe avaliar o que é perder uma questão justa. Soffre-se pela injustiça, e não menos pela maledicencia, que muitas vezes a attribúe á incuria ou ignorancia, sinão connivencia, do pobre advogado !

Paga o innocente pelo peccador !

X

Todo caminho nos leva á Roma, principalmente quando estamos no caminho de Damasco.

Ibiapina ordenou-se! *Gloria in excelsis Deo, in terra pax hominibus bonæ voluntatis.*

Agora, sim, o romeiro, fatigado da longa peregrinação, resequido á falta d'aquella agua que corre para a vida eterna, de que falla Jesus Christo, em S. João, em seu dialogo com a Samaritana, chega á fonte christalina e assenta-se de uma vez á borda. *Fatigatus ex itinere sedebat sic supra fontem.*

Agora, sim, o colibri, que vimos pairando sobre tantas flôres de exquisita fragancia, vae succar o ineffavel mel das verdes cheirosas roseiras do Céu, na delicadissima expressão de Fagundes Varella.

Como deu-se, porem, essa abençoada transformação, essa importantissima acquisição para a Igreja e a Religião, vae-nos contar-nos muito minuciosamente um seu

(56) Vide *Jornal do Commercio* cit., de 24 de Março de 1876.

amigo intimo e admirador, testemunha egregia por sua elevada posição social, nobre caracter e competencia do melhor quilate, o muito digno Desembargador da Relação da Fortaleza, Exc.^mo Sr. Dr. Americo Militão de Freitas Guimarães :—

Pacatuba, 24 de Novembro de 1887.

COLLEGA E AMIGO SR. DR. PAULINO NOGUEIRA.

Recebi a carta, que me dirigio em data de 12 do corrente mez, pedindo-me esclarecimentos sobre a ordenação do nosso bem conhecido patricio Padre Ibiapina, de cujas particularidades me julga sabedor; e é com o mais vivo prazer, que me presto á satisfazer seo pedido, sentindo tão somente, que alguma circumstancia me possa escapar, tratando-se de um facto, que se dera a tantos annos, e sobre o qual nada escrevi; quando era bem criança, e olhava para cousas taes com a indifferença propria da edade.

Vou narrar-lhe tudo com a maxima exactidão.

Quando segui para Pernambuco, á tratar de meos estudos levei cartas de recommendação para o Dr. Ibiapina, e ordens terminantes para elle dar-me, em qualquer occasião, qualquer quantia, que eu lhe pedisse.

Nesse tempo era elle advogado nos auditorios daquella capital, e tinha seo escriptorio no pateo do Carmo, defronte do Convento, em um sobrado de dois andares, com tres portas de frente.

Occupava elle o primeiro andar, onde em outros tempos exerceo a mesma profissão um Padre notavel, o Dr. Bernardo, Deão da Sé de Olinda, homem forte, amigo das luctas, que se tornou celebre pela guerra que fazia aos Bispos, segundo a tradição, que delle ainda encontrei.

Felizmente nunca precisei pedir dinheiro ao meo correspondente Dr. Ibiapina, e isto não lhe passava desapercebido, porque muitas vezes me interpellou neste sentido, renovando seos offerecimentos, e me tecendo elogios, chamando-me moço de juizo, por saber tão bem regular minha vida, e fazendo o confronto com outros seos recommendados que o atropelavão com taes pedidos.

Mas cumprindo o dever de recommendado, pelo modo por que era recebido, hia muitas vezes ao seo escriptorio, e ouvia-o sempre sobre qualquer passo que tinha a dar.

Uma occasião, em que conversavamos, fallando da simplicidade com que trajava, disse-me rindo-se, que o seo luxo consistia nas ceroulas, porque sempre as mandava fazer da bretanha mais fina que encontrava. De tudo isto resultou, que o Dr. Ibiapina, pelo correr do tempo, depositasse em mim certa confiança, e me tratasse afinal com a intimidade de amigo.

Sendo eu, como fui, e passo a mostrar, o intermediario nesse importante acontecimento, com muita razão o collega considera-me habilitado, para dar-lhe os apontamentos que deseja.

O Dr. Ibiapina, nos tempos a que alludo, era com justiça considerado um dos primeiros advogados da capital de Pernambuco, onde gosava de um conceito e nomeada acima de toda expressão, já pelos seus principios austeros e virtudes civicas, já pela sua variada illustração e desinteresse ; mas afinal desgostoso por certas contrariedades que soffreo, e mesmo pela doença d'asthma, que muito e muito o perseguia, ao ponto de passar noites inteiras sem dormir, recostado em uma cadeira, deixou a vida da advocacia, digo mesmo, abandonou a sociedade, e recolheo-se á um sitio que possuia para as bandas do Caxangá, junto á povoação da Varzea, onde muitas vezes passou dias com elle o sempre lembrado Bispo de Pernambuco, o Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. D. João da Purificação Marques Perdigão, que muito o considerava.

Um dia, ainda era elle advogado, fez-me queixas bem sentidas do Ex.^{mo}. Sr. D. João, porque, fallando-lhe para admittir á certa ordenação particular um moço, filho desta Provincia, o Sr. D. João, com a simpleza e ingenuidade proprias de seo caracter, disse-lhe que não era possivel naquella occasião, deixasse para adiante.

Fiz ver ao Sr. Bispo quanto o Dr. Ibiapina ficara contrariado ; o seminarista foi admittido á ordenação, e elle ficou com isto muitissimo satisfeito.

Nesse retiro e isolamento, em que vivia, deixou inteiramente os livros, dispondo de quasi todos, e entregou-se exclusivamente á vida espiritual, recobrando assim a saúde, que havia perdido. Recordo-me que voltando do Rio de Janeiro, em Abril de 1853, onde fui passar as ferias do meo 4.º anno, e trazendo-lhe como lembrança de amigo, um —Flós Sanctorum—mostrou-se com isto tão reconhecido, como se fosse um presente de valor immenso.

Em principio de dito anno, resolvendo passar-se para o Recife, vendeo o sitio, em que morava, ao Padre Damasio d'Assumpção Pires, natural da Parahiba, com quem tambem muito se dava ; e foi morar na

rua de Santa Rita, Freguezia de S. José de Riba-Mar, em casa propria, com duas irmans que se achavão desde muito no Recolhimento de N. S. da Gloria; levando os dias em frequentar o Convento dos frades da Penha, para ouvir missa, confessar-se e assistir á outros actos religiosos, que ali se praticavão, *sempre* e cada vez mais acatado por *aquelles* religiosos.

Muitas vezes o nosso patricio, Conego Lourenço Correia de Sá, então Vigario da Freguezia de S. José, em que elle residia, ex-Visitador desta Provincia, e o virtuoso Padre Francisco José Tavares da Gama, Conego da Capella Imperial e Secretario do Bispado, já fallecidos, além de outras pessôas, conhecedoras da predilecção, que por mim tinha o Dr. Ibiapina, me pedirão para convidal-o á ordenar-se.

Mas, tal era o respeito, que me inspirava, e a todos, que com elle tratavão, que sentia-me acanhado em tocar-lhe sobre semelhante assumpto, mesmo porque notava-lhe uma certa irascibilidade, e então respondia á esses respeitaveis sacerdotes, que elles, pelas suas posições e predicados, estavão mais habilitados do que eu, para esse fim.

E assim corria o tempo.

Todos desejavão que o Dr. Ibiapina se ordenasse; mas ninguem se animava a fallar-lhe n'isso.

Um domingo á tarde, no principio de Junho de 1853, sahi do Palacio da Soledade, onde, como sabe, residia, e dirigi-me para a rua de Santa Rita, a visitar o Dr. Ibiapina, o que fazia muitas vezes.

Batendo á porta, e apparecendo-me elle, perguntei-lhe antes de sentarmo-nos, como estava; e elle respondeo-me com esta serenidade:—

« Como quem ha pouco chegou da Penha. »

A' esta resposta o encarei fixamente, e disse-lhe de modo resoluto: — Dr., o Sr. nesta vida assim... porque não se ordena? Pois não é melhor?

Sr. Americo, respondeo-me elle, depois de uma pequena pausa,— o Sr. foi mandado hoje aqui pela Providencia: Saiba que meo espirito ha muito lucta com essa idéia, e esse é o meo maior desejo; mas eu não me achava com coragem de me abrir com ninguem, porque então é, que dirião que eu estava maluco; e uma vez que me falla nisto, faça vêr ao Sr. D. João, que quero ordenar-me; mas... não me sujeito á exame algum. Si fôr possivel assim, muito bem; do contrario, nada se fará; entretanto peço-lhe o maior segredo em tudo isto. Assim fiz.

Voltando para a Soledade, nessa mesma noite, expuz tudo que havia ao Sr. D. João, que mostrou-se muito satisfeito, menos com a condição

estipulada. Não insisti. Na manhã seguinte dirigi-me para o Recife, para a casa do Padre Gama, de quem já fallei, sacerdote muito respeitavel, pelas suas virtudes e saber, o qual morava em um sobrado, junto á Egreja do Corpo Santo, e contando-lhe o que se tinha passado, nessa mesma manhã veio elle á Soledade, e em minha presença fallando com o Sr. D. João sobre o facto, mostrando, como elle o podia fazer, as conveniencias, que nisto havia, e a importante conquista, que a Egreja fazia, attentos os grandes serviços, que se devião esperar, finalmente ficou assentado, que no sabbado proximo o Dr. Ibiapina tomaria ordens menores, e no domingo, o subdiaconato, quando tambem tinhão de se ordenar alguns seminaristas.

Dando-lhe semelhante noticia, não se pode avaliar, como elle a recebeo, e de que prazer ficou possuido! Ha cousas que se vêem; mas que não se podem discrever!

Autorisando-me para mandar preparar o que fosse preciso, bem como capa, batina, etc., no sabbado á tarde fui buscal-o em um carro á rua de Santa Rita, e trazendo-o ao Palacio, levei-o para o torreão do lado do Norte, em que eu habitava com dois companheiros de estudos, o Dr. Carlos Frederico Marques Perdigão, sobrinho do Ex.^mo^ Sr. D. João, e illustrado redactor da *Gazeta Juridica*, e o Dr. José Pedro Werneck Ribeiro d'Aguillar, actualmente Encarregado de Negocios no Chile, e vestindo-lhe os habitos clericaes depois de lhe haver aberto com minhas mãos a corôa de tonsurado, apresentei-o na Capella Episcopal, onde se achava muita gente, causando isto a maior sorpreza, porque tudo se ignorava.

Nessa occasião recebeo ordens de menorista, no dia seguinte, domingo 19 de Junho, o Subdiaconato, no 2.º domingo, o Diaconato, e no 3.º, 3 de Julho, o Presbiterato, recolhendo-se logo depois ao Convento da Penha, onde fez os exercicios espirituaes e preparou-se para a Missa, de que somente foi examinado pelo Padre Vicente Pereira da Silva Guimarães, mestre de ceremonias do Solio Episcopal, nosso patricio e irmão do Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, já fallecidos, e disse sua primeira missa no dia de Sant'Anna, 29 de Julho, na Egreja da Madre de Deos no Recife, onde annos antes estivera recolhido para ordenar-se, sob os auspicios do Padre João Dias, Preposito daquella Congregação, o que não se realisou por ter abandonado os estudos ecclesiasticos com a installação da Academia de Olinda, em 15 de Maio de 1828, em que matriculou-se, sendo depois de formado, um de seos mais dignos lentes.

Encarregando-me o Padre Ibiapina de receber de um moço chamado Castro, um de seos antigos escreventes, alguns livros de litteratura, que ainda restavão em poder do mesmo para delles dispôr, papeis de direito já não havia nenhum, e perguntando-lhe eu o destino que devia dar aos mesmos livros, dirigio-me um escripto, que ainda conservo, como reliquia preciosa, concebido nestes termos :

« *Amigo* e Sr. Americo.—Não me pergunte mais pelo destino dos livros ; porque elles são seos, e como taes, pode delles dispôr : e para V. fazer pleno uso delles, já faço a presente declaração. Pouco se diz, quando muito ha a dizer ; mas ha expressões, que breves, alcanção muito, tal como esta. — Seo amigo verdadeiro do coração — O Padre *José*.—S. C.—4 de Agosto de 1853. »

Emfim, algum tempo depois de ordenado o Padre Ibiapina, o Ex.^mo^ Sr. Bispo D. João, de saudosa memoria, quiz nomeal-o Vigario Geral e Provisor do Bispado ; mas elle, só por mera obediencia como me disse, acceitou a nomeação de Vigario Geral, passando-se para Olinda no dia 23 de Janeiro de 1854, para uma pequena casa do Dr. Coelho, perto do Seminario, onde todos os domingos, á tarde, hia pregar, reunindo-se sempre um grande auditorio para ouvil-o e admiral-o ; e logo que poude obter dispensa desse cargo, que exerceo por pouco tempo, internou-se pelos sertões de Pernambuco, Parahyba e desta Provincia, dedicando-se á predica e á missão, e prestando á Egreja e ao Estado os grandes serviços, que todos nós sabemos, até o fim de sua existencia.

Quando em 1865 ou 1866, ha mais de 10 annos que nos não viamos, andou elle missionando pelo Cariry, era eu Juiz de Direito da Comarca do Jardim, e estivemos juntos na povoação de Goianinha da freguezia de Milagres ; em certa occasião, perante muitas pessôas, referio elle o que acabo de narrar.

Conclúo aqui, garantindo que alguma cousa me pode ter escapado ; mas o que fica exposto, é a pura verdade ; e si o illustrado collega achar alguma utilidade nesta minha resposta, dada ás pressas e sem a precisa meditação, tão necessaria em casos destes, porque, como sabe, tenho muitos deveres á cumprir, e não disponho de muito tempo, pode fazer della o uso que melhor lhe convier.

Sinto prazer de mais uma vez poder renovar-lhe os protestos da estima e consideração com que me subscrevo seo

Collega, amigo, obrigado e criado

Americo Militão de Freitas Guimarães.

Sobre proposta do Sr. D. João foi nomeedo, por Decreto de 15 de Fevereiro de 1854, lente de Eloquencia Sagrada do Seminario de Olinda, e ainda a instancias do virtuoso Bispo acceitou e exerceu o cargo da maneira mais satisfactoria.

Enfim estava padre aos 47 annos de idade!

Um pádre, diz La Memnais, é por dever um amigo, a providencia visivel de todos os afflictos, o defensor de todo aquelle que é privado de defeza, o apoio da viuva, o pae do orphão, a apaziguador de todas as desordens e males, que causam as nossas paixões e as nossas funestas doutrinas.

Sua vida inteira não é mais do que uma longa e heroica dedicação á felicidade do seu proximo. Quem trocaria, como elle, os prazeres domesticos, todos os gôsos, todos os bens, que os homens procuram avidamente, por trabalhos sem fama, por deveres penosos, e por funcções, cujo exercicio despedaça o coração, e remove os sentidos, para não colher muitas vezes outros fructos, por tantos sacrificios, senão o despreso, a ingratidão e até o insulto?

Quando vos achais ainda submergido n'um profundo somno já o padre caridoso, antecipando a aurora, tem recomeçado o curso de suas bôas obras. Alliviou o pobre, visitou o enfermo, enchugou as lagrymas do infeliz ou fez derramar as do arrependimento, instruio o ignorante, fortificou o fraco, consolidou a virtude nas almas perturbadas pelas tempestades das paixões!

No fim de um dia, cheio de tantos beneficios, chega a noite, mas não o descanso. Na hora em que o prazer vos chama aos espectaculos, ás festas, correm a chamal-o: um christão está nos seus ultimos momentos, está morrendo talvez de uma molestia contagiosa; não importa, o bom sacerdote não deixará nunca sua ovelha expirar sem adoçar suas ancias, sem cercal-a das consolações da fé e da esperança, sem orar ao seu lado ao Deus que morreu por ella, e lhe dar nesse instante mes-

mo um sacramento de amor, um penhor certo de immortalidade!

Assim era, assim foi sempre o P.e Ibiapina; porque a sua conversão foi obra do Céo, como elle mesmo confessou alguns annos depois, em 1865, em uma predica que fez na villa de Missão Velha, desta Provincia, mais ou menos nestes termos:—

« Um homem, que vivia envolvido na massa do mundo, vio no Céo um globo, e neste estava escripta com letras grandes a palavra—*Eternidade*—, em caracteres tão significativos que, si elle não soubesse ler, conheceria que esses caracteres queriam dizer — *Eternidade*! Esse quadro lhe fez uma impressão tão grande e tão viva que foi logo tomar nota; mas viéram-lhe aos olhos tantas lagrymas que apagavam o nome que elle ia escrevendo! Tentou outra vez escrever, e não poude! de sorte que nessa occasião não lhe foi possivel tomar nota! Era então dia de S. Jeronymo, Doutor da Igreja, e desde logo esse homem deo as costas ao mundo, e procurou encher os destinos que a Providencia lhe marcou. »

Eternidade! Que palavra para uma creatura que não conhece outra lei que a da diversidade e das mudanças! Sem passado, sem futuro, sem distracções, sem esperanças, sempre a mesma cousa! Eternidade! Eternidade! O' Deus, o que poderá significar no Céo esta palavra que faz chorar sobre a terra?! (57)

Não é esse um milagre como o da batalha de Ourique, d'El-Rei D. Affonso contra os mouros, pulverisado por Alexandre Herculano na sua *Historia de Portugal* e no *Eu e o Clero*, e assim discripto pelo epico portuguez:—

A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso o animava.

---

(57) Anthelmo Gond., *A Eternidade, ou Destinos Futuros do Homem, do Mundo e da Humanidade*, Pag. 195.

Elle adorando quem lhe apparecia
Na fé todo inflammado assi gritava :
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E *não a mi, que creio o que podeis*. (58)

Nem sequer aquelle outro de Constantino Magno : *In hoc signo vinces.*

E' uma visão celeste, como aquella que no caminho de Damasco converteo ao gremio da Igreja de Jesus Christo o grande Saulo, e á qual o novo converso podia responder com esta contricta invocação ao Altissimo :—

Eu te venero, oh Deus da humanidade !
Meu amor o que tem para offerlar-te ?
Digno de ti só tem minha alma um hymno.
Esse hymno, oh meu Deus, é o teu nome !
Que pode o homem dar a quem dá tudo ?
Si em meu coração suspiros tenho,
Suspiros para todos os momentos,
De ti, Senhor, minha alma necessita,
Como de luz meus olhos, de ar meu peito. (59)

Bem como o apostolo das gentes, ao converter-se ao christianismo, mudou o nome de Saulo para Paulo, para significar assim a sua profunda transformação em *vaso de eleição* ; da mesma forma o Dr. Ibiapina, convertendo-se em Padre, trocou o nome de *Pereira* pelo de *Maria*, para tambem assim significar a sua sincera devoção á Santissima Virgem, Mãe de Deus e dos homens, a quem attribuia sua conversão.

O' Virgem, Mãe e Filha de teu Filho,
Mais do que ente creado humilde e alta,
Foste ao divino intento alvo prefixo.
E's quem natura humana por tal modo
Nobilitaste, que de creatura
Tornar se Creador não dedignou se.

---

(58) Camões, *Lusiadas* cit., *Cant.* 3, *Est.* 45.

(59) Magalhães (Visconde de Araguaia), *Suspiros Poeticos. Deus e o Homem.*

Em teu seio o amor reacendeu-se,
A cujo influxo no remanso eterno
A rosa germinou, que aqui se expande.
E's para nós aqui de caridade
Meridiana luz, como no mundo
Inexhaurivel fonte de esperança.
Senhora, tão grande ès, e tão potente
Que mercês implorar sem teu auxilio
Equivale a querer vôar sem azas.
Tua benignidade não suffraga
Somente as orações; mas com frequencia
Com generosos dons as antecipas.
Em ti misericordia, em ti piedade,
Em ti munificencia se coadunam,
E quanto têm mais nobre a creatura. (60)

Entretanto aos espiritos fortes não foi agradavel essa troca de nomes, a principio objecto de criticas e ridiculos, os mais incabiveis, reprovaveis e reprovados !

Só nas alcovas, nas salas dubias,
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o impio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato :— AVE MARIA ! (61)

---

(60) Dante cit., *O Paraizo*, Cant. 33, Pag. 504.

(61) F. Varella, *Obr. Compl.*, Tom. 1.°, *Ave Maria*, Pag. 24.—
— *Maria*, no hebraico quer dizer—*Estrella do Mar*; e no seriaco—*Soberana* e *Senhora*. Rebello da Silva, *Fastos da Igreja*. Tom. 1.°, Pag. 145.

Em todos os paizes, homens notaveis tem-n'o por sobrenome, e até por nome de baptismo, como :—

— *Maria* José Luiz Adolpho Thiers, libertador da França (Vide *Elogio Funebre* de Joaquim Manoel de Macedo, na Sessão Magna Anniversaria do *Inst. Hist. Bras.*, de 15 de Setembro de 1877, publicada na *Rev.* do mesmo *Inst.*, Tom. 40, Pag. 566).

— *Maria* João Pedro Flourens, physiologista francez notabelissimo.

— Victor *Maria* Hugo, Conde de Victor Hugo.

— Francisco *Maria* Arouet de Voltaire.

— José *Maria* de Maistre, Conde de Maistre.

— Jorge Ernesto João *Maria* Boulanger, general francez e ministro da guerra em 1886.

X

Decorridos dous annos conseguio demittir-se dos cargos que exercia tão somente por mera obediencia ou deferencia ao Bispo Diocesano.

Os empregos eram prisões em que seu espirito se torturava; por isso não só deixou esses, como recusou bispados, que por vezes lhe foram offerecidos pelo governo imperial.

Agora livre, estava apto para a vida apostolica, que ardentemente almejava.

Fez-se missionario de todo o seu coração.

Como complemento desfez-se de alguns bens que ainda lhe restavam, fazendo voto de pobreza.

O sacerdote opulento é um contrasenso, disse Victor Hugo, louvando no seu *Miseraveis* a abnegação do bispo Bemvindo Myriel. O sacerdote deve viver junto ao pobre; e a sua primeira prova de caridade, sobretudo n'um bispo, é a pobreza.

Ninguem deve espantar-se das riquezas
Terem seu nascimento nos infernos;
Que assás o solo seu é adequado,
Para o veneno produzir precioso. (62)

—Francisco *Maria* Sadi-Carnot, actual Presidente da Republica Franceza.

—Manoel *Maria* Barbosa du Bocage.

—Antonio *Maria* de Fontes Pereira de Mello, grande estadista portuguez.

—Levy *Maria* Jordão, Visconde de Paiva Manso, grande criminalista portuguez.

—José *Maria* Latino Coelho, notavel escriptor portuguez.

—D. Luiz Philippe *Maria* Fernando Gaston de Orleans, Conde d'Eu.

—D. Luiz Augusto *Maria* Eudes de Coburgo e Gotha, Duque de Saxe.

—José *Maria* da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco.

—D. Vital *Maria* Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda.

—D. Pedro *Maria* de Lacerda, Conde de Santa Fé, Bispo do Rio de Janeiro e Capellão-mor.

E muitos outros.

(Vide B. Affonso de Liguori, Bispo de Santa Agueda, *Louvores e Glorias de Maria Santissima,* Dous Volumes).

(62) Milton, *Paraizo Perdido*. Traducção do Visconde de S. Lourenço (Targine), Liv. 2, Pag. 38.

Não é certamente das riquezas bem adquiridas e distribuidas de que falla o poeta; mas d'aquellas que, quando não sejam extorquidas aos infelizes, não servem ao menos para enchugar-lhes as lagrymas.

A esmola é letra saccada á eternidade. *Qui donne au pauvre, prête á Dieu*, disse ainda Victor Hugo.

Ibiapina não podia escapar de novo á critica e ao ridiculo dos espiritos fortes, ao empobrecer-se voluntariamente por amor do proximo e da propria coherencia! Que impiedade!

Feliz da terra, os monges não maldigas;
Do que em Deus confiou não escarneças!
Folgando segue a trilha, que ha juncado,
Para teus pés, de flôres a fortuna,
E sobre a morta crença em paz descança.
Que mal te faz, que gôso vae roubar-te
O que ensanguenta os pés no tojo agreste,
E sobre a fria pedra encosta a fronte?
Que mal te faz uma oração erguida,
Nas solidões por voz sumida e frouxa,
E que subindo aos céus, só Deus escuta?
Oh, não insultes lagrymas alheias,
E deixa a fé ao que não tem mais nada. (63)

Nihil potentius homine oranti.

Ninguem exerceu no Brasil melhor que elle o apostolado christão, disse uma autoridade insuspeita. Não é a superstição que lhe dirige o entendimento, não o céga o brilho da gloria dos que o precederam.

Diverge de alguns missionarios estrangeiros, que ás vezes mais pervertem as populações do sertão, segregadas de todo o commercio com os povos cultos, privadas pelas distancias de um raio dessa luz, que começa de fulgir ás bordas do oceano. Não augmenta o pendor natural do ignorante para o sobrenatural; mas, pela

---

(63) Alexandre Herculano, *A Harpa do Crente*. *A Arrabida*. Pag. 61.

sciencia, aviva-lhe a fé. Não imita o velho frade, preparando-o exclusivamente para a vida futura, mas tambem para o trabalho, que é a vida terrena.

O povo dos sertões é assás intelligente para comprehender que este é o mestre que o tempo requer. Ama-o ardentemente, e esquece de todo o padre alienigena, que vem de longes terras exercitar a caridade, aliás pouco em voga no seu mesmo paiz, ou fazer colheitas d'almas para a gloria de suas communhões, de ouro, algumas vezes, para melhor proveito dellas. (64)

Effectivamente por onde andou o P.e Ibiapina não se impoz somente á tarefa de ensinar o cathecismo, não trouxe amedrontados os seus ouvintes com a ideia de uma penalidade sobrenatural, que excede a toda a medina das faltas e dos crimes, que se possam commetter. Incitava as populações ao trabalho, dotava povoações de melhoramentos, cuidava particularmente do ensino, da moralidade e do futuro das crianças orphãs e desvalidas, qual outro S. Luiz Gonzaga!

Si não possuia mais do que uma botina, que lhe davam os fiéis, algumas camisas e um bordão, desejava ver seus irmãos dispondo de largos meios de subsistencia, e a orphã amparada em sua honra e honestidade.

Dessa inexcedivel actividade procedem esses hospitaes, matrizes, cemiterios, açudes e casas de caridade, ou antes recolhimentos de meninas orphãs ou desvalidas, e outros beneficios que ella fez e de que passo a dar uma nota, sem duvida inferior á realidade.

—Em Maio de 1860 Casa de Caridade da povoação do Cravatá de Jaburú, Provincia de Pernambuco.

—Em Fevereiro de 1862 Hospital da cidade do Brejo de Areia, em Março dito da Villa d'Alagoa Nova, em Agosto Casa de Caridade de S. Luzia do Sabugy, Provincia da Parahyba, e dita da Cidade do Assú, Provincia do Rio Grande do Norte.

---

(64) B. na *Reforma* da Côrte de Dezembro de 1878, e transcripto no *Cearense* n.º 2 de 5 de Janeiro de 1879.

—Em 29 de Setembro de 1862 Casa de Caridade de Sobral. (65)

—Em 2 de Fevereiro de 1863 dita da Cidade de Sant'-Anna, e no mesmo anno Cemiterio da freguezia, Matriz

---

(65) O Rev.[do] Vigario da Fortaleza, Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, em seu *Itinerario da Primeira Visita do Bispo D. Luiz*, Pag. 82, diz o seguinte:

« Este estabelecimento pio foi instituido a 29 de Setembro de 1862 com 16 orphãs menores de 10 annos sob a direcção de—

7 Filhas de S. Vicente, cujos nomes ignoro;
1 Provedor, Domingos José Pinto Braga Junior;
1 Capellão;
1 Medico, Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho;
1 Pharmaceutico, Manoel Marinho Lopes de Andrade;
1 Administrador dos semoventes e
4 Esmolercs; 2 dos quaes eram Galdino José Gondim e Luiz Antonio Ferreira de Albuquerque: tendo por unico patrimonio o coração dos fiéis. E a 21 de Dezembro do mesmo anno, o dito Provedor, dirigindo-se á S. Exc.[a] Revd.[ma], expressava-se nestes termos:

« Esta Casa, Exc.[mo] Sr., é um dos preciosos fructos dessas Santas Missões, com que o Rev.[do] Padre José Antonio de Maria Ibiapina acaba de dar um solemne testemunho de quanto é sublime a doutrina christã, e poderosa a palavra de Deus. Elle viu a orphã, sem pae nem mãe, exposta a todos os perigos e miserias da vida, e seu coração contristou-se. Viu o homem acabrunhado sob o duplo mal da enfermidade e da fome, e sua alma conturbou-se. Mas Deus havia dito: *Dilige proximum tuum sicut te ipsum*,—com taes palavras nos labios e a fé no coração o virtuoso missionario, encontrando écho no intimo d'alma dos fiéis, fundou esta Santa Casa para azylo e protecção das orphãs e dos enfermos desvalidos da fortuna.

« Aqui, Exc.[mo] Sr., a mão da caridade dirige os passos da orphã no escabroso caminho da vida e com o segredo do Evangelho, que ennobrece a esmola e poupa a vergonha ao pobre, dá-lhe o pão de cada dia, esclarece-lhe o espirito com o ensino elementar da leitura e da escripta, fecunda-lhe o coração com as sementes da doutrina christã, dota-a com as qualidades da boa mãe de familia, e procura-lhe um esposo, que a ampare, ou seja Jesus Christo, se ella prefere o voto de castidade, ou seja um homem virtuoso, si ella quer antes o sacramento do matrimonio.

« O enfermo encontra nesta Casa os soccorros da medicina, os serviços dos enfermeiros dedicados e os outros auxilios reclamados por sua pobreza e estado morbido.

« Entendeu o virtuoso instituidor deste estabelecimento que a arvore da caridade, plantada por Jesus Christo, e por Elle cuidadosamente

da freguezia do Acaracú e o utilissimo canal do porto desta Cidade. (66)

—Em 1864 Casa de Caridade da Villa do Acary, Provincia do Rio Grande do Norte.

—Em Fevereiro de 1865 dita de Missão Velha, Provincia do Ceará.

—Em Abril de 1866 dita de Santa Fé, em Maio dita da povoação dos Pocinhos, em Outubro dita da povoação das Pombas, Provincia da Parahyba.

—Em 1867 dita da Villa de Cabaceiras, Provincia da Parahyba.

—Em 1868 dita da Villa de Bezerros, Provincia de Pernambuco.

—Em Março de 1868 dita da cidade do Crato, Provincia do Ceará.

—Em Março de 1869 dita da Barbalha e o açude de Caldas nesta cidade, em Junho dita de Milagres, Provincia do Ceará, em Setembro dita de Cajazeiras, Provincia da Parahyba.

---

regada, produziria sempre abundantes fructos para a alimentação dos que procurassem a sua sombra. E até hoje suas esperanças não falharão.

« Um pequeno cofre, suspenso á entrada desta Casa, e duas bolsas, confiadas aos diligentes e zelosos esmoleres Galdino José Gondim e Luiz Antonio Ferreira de Albuquerque, são a fonte principal de rendimentos; mas, cousa admiravel! estes recursos apparentemente misquinhos, tem até hoje bastado para a sustentação de um estabelecimento desta ordem! Cada dia mais nos convencemos de que a fé do virtuoso instituidor foi abençoada de Deus.

« As esmolas recebidas desde a instituição até hoje montam a..... 1:169$750 réis, não incluindo algumas joias de pouco valor, que estão reservadas para presentes nupciaes.

« As despezas montam a 878$335 réis, consumidos, na quasi totalidade, na edificação da parte do estabelecimento e na acquisição de roupas e dos moveis mais indispensaveis.

« A Casa possúe ainda um rebanho de ovelhas destinado a dotar as orphãs. Elle compõe-se actualmente de 340 cabeças, e está confiado aos cuidados do Exc.^mo^ Senador Francisco de Paula Pessoa.»

Nessa occasião S. Exc.ª Revd.^ma^ offertou ao estabelecimento todo o producto do chrisma, que foi 183$000, e mais 200$000.»

(66) O canal poupou cousa de uma legoa, mais ou menos, ligando em linha recta os logares *Armazens* ao *Espéra do Negro*; é realmente utilissimo á navegação do rio pelo proveitoso atalho que faz.

—Em 23 de Janeiro de 1870 dita da Cidade de Souza, Provincia da Parahyba. (67)

—Em Janeiro de 1872 dita da povoação de Baixa Verde, Provincia de Pernambuco.

A quem lhe perguntasse como poderia sustentar tantos estabelecimentos pios, elle poderia responder com segurança servindo-se da *divisa* dos religiosos da Ordem de *S. Francisco Pés-Descalços* : *Nihil habemus, omnia possidemus* ; nada possuimos, mas nada nos falta.

Por meio de donativos e esmolas, agenciadas por toda parte, principalmente ou quasi exclusivamente, em seu nome, pelo celebre Irmão Ignacio (68), provia a tudo !

E porque não ser assim si era do Céo, que lhe vinha o auxilio ? Não foi Jesus Christo mesmo quem disse :— « Não accumuleis thesouros, que a ferrugem e os vermes devoram e que os ladrões podem furtar. Pelo contrario, accumulai para o Céo thesouros que estejam ao abrigo da tenha, dos vermes e dos ladrões » ? (69)

Que melhores thesouros podia elle accumular para o Céo ?

Em principios de Agosto de 1862 chegou á esta Capital com o intuito de missionar na Provincia.

Estava então em Soure o respeitavel Sr. D. Luiz, digno Bispo da Diocése, o actual Arcebispo da Bahia, Marquez do Monte Paschoal.

Para lá se dirigio o missionario ; e, obtida a necessaria venia, fez elle logo ahi, de manhã, na Matriz, perante S. Exc.ª Rvd.ma, a sua primeira predica, tomando por thema a virgindade, honestidade e recato da mulher, seu assumpto predilecto.

D'ahi, tocando na Imperatriz, seguio para Sobral, sua terra natal, onde primeiro pretendia abrir missões ;

---

(67) Vide a descripção no *Apostolo* n.º 77 de 6 de Julho de 1888.

(68) Quem quizer ter informações minuciosas desse bom homem, leia os n.os 40, 41 e 42 do *Apostolo* de 6, 8 e 11 de Abril de 1888.

(69) S. Matheus, VI, 19 et 20.

e, principiando-as pela povoação de S. José, passou depois á cidade, demorando-se nove dias.

Concluidas as missões de Sant'Anna e Acaracú em fins de 1863, embarcou com destino ao Recife n'um dos vapores da companhia Pernambucana.

Eu era nesse anno 3.º annista da Faculdade do Recife; e, voltando nessa occasião, depois das ferias, a proseguir nos meus estudos, senti grande prazer quando sube que tinhamos por companheiro de viagem um patricio tão distincto, um varão tão respeitavel, que eu ambicionava conhecer pessoalmente.

Vi-o uma só vez e de relance ao entrar no seu beliche, donde só sahio para desembarcar no Recife, depois de mim.

Foi agradavel a impressão ; muito mais do que a que experimentou a formosa Marqueza de Marialva (Marcia bella) ao ver entrar no seu salão nobre o informe Sylvio Pellico, por cujos escriptos ella avaliava um typo delicadissimo !

Ibiapina era feio, mas não antypathico, antes cheio de doçura, que lhe attrahia irristivel sympathia e respeito.

Tambem o corpo humano, disse Victor Hugo, pode ser considerado somente como uma apparencia, pois occulta nossa realidade, condensando-se sobre nossa luz ou nossa sombra.

O real é a alma.

Fallando em absoluto, nossa cara é uma mascara, e o verdadeiro homem é o que está dentro do homem.

Si se percebesse escondido e abrigado detraz desta illusão, que se chama a carne, isto daria logar á mais de uma sorpreza. O erro commum consiste em tomar o ser exterior pelo ser real.

S. Francisco das Chagas foi o homem mais feio do seu tempo, mas nenhum mais virtuoso do que elle.

Não são privativos das melhores essencias os mais lindos e finos vasos.

XI

Ibiapina teve a rara ventura de ser contemporaneo da posteridade. Em vida poude saber que juizo mereceria dos vindouros, quando em principio de 1876 correo, com visos de verdade, a infausta noticia da sua morte na Casa de Caridade da Baixa Verde, da Provincia de Pernambuco.

Toda a imprensa externou o juizo, que agora eu não faço sinão reproduzir! (70)

> *E' a virtude tão rara, santa e egregia,*
> *Que o devido louvor ninguem lhe nega.*
> *Si é sublime no heróe, mais é n'aquelle*
> *Que da gloria o pregão nem mesmo espera.* (71)

Si elle leu tudo que então se disse a seu respeito, como é bem provavel, poderia dizer, agradecido á tanta prova de superior estima, — *Non omnis moriar*, como disse Horacio: porque, de certo, um homem tal, quando morre, pode-se chama-lo — *morto immortal*, como chamou Castellar a Thiers.

A's 2 horas da tarde do dia 19 de Fevereiro de 1883, sim, exhalou elle verdadeiramente o ultimo suspiro na Casa de Caridade de Santa Fé, nome este por elle posto á essa povoação da freguezia de Bananeiras da Provincia da Parahyba. (72)

Sua morte, si foi um grande allivio aos seus males, não foi menor recompensa ás suas celectas virtudes.

---

(70) O meu está na *Constituição* n.º 14 de 4 de Fevereiro de 1876.

(71) Magalhães cit., *Confederação dos Tamoyos, Cant.* 5, Pag. 156.

(72) Eis o officio do Vigario de Bananeiras, transmittindo a infausta noticia ao Exc.mo e Revd.mo Sr. Bispo de Olinda, D. José, Conde de S. Agostinho:—

« Bananeiras, 23 de Fevereiro de 1883.—Exc.mo e Revd.mo Snr.— Com o coração transido de dôr levo ao alto conhecimento de V. Exc.a Revd.ma, que foi Nosso Senhor servido chamar a Si no dia 19 do corrente o muito inclyto missionario apostolico Padre Dr. José Antonio de Maria Ibiapina, residente nesta parochia.

Habitualmente enfermo, não obstante já contar setenta e oito annos

Benvinda sejas, virgem do infinito,
Anjo consolador
Que a triste foragida creatura
Restitues ao Senhor ! (73)

Em 1876, pregando na Villa do Triumpho, em Pernambuco, foi atacado de uma congestão cerebral, da qual resultou-lhe completa paralyzia das pernas, acompanhada de dôres horriveis.

Esses soffrimentos foram aggravados pela retenção de ourinas *(Ischuria)*, que appressou-lhe os dias amargurados.

Teve a morte do justo, cujos interessantes pormenores uma pessoa fidedigna, cujo nome não estou autorisado a declinar, descreve assim :

« Quando já proximo ao dia de sua morte chamou um Esmoler para fazer uma viagem : e este, pedindo escusa, receioso de não encontrar mais com vida seu pae espiritual, respondeu-lhe o missionario :—Isto não ! Cada qual deve dar conta de si, desempenhando bem o seu dever com pura intenção, só com o fim de agradar a Deus. O que tivermos de fazer hoje para a nossa sal-

---

de idade, prestava relevantissimo serviço á causa de Nossa Santissima Religião, já edificando com o exemplo de suas virtudes heroicas, já pelo santo zelo, de que era felizmente incendido seu bemfazejo coração pela gloria de Deus e salvação das almas.

Instituidor e Director immediato de uma casa de caridade nesta freguezia, como mediatamente de diversas outras na Diocése, deixou um vacuo, que só a Munificencia Divina poderá encher, inspirando a V. Exc.ª Revd.ma os meios de occorrer ás necessidades espirituaes e temporaes mesmo de tantas dezenas de almas reduzidas á orphandade pelo passamento de tão preclaro quão zeloso Director.

Dando á V. Exc.ª Revd.ma a sentidissima noticia da morte do Inclyto Padre Mestre Ibiapina resta-me a consolação de ter-lhe ministrado os soccorros espirituaes, e assistido-o até o seu ultimo momento.

Deus Guarde a V. Exc.ª Revd.ma—Exc.mo e Revd.mo Sr. D. José Pereira da Silva Barros, D. Bispo Diocesano.—Vigario *José Euphrosino de Maria Ramalho.*»

(73) F. Varella cit., Tom. 2.º, *A Morte*. Pag. 112.

vação não devemos deixar para amanhã. Vá, meu filho, si Você souber que eu morri, peça uma esmola pelo amor de Deus, e mande rezar uma missa por minha alma, que eu não tenho com que mande dizer uma missa ; pois o pouco dinheiro que ha não é meu, é das orphãs.

« A's 2 horas da madrugada de 16, disse com voz bem clara : Vejo os Céos abertos ! E sendo interrompido, virou-se para o enfermeiro e perguntou-lhe : Queres ir, Francisco ? Mas, tendo resposta affirmativa, accrescentou-lhe :—Não é tempo ; vác soffrer primeiro.

« A's 2 horas da madrugada de 17, estando como em um extase, e despertando, disse :—Aqui festejam umas pessoas, uma vestida de velbutina branca, outra de côr e outras . . . . Uma testemunha presente, dizendo que elle estava vendo cousas bonitas, elle calou-se, mas depois respondeu lhe :—Como está Você ancioso por saber o que outrem está vendo !

« A's 2 horas da madrugada de 18, perguntando que horas eram, apontou para uma vela branca que estava na mesa e depois para cima, sem dizer palavra ; mas, passados alguns minutos, perguntando de novo que horas eram, disse : Eu quero abençôar a Vocês, e abençôou a todos os presentes.

« O dia 19 amanheceo triste : a desconsolação era geral, vendo-se a pallidez extrema que se pintava no semblante moribundo do missionario !

« A's 6 horas d'amanhã elle olhou para certa altura, ficou possuido de uma alegria extrema, e apontou dizendo :—Maria ! Ali está Maria ! Depois continuou para uma beata presente :— Minha filha, você está vendo Maria ? Tendo resposta negativa, calou-se, mas depois, enchendo-se de novo de alegria, tornou apontando : Lá está Maria ! Minha filha, olhe ! Não vejo meu pae !

« Quando foi 2 horas da tarde rendeu a alma ao Creador ! Nessa occasião ouvio-se um trovão, viram-se alguns relampagos e cahio uma chuvinha ! *Il finit.*»

Contava 77 annos de idade e 30 de vida apostolica.

Faz recordar a visão beatifica que S. Paulo conta ter-se dado comsigo mesmo : « Eu conheço um homem, discipulo de Jesus Christo, que foi arrebatado até o 3.° Céo ; se foi com seu corpo ou sem o seu corpo, não sei, Deus o sabe. O que sei é que elle foi arrebatado ao *Paraizo*, e que ahi ouvio palavras mysteriosas, que não é permittido ao homem relatar ! » (74)

O missionario deixou recommendado que o seu enterro fosse o mais humilde possivel ; mas o povo, toda a população, fez-lhe a maior e mais honrosa solemnidade com o seu pranto copioso, vertido pelo desapparecimento de um monge, que viveu e morreu longe do mundo, das honras, das riquezas e das vaidades !

Si fosse possivel a Bruto, o ultimo dos romanos, morto desastradamente, e disilludido, n'aquella triste noite de Philips, resurgir nesta occasião para ver esse espectaculo desolador, pela morte de um justo, com certeza não diria mais que — *a virtude é um nome vão, uma palavra enganadora !* (75)

Paulino Nogueira.

(74) Epist. aos Corinthios, 11, 4.

(75) Diz o Visconde de Ouguélla, nas *Noites de Insomnia* de C. Castello Branco, Tom. 2, Pag. 61, que essas palavras, attribuidas a Bruto, são apenas uma citação da Medéa de Euripides.

Prefiro ficar com a opinião do grande orador e historiador Emilio Castellar no seu importante estudo — *Juarez e Lincoln.*

DO

INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direcção do Barão de Studart

TOMO XXVII—ANNO XXVII

1913

1.º, 2.º, 3.º E 4.º TRIMESTRES

DEDIMUS PROFECTO GRANDE PATIENTIÆ DOCUMENTUM.

ASSIGNATURA ANNUAL 6$000

FORTALEZA

TYP. MINERVA—Rua Major Facundo, 55, 57

Padre Ibiapina

Traços biographicos encontrados no archivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara e publicados n'A IMPRENSA, de Parahyba.

«Francisco Miguel Pereira, oriundo de uma das principaes familias de Sobral, tinha sido destinado por seus paes para o estado sacerdotal, e nessa intenção distrahiram-no da vida do campo e mandaram-no estudar o latim. Quando, porém, devia seguir para o seminario de Olinda, raptou e desposou-se com d. Thereza Maria de Jesus, joven e virtuosa donzella, tambem de boa familia, mas que, sendo a causa immediata da preterição da ordenação de Francisco Miguel, ficou odiada e desprezada dos sogros. Francisco Miguel, vendo o desgosto de sua querida esposa e não tendo meios de vida em Sobral, porque seus paes lhe negavam os recursos de sua fortuna, mudou-se para a povoação de Ibiapina, cujo nome juntou depois ao seu, e alli residiu alguns annos, ensinando meninos para viver. A Ibiapina era então uma pequena povoação de indios aldeiados pelos jesuitas, situada em terreno fertilissimo em uma ponta ou quebrada da serra Ibiapaba, da qual é diminutivo. Nesta povoação, no meio dos indios da raça Tabajara, nasceu aos 6 de agosto de 1805 (*) o venturoso infante a quem no baptismo deram o nome do glorioso e grande patriarcha, do justo e

---

(*) O Padre José Ibiapina nasceu na fazenda Morro da Jaibara, freguezia de Sobral, a 5 de Agosto de 1806. Lêa-se sua biographia por Paulino Nogueira publicada nesta Revista, anno de 1888 (B. de S.)

casto varão que vio florescer em suas mãos a vara symbolica que lhe deu a escolha de ser o esposo da Virgem que devia permanecer virgem depois do parto, e que teve a venturosa dita de ser servido e obedecido pelo menino Jesus e sua mãe santissima. Sob a protecção desse nome auspicioso e sob a influencia benefica das virtudes christãs de sua boa e carinhosa mãe, que com os beijos da maternidade lhe infiltrava no coração os germens da virtude, formou se a alma do menino José, e sendo embalado e acalentado no berço pelas doces brisas da Ibiapaba, pelo mavioso cantico de suas aves e pelo macio murmurar de suas fontes, apresentou desde o berço predisposições para as virtudes, desinteresse, mansidão e boa indole, que não foram desmentidas pelo correr dos tempos.

Sendo o terceiro filho de Francisco Miguel Pereira Ibiapina e de d. Thereza Maria de Jesus, era ainda muito criança quando seu pae obteve a serventia dos officios de tabellião publico e annexos da cidade do Icó, e para alli mudou-se. Alli começou o menino José a sua carreira litteraria, entrando na escola de primeiras lettras regida pelo celebre mestre José Felippe.

Alli, apesar da adversidade do clima e influencia atmospherica, a sua razão começou a despontar radiante de luz e belleza como a aurora de um bello dia. Alli o pequeno alumno começou a dar provas do seu talento e felizes disposições para a virtude e piedade. Desempenhava com esmero e aptidões todas as obrigações escolares, e nas horas vagas eram os melhores divertimentos ouvir missa e assistir a todos os actos religiosos que se faziam nas igrejas, especialmente na do Senhor Bom Jesus do Bom Fim

Concluido o seu curso de primeiras lettras, entrou no estudo do latim, quando seu pae foi removido no mesmo caracter para a cidade do Crato no anno de 1819. Já então o joven estudante contava quatorze annos, e o gosto de aprender despontava por todos os poros do seu pequeno corpo.

A razão se lhe accendia como um facho que, collo-

cado em uma prisão, faz-se visivel por todas as aberturas da circumferencia.

No Crato, porém, não havia mestre, e o joven estudante teve de interromper sua carreira escolastica; não obstante, elle cultivava com cuidado os exercicios de piedade e devoção, sob os auspicios do Rvdo. Manoel Filippe.

Se lhe faltava, porém, o pabulo que devia alimentar sua razão e accende-la em vulcão benefico, não lhe faltava o grande livro da natureza para cultivar o seu espirito penetrante e desenvolver a sua vasta intelligencia.

O joven estudante tinha sido embalado no berço pelas macias brisas da Ibiapaba, pelo doce sussurro de suas fontes, pelos alegres e innocentes folgares dos indigenas.

No Crato encontrara uma natureza vivida e uma verdura perpetua, uma primavera constante. As auras do Araripe lhe sorriam docemente, trazendo-lhe á memoria as brisas da patria natal. As cascatas perenes do Batateiras, as limpidas e murmurantes aguas do Grangeiro, a deliciosa frescura das ingaseiras que lhe bordam as margens, o continuo desafio dos sanhássús, dos cabeças vermelhas, dos canarios e patativas que se trava sobre a frondosa copa dessas arvores de eterna verdura, a variedade constante de flores e fructos em qualquer estação do anno, eram outros tantos estimulos que lhe arroubavam sua alma de poeta e a extasiavam em compridas meditações; estas imagens lhe ficaram gravadas no fundo do coração, de sorte que ainda hoje, nos seus mais bellos arroubos de oratoria, elle descreve paineis só semelhantes ás doces paysagens desse bello Cariry Novo.

Quasi dois annos se passaram nestas doces contemplações, neste scismar indefinido, até que nos fins do anno de 1820 o joven estudante foi continuar nos estudos de latim na villa do Jardim com o celebre latinista daquelles tempos, Joaquim Theotonio Sobreira de Mello, sempre favorecido pelas mesmas auras, pela mesma natureza, pela mesma presença de uma primavera continua e inalteravel.

Dalli passou para a cidade da Fortaleza e retocando seus estudos seguiu em 1823 para o seminario de Olinda. Não encontrando, porém, naquelle templo da virtude e das sciencias a moralidade e religiosidade que esperava, demorou-se pouco tempo e passou-se para o convento da Madre de Deus. Alli no estudo de philosophia e na continuação de outros principiados no Seminario demorou-se até 1825.

A sua estrella, porém, que até então tinha fulgurado placida e regularmente, cambiando uma luz doce e suave como a estrella da alva em uma manhã serena e bella, tinha-se empallidecido e eclipsado. Nuvens negras e borrascosas, carregadas de electricidade, se tinham agglomerado no horizonte politico do norte do Brasil; os elementos travaram lucta; desferiram-se raios, e um delles cahiu em casa do jovem congregado José Antonio Pereira Ibiapina, conhecido pelo diminutivo de Pereirinha, trazido da escola do Jardim, em razão dos outros Pereiras, seus condiscipulos de mais corpolencia.

Seu pae, complicado na manifestação politica de 1824, por ter jurado a Republica do Equador, tinha cahido victima da commissão militar presidida por Conrado na cidade da Fortaleza. Seu irmão mais velho, Alexandre Raymundo Pereira Ibiapina, tinha sido encarcerado no presidio da ilha de Fernando, onde morreu em lucta com os ondas Os bens da casa paterna eram sequestrados para solução de uma fiança; tinha, pois, a familia cahido em pobreza e orphandade. Viu se, pois, o jovem Pereirinha no rigoroso dever de abandonar os estudos, adiar suas nobres aspirações e tomar a direcção da familia, que se compunha de sua mãe, tres irmãs e um irmão menor. Como chefe da familia foi-lhe mistér ir a Maranhão arranjar negocios da casa; e de volta desta viagem transferiu toda a familia para Pernambuco.

Chegando de novo em Pernambuco, achou o convento da Madre de Deus em abandono; viu se, pois, na precisão de proseguir nos seus estudos no seminario, morando no convento de S Bento.

Dahi foi transferido para o seminario pelo bispo D.

Thomaz de Noronha, que, a pedido que lhe fez na hora da morte um padre da Madre de Deus, pretendeu habilital-o para o sacerdocio.

No entanto, estabeleceu-se o curso juridico de Olinda.

Era o jovem Pereirinha um dos estudantes mais bem preparados para encetar o curso das sciencias, que se bebiam naquelle templo de sabedoria.

Instigado, pois, pelo ardente desejo de saber e illustrar o seu espirito, entrou com outros nesta lucta gloriosa.

Encontrando serias difficuldades nesta empresa, em razão de sua pobreza, esteve a ponto de abandonal-a; mas animado e auxiliado pelos companheiros, proseguiu no curso e no anno de 1832 obteve a carta de bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela Academia de Pernambuco.

Nesse mesmo anno foi nomeado lente substituto dessa mesma faculdade. Foi eleito 1.° deputado á Assembléa Geral pela sua Provincia no anno seguinte, Chefe de Policia e Juiz de Direito da comarca de Santo Antonio de Quixeramobim.

A sua estrella, que se tinha eclipsado com as luctuosas tempestades politicas de 1824, reapparecera brilhante e radiosa, promettendo bonança e fertilidade.

Um titulo pomposo e um emprego prestigioso e uma commissão importante punham ao jovem dr. Ibiapina em contacto com as grandes e principaes notabilidades do Imperio. Os seus conhecimentos das lettras humanas e seu talento portentoso, a sua facil dialectica, a sua dicção florida e poetica, eram accessorios que lhe abriam vasto horizonte na representação nacional, a par dos Andradas, dos Calmons, dos Montezumas.

O seu amor proprio chegou a persuadir-se e a nutrir-se dessas idéas de grandezas, de gloria e posições sociaes que afagam a mocidade; o futuro lhe sorriu cheio de seductoras esperanças; elle creu e tomou assento na Camara dos Deputados no anno de 1834. A sua missão, porém, era mais nobre.

O seu espirito forte em suas concepções aspirava attingir ao seu alto destino; a sua alma educada nas ver-

dades eternas via além horizontes mais vastos, delicias immutaveis, gozo perene, felicidade perduravel; a sua consciencia o acusava no silencio da noite, na ausencia dos convivas, e uma voz secreta lhe dizia incessantemente: *Esse caminho vae errado; o nosso destino é outro, procuremol-o.*

Neste choque continuo do espirito contra a materia, da religião contra a politica, da virtude contra o vicio, o nosso dr. Ibiapina estacava, vacillava e quando queria retroceder, o mundo lhe bradava forte: *Vamos, a gloria vos espera.*

Mas onde está essa gloria? dizia elle entre si. Desde o Chefe da Nação até o ultimo dos magistrados não vejo senão fingimentos, mentiras, e traições. A gloria, pois, não se encontra por este caminho. Mas, qual será o caminho da gloria? O seu espirito enfraquecido não tinha liberdade para lh'o apontar. Elle vacillava ainda e dizia: *Cumpramos o nosso dever.*

A gangrena, porém, que fere de morte a nossa sociedade já ia fazendo victimas Todas as paixões se tinham feito acceitaveis em politica, o vicio era igual á virtude, o patriotismo ao egoismo, a probidade á hypocrisia, e só se distinguiam os individuos pela força de suas bajulações e maior servilismo.

O dr. Ibiapina, que prestava culto á verdade, á probidade e á justiça, sahiu da Côrte desgostoso em fins de 1834 em procura de sua Comarca, onde pretendia viver retirado do grande bulicio do mundo, a quem já temia.

Chegando á sua comarca, tratou de desempenhar os seus deveres de magistrado. Abriu a sessão do jury e novos escandalos se lhe apresentaram.

Alem das pretenções exageradas que teve de combater, deu-se um acto que muito o impressionou.

Um individuo tinha sido arrancado da cadeia publica da villa do Tauá e assassinado cruelmente no meio das ruas mais publicas da villa; instaurou-se o processo e não houve criminoso; as testemunhas confessaram o

crime, mas não o criminoso! A' vista, pois, da grande desmoralisação que lavrava nas classes mais elevadas da sociedade, resolveu o dr. Ibiapina deixar a vida publica e estabelecer-se na modesta profissão de Advogado. Voltando, portanto, á Assembléa Geral em 1835, pediu e obteve a demissão do lugar de Juiz de Direito; e concluidos os trabalhos legislativos, voltou a Pernambuco e estabeleceu banca de advogado na cidade do Recife.

Estabelecida a sua banca e reconhecida a sua capacidade juridica e probidade individual, foi logo convidado para a cidade do Brejo de Areia, da provincia da Parahyba do Norte, a tratar de negocios de uma casa importante daquella cidade. Alli esteve tres annos occupado com os negocios dessa casa e muitos outros que lhe foram apparecendo. Dalli começou a estender se o seu credito como advogado, e algumas defesas produzidas no jury, que correm impressas, eram procuradas, lidas com gosto e admiradas.

Concluidos os seus trabalhos na cidade de Areia, voltou ao Recife, onde occupou-se na profissão de advogado até 1850.

O credito que conquistou de grande advogado não só pela vastidão de seus conhecimentos profissionaes, como pela certesa de sua probidade inconcussa, as vantagens que auferia, a independencia, que mais que tudo prezava, de sua nobre e modesta profissão, seriam titulos de gloria e invejavel felicidade para os espiritos vãos mas não para o nosso doutor. Elle olhava para o céo e consultando o povo não encontrava uma tangente que tocasse a morada eterna dos bemaventurados A sua alma desejava ardentemente conversar assás com Deus e se pendia para a solidão.

Retirou-se, pois, do mundo no anno de 1850 e procurou a solidão que sua alma desejava com tanto empenho.

A solidão é o templo da sabedoria, o santuario do espirito, o palladium da virtude, a pedra de toque das almas puras, a medida de aferir os costumes. Na solidão esquecemos o mundo e o mundo nos esquece; fallamos a Deus e Deus se nos revela amorosamente Se olhamos

para o céo durante o dia, vemos a Deus creador e regulador do mundo como que dando vida e movimento ás suas creaturas e dizendo: *Andae e obrae*

Se olhamos durante a noite, vemos a Deus como que descansando no seio da natureza, alumiado de milhões de tochas, dizendo: *Descansae e meditae.*

Se subimos o monte, vemos o seu nome esculpido nas pedras, nos troncos e nas flores das arvores, e as brisas nos cochicham ao ouvido, dizendo: *Louvemos a Deus*—e os echos repetem os nossos hymnos.

Se descemos aos prados, vemo-Lo no tapiz das varseas, no avelludado das flores, no aroma delicioso que respiramos—e a limpida corrente nos murmura, dizendo: *Só Deus é bom.*

Se encaramos o mar, vemos o seu poder e immensidade! Sim, não ha solidão que nos traga ao conhecimento o poder e a grandeza de Deus como o oceano. A sua immensidade, a continua ebulição de suas ondas, ora ennovelando-se e elevando-se como montanhas, ora descahindo e quebrando em vagalhões contra os rochedos; ora marulhando placidas e dormentes, quebram-se docemente nas praias e vão beijar a humilde areia; ora supportando grossas armadas; ora brincando com o fragil barco, como as crianças brincam com os leves papagaios de papelão; ora encapellando-se furiosas e engulindo os viventes que se aventuram á sua inconstancia;—são outras tantas linguas que nos dizem: *Só Deus é grande.*

Se olhamos ao horizonte, ao despertar do somno, vemos a aurora tinta de rubor, como que envergonhada de ver entes tão descridos que naquella hora solemne não ajuntam o seu cantico de louvor ao de tantos milhões de viventes e menos favorecidos que nós.

Se entramos em nós, vemos interiormente um ente insaciavel por outro ente que lhe serve de centro e que não se acha em nós nem em roda de nós:—sentimos um vacuo tão profundo, que todas as honras, todas as riquezas, todas as dignidades, não podem arrasar, um desejo incessante de gosar, uma propensão forte para amar a

alguem que não vemos nem podemos tocar com os sentidos, entretanto que uma voz interior nos diz: *Existe*.

O dr. Ibiapina, que nas grandezas, nas honras e nas prosperidades do seculo, sentia o seu coração vasio de um objecto a quem amasse, logo que respirou o ar puro da solidão, sentiu se outro homem. Levantou seu pensamento além do espaço, e foi encontrar a Deus.—Lançou a vista sobre a vastidão dos mares, e viu a Deus Escutou o murmurar das ondas, o sibillar dos ventos, o gorgear das aves, e ouviu Deus. Provou os fructos, apalpou os corpos que o cercavam, pisou sobre as flores, sobre as areias, e em toda a parte encontrou a sabedoria, a providencia de Deus.

O seu espirito, inebriado de prazer celeste, exultava; a sua alma, encontrando em Deus o ente que procurava, como que rejuvenesceu. Os sentimentos, as idéas, que lhe affagavam a infancia, reappareceram e tomaram vulto. E um grande pendor para a piedade acabou por decidil-o á escolha de uma vida toda contemplativa e solitaria.

Estudando, pois, e aprofundando se nas virtudes da humildade e pobreza voluntaria, cultivando os exercicios de piedade, roborando se com a frequencia dos sacramentos, passou tres annos na solidão; até que, purificada a sua alma e repartidos os seus bens, recebeu, aos 3 de julho de 1853, pelas mãos do seu prelado, d. João da Purificação Marques Perdigão, o sacro Presbyterato.

Investido do caracter sacerdotal e preenchidos os seus sonhos da infancia alimentados depois na solidão, dedicou-se o P.e Ibiapina á carreira das missões, para a qual tinha grande vocação e na qual a sua eloquencia e habilidade oratoria lhe asseguravam grandes fructos e vantagens espirituaes, fim que levou em mente quando sem o pensar lhe offereceram entrada na milicia ecclesiastica. Sim, elle desejava ser util á humanidade e, tendo perdido a melhor parte de sua vida no seculo, queria reparar essa falta, sacrificando-se pelo bem espiritual dos seus compatriotas.

Devendo á protecção da Santissima Virgem a sua

feliz mudança, trocou o appellido de Pereira pelo de Maria, assignando-se desde então por P.e José Antonio de Maria Ibiapina.

Cheio de vida, contava 48 annos de idade, cheio de gosto e dedicação e bons desejos por ter achado afinal uma carreira que preenchia suas mais intimas aspirações, no fim da qual estava com os braços abertos o Supremo Ente que sua alma desejava e que já começara a amar, entregou-se com todas as forças á carreira apostolica, instruindo com a palavra, reprimindo no confissionario os abusos, os máos costumes, absolvendo os peccados, curando com o balsamo santo da penitencia as chagas cancerosas e edificando a todos pela pratica das mais solidas virtudes.

A humildade, a caridade, o amor de Deus, emfim, com relação ao proximo, dimanavam de suas palavras e de seus actos, como as aguas crystallinas que dimanam da fonte da vida; como essas aguas purissimas que distilla a fonte do Caldas, de que Deus se tem servido para tantas e tão grandes maravilhas!

Desejando que as suas boas obras lhe sobrevivessem, não se satisfazia com as repetidas conversões, com a reforma dos costumes que se seguia ás suas missões; tratou de associar as obras moraes e espirituaes ás materiaes, como igrejas, cemiterios e açudes, não para que lembrassem o seu nome ás gerações futuras, mas para que chegassem até ellas os seus beneficios.

A sua carreira, porém, foi interrompida pelo sr. Bispo Diocesano, o mesmo sr. d. João, que o obrigou sob pena de desobediencia a acceitar os empregos de vigario geral do Bispado e lente de eloquencia sagrada do seminario de Olinda.

Esteve, pois, nos exercicios destes empregos, pelos quaes não tinha gosto e só servia por obediencia, dois annos, que, se foram perdidos para a humanidade e para o Estado, não o foram para o novo Apostolo, pois, nelles provou não só sua humildade e inteira submissão a Deus na pessoa de seu representante, como a verdade deste axioma:—*Nihil potentius homine orante.* Sim, em-

quanto a sua humildade o fazia estacionario e inactivo e lhe tolhia o prazer de bemfazer á humanidade, as suas orações eram mais fervorosas, as suas vigilias eram constantes, a sua penitencia não interrompida.

Deus, que se apraz em ceder, em modificar-se, em prestar ouvido á oração do justo, ouviu os gemidos que do intimo do coração de seu servo sahiam, não traduzidos em palavras, porque elle apenas dizia: *Façã-se, Senhor, a vossa e não a minha vontade*, mas que mudamente lhe pedia auxilio para dar-se inteira e irrevogavelmente ao serviço da humanidade e á tarefa difficil da conversão de tantas almas desvairadas talvez por falta de uma voz que lhes ensine o caminho da salvação; de arrebanhar tantas ovelhas dispersas dos seus apriscos, por falta ás vezes de quem as leve pela mão, ou as carregue aos hombros quando estacam no cabresto.

Sim, Deus ouviu as suas supplicas; o sr. Bispo, por especial favor, o desonerou dos dois empregos que lhe tolhiam o passo dando lhe inteira liberdade e munindo o de faculdades para recomeçar a sua carreira interrompida.

Livre, pois, das peias que lhe privavam suas mais santas aspirações, deu infinitas graças a Deus, pedindo-lhe o seu auxilio, e, prevenido de faculdades episcopaes indispensaveis, entrou com grande fervor na vida apostolica, entregando se com todo esmero e assiduidade ao ministerio da palavra e do confissionario e á edificação de obras uteis á humanidade, com grande proveito da sociedade, da Religião e do Estado, quando em 1860 lembrou-se de emprehender outras obras de maior alcance e indispensaveis á caridade evangelica de que estava já cheio o seu pio coração.

Já tinha o novo missionario apostolico feito até 1860 grandes conquistas em favor da Religião, do Estado, da moral e bons costumes, da paz e harmonia da sociedade; já tinha obrado grandes conversões e chamado muitas almas para Deus; mas a caridade para com os infelizes estava muito aquem do que desejava o seu caridoso coração. Elle tinha entrado no amago da nova sociedade;

tinha visto em todas as suas phases, em toda sua hediondez, a miseria em que se debatem as classes menos favorecidas da fortuna. Elle tinha visto milhares de infelizes orphãos arrastando os andrajos da miseria, a tiritar de frio e de fome, que embrutecidos pela falta de alimento espiritual; aviltados e esquecidos no meio da sociedade, acabam por se lançarem na mais negra e vergonhosa prostituição, em prejuiso da moral, da Religião e do Estado Jovens donzellas, que, apesar de terem no coração a semente da virtude e o conhecimento de Deus, abandonadas ás suas proprias forças e expostas ás vicissitudes da sorte, cahem victimas de sua fragilidade nas unhas de um perverso desalmado que lhes estende traiçoeira mão! Tantas mulheres infelizes que desejando mudar de vida, reformar os costumes e fazer penitencia dos seus peccados, não o podem conseguir, por lhes faltar um asylo, um logar abrigado do contacto do vicio, onde possam em segurança levantar seus olhos ao céo e entregar-se ás praticas de penitencia sob a direcção de boas mestras!

Tantos recemnascidos, cujas mães, para occultar o seu crime, os lançam desnaturadamente nas esquinas das ruas, nos fundos dos quintaes e muitas vezes até nos poços e nos rios!

Tantos invalidos, emfim, a quem a idade ou as molestias privaram do uso das forças para ganharem o pão de cada dia, que desfallecem pelos alpendres dos ricos!

O seu piedoso coração sentia a repetição de tantas miserias e se partia de dor.

Doutra parte, elle sabia por experiencia que a protecção de Deus e de Maria Santissima não lhe tinha faltado para a consecução de obras de interesse secundario; sempre o tinham assistido e coadjuvado toda a vez que os invocava em suas empresas; e por que havia de duvidar de sua protecção nas novas empresas de primeira necessidade? Já conhecia o poder mysterioso de sua palavra; já tinha falado ao povo em crises difficeis de resolvêr, e o effeito seguia se á palavra. Por que duvidar? Seria expor-se a vêr, mas não tocar a terra da promissão como Moysés.

Tomando, pois, por protectores da nova empresa os sacratissimos Corações de Jesus e de Maria, entrou em acção. Se a sua fé era grande, a sua espectativa não foi menor, quando viu a facilidade e promptidão com que se levantava uma casa; em que logares? onde os recursos da vida eram mais difficeis; onde havia menos probabilidade e mais obstaculos a vencer.

A' sua voz parecia que se levantavam as pedras, se abatiam as arvores e se punham em seus pontos, tanta era a facilidade e promptidão com que se moviam e se acommodavam.

Concluido o primeiro edificio de caridade e combinada a importancia do mesmo com as forças e recursos da localidade e o tempo empregado, entrou no verdadeiro conhecimento de que Deus e sua Santissima Mãe, a cujos piedosos corações entregara a nova empresa, a protegiam decididamente; mas ainda havia uma e talvez maior difficuldade a vencer. Foi facil agglomerar e collocar tantas peças de materia e fazer dellas um asylo ás orphans; estavam promptos de sobejo os enfermos; os invalidos reclamavam pela sua admissão; mas a cabeça e pensamento que devia reger este novo corpo, esta nova sociedade, onde achal-o? Uma mulher de espirito adeantado no temor e amor de Deus não é difficil encontrar entre as mulheres do centro. Mas que a essas virtudes reuna a precisa instrucção e força de vontade para dirigir o pensamento e estabelecer uma base de educação regular, é difficilimo. Essa mesma difficuldade desappareceu; a casa installou se e começou a funccionar regular e satisfatoriamente. A facilidade com que se houve na primeira de suas empresas de caridade animou-o a emprehender outras, e debaixo dos auspicios dos mesmos protectores tem feito prodigios. E' maravilhoso vêl-o lançando os fundamentos de uma casa que deve acommodar talvez cem pessoas, sem ter de seu um real, e se alguem lhe objecta com a deficiencia de meios, a sua resposta é sempre esta: *Não falta nada, assim tem acontecido.* O tempo está escasso; o povo está ameaçado a morrer de fome; os ricos achamse em difficuldades; os poucos viveres que apparecem,

estão por preços fabulosos; mas é necessario edificar uma casa; *não falta nada*, diz elle.

O povo, que já conhece, concorre para o pé da obra; são alimentados todos os pobres que apparecem; a obra marcha rapidamente.

Agora o insigne apostolo via em pratica o que antes via em suas contemplações, e foi como um facho sagrado que ateou em seu coração a fé, a esperança e a caridade, que ficou sendo seu phanal. Sahiu o novo apostolo como um S. Vicente de Paulo com o sublime dom de converter almas e instituir a caridade no Brasil; sahiu como o Jesuita, levando na mão a larga bandeira de Jesus, que é a Cruz, para arvoral-a ao estampido das mais crueis contradicções, para ser reconhecido na terra e ser coroado no céo. Que gloria e ventura não era a sua, ser por todos reconhecido da Companhia de Jesus, não só por um constante bem obrar, como por crueis padecimentos, sem queixar-se, antes continuando a fazer bem a quem o guerreia

Ahi estão por modelo os virtuosos jesuitas, a sublime instituição de S. Vicente de Paulo nas Irmãs da Caridade, essas sublimes mulheres que por toda parte soffrem e sem causa pedem novos maiores soffrimentos, para corresponderem á sua sublime instituição de irmãs de Caridade, que quer dizer que professa o amor de Deus e do proximo com Jesus a frente, por seu modelo, a quem querem amar com provas dolorosas e nunca ininterrompidas por descanso ou covardia.

Na semelhança do homem bom e fiel a seu senhor, tinha um thesouro escondido, mas não para si, porque era livre de interesse proprio, mas que, recebendo em chammas de amor divino, repartira prodigamente a todos que fosse preciso, sem exceptuar sexo, estado, condição ou idade. Quem poderá descrever todas as particularidades dos dons do coração do nosso santo apostolo P.e Ibiapina?

Um coração angelico, puro, simples, casto, humilde,

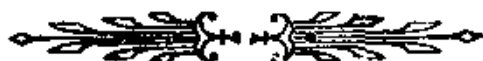
desinteressado, bemfazejo e tão dedicado ao amor de Deus e do proximo, que era abrigo seguro da orphandade, remediador dos infelizes, consolador dos afflictos, internecido das miserias humanas. Eu creio que isto lhe vinha do grande amor que tinha á Nossa Senhora e a Senhora Santa Anna, sua especial protectora».

A solicitude do Rmo. Conego José Paulino Duarte, rebuscando o poento archivo de Santa Fé, salvou do esquecimento estas notas, aliás incompletas, sobre a vida do conhecido missionario Padre Ibiapina.

Collegindo outros apontamentos existentes, promette-nos S. Revma. enviar-nos dados mais completos que aproveitem aos competentes para a organisação da biographia do notavel sacerdote que tão soberana e benefica influencia exerceu nesta parte do norte do Brasil. Tem grande contentamento *A Imprensa* em poder publicar estas preciosas notas, de autor desconhecido, porque entende prestar assim diminuta porem sincera homenagem á memoria immortal de um sacerdote, que extraordinarios e maravilhosos beneficios prestou á gente de nossos sertões.

Sabemos que ha ainda muitos passos importantes da vida do benemerito varão que não estão mencionados no trabalho cuja publicação agora concluimos; rogamos por isso ás pessôas competentes que nos queiram enviar outras notas que possuam a respeito do Padre Ibiapina.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direcção do Barão de Studart

TOMO XXVIII—ANNO XXVIII

1914

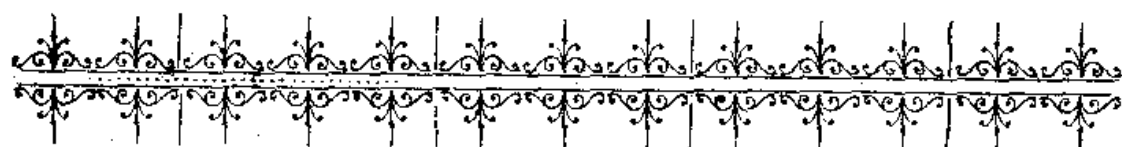
1.º, 2.º, 3.º E 4.º TRIMESTRES

DEDIMUS PROFECTO GRANDE
PATIENTIÆ DOCUMENTUM.

ASSIGNATURA ANNUAL 6$000

FORTALEZA

Typ. Minerva, de ASSIS BEZERRA—55, Rua Major Facundo, 57

1914

PADRE IBIAPINA

(D'*A Imprensa,* de Parahyba)

Traços biographicos encontrados no archivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara.

Mais alguns dados biographicos do venerando Padre Ibiapina, copiados das chronicas da Casa de Caridade de Santa Fé, vamos publicar agora graças á solicitude do nosso illustre amigo Conego José Paulino Duarte, que no-los enviou. Julgamos dever conservar a integridade dessas narrativas, por não lhes diminuir o interesse historico; protestamos, porem, não lhes attribuir mais que autoridade humana.

. . . .

«Em março do anno de 1862, foi chamado para missionar na cidade de Areia, e presenciando alli a scena horrorosa e devastadora do colera, a pobreza morrendo á mingua e no maior abandono a reclamar soccorro, o seu coração tomou a primeira parte, e declarou do pulpito a inspiração que teve de fazer alli um hospital; e o fez com grande rapidez, embora lhe custasse muitas difficuldades.

—Mas que importa? A bandeira de Jesus há de ser arvorada com o estampido de crueis contradicções; a sua missão é de Jesus; o reino do ceu que aspira, o homem só conquista sendo provado como o ouro no chrysol. Elle, como valente e dextro general, já sabe bem como se manejam as armas.

Concluindo o hospital, encheu-se de doentes, e começou a funccionar com boa regularidade debaixo da protecção dos sagrados Corações de Jesus e de Maria, a quem deixou entregue.

Foi prégar em Alagoa Grande, e ahi fez um cemiterio. Dahi seguiu para a cidade de Campina Grande, onde prégou e trabalhou na igreja.

Foi chamado para prégar na villa de Alagoa Nova e achando alli a pobreza enferma em abandono, fallou ao povo sobre a vantagem de fazer-se alli um hospital para refrigerio dos pobres enfermos, que viviam desprezados dos humanos. Pôs mãos á obra e concluiu-a com commodos para enfermos de ambos os sexos, tendo por enfermeiras almas piedosas que elle attraía das vaidades do seculo para o caminho da virtude.

Foi chamado para prégar na cidade do Assú, onde fez grandes colheitas com proveitos maravilhosos, sendo o mais notavel a conversão do Irmão Ignacio, que desde logo se dedicou á caridade, e hoje é esmoler geral das casas de Caridade.

O nosso virtuoso Missionario, achando o logar proprio e conveniente, instituiu uma casa de Caridade, que deixou em boa posição e bem dirigida. Foi missionar na villa de Santa Luzia, onde houve muitas conversões e instituiu uma casa de Caridade, que deixou na mesma circumstancia.

No anno de 1864, foi chamado para prégar na villa do Acary, achando grande vantagem e proveitos espirituaes, o que deu logar o estabelecer tambem alli uma casa de Caridade, a qual foi installada a 15 de agosto do mesmo anno. Mas logo no dia da installação elle disse: «Estabeleço aqui esta casa, mas ella não há de permanecer»; o que já se cumpriu.

No fim do mesmo anno, o nosso solicito Apostolo sahiu pressuroso, subindo montes e descendo valles, atravessando bosques escuros, na figura do Bom Pastor, a arrebanhar as ovelhas desgarradas. Ultrapassa a diocese de Pernambuco e entra a do Ceará, sua provincia. Quem poderá descrever com vivas côres os sen-

timentos de amor de Deus e do proximo com que elle appareceu! Não tinha em vista os applausos dos seus patricios, mas ainda não leva em conta os elogios que de todos recebe. O reino de Deus lhe basta. Com effeito, quem poderia conhecer ou explicar os effeitos maravilhosos do amor de Deus em seu coração fiel ás divinas inspirações? E' melhor senti-lo que dizê-lo; é melhor praticá-lo que senti-lo, quanto não fez o amor de Deus, vivo, solido e constante em sua alma já enamorada das bellezas, das bondades de seu Deus, e possuida do ardor de sua caridade santa. Ella faz tudo para agradar-lhe; soffre tudo por seu amor; deseja a Deus todo bem que Elle possue; quereria que todos os corações fossem de seraphins para O amar e a todos convida ao seu amor; ella ardia em fogo do amor de Deus em Deus e por Deus; ella não pertence a si propria; procura, acha, vê por toda a parte o seu Deus.

Seu prazer, sua felicidade neste mundo é soffrer, destruir-se, anniquilar-se e morrer a tudo que é sensivel, afim de ganhar os sagrados Corações de Jesus e de Maria, cujas immagens levava em sua companhia de missão.

Chegando á villa de Missão Velha, abriu missão, que foi logo seguida de muitos proveitos espirituaes e notavel conversão. Mas como o seu fanal era a caridade e sabendo que o colera tinha devastado os arrabaldes daquelle logar, olhou com ternura de mãe carinhosa a orphandade desamparada; o seu coração condoeu-se, e prégou com todo enthusiasmo a inspiração que teve de fazer alli um asylo para abrigar os innocentes orphanzinhos que gemiam, chorando de fome, de nudez, e expostos ao triste revez do infortunio. Fallou tão alto sobre o sublime da caridade que enterneceu até os mais duros corações. Convidou o povo para fazer alli a nova empresa, explicou os seus misteres, deu as direcções necessarias e á palavra seguiram-se effeitos rapidos e maravilhosos. O povo, encantado das sublimes virtudes e dos progressos que continuamente fazia o virtuoso Apostolo, trazia-lhe esmolas de

todo o genero, para effectuar-se o edificio que subia rapidamente; de sorte que no dia 2 de fevereiro de 1865 installou-se a primeira casa de Caridade do Cariry Novo, com grande festividade, e abundante de todo o necessario para a sua sustentação, tendo por patrimonio os sagrados Corações de Jesus e de Maria e os corações dos fieis.

O edificio ficou elegante, com todos os commodos necessarios para as orphans; hospital para os doentes internos e externos; uma roda para expostos; um jardim de flores, no meio do qual uma cisterna d'agua permanente; um salão destinado para educandas externas. O pessoal interno compunha-se de Superiora, Vice-Superiora, Mestra, Enfermeira, Despenseira e Cozinheira. Pessoal externo: Regente, Capellão, Tesoureiro, Procurador e muitos membros do Conselho.

Estando a machina em bom movimento, o nosso fervoroso Missionario despede-se das orphans, diz adeus ás suas filhas espirituaes, ás Irmãs de Caridade, e sae evangelizando aqui, alli, acolá. E visitou as casas de Caridade de Santa Luzia e Assú.

Em fevereiro do anno de 1866 chegou a villa de Alagoa Nova, ahi fazendo os exercicios da semana santa, findo o que foi visitar a santa casa de Caridade na cidade de Areia. Encontrando lá a D. Candida, mulher do Capm. Cunha, que lhe tinha dado a propriedade de Santa Fé, ordenou-lhe que fosse preparar a casa, que já estava feita, para se installar, e deu-lhe para esse fim três irmãs de caridade.

No dia 1.º de maio estava tudo preparado, em boa ordem. O nosso santo Apostolo, depois de celebrar o santo sacrificio da missa, subiu ao pulpito, apresentou-se ao grande auditorio que se achava na frente da Santa Casa, e orou com os impulsos do amor de Deus em que sua alma estava extasiada, por ter a ventura de dar á Santa Virgem mais uma perola para honrar o seu celeste throno. Falou sobre a caridade e suas vantagens e, deixando esta materia, disse com sublimidade: «Resplandeça o sol, brilhem as estrellas e cantem os

passarinhos». A estas palavras, os passarinhos das arvores proximas esvoaçaram e fizeram uma melodia tão alegre e encantadora, que surprehendeu a todo o auditorio, vendo naquella maravilha a grande santidade do Apostolo da Caridade, o Padre Ibiàpina. Depois dessa scena houve um banquete para as orphãs, a quem elle serviu e mais três padres que assistiram á festa. No dia seguinte deu todas as direcções para o bom regulamento da casa, ficando a Sra. D. Candida por superiora e irmã de Caridade.

Seguiu para a povoação de Pocinhos, onde fez e installou outra casa de Caridade.

Foi para a povoação de Pombas e acabou de fazer uma casa que já havia começado; os proprietarios desse logar eram ricos e tinham muito gosto e influencia na sua edificação, e concorreram com avultadas esmolas, de sorte que sendo esta casa uma das maiores casas de Caridade, ficou em melhor posição.

Foi o nosso fervoroso Missionario prégar na cidade de Bezerros, onde aproveitou muito e deu principio a uma casa de Caridade, a qual por justo motivo não poude acabar; mas deixou isto aos cuidados dos rvmos. Padres Trajano e Seabra, que eram muito empenhados pela sua construcção.

No fim de maio de 1868, appareceu de surpresa na villa de Missão Velha, indo logo visitar a Caridade; foi recebido com grande enthusiasmo, com repiques de sino, fógos do ar, seguido pela musica.

Emquanto elle fez oração, as orphans cantavam o hymno *Veni Creator*, findo o qual o extremoso Pae abençoou a todas as suas filhas com grande regosijo e sahiu visitando todas as repartições, exprimindo a consolação que sentia por ter achado a casa em boa ordem e as orphans adiantadas em pouco tempo. Fazia-se alli o santo mês Mariano com muito fervor, sendo cantado maviosamente pelas orphans que já tinham principio de musica e se preparavam para cantar a

missa com solemnidade no dia da consagração que estava marcado para três orphans receberem o sacramento do matrimonio. Foi com effeito uma grande festa.

A mestra de letra, chegando-se a elle, disse-lhe que ainda não tinha ouvido missões. Pois, hás de ouvir agora, disse elle, porquanto vou prégar aqui outra vez. No dia marcado, levantou-se o pulpito na frente da Caridade, e o fervoroso Missionario subiu animado com a luz da graça e o dom da palavra de converter os peccadores por mais obstinados que fossem, de reformar os costumes e adiantar na virtude. Elle sabia empregar todo geito e tino conforme as circumstancias de cada um. Foi então que tive a fortuna de ver a doutrina e os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo bem explicados, com exemplos, e estas palavras:— «Quem tiver olhos de ver, que veja; quem tiver ouvidos de ouvir, que ouça; quem tiver alma de salvar, que aproveite».

A eternidade era sua arma certeira, com que feria mais os corações. E por que razão? Porque um quadro da eternidade, que elle viu no ceu deu logar á sua conversão. Elle citou-o da maneira seguinte:— Um homem que vivia envolvido na massa do mundo viu no ceu um globo em que estava escripta com letras grandes esta palavra—*Eternidade!*—E com caracteres tão significativos que, se elle não soubesse ler, conheceria que aquelle nome queria dizer—eternidade!

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direcção do Barão de Studart

TOMO XXIX—ANNO XXIX

1.°, 2.°, 3.° E 4.° TRIMESTRES

DEDIMUS PROFECTO GRANDE
PATIENTIÆ DOCUMENTUM.

ASSIGNATURA ANNUAL 6$000

FORTALEZA

Typ. Minerva, de ASSIS BEZERRA—55, Rua Major Facundo, 57

1915

Padre Ibiapina

Traços biographicos encontrados no archivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara.

(D'*A Imprensa*, de Parahyba)

Continuamos hoje a publicação dos dados biographicos do venerando e apostolico padre Ibiapina, copiados das chronicas da Casa de Caridade de Santa Fé, importante trabalho que mais uma vês reencetamos, graças ao favor e solicitude dos nossos illustres amigos conegos José Paulino e Leão Fernandez. Por não diminuir o interesse historico dessas narrativas, procuramos lhes conservar, quanto possivel, a integridade, protestando tambem, desta vês ainda, não lhes attribuir sinão a auctoridade meramente humana que têm.

Suspendemos esta publicação quando a narrativa nos apresentava o biographado missionario do povo na villa de Barbalha, Ceará, convertendo a gente dessa terra rebelde e intrigante, á custa de penas materiaes duras e severas.

Recomeçam as chronicas:

—Duas obras começaram ao mesmo tempo: a da Matriz e a do cemiterio dos cholericos: a primeira, feita a tijolo e cal, de que já se tinha prevenido o rvmo. Vigario, pelos mestres; e a segunda, de pedra e barro, feita

pelos moços principaes da terra com algum official. A pedra sobrou no cemiterio e o tijolo pareceu que tinha pés, tanta era a presteza com que se apresentava junto á obra. Havia uma caiêra de tijolo distante, que devia vir; gritou-se ao povo, e os ultimos já não acharam o que trazer. Com tão boas disposições não havia serviço que resistisse; marchava tudo a passo largo.

Dois vicios havia alli que o rvmo. Vigario não tinha podido combater, as intrigas e a mancebia. Contra esses monstros se declarou o rvmo. Missionario com toda energia e força do seu caracter sagrado. Falando das intrigas, disse: «Ficarei muito mal servido, se souber amanhã que alguem hoje deixou de reconciliar-se; espero nos homens de Barbalha que não me darão esse desgosto». Seriam oito horas da noite e das 11 para as 12, a musica percorria as ruas, celebrando as reconciliações; era uma familia de irmãos que se abraçavam cordialmente e lançavam no esquecimento todo o passado.

Fulminou o feio vicio da mancebia com tanta força e vigor que ella desappareceu, abandonou o campo ou foi se esconder nos antros do inferno.

Falou na necessidade de esmolas para occorrer ás despesas da obra, e expôs as santas imagens á veneração do povo; este não se fez rogado; acabado o acto, tinha-se depositado nas salvas uma bôa quantia.

Com tão boas disposições no povo e com todo o zelo do rvdo. Vigario, o Apostolo do Cariry estava satisfeito; mas querendo deixar coberta a obra da Matriz, prolongou a missão por quinze dias, concluindo-a no dia 13 de agosto. Cheio de satisfação por deixar nessa freguezia um Pastor digno desse nome, demorou-se ainda quatro dias e no dia 17 partiu para a povoação de Goyanninha, promettendo voltar para a edificação de um hospital de caridade, para cuja obra o sr. Pedro Lobo offereceu um conto de réis e os seus serviços.

A missão de Barbalha, começada sob tão bons auspicios, não podia deixar de produzir bellos resultados. Quem semeia em terreno bem preparado e adubado convenientemente, tendo um bom cultivador que não deixe

crescer as hervas más, tem por certo uma colheita bôa, e nunca se engana. Assim o semeador Evangelico que acha tantas almas dispostas, tantas consciencias preparadas para receber a divina palavra, tendo como garantia da bôa direcção um ministro cheio de virtudes e bons desejos e desligado das coisas da terra, tem a grata convicção de que a divina palavra há de fructificar e produzir cento por um. E' o que se deu na Barbalha.

A semente plantada em 1864 não se havia perdido; pelo contrario, tinha fructificado grandemente. Eram provas materiaes a cacimba do povo acabada e conservada para uso de todos; a capella do S. S. Sacramento, erecta com um grande consistorio, sacristia e quarto de reserva, e a grande porção de materiaes reunidos para a obra da Matriz. Como provas moraes e religiosas, existiam as irmandades do S. S. Sacramento e das almas, creadas e bem frequentadas; a frequencia diaria dos terços e missão; a concurrencia ao tribunal da penitencia; a abnegação completa de tantas mulheres e, o que é mais admiravel, de tantos homens, que, tendo-se desprezado a si, desprezaram o mundo, e só vivem para o bem da humanidade.

E superior a tudo isto, um Pastor que, digno do logar que occupa, conhece suas ovelhas, vive com ellas no mesmo aprisco, cura-lhes as enfermidades, guia-as para melhores pastagens e, finalmente, lhes dá frequentes rações do alimento da alma, da palavra pastoral de que vivem os filhos de Deus. Assim pois, a missão não foi mais do que uma visita que fez o dono da vinha ao seu feitor, que, achando-o atarefado em obra, quiz dar-lhe uma demão.

O Rvmo. Missionario, tomando sobre seus hombros a tarefa do rvmo. Vigario e continuando no mesmo plano, não fez mais do que provar o seu procedimento, moralizar os seus actos, fortificar as crenças de suas ovelhas e preparal-as para grandes commettimentos na ordem natural e na religiosa. E não se fez esperar o bom resultado. Tendo o Rvmo Padre Ibiapina levantado um accrescimo de sessenta palmos na igreja matriz, tendo feito o cemiterio dos colericos, deixando-os em preto, tendo concerta-

do o cemiterio publico e aterrado a estrada do Crato, retirou-se.

As obras, porem, continuaram, a torre da Matriz com o corredor correspondente surgiram dos alicerces e estão no respaldo, o cemiterio está limpo, embuçado e visitado, e tudo marcha com actividade.

O rvdo. Parocho não descança; como o Bom Pastor anda pelos recontros da freguesia, onde os animaes carnivoros mais se acoitam, para debellal-os com as palavras, para animar com sua presença as suas ovelhas, fortalecel-as com o pão espiritual, guiar as que vão erradas com o faxo da doutrina, curar as enfermidades feitas pelo peccado com o balsamo da confissão e edificar a todos com seu exemplo. Feliz o rebanho conduzido por tão santo pastor; feliz o pastor que sabe comprehender a sublimidade de seu ministerio.

Assim pois, os resultados da missão de Barbalha vão em progressiva escala, e não se podem consignar em um paragrapho historico; dão materia para um livro que alguem se encarregará de escrever.

A 17 de agosto, como já ficou dito, partindo o Rvmo. Missionario Ibiapina da villa de Barbalha para Goyanninha, alli chegou ás 6 horas da tarde do mesmo dia.

Abriu-se a missão no dia 18, e nunca povo algum apresentou tanto desenvolvimento, gosto e vontade no trabalho material como o de Goyanninha. Dividido o serviço por turmas, estabeleceram-se onze decurias com seu respectivo chefe, que faziam tijolo; vinte pedreiros com os serventes correspondentes trabalhavam no serviço da capella; 30 carpinas apromptavam as madeiras; 200 a 300 homens trabalhavam em um açude; outros tantos conduziam nos hombros as madeiras tiradas a uma, a duas leguas de distancia; o resto do povo, homens e mulheres e meninos formigavam no carrêto de material e da lenha para queimar o tijolo, e o mais que se lhe ordenava.

Dez, doze mil almas, reunidas em um logar tão pequeno, por espaço de doze dias que durou a missão, apresentavam a maior docilidade e melhor vontade e a mais

sublime obediencia que já se viu em uma massa composta de tantos elementos diversos.

A policia da terra, que só vae á Igreja no dia da eleição, não se dignou de apparecer por alli, mas, em substituição desta, homens de honra estavam á disposição do ministro sagrado, para qualquer emergencia, que felizmente não se deu; tudo correu planamente, e um exemplo terrivel causou muita impressão.—Um libertino, desses muitos que infestam a boa sociedade, riu-se da saudação a Jesus Christo com que outro o cumprimentou; sendo reprehendido e fulminado do pulpito, não se corrigiu; dois dias depois da missão morreu instantaneamente e vindo alguem apresentar-lhe a imagem de Christo na hora da morte, não poude obtel-a; o infeliz tinha se condemnado por sua bocca.

Correndo a missão regularmente, o ultimo dia tornou-se notavel, e será sempre notavel para esta localidade. A povoação está collocada sobre a convecidade de um alto, que domina toda a redondeza.

O Rvmo. Missionario prégava o sermão da Gloria com interesse igual á devoção do auditorio; chegou a hora de accenderem-se as luzes; dez ou doze mil luzes appareceram em scena, formando uma perspectiva tão interessante que commoveu; e ao proromper da musica, aos estalos dos foguetes, soltaram-se muitos vivas animados desse prazer celeste que embriaga as almas mais tibias.

O sangue frio mais calculado, o indifferentismo mais secco, o scepticismo mais premeditado, não poderiam resistir aos doces accordes da musica, ás acclamações de prazer mil vezes repetidas pelos echos de grande montanha, ao clarão brilhante daquelle oceano de luz, e ao scintillante movimento de dez mil luzes, que ondulavam pelos accidentes do monte!

O prazer, o jubilo, a satisfação apparecia em todos os semblantes, inclusive o do Ministro sagrado.

Em seguida exposeram-se á veneração dos fieis os quadros dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria e a veneravel imagem da Senhora das Dores, Padroeira da

capella; e passando o acto de *adoração,* recolheu-se de esmolas a quantia de 570$000.

Por isso mesmo que havia na missão um impio, um libertino, Deus, sendo tão bom pae, não querendo sua perdição, apresentou-lhe um facto milagroso para sua conversão, mas, emfim, o infeliz estava perdido pela obstinação; morreu no peccado.—No ultimo dia, depois de ultimados os actos da missão, e antes que o povo se retirasse, para maior authenticidade, uma das mais bellas ruas de palhas foi presa das chammas. O incendio ateou-se e tomou proporções gigantescas; o povo agglomerou-se e procurou dominal-o; era baldado o esforço; as chammas ameaçam de novo devorar tudo: reinava a confusão, o terror e as lagrimas das mulheres, que, procurando salvar os filhos deixavam á discrição das mesmas chammas os seus haveres.

Nessa afflictiva situação chegou o nosso rvdmo. Missionario Ibiapina: falando ao povo, a chamma entendendo que tambem era creatura de Deus e devia ouvir o seu Ministro, emmudeceu e extinguiu-se sem causar damno notavel. O povo, edificado por um facto tão maravilhoso, bemdisse ao Deus das maravilhas e retirou-se ás habitações.

Os resultados da missão de Goyanninha são semelhantes aos de Barbalha.

Materialmente remediaram-se as duas necessidades mais vitaes: a de uma capella commoda para os actos religiosos, e neste sentido fez-se um accrescimo de 50 palmos na existente; e falta d'agua para serventia publica, e esta se remediou pela factura de um grande açude para deposito das aguas na estação secca.

No dia 1.º de setembro deixava o rvdmo. Missionario Ibiapina este bom povo, cheio de saudade, e partiu para a povoação de Porteiras, onde abriu missão; e havendo necessidade de grande trabalho não só material como espiritual, foi mister prolongar a missão pelo espaço de dezoito dias, e tudo se concluiu.

Missões do Cariry Novo no anno de 1869. —Sahimos da cidade do Crato a 2 de março de 1869

para a villa da Barbalha, onde chegámos nesse mesmo dia.

No dia 3 na Barbalha deu-se principio ao exercicio do mês de Jesus e no dia seguinte emprehendeu-se a obra da casa de Caridade. Esta bôa casa foi edificada em trinta dias em prêto, sendo notavel o que se deu. O tempo estava calamitoso, a fome assolava as classes pobres que concorriam para aproveitar as sobras dos trabalhadores; aconteceu, porem, que preparando-se a comida para 40 ou 50 pessoas empregadas nos trabalhos da obra da Caridade, comiam alem destas cento a cento e cincoenta miseraveis, e todos ficavam satisfeitos. Só Deus pode fazer prodigios semelhantes.

No dia 10 de abril, deixando a casa da Barbalha quasi prompta, partimos para o Caldas. A fome continuava; grandes plantações que se tinham feito primeiro ameaçavam perder-se por falta de chuvas; e o povo miseravel, que tinha visto os prodigios da Barbalha, acompanhava ao Rvmo. Missionario, para não morrer á fome.

O Rvmo. Missionario, para satisfazer a necessidade do povo, nomeou tres agenciadores, que formavam tres companhias: uma pedia ou comprava legumes onde os achava; outra colhia côcos de palmeiras macahybas e canas, que recolhia a um armazem; a terceira apanhava pequis na chapada da serra Araripe e recolhia-os ao mesmo deposito.

Nasce do pé da serra Araripe, entre uma grande floresta de palmeiras, gameleiras, gitozeiras e outras muitas grandes arvores, um grande volume d'aguas, que forma um grande regato; junto á sahida das aguas, forma um pequeno tanque, cujo leito é coberto de muitas pedrinhas brancas, que com o clarão do sol no espelho das aguas, apresentam uma bella vista pela diversidade das côres. Presentemente se acha rodeada de choupanazinhas de palhas verdes de palmeiras, que fazem os romeiros e os povos que vêm á missão, para se ampararem da chuva, por que sombra tem em abundancia.

Neste logar se repetiu o milagre dos quatro pães do

Evangelho, em vista dos pequenos recursos de que se poude fazer uso.

Os fazendeiros prestaram-se com matalotagens, e com estes recursos marchou a obra.

No segundo dia de missão declarou se o inverno; mas, sendo fraco deu logar a que o povo, uns obrigados pela fome e outros alegres pela presença do inverno, concorresse em abundancia, fazendo uma massa de talvez tres mil pessoas.

Com seis dias de serviço, estava a obra da capella feita de pedra, no respaldo: mas, apparecendo uma grande chuva inutilizou todo o serviço.

Nesta occasião, ouvindo o padre Ibiapina, era meia noite, o estrondo das paredes que se precipitavam, ao fuzilar do relampago e ao choque dos trovões, disse muito conformado com a vontade de Deus:—Já vejo que Deus não quer aqui esta capella por este modo, e de amanhã para depois levanto outra de madeira para ir servindo até se fazer a que Elle quer.

Assim aconteceu, e seis dias depois estava levantada a nova capella de madeira, coberta de palhas, por não haver telhas, rebocada por dentro, benzida e disposta para o culto publico.

No dia 21, que era Domingo de Ramos, concorreu um povo immenso para a ceremonia dos ramos, porque aqui se achava o rvdo. Vigario da Matriz. Nesse dia á tarde benzeu-se o cruzeiro, levou-se em procissão á fonte, e collocou-se no logar do destino.

O Rvmo. Missionario achava-se bastante incommodado de seus sоffrimentos de asthma, por causa da frieza da terra e da humidade do inverno, e era preciso retirarmo nos, e assim o fizemos no dia 23.

Nesse dia, tendo havido de noite uma grande tempestade de chuvas, vento, trovões e relampagos, cahiu um homem em um barreiro, do qual não se podendo levantar passou toda a noite dentro d'agua e amanheceu quasi a morrer de frio. Sendo visto pela manhã nesse estado de

miseria, o Rvmo. Missionario mandou tiral-o e tratal-o, e, dando-lhe roupa, deixou-o recommendado ás pessoas do logar.

A fonte de Caldas tem sido muito notavel pelos muitos milagres que Deus tem obrado com suas aguas desde as missões do padre Ibiapina em 1869. Como já ficou dito alimentou-se uma porção de povo que morria de fome, e todos satisfeitos bendiziam a Deus e glorificavam ao seu Ministro.

Só Deus é grande!

No dia 23 deixámos a nova povoação de Caldas e a fonte milagrosa, acompanhados de grande concurso de povo, e, atravessando muita lama e agua, chegámos a Barbalha ao meio dia.

No dia 28, que era domingo de Paschoa, fez-se a installação da santa Casa da villa da Barbalha, sendo regente o sr. capitão Pedro Lobo de Menezes; director espiritual, o rvdo. Vigario da freguesia, João Francisco da Costa Nogueira; e superiora da Casa, D. Guilhermina Brigida dos Santos, que, tomando manto de irmã de Caridade, tomou o nome de Guilhermina dos Santos Peregrinos, por serem estes os protectores da Santa Casa.

Apesar do numeroso concurso de povo que se reuniu para assistir á installação da casa, não poude haver festa solemne, nem mesmo se esperava o sermão da inauguração, porque o Rvmo. Padre Ibiapina se achava tão incommodado de asthma que não podia falar.

Não obstante, tendo comparecido a musica do Internato do Sagrado Coração de Maria da cidade do Crato, desempenhou tocatas tão bellas e harmoniosas que despertaram o enthusiasmo e o Rvmo. Missionario, fazendo um esforço sobrehumano, pronunciou um discurso breve mas cheio de eloquencia e poesia que admirou a todos.

O Rvdo. vigario da freguesia acompanhou-nos em todo o trabalho apostolico; á sua mesada estivemos durante tres mêses da secca, e, fazendo-se *laus-perenne* no mês de Jesus todos os sabbados, vinha sempre pela meia noite uma chuvinha, que alimentava as plantações e as esperanças dos lavradores.

Com tres mezes de estada em Milagres fez-se, a despeito da grande necessidade que assolava o povo e fazia tremer de susto aos ricos, uma grande casa de Caridade com capella, hospitaes, casa de invalidos, armazem, casa de trabalhos e uma grande muralha em roda do terreno, doado por D. Rita, e no dia 29 de junho, em que a Igreja fazia a festa dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, fez-se a installação da casa com grande pompa e esplendor.

No referido dia, depois de ter o Rvmo. Padre Ibiapina celebrado na Matriz ás 5 horas da manhã, dirigiu-se no meio de grande concurso de povo para a casa de Caridade e subindo ao pulpito erigido na frente da casa, fez o seu discurso inaugural, repassado de enthusiasmo, por ver a boa vontade daquelle povo, e rico de eloquencia.

Em seguida falaram os Srs. Doutores Carthaxo e Loureiro, Professor Xenophonte, estudante Manoel Felix e Bernardino Gomes de Araújo, que recitou uma poesia composta por elle.

Prestaram juramento de obediencia a Irmã Directora, Anna de Jesus da Conceição Cunha, a Irmã bemfeitora, Rita Maria Leite, que, fazendo á casa doação de uma fazenda de gados com 50 vaccas, libertando alguns escravos, entregando aos filhos maiores tres filhos menores que ainda tinha, e a posse dos bens que lhe restavam, tomou o manto de irmã da Caridade e recolheu-se á casa com as mais beatas.

Foram conduzidos em padiolas, aos hombros dos principaes homens do logar, 2 enfermos que não podiam andar, e recolhidos á Casa com mais outros 5, ficando a casa inaugurada com setenta e tantas pessoas, sob a regencia do sr. Tenente Coronel Manuel de Jesus da Conceição Cunha, e vice-regencia do sr. Tenente Manuel Leite da Cunha, Maria Velhinho, e director espiritual o Rvdo. Vigario da freguesia Cesario Claudino de Araújo.

Novos prodigios se deram em Milagres. A fome era grande, como já se disse; um prato de farinha custava uma pataca; uma rapadura outro tanto; uma libra de carne salgada, a mesma coisa. O povo esmorecia á vista do aspecto da miseria; mas com a chegada do Rvmo.

Missionario a fome desappareceu, o povo reanimou-se e em logar dos tristes gemidos da miseria, só se ouviam canticos de louvor aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. E o povo apreciava esta maravilha com estas palavras:—Ora, este tempo que devia ter apertado mais a fome tem sido antes um tempo de fertilidade. Como é isto?

Assim tem acontecido, porque logo que o Padre Ibiapina chega em um logar que acha o povo em grandes necessidades, procura, em nome da Santa Caridade, remedios para esses que elle chama *meus filhos,* e tudo abunda logo.

Grande coisa é a santa Caridade! E' o mesmo Deus! Só a Deus se devem tantas maravilhas.

Outra maravilha se deu em Milagres. O açude que o Padre Ibiapina fez na missão de outubro juntou pequena quantidade d'agua, e o povo começou a usar dessa agua, á imitação dos do Caldas, em seus soffrimentos e começaram a declarar prodigios. Um dizia: *Eu fiquei bom disso.* Outro dizia: *Eu vi Fulano ficar bom daquillo.* Eu, que soffria de um catharrão que se aggravava logo que tocava em aguas quentes e sujas, estando dessa vez ameaçado de febre, quiz fazer a experiencia. Esta agua, disse eu, parece pessima; mas se não me matar e não aggravar o meu mal, confesso que é um milagre.

Assim o fiz, e creiam-me que ia com mais crença de que o meu mal se aggravava e não melhorava. Fui ao açude: a agua estava toda baldeada dos pórcos de modo que se via assentar no fundo da vasilha uma lama como uma gomma; a cor era como a manipoeira Bebi dessa agua: era tão ruim que chegou a enjoar-me. E comecei a esperar a recahida, mas não recahi; antes, não tendo mais cautela, me acho bom desse soffrimento, que tanto me affligia.

Isto publico em fé de verdade, para honra e gloria de Deus.

A 5 de julho seguimos para a povoação de S. Pedro na mesma freguesia, para abrir missão e fazer uma capella do Sagrado Coração de Maria.

Em seis dias fez-se esta capella toda de pedra, com duas sacristias. Esta capella é boa e destinada para uma igreja, a qual já está com os alicerces cheios.

D'ahi fomos á Serra do Mãozinha, na freguesia de Missão Velha, dar direcções para construcção de um açude.

O Rvmo. Missionario foi em uma rede por causa de estar soffrendo de uns tumores. No Mãozinha prégou elle á noite ao chegar, e, tendo necessidade de celebrar de manhã, mandou-me buscar em S Pedro os ornamentos. Sahi eu, pois, de S. Pedro com um guia, por volta de 10 horas da noite e por caminhos impraticaveis. Chegámos ao Mãozinha á meia noite, 2 leguas de distancia. No dia seguinte o Rvdmo. Missionario celebrou, prégou, e á tarde voltámos para S. Pedro.

A serra do Mãozinha eleva se a uma altura consideravel entre as freguesias de Milagres e Missão Velha. D'alli avistei minha patria natal, porquanto de lá conheci umas manchas vermelhas na serra do Araripe feitas pelo inverno de 1862, na nascença do rio Bebida Nova, uma legua distante da cidade do Crato, morada de minha Mãe e de toda minha familia!

Assim mesmo, não demorei; e o que fiz foi dizer— Adeus Cariry-Novo! até quando? quem sabe? Só Deus!

De S Pedro voltámos para Milagres. Depois de ter o santo Missionario celebrado e prégado com muita energia contra a creação de gado no Mãozinha e S. Philippe, chegámos a Milagres e, demorando-nos tres dias emquanto elle dava conferencias e direcções na Casa de Caridade, seguimos o nosso destino na direcção do Bréjo do Coité, da mesma freguesia. Chegámos ao Bréjo do Coité acompanhados de um bom concurso de cavalleiros ao estrepito de foguetes. No dia 18 de julho abriu-se a missão e começou-se a obra de uma boa igreja dedicada a N. Senhora da Concceição, cuja capella-mór estava coberta. Foi esse o logar no Cariry Novo onde o Padre Ibiapina combateu com mais forças e mais sem proveito o peccado da amancebia, e foi tambem donde o vi sahir com mais desgosto. Quando elle prégava dizia: Deus

não quer que se faça esta igreja, por causa dos escandalos que aqui se dão.

Note-se que essa igreja com seis dias de missão se poz no respaldo; mas, como o peccado repelle as graças do céo e chama sempre os seus castigos, não se poude concluir a obra, porque appareceram rachaduras que chegaram a cortar as pedras, de que os officiaes se admiraram, sabendo que as paredes estavam aprumadas.

Mas o que havia era o peccado da amancebia em que estavam os mesmos pretendentes desta igreja, os quaes queriam passar encobertos ao Missionario; porem elle o sabe sempre, porque Deus assim o quer. Esse vicio era como uso desta terra: era pelos grandes e pequenos; até rapazinhos em casa dos paes tinham paixão por esse vicio detestavel.

Succedeu que estando o Missionario a clamar e a dizer—Hei de vel-os andar aqui correndo como desesperados—, um rapazinho sahiu a correr e a gritar, dizendo: Côrro, côrro, não há quem me esbarre!

Fui vêl-o; estava gemendo, como sentindo uma especie de desassocego de espirito. Oh! que desgraça é o peccado!

Tendo-se findado nossa missão do Cariry Novo, tratámos de passar para os sertões do Rio do Peixe, provincia da Parahyba do Norte.

*
* *

De Milagres seguimos para a villa de Cajaseiras. Ao entrar da villa encontrámos um grande arco enfeitado e ao pé delle todo o povo da villa que não tinha entrado no numero de cavalleiros que já vinham comnosco, e o Rvdmo. Vigario.

Chegando ao pé do arco, soltaram-se muitos fógos e dirigiram ao Rvdmo. Missionario seus discursos de recepção os Srs. Doutores Manuel de Souza Rolim Alencar e Praxedes Theodulo da Silva, e feitas as continencias do estylo, entrámos na villa e hospedámo-nos em uma casa que nos preparou o sr. Vital de Sousa Rolim.

No dia 20, deu-se principio á missão e á edificação

da Casa de Caridade no logar projetado pelo Rvmo. sr. Padre Rolim para o seu Novo Collegio.

Na Missão de Cajaseiras o rvmo. Missionario teve de lutar com grande numero de amasiados, casaes separados, e intrigas politicas e particulares

Logo que se começou a Missão entrou se em exercicios espirituaes com toda essa gente, orando-se e fazendo que todos orassem a Deus e a Nossa Senhora para que se compadecessem das suas miserias, retirando dalli os escandalos e convertendo aquelle povo ao verdadeiro caminho da salvação

Foram ouvidas as orações daquelle povo, porquanto começaram a remover os escandalos e a reconciliarem se e tomando a policia a seu cargo castigar os rebeldes, todas as coisas entraram em seus eixos e reinou a paz e a alegria como por um milagre. Um alferes de policia, que se obstinou no vicio da amancebia e a quem o povo negou pão e agua, fugiu em desespero á meia noite com todo o seu destacamento: encontrando, porem, no caminho a demissão do posto, ficou confundido e castigado espiritual e corporalmente e sem meios de vida; os soldados voltaram para Cajaseiras.

A santa Missão propriamente dita finalizou se no ultimo dia de agosto, com grande pena do numeroso auditorio; mas continuou a prédica até o ultimo de setembro. Durante esse decurso de tempo, a soberba de elevação de familia, mãe de uma maldita politica, desacreditando o logar e desterrando a tranquillidade tão apreciada antes, e o escandalo em materia de castidade, assolava por outro lado,—eis os dois cancros especiaes de Cajaseiras desmascarados e fulminados diariamente pelo P.e Ibiapina.

Quanto ao primeiro, que é, dizia elle, familia grande, que é familia nobre, poderosa? Hoje dizeis enfatuados *a nossa familia.* De hoje a cincoenta annos ninguem se lembra de vós. E, se perdestes a alma, que ganhastes?

Uma patente que nada vale não vale a pena de tantas amarguras e perigos nos enredos politicos, ao passo

que na Côrte se diz —Quem se inporta lá com sangue de sertanejo que se derrame ou não! Nem o nome do que na lucta denodado morreu ou foi espancado se quer saber.

Sêde santos: eis o vosso nome para sempre em memoria; a unica elevação e nobreza real neste mundo e no outro.

Evidenciou com muitos exemplos esta verdade, findando por invocar a maldição contra aquelles que tornarem aos enredos politicos, fomentando de novo essas intrigas e odios que perturbaram Cajaseiras, em vez de se buscar o bem commum, ordenado pela lei da Caridade que era—*Não façaes aos outros o que não quereis que elles vos façam,* maxima essa que os chefes de familia todos os dias repetissem a seus filhos Em logar da maldita politica que elle abolia e matava nos termos sobreditos, propoz que para a Caridade, de que erguia ao norte da Villa um magnifico padrão, convergissem d'ora em deante as vistas dos Cajaseirenses, porque *Deus est caritas;* que isso, sim, honraria Cajaseiras e seus habitantes e os livraria da secca e outras calamidades O Padre Mestre sabia a origem da tal politica de Cajaseiras, que não tinha enlace algum com o amor da Patria; não hesitou fulminal-a de morte. O governo Provincial e os homens de bom pensar não queriam outra coisa. Triste papel faria todo o Cajaseirense que lamentasse essa morte; triste sorte daquelle que tentava a resurreição.

Voltaremos, talvez, sobre este ponto.

Agora passamos ao escandaloso peccado que seduz o homem ao papel de bruto, o peccado deshonesto.

Em Cajaseiras dizia-se haver sessenta amasiados. Com tudo, se no ponto da primeira batalha já travada receiamos do completo vencimento, á vista de tanta superstição ou idolatria de familia; neste segundo ponto admirámos a confiança do inimigo: não se occulta, zomba; veio mesmo provocar antes de tempo o ataque e tivemos logo de presenciar nos principios da Missão um choque tão extremado do vicio com a intrepida virtude angelica, qual nunca tinhamos visto.

O Padre Mestre alçou a voz e sua voz feriu agudamente todos os ouvidos; foi o raio a que nada resiste; e nada precisa dizer mais. Continuava o Padre Mestre, ora mais calmo, insinuando nos corações o amor das virtudes, ora vehemente, atacando estes ou aquelles vicios.

«Estudae vos, dizia elle, começae desde já a estudar-vos, a descobrir o vosso coração, as vossas chagas

A minha vinda a este logar é mysteriosa: por meio das missões presentes quer Deus, a rogos da Senhora da Piedade, livrar-vos do abysmo para que marchaes; parae e cuidae na vossa alma; confessae vos desde hoje mesmo espiritualmente e todas as noites até que vos confesseis sacramentalmente».

Declamou contra essas confissões que não convertem taes penitentes, que continúam na mesma conducta viciosa; invectivou contra esses mundanos romeiros que diariamente em vão iam aos banhos do Caldas se curar das molestias do corpo, conservando as molestias da alma

Por aqui comprehendem que o respeitavel Missionario não apoia abusos; rejeita inteiramente devoções supersticiosas.

Alem dos exercicios das Missões, que duraram quinze dias, fizemos o mês de Jesus, em cujo exercicio havia *laus perenne* todos os sabbados, presidido pelo rvdo. Vigario da freguesia, Henrique Leopoldino da Cunha, para o qual concorria um numero immenso de povo. Todos os sabbados vinham as familias dos srs Sabino de Sousa Coelho e Vital de Sousa Rolim mudar e remover os enfeites do pulpito e do altar, que ficavam muito elegantes.

O tempo era de fome; mas não faltou coisa alguma para o serviço da Caridade.

O Rvmo. Missionario celebrou no mês de Jesus duas missas na intenção de todos aquelles que dessem esmolas para a obra da Caridade; a primeira rendeu um conto e tantos mil réis, e a segunda, um conto trezentos e tantos, sem contar as muitas obras de ouro.

O povo ficou bem disposto para o aproveitamento

espiritual; houve muitas irmandades das Dores de Nossa Senhora começando isto pelos rapazes illustrados, que eram em grande numero. Duas irmãs donzellas, que eram da familia Rolim, sendo uma dellas Professora publica da Villa, tomaram o habito de freiras para assumirem a direcção da casa de Caridade.

Concluida a obra da Casa, da muralha e da casa do Capellão, tudo em preto, o Padre Mestre designou as pessôas que deviam pol-as em branco, deu as direcções convenientes, depois do que, devendo partir, ainda nos demorámos seis dias, porque elle, achando-se incommodado, teve necessidade de tomar uns remedios.

No dia 9 de outubro sahimos de Cajaseiras acompanhados por grande numero de cavalleiros, e, deixando o povo banhado em lagrimas, seguimos para a Barra do Juá.

No dia 11, começou-se a missão neste logar e nesse mesmo dia o Padre Mestre perguntou aos proprietarios se cediam fazer-se em suas terras um açude de que havia grande necessidade.

No dia 1.º de janeiro de 1871 seguiu para Baixa Verde; deu-se principio á missão e á edificação da casa de Caridade no mesmo logar projectado

Depois de acabar-se a casa o Rvmo. Missionario a installou na mesma regra das outras, e sahindo em paz, foi prégar no Salgueiro, onde houve muitas conversões De lá foi visitar as casas de Caridade de Milagres, Missão Velha, Barbalha e chegou na cidade do Crato no fim de abril.

Alli foi encontrado com grande alegria e enthusiasmo d'aquelle povo a quem elle tinha ganhado os corações, e assim o acompanharam até á casa de Caridade, onde foi recebido com alegres canticos e muito prazer de suas filhas espirituaes.

As irmãs exultavam de prazer e gosto, por verem seu Pae e amigo, interessado de suas almas, um Pae a quem ellas deviam tantos bens espirituaes e que tinha sempre muito que lhes ensinar, para marcharem com acerto no caminho da virtude As orphans riam-se, esperando receber novas caricias paternaes que elle sempre tinha

para com suas filhinhas, a quem fazia vez de Pae extremoso; e elle como Vicente de Paulo correspondia a todas, abençoando-as e dirigindo-lhes palavras de consolação. Depois fez conferencia, deu direcção para o bom governo da casa e se adiantarem todas na perfeição. Ahi esteve três dias; e na hora da partida, chamou suas filhas á capella, entregou-as aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, para que dellas tomassem conta, como das Therezas, Catharinas, e sahiu entre lagrimas e soluços.

Dahi partiu com destino de ir prégar no Piauhy e deixou dito que só voltaria ao Cariry Novo, quando a estrella do Norte clareasse, e mais alem disse:

O Cariry Novo não me verá mais.

E assim succedeu! Altos são os juizos de Deus!

Chegou na villa dos Picos em maio; ahi prégou onze dias; houve muitas conversões e reformas de vida, e continuou prégando e fazendo o mês Mariano e a Matriz de Nossa Senhora dos Remedios, com adro, cruzeiro e grande cemiterio.

Tendo concluido estes trabalhos foi chamado para prégar na villa de Caicó ou talvês Jaicós; ahi prégou nove dias com muitos fructos espirituaes e fez um cemiterio com jardim de flores.

D'ahi seguiu para S Gonçalo, onde prégou, mas não me lembro quantos dias, sempre progredindo com muitos fructos espirituaes: fez uma igreja até o respaldo e um cemiterio que deixou acabado.

Finda a missão desse logar, seguiu para a villa de Uricury; ahi prégou; houve muitas conversões; havia tambem cinco doutores intrigados com o rvmo. Vigario, porém a poderosa palavra do Ministro Sagrado fez com que elles celebrassem as pazes com perdão publico. E, assim, o logar ficou em bóa paz e tranquillidade.

No mês de dezembro chegou á Villa de Flores em Fazenda Grande, tendo sido encontrado pelo Batalhão de Cavallaria e depois por grandissimo numero de gente a pé, o Rvdo. Vigario, a musica e muitas meninas em traje de virgem com bandeirinhas, recitando versos ao Apostolo da Caridade.

Entraram na Villa com corações fortes de prazer, cantando louvores aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, ao som da musica, ao repicar dos sinos, ao crepitar dos fogos.

Ao chegar á Matriz do Sr. Bom Jesus dos Afflictos, estavam muitos arcos de flores bem preparados, onde o Rvdo. Vigario tomou a palavra e entregou ao Ministro Sagrado todos os seus poderes; o que sendo acceito pelo mesmo, levantou a voz e fez-se conhecer pelas palavras evangelicas: que alli estava o Bom Pastor em procura das ovelhas perdidas, que de Deus se ausentaram, para arrebanhal-as no aprisco sagrado

Abriu a missão, e o povo affluiu fervorosamente para ouvir a palavra de Deus, e houve fructos maravilhosos e conversões notaveis. Desde o commandante superior até o mais pequeno, todos pediram perdão publicamente e todos se reconciliaram, ficando a paz e tranquillidade reinando geralmente.

O Rvmo. Missionario aproveitando as bôas disposições do povo, chamou-o ao serviço e em um dia fez o cemiterio, que ficou prompto com Cruzeiro e um jardim de flôres. E fez mais uma grande Matriz do Senhor Bom Jesus dos Afflictos, que ficou no respaldo

O resultado das missões de Fazenda Grande foi semelhante ao do Cariry Novo; pois, alem de outros muitos fructos espirituaes, 12 moças donzellas deixaram as illusões da vida e, vestindo-se de manto religioso, vieram recolher-se nas casas de Caridade.

O Apostolo da Caridade deixa a villa de Floresta florescendo, Floresta ou Flores?, e vae em direcção a Baixa Verde. Ahi visitou a casa de Caridade e segue a visitar a santa casa de Caridade de Santa Fé na Parahyba do Norte.

Sigamol-o.

No anno de 1872, chegou o Padre Ibiapina na casa de Caridade de Santa Fé, depois de uma longa viagem que fez para os centros do Piauhy. Chegou achando já a latada bem preparada para as santas missões, e os corações das suas filhas espirituaes bem anciosos pela confissão e santa communhão.

E isto não só as irmãs de Caridade, como tambem as orphans, que até as de 8 annos estavam bem preparadas e suspirando pela primeira communhão.

No dia seguinte, abriu as missões, que foram logo acompanhadas de muitas conversões de peccadores publicos, que arrependidos de sua deploravel vida, queriam lavar suas manchas na fonte salutar da penitencia, e que, por mandado delle, pediam perdão perante todo o auditorio.

Quando subia ao pulpito, enchia-se de um semblante de justiça e misericordia, que só desejava a salvação dos seus ouvintes. Para os arrependidos dirigia palavras de consolação e dizia que orava por elles para que perseverassem e acertassem no caminho de sua salvação; porém para os que se mostravam endurecidos fazia-se severo e justiçoso

Ao romper da aurora, quando toda a natureza tem despertado do repouso da noite; ao desabrochar das lindas flores, que com seus cheiros aromaticos embalsamam o ar; ao melodioso cantico das aves; nesta hora em que todo o universo convida todas as creaturas a contemplar o poder incomprehensivel do Creador; nesta mesma hora em que parecia o Padre Ibiapina estar com o espirito extasiado na contemplação das maravilhas de Deus; neste tempo, vinha elle celebrar o Santo Sacrificio da Missa, qual anjo de refulgente candura. Via-se como resplandecer em sua face a graça divina com influxo celeste.

Findo o Santo Sacrificio da Missa, subia ao pulpito, dirigia a pratica conforme o Evangelho do dia e sempre dizia que desejavà que a palavra de Deus ficasse gravada nos corações de seus ouvintes como um orvalho celeste que desce á terra boa e nella produz bons e abundantes fructos. Nessa hora dava direcções para o serviço de uma obra em accrescentamento do edificio da Caridade; depois do que se retirava para sua humilde casinha, onde prestava attenção a todos os que a elle se dirigiam para remediarem suas necessidades tanto espirituaes como corporaes.

A's 9 horas vinha para a Caridade visitar a seus filhos espirituaes; esta visita era para instruil-os no caminho da salvação e para ver quaes os que davam contas das suas obrigações.

A's Orphans, a quem especialmente amava reconhecendo nellas a pessoa de Jesus Christo, desejava-lhes todo o bem tanto corporal como espiritual; chamava-as, duas a duas, e informava-se da conducta de cada uma, examinando-as nas letras e na agulha, e sempre dizia: «Ah! minhas filhas, quem me dera que Voceis aproveitassem esses meios que se empregam na Caridade, para serem boas mulheres, e felizes nesta vida e na outra. Estas que dão conta de seus deveres são filhas de Jesus e de Maria e o Padre as abençoa cordialmente e ora por ellas». Acabada esta scena que sempre durava por espaço de hora e meia, ia depois para o confissionario, confessar o povo da casa que ancioso o procurava para curar os males do espirito; como um anjo revestido de forma humana sentava-se no tribunal da penitencia, onde passava tres ou quatro horas Como um S Francisco de Salles, não se cançava de dar direcções, conselhos e saudaveis correctivos, conforme fossem os costumes e inclinações, e repetia sempre estas palavras: «Fazei por aproveitar aquillo que se vos ensina para o vosso aproveitamento espiritual, porque no dia das contas se perguntará por todos estes meios de salvação que se vos tem ensinado».

Nesse exercicio passava ás vezes até uma hora da tarde e depois se retirava para sua humilde casinha, afim de tomar uma pequena refeição.

A' tarde tornava a voltar para o confissionario, donde só se levantava depois de 4 horas para continuar-se com a missão, que sempre começava ás 5 horas. Tendo o povo cantado o terço de Nossa Senhora e a Ladainha, subia elle ao pulpito e todo abrasado no Santo Amor de Deus e desejo da salvação das almas, começava a prégação com grande fervor, repetindo sempre: «Salvar almas, ó peccadores!»

Quando o zeloso e santo Missionario repetia aquellas palavras, a sua voz retumbava nos ouvidos e penetrava em todos os corações, como o trovão quando retumba no ar; pelo que todo o auditorio derramava lagrimas, e nessa occasião renovava o perdão dos penitentes, que assim continuaram por todos os quinze dias que duraram as missões.

A 24 de junho, depois da Missa, fez um bello sermão a respeito do Glorioso S. João Baptista, em o qual reprehendeu fortemente os bailes e festins, danças e conversas frivolas com que os mundanos nesse dia fingem honra ao Santo Precursor, porque foi num baile de danças indecentes que deram causa á morte de S. João Baptista. Nesse dia houve communhão de grande numero de pessôas.

Findos os actos da grande festividade, veio visitar suas filhas espirituaes. Entrando no salão onde estavam todos reunidos, fez uma interessante conferencia; depois deu recreio ás orphans; mandou que todas entoassem hymnos em louvor dos sagrados Corações de Jesus e de Maria.

Emquanto as orphans cantavam, elle com o semblante sereno e contemplativo ouvia attenciosamente os canticos, e a sua presença convidava á meditação de Jesus Christo, quando andou no mundo cercado de crianças innocentes

Nos domingos e dias santos que correram nesse tempo durante a missão, mandava dar um jantar de mais iguarias ás orphans, servindo elle proprio á mesa com muita candura e amor paternal áquellas pobres orphans, a quem tratava como filhas espirituaes e até chamava-lhes de princesas do Coração de Maria.

Nesse mesmo anno recebeu muitas orphans, e como um S. Vicente de Paulo recebia nos braços as pequenas de tres e quatro annos, e as de sete a oito trazia pela mão a entregal-as á superiora, e com o semblante alegre e risonho chamava todas as orphans, para receberem filhinhas que iam ser amparadas no sagrado asylo da Caridade.

Não ha quem possa explicar com palavras a serenidade em que ficava a face daquelle herói do Christianismo, quando achava occasião de exercer a caridade para com todos, e especialmente para com as orphans desvalidas e desprezadas do mundo.

No dia 6 de junho do mesmo anno, ás 4 horas da tarde, veio fazer conferencia na casa e despedir-se, e nesse dia, com muito prazer, deu o escapulario de Nossa Senhora do Carmo a nove orphans.

No dia seguinte, depois de ter celebrado, abençoou todas as pessôas da communidade e retirou-se em direcção á Casa de Caridade da cidade de Areia, levando comsigo duas irmãs de Caridade e duas orphans.

Chegando na cidade de Areia, durante os dias que ahi se demorou, não se cançava de prégar a palavra de Deus em beneficio da humanidade; trabalhou no accrescentamento do hospital, e tendo deixado tudo em ordem, seguiu para a povoação de Alagôa Nova, onde prégou e fez grande progresso na conversão dos peccadores.

Findas as missões nesse logar, que tambem tinha uma casa de Caridade para receber os pobres enfermos, despediu-se e dirigiu-se para a casa de Caridade na povoação de Pocinhos, onde demorando-se pouco, deu direcção á casa, deixando-a em bôa marcha.

Seguiu para a povoação de Soledade; ahi prégou com grande proveito, como em outros logares; trabalhou na igreja: fez um açude, de que havia grande necessidade.

Finda a missão, seguiu para a casa de Caridade das Pombas, onde se demorou pouco tempo. Deixando a casa em regularidade, dirigiu-se para a villa de Cabaceiras, levando comsigo 2 irmãs e 2 orphans de Santa Fé e 4 irmãs e 1 orphan da Caridade das Pombas, para estabelecer uma casa de Caridade na dita villa de Cabaceiras.

Chegando ahi, demorou-se, fez missões, e no dia 15 de agosto installou a casa com grande festividade

e jubilo dos bons habitantes do logar, concorrendo grande numero de pessôas para assistir a esse acto, que foi abrilhantado com um discurso do zeloso Pae da orphandade, o som harmonioso da musica e mais alguns senhores Oradores, que exaltaram a gloria desse bello dia.

No dia seguinte despediu-se das orphans, das irmãs de Caridade e de todo o povo; deixou a casa marchando regularmente e seguiu sua jornada, visitando outras casas de Caridade e prégando em outros logares, que sempre estava fazendo bem á humanidade.

No anno de 1873, tornou o Padre Ibiapina a visitar a Casa de Caridade de Santa Fé, onde foi recebido com muito prazer; ahi se demorou tres mêses, sempre no desempenho do seu ministerio. Não cançava de estar no confissionario, instruindo as almas para o caminho da salvação; ás horas que não estava confessando, occupava-se em ensinar ás orphans a boa moral, para que todas fossem boas mulheres, e nesse tempo continuava a ensinar a ler, escrever, contar e a grammatica portuguêsa.

Ainda que na casa houvesse Mestra, comtudo os dias que elle estava na casa tomava para si essa tarefa, que, apesar das muitas que o cercavam, a todas cumpria exactamente.

Nesse tempo emprehendeu fazer um açude dentro do cercado da casa, para refrigerio dessa casa de Santa Fé, porque a terra era arida e secca, e não havia açude perto que sustentasse a communidade.

Deu principio e, sendo chamado para prégar na povoação de Pilões, deixou a obra em adeantamento.

Tendo prégado em Pilões com grande proveito, voltou para Santa Fé, a findar o açude, acabado o qual foi chamado para prégar na Serra da Raiz. Ahi missionou com muito proveito, e voltando, trouxe comsigo oito moças, que abandonaram todas as vaidades do

mundo, para se constituirem esposas de Jesus e irmãs da Caridade.

Chegando a Santa Fé, começou logo a fazer um cemiterio, que, dentro em poucos dias, concluiu.

Nesse mesmo anno foi que elle assentou em fixar sua morada na casa de Santa Fé, tendo já pretendido em outros logares; porem, por altos juizos de Deus veio elle fazer sua assistencia neste pequeno logar. Declarou este desejo ou esta revelação ás suas filhas espirituaes da Santa Fé, e, depois de ter bento o cemiterio e a capellinha, deixou tudo em ordem regular e determinou que se ficasse preparando alguns materiaes para uma nova casa que pretendia fazer neste logar.

Seguiu para outras casas de Caridade, e, estando na de Cabaceiras, mandou buscar duas irmãs e uma orphan de Santa Fé, para o acompanharem em algumas missões e ensinarem a doutrina christã.

Da villa de Cabaceiras seguiu para a Caridade de Gravatá; ahi demorou e esteve trabalhando em um açude para refrigerio da casa.

D'ahi foi chamado para prégar em Santa Cruz; nesse logar fez uma igreja e um açude, sempre com progresso em sua missão; finda a qual foi prégar na Barra de Sant'Anna, onde deu missões e trabalhou na igreja. No meio de todas essas occupações, não se cançava de estar no confissionario constantemente. Terminada a missão, que foi acompanhada de varias conversões, deixou a terra em paz e todos em união e foi para a povoação de Matta Virgem.

Ahi fez missão; acabou a igreja, que já estava começada; fez um açude e um cemiterio

Foi tanto o gosto que o povo mostrou no trabalho que em quinze dias fizeram estas obras, que ficaram no melhor gosto. A paz e união reinava em todos os habitantes e parecia uma só familia. Finda a missão que foi seguida de muitas conversões, despediu-se o santo Missionario desse bom povo, que o deixou com saudade, e seguiu para o Umbuzeiro. Chegando

nesse logar mudou o nome de Umbuzeiro para o de Pio IX.

Encontrou um povo muito cerrado e ignorante da religião ; mas com os auxilios dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, em quem depositava toda sua confiança, principiou a missão com todo o empenho e coragem de sua alma, e dentro em poucos dias teve o santo Missionario o prazer de ver as santas palavras de Jesus Christo florescerem no coração daquelle povo. Todos os habitantes em paz e bem entendidos do serio negocio da eternidade.

Dahi seguiu para a cidade de Campina Grande

Chegando o nosso santo e virtuoso Apostolo a essa opulenta cidade, e achando a maldita maçonaria em seu auge, teve muito que combater, qual valente e fiel soldado, defendendo a santa Religião Catholica, que se achava ultrajada e perseguida pelos perversos maçons, que não temiam a Deus nem as penas eternas do inferno. O zeloso Apostolo, amante da santa Religião, deu principio á missão, não temendo nada, nem os mesmos maçons, que até queriam tirar-lhe a vida. Prégava com tanta força e coragem, em defesa da Religião Catholica, que confundia a incredulidade daquelles infelizes que estavam com o coração tão empedernido que até prohibiam os filhos assistirem ao cathecismo, que era explicado nesse tempo. Porem nada o intimidou nem interrompeu a sua missão. Levantou a voz e clamou contra a maldita seita com tanta coragem que causava admiração.

O zeloso Missionario, tão empenhado pela salvação das almas e querendo infundir a Religião no coração daquelle povo endurecido, determinou ás irmãs de Caridade, para ensinarem a doutrina christã e explicarem o catecismo ás meninas, de manhã e de tarde ; e o mesmo fez a um beato que o acompanhava, para ensinar aos meninos ; fazia assim todo o empenho para vêr se ao menos as crianças aproveitavam a palavra de Deus.

Oh! quanto não soffreu o sagrado Ministro, aquelle heroe da Religião, naquella ingrata terra!

Mas, como o desejo delle era soffrer, por isso não houve nada que o impedisse de cumprir o santo dever de que se achava encarregado.

Ainda mais sentia por vêr tantos habitantes e poucos se esmerarem pela Religião, sendo todos filhos de um só Deus!

Finda a missão, lançou a bençam ao auditorio, deixou todos em paz e seguiu para a casa de Caridade de Pocinhos.

Ahi se demorou pouco tempo; deixou a casa marchando regularmente e dirigiu-se para a casa de Caridade de Santa Fé.

Chegou no dia 29 de dezembro de 1873 em Santa Fé e trouxe seis moças que abandonaram as vaidades do mundo e vieram recolher-se á Caridade, para melhor amar e servir a Jesus Christo, a quem tomavam por espôso.

Em Santa Fé, onde pretendia fixar morada, deu principio ao elegante serviço da nova casa que vinha edificar. Mas reflictamos um pouco. Quem diria que em Santa Fé se levantasse nunca uma tão interessante e encantadora obra?

Porem Deus, que é tudo. e nada a Elle é impossivel, faz com que o seu servo continúe o trabalho de um edificio tão importante em um logar tão pequeno, e até mesmo esquecido dos homens, que, por sua pouca fé, deixavam de concorrer, como deviam e podiam, com suas esmolas. E Deus, tomando á sua conta a importancia desse estabelecimento, fez marchar as coisas com tantas maravilhas que nada faltou.

Sustentavam-se com muita suavidade quasi duzentas pessôas que pertenciam á casa; assim tambem todas as pessôas que entravam a concorrer para se aproveitarem das confissões e direcções do nosso santo Padre Ibiapina, principalmente o povo da freguesia de Araruna, que foi o que mais prestou o seu trabalho, durante os dias que ahi passava.

E como havia muitas pessôas pobres via-se o Padre Mestre na precisão não somente de sustentar quase todos os que necessitavam de alimento, mas tambem de receber muitas orphans desamparadas, e moças que desprezavam o mundo e se dedicavam á vida religiosa. Tudo isto era gosto e prazer para elle, por achar sempre em que exercer a santa Caridade.

O nosso virtuoso Padre nunca estava desoccupado; quando não era no confissionario, achava-se dando ordem no serviço e revendo para que tudo marchasse direitó; e sempre encommendava: *Nada de perder tempo.*

Determinava que todos aquelles que trabalhassem no serviço que elle dirigia, primeiro ouvissem missa para então começarem o trabalho, e á noite todos rezassem o terço, para assim serem felizes em todos os negocios da vida.

Nos domingos e dias santos havia o catecismo na capella do cemiterio, explicado por um irmão da Caridade, instruido na Religião pelo nosso zeloso Padre.

Nesse mesmo anno o nosso santo Apostolo fez a semana santa com algumas ceremonias, assim como o lava-pés, sermão da Paixão e Alleluia.

Fez o mês de Maio com muito fervôr e de muito proveito, porque concorriam muitas pessôas para assistirem ao santo exercicio e se aproveitarem das instrucções que o nosso Apostolo constantemente estava dando a todos.

Segue-se o infausto paragrapho dos quebra-kilo.

O verbo de satanaz conspirou, mas seus sectarios, hostilizando o Apostolo da Caridade, perderam na trama da covardia.

Só Deus é bom e grande! Só Deus faz dos fracos fortes, e por elle os valentes são esmagados!

No dia 8 de dezembro de 1874 estava o Padre Mestre bem tranquillo em companhia de suas filhas espirituaes e com assistenciá de grande numero de pessôas que concorriam para ouvir os discursos e as scenas que nesse tempo se representavam na casa nova, que já se

achava quasi finda. A essas instrucções accorria muita gente para ouvir o veneravel Apostolo da Caridade, que brilhava como um clarão no meio das trevas. E nesse mesmo tempo estava aberto o portão do jardim para as pessôas que vinham assistir ás ditas scenas, que eram representadas pelas orphans, quando uma pessôa, chegando até o salão onde estava o Padre Mestre, prostrou-se, pediu a bençam e entregou-lhe uma carta.

O Padre recebeu a carta, leu-a, porem não se perturbou, e todo confiado em Deus não quiz interromper o acto.

Alli mesmo pediu papel e tinta e respondeu á carta.

Tendo acabado o acto, todo o povo de fóra sahiu; e o nosso bom Padre sahiu mais atrás, acompanhado das irmãs de Caridade, segundo o costume, até o salão da casa velha, que era a primeira habitação, pois ainda não se tinha passado a communidade para a casa nova. Ao chegarmos, o nosso virtuoso Padre sentou-se e disse: «Não se perturbem com o que vou dizer, porque eu estou conformado e só quero o que Deus quizer. Agora recebi uma carta, dizendo-me que me acautelasse, porque queriam prender-me; porem eu não tenho onde me esconder e ainda que tivesse não me esconderia, porque se me prenderem estarei consolado, pois é pelo amor de nosso bom Deus que tudo mereço».

Disse mais algumas coisas a esse respeito e retirou-se todo cheio de coragem, e, desejoso de soffrimento, esperava pela sua ditosa hora.

As suas filhas espirituaes ficaram em grande consternação; umas entraram a chorar; outras entristecidas foram orar; reuniu-se, por fim, toda a communidade e todas em pranto dirigiam suas supplicas ao céu e cheias de confiança esperavam todo o soccorro em tal afflicção.

A' tarde fomos visitar o cemiterio, o que costumavamos fazer nos domingos e dias santos; porem os nossos corações estavam sobresaltados e o pensamento sempre occupado em tão triste noticia.

Felizmente nesse dia nada mais se passou; somen-

te entrou a concorrer muita gente para visitar o Padre Mestre e dizer-lhe que o não deixariam emquanto não se passasse essa crise Mas elle, todo socegado, disse que não tomassem incommodo por elle, que fossem para suas casas cuidar de suas obrigações, que elle estava disposto a soffrer o que Deus quizesse. Mas, ainda assim, não se afastaram e passavam as noites da parte de fóra junto a uma cajazeira ou em uma casinha sem taipa, que ficava de frente. onde trabalhavam os carpinas

Passados alguns dias depois desta primeira noticia, estando nós reunidos na capella para rezar o officio divino, eis que chega uma pessoa com esta noticia:—Acolá vem uma tropa, que se encaminha para ca—

Todos pensavamos ser a tropa que vinha prender nosso bom Padre.

Oh! que sobresalto não foi o nosso!

Iamos rezar o officio divino, por serem 11 horas do dia, e não querendo contrariar o tempo da devoção, demos principio á oração e continuámos; mas parecia que a cada instante viamos passar a tropa para a casa do Padre. Assim estavam os nossos corações tão tristes e assustados que só por Deus rezámos o officio sem o interromper.

Acabada a oração, fizemos uma pausa, para saber de algum occorrido, porem, felizmente nada succedera

Entoámos o officio de Nossa Senhora da Conceição com muito fervor e depois deste outras orações. Com este exercicio fomos nos reanimando e enchendo de coragem, pondo toda nossa confiança em Deus, e assim em vez daquelle mêdo que antes tinhamos, com tanta pena e susto de vêr o nosso querido Padre soffrer e morrer nas mãos dos tyrannos, agora achamonos cheias de coragem e valor, para soffrer e morrer com elle, por amor do nosso amantissimo Jesus. Todas diziam em uma só voz á superiora:—«Se os tyrannos vierem prender nosso Pae, nós tambem nos apresen-

taremos, porque estamos dispostas a morrer pelo amor de nosso bom Deus».

E como não tinhamos armas mais do que as cruzes, com ellas nos preparámos para sahir; e não só nós, irmãs da Caridade, como as orphans e tambem o povo de fóra, que estava acostumado a ouvir as doutrinas do Padre Mestre, todos tinham a mesma disposição

As pessôas de fóra queriam armar-se contra os tyrannos; porem o Padre, com todo o socego e tranquillidade, disse-lhes que tal não fizessem; e ellas, impedidas disso, vinham somente umas com as foices de seus trabalhos, outras com os bordões e assim se passou este dia, todos com os corações desassocegados; somente o Padre mostrava ter serenidade e conformidade com o que pudesse acontecer.

Porém Deus, por sua bondade santa, não permittiu que nesse dia a tal tropa viesse á Caridade.

Veio, sim, alguns dias depois, até a povoação de Arara, porem com outros designios. ainda que mostrassem ter aversão ao Padre Mestre e á Caridade.

Deus não permittiu que elles tivessem poder para nada. e assim se foram embora, deixando-nos em paz.

No mês de setembro de 1875, noticiaram ao Padre Ibiapina que a casa de Caridade da villa de Baixa-Verde estava soffrendo opposições e contrariedades bastantes para que em breve desmoronasse; e isto falou tão alto ao seu coração que elle, como uma mãe carinhosa que vê seu innocente filhinho em perigo de ser devorado por deshumana fera, não se doeu de arriscar a propria vida para salvar a do innocente amor de sua alma. Sim, porque as casas de Caridade, que elle instituiu para honra e gloria de Deus, como perolas preciosas para ornar a corôa da Santissima Virgem, eram-lhe fibras do coração, meninas dos seus olhos, objectos amados de sua alma. Velando constantemente sobre ellas com a luz da graça que Deus lhe deu, dirigindo-as com tino e geito de alta sabedoria, ainda assim lhe cabia fazer como manda a doutrina da verdade: —desconfiava tudo de si, para só con-

fiar em Deus, e dizia sempre: «As casas de Caridade são de Deus; elle tome conta dellas e as dirija como fôr de sua santa vontade».

Nesse tempo achava-se elle atacado de pleuris e outros incommodos; mas nada o embaraçou de fazer uma grande empresa. Escolheu oito irmãs da Caridade e dez orphans, três das quaes estavam habilitadas para mestras, e sahiu com ellas em soccorro da casa de Baixa-Verde, e com o plano de visitar e reformar as casas de Caridade da villa de Santa Luzia, Cidade de Souza e Cajaseiras.

No dia em que sahiu de Santa Fé, achava-se tão incommodado que se deixou acompanhar da comitiva que ia a pé, e esta empregava todo o geito e cuidado em seu favor, como tirando as pedras e páos do caminho para o cavallo não tropeçar. Mas Deus, que do alto abençoa sempre os passos de seu servo e servia-se delle para mostrar ao publico o seu poder e bondade, reformou-o desse dia para o outro, pois como que deixando no descanço os males que o cercavam, partiu com novas forças e saúde á frente dos cavalleiros.

Chegando á Santa Luzia, achou a casa de Caridade em boa ordem, sendo muito bem recebido. Durante os onze dias que alli esteve, confessou e deu a santa communhão a toda a communidade, alem das numerosas pessoas de ambos os sexos que alli concorreram para ouvir a palavra de Deus. Deu principio á missão e sabendo que alli havia homens de vida pervertida, publicamente os apertou, mandando deixar o peccado e fazer penitencia; foi obedecido, excepto por um que satanaz tinha preso, como que querendo zombar com o valente David de nossa era; mas. sendo sabido por elle, no dia seguinte fulminou do pulpito com verdades tão claras e ameaçadoras o impenitente, que de um golpe cortou a cabeça da serpente. O pobre homem avançou do auditorio e cahiu de joelhos aos pés do santo Apostolo, pedindo perdão por tudo quanto era sagrado, pois estava disposto a deixar a vida criminosa e abraçar toda a penitencia que lhe fosse imposta.

Era então o ultimo dia da missão.

No dia seguinte, o Padre Mestre, depois de celebrar, mandou as orphans representar uma scena moral e instructiva na frente da Caridade, perante o grande concurso que alegremente apreciava o acto interessante: mas lá está no meio do povo o pobre penitente disciplinando-se, dando provas da verdadeira conversão

Acabada a scena o Padre Mestre entrou com as orphans e irmãs para a Caridade, e o pobre homem o seguiu até o salão, e já todo ensanguentado, repetindo os açoites, ajoelhou-se aos pés do Padre, pedindo perdão, o que obteve, recebendo as necessarias direcções que fielmente observou, convertendo-se á bôa vida.

De Santa Luzia seguiu o Padre Mestre para a cidade de Sousa, e chegando alli, foi visitar a santa Casa, onde foi bem recebido.

Depois da recepção, fez uma conferencia e deu novas direcções para o bom governo da casa. Durante os dias que alli esteve, confessou e deu a sagrada communhão e deixou uma das irmãs que levava, para occupar o logar de vice superiora, outra para esmoler e uma orphan para mestra de letras, e ficando tudo em bôa ordem, despediu-se de todas pela ultima vez, deixando-as inconsolaveis, e seguiu para Cajaseiras.

Alli, visitou a casa de Caridade e fez o mesmo que já tinha feito em Souza; deixou uma orphan para mestra de letras e seguiu em direcção de Baixa-Verde, onde chegou no mês de novembro do mesmo anno.

Logo que entrou na casa de Caridade, reuniu a communidade; fez uma conferencia, dando todas as providencias necessarias; examinou os trabalhos da casa; appareceram maviosos e alegres canticos; e a casa equilibrou-se renovada em tudo e começou a florescer tanto no espiritual como no corporal!

Oh! como eram encantadores esses dias que se passavam tão cheios de animação, fervor e doçuras ineffaveis, que eu agora com saudosa recordação vou escrever!

A's seis horas da manhã, entrava a Missa acompanhada de canticos espirituaes, e no fim o Padre Mestre

fazia uma prédica, combatendo com toda energia e forças a maçonaria, fazendo vêr bem claro os erros e grandes males que esses homens (os maçons) faziam á Santa Religião, e o dobrado desses males nos castigos que teriam na eternidade; e offerecia a sua vida a Deus em sacrificio pela conversão desses impios. Falava a respeito da moralidade e reforma de vida que todos deviam ter, para tranquillidade daquelle logar que ia inundando em perversidade de costumes; e ordenava ao povo que, ao sair da igreja, cantasse:

«Não permittas, ó Maria,
Do Brazil amparo e luz,
Que triumphe a impiedade
Na terra da Santa Cruz».

Fez um hospital para a casa; deu habito de Nossa Senhora do Carmo a cinco irmãs; admittiu muitas na ordem de irmãs da Caridade.

Nos domingos depois da missa, ia com as orphans e irmãs a um recreio no jardim da casa, que continha muitas flores e fructas.

As meninas brincavam alegremente, colhendo flores, cantando versinhos feitos por elle para dar tom a essas scenas de recreios innocentes. Depois, vinham todas com elle para a sombra das fructeiras, e ahi mandava as irmãs falar o que sentiam para honra e gloria de Deus, e elle no fim falava largamente neste sentido, ensinando a todas as virtudes que deviam praticar, para encherem o fim a que alli vieram. Era muito amigo das pequenas a quem acariciava, dizendo gostar de estar com ellas para lhe communicarem a innocencia.

Agora vamos vêr que nada no mundo é alegre sem mistura de tristeza.

Eis que os gosos se vão converter em amarguras, os risos em lagrimas, as vozes harmoniosas em lamentos lugubres e preces enternecidas.

No dia 30 de dezembro o Padre Mestre amanheceu tão doente que não poude mais dizer Missa e foi se ag-

gravando tanto o mal que se mandou logo chamar o vigario José Euphrosino para elle se confessar. O Padre achou-o tão doente que não se atreveu a dizer que elle escapava.

Com tudo isso, o Padre Mestre determinou que se sahisse de Baixa Verde, de volta para Santa Fé, e preparando-se as coisas com a maior brevidade, no dia 7 de janeiro de 1876, das 6 para as 7 horas do dia, partimos de Baixa Verde. Sahiu o Padre Mestre em uma cama com uma armação como de uma liteira, levada aos hombros de homens. Nós, irmãs e orphans, caminhavamos adiante da liteira; uma irmã levava uma imagem de Christo na mão; outra levava uma vela branca, vendo que a cada instante teria precisão de accendel-a para os preparos da morte daquelle que nos era tão caro; outra levava uma cestinha com alguns alimentos; outra, um caixãozinho com alguns remedios preparados pelo medico que tambem ia acompanhando, assim como tambem o Vigario da Freguesia.

Depois de quatro dias de jornada, estando nós descançando em um logar chamado Cedro, chegou o Padre Vieira e dirigindo-se ao Padre Mestre, disse-lhe: «Eu vim mandado por Deus para demorar esta viagem».

Ao que respondeu o Padre Mestre: «Pois bem; faça-se a vontade de Deus».

No dia seguinte voltou elle em companhia do Rvmo Padre Vieira e muito povo que acompanhava para a povoação do Bom Conselho, onde estivemos dois mêses e tantos dias.

Melhorando o Padre Mestre um pouquinho determinou que nos preparassemos, que se Deus não mandasse o contrario, elle voltaria para Santa Fé. E estando tudo disposto, seguimos nós com elle para Santa Fé e o Padre Vieira para sua casa de Caridade de Cajaseiras.

Depois de um mês de viagem, chegámos a Santa Fé no dia 14 de Abril, que era sexta-feira da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo; mas já esperando vêr chegar o dia de sua Resurreição, de vez em quando se consolava o nosso coração.

Assim a chegada do Padre Mestre nesse dia em Santa Fé foi contemplada por aquelles que muito o apreciavam, porque não esperavam vel-o mais neste mundo, em vista das tristes noticias de sua dolorosa enfermidade, e agora o viam chegar vivo, ainda que muito abatido, e já parecendo salvo do maior perigo. Tinham, pois, razão para se alegrar e dar muitas graças a Deus.

E nada mais se podia fazer porque nesse dia não se repicavam sinos, não se soltavam fógos; tudo estava em silencio.

Ao entrarmos na povoação de Arara, foram chegando os irmãos que vinham saudosos por vêr seu querido Pae, e sem poderem mostrar maior alegria naquella hora, contentaram-se de tomar a liteira dos hombros do povo, e foram silenciosos caminhando; com pouco, chegou a communidade da Casa; mas nesse desejado encontro, nenhuma ousou pronunciar palavras, o que muito servia para desabafar as lagrimas de consolação dos corações que tanto suspiravam por vêr ainda vivo aquelle que, depois de Deus e da S.S. Virgem, era o consolo nas afflicções. Chegámos, emfim, a Santa Fé e ao entrar no portão de Caridade, o Padre Mestre mandou parar a liteira, e approximando-se as irmãs e orphans a todos, em voz baixa, abençoou. Depois levaram-no para a casinha delle, e nós entrámos para a Caridade, e dirigindo-nos á Capella fomos dar graças a Deus.

Recolheu-se o nosso querido Padre Mestre á sua humilde casinha, e continuou a soffrer dia e noite, sem haver remedio que acertasse na sua enfermidade, por se achar já muito complicada com outros varios incommodos.

No mês de Maio, appareceu-lhe grande melhora nas dores de cabeça; mas um fatal presagio veio com esta melhora, pois que ao mesmo tempo ia sentindo paralysia nas pernas, de sorte que não poude mais andar. Agora vae começar uma vida bem differente; vida de martyrio e privações, que a Providencia lhe marcou para o experimentar, como ultimo combate de uma exis-

tencia toda cheia de sacrificio em prova do amor de Deus e do proximo.

Elle parece que zomba de tudo que se chama auctoridade e contradições da vida e tudo leva a bem, em honra e gloria de Deus, para só sentir amargamente as offensas, que a Deus fazem, e neste sentido esgota calices e mais calices de amarguras, por não poder remediar a triste condição da humanidade errante.

Achando-se paralytico das pernas, ficou privado de celebrar o santo sacrificio da Missa e de se unir todos os dias ao seu bem amado Jesus; mas esse martyrio foi-lhe acceito com paciencia e conformidade exemplar

Não podendo andar, mandou fazer uma cadeirinha de quatro rodas, e nella ia levado á capella do cemiterio da Caridade, assistir ás devoções que lá se faziam.

Nos domingos havia missa espiritual, cantada pelas orphans, e a communhão espiritual feita e ensinada por elle; prégava, ora explicando o evangelho do dia ora instruindo e dirigindo suas filhas na pratica das virtudes. Alli se fazia o mês de Jesus, o mês mariano, o mês de S José, o da Paixão, o das Dôres e o das almas e muitas novenas.

Para essas devoções concorriam pessôas de muitas partes e se confessavam e recebiam direcção espiritual a que elle se prestava com muito gosto. Faziam-se festividades solemnes, como a semana santa: as orphans cantavam as lamentações; havia lava-pés, sermão da Paixão e gloriosa resurreição, e alegria na alleluia.

Depois da missa, que era sempre de 9 para 10 horas, as orphans iam todas com bandeirinhas á casinha delle e traziam-no para a Caridade, cantando versos.

Chegando á casa, fazia elle uma curta oração no altar e iam para o salão, onde todos tomavam assento as orphans representavam a scena que elle indicava a qual servia de lição de moral para o povo de fóra que vinha assistir, e todos ficavam edificados, por verem a bôa educação dellas, a modestia e aptidão com que cada uma desempenhava o seu papel, a bôa in

strucção que nellas havia, em fim a bôa direcção e ordem em tudo.

Depois, outras recitavam discursos e cantavam versos feitos por elle. E por ultimo, elle falava, explicando tudo, para que não só ficassem moralisados, mas tambem para que vissem a importancia de uma casa de Caridade, o proveito que há em amparar as pobres orphans, pois estas que deviam andar errantes pelo mundo se viam alli em tão bôa posição.

Depois vinham bandejas de fructas e outras iguarias, que elle distribuia a todas com caricias de pae, tendo primazia as engeitadinhas e as mais pequenas, que nessas reuniões circulavam a cadeira delle em um grupo de 30 a 40.

Oh! que bello e mimoso quadro!

Oh! que scena encantadora!

Quem antes a tinha visto e quem a virá jamais ?!

Por fim, elle dava signal ao povo que se retirasse, e sahia atrás na mesma ordem da vinda. A's 4 horas da tarde, tinha logar a devoção no cemiterio.

Nos dias semanarios, das 7 para 8 horas da manhã, elle vinha visitar todas as repartições, o que dava logar a todos se esmerarem em aperfeiçoar seus trabalhos, para dar-lhe gosto. Logo que elle entrava, cantavam com vozes angelicas e alegres:

«A brisa vem sussurrando,
A face do céo varreu,
Tristes nuvens espalhando,
Que a noite em ondas verteu».

Ia primeiro ao salão da escola e costura; alli examinava as lições e escriptas de cada uma, os differentes pontos das costuras, e nada lhe escapa, pois elle de tudo entendia e tudo queria no melhor gosto

Fazia admirar vel-o dando fé da pequena imperfeição que houvesse em qualquer ponto, bordado, labyrintho ou outros tecidos.

Continuava visitando as mais repartições, aben-

çoando a todos com prazer, e retirava-se para sua humilde casinha, a tratar de suas muitas occupações, que dia e noite o cercavam. Alli vinham gentes de todas as partes e de todas as casas pedir-lhe direcções e conselhos e mostrar-lhe suas circumstancias espirituaes e corporaes; e elle, como pae e bemfeitor da humanidade, a todos dava attenção, consolava e instruia no que deviam fazer para melhorarem de sorte.

Dava direcção para as casas de Caridade e não cessava de inventar meios correctivos com o maior tino e geito, como não podia mais visital-as, suppria esta falta escrevendo a ellas, ensinando-lhes os meios para marcharem á perfeição, pois o seu desejo continuo era que todas fossem santas.

As irmãs de Caridade e as orphans de Santa Fé tinham a melhor parte, por serem creadas e alimentadas com as virtudes e continuas direcções e tudo o mais que um Pae extremoso pode fazer por seus filhos; e ainda mais, porque elle não encarava sacrificio, quando esse fosse preciso para fazer o bem a qualquer um e se não fez como o pelicano que se fere no peito para dar o proprio sangue a seus filhos, foi por não haver occasião para tanto; mas dizia que estava prompto a derramal-o, se preciso fosse.

Os seus dias se contavam pelos bens que nos fazia Era prompto, cuidadoso e vigilante em promover auxilios a todas as necessidades

Acontecimentos da secca do anno de 1877.—Appareceu nesse anno uma grande secca na provincia do Ceará e juntamente em todos os sertões até mesmo nos bréjos, pois apesar de ter chovido alguma coisa e muitos terem plantado, não colheram nada.

Aqui mesmo na Arara não deu uma só chuva grande e as poucas que deram depois do mês de maio não criaram lavouras; apesar de se ter plantado roçado, nada se aproveitou; somente serviu para accrescentar a pouca agua que havia no açude da Caridade, a qual, se não fosse a concorrencia dos retirantes e muito povo de fóra que entrou a carregar agua sem regra, esperavamos em

nosso bom Deus que chegasse até janeiro de 1878; mas, ainda assim foi admiração chegar até o meado de outubro desse mesmo anno de 1877.

E não foi somente agua do açude da Caridade que se repartiu com os pobres retirantes; foi tudo o mais que a Caridade poude fazer em favor dos peregrinos.

A secca trouxe comsigo a fome e achou quasi todos nús. E o Padre Mestre determinou que do que havia na Caridade se repartisse com os pobres peregrinos, e assim se fazia.

Dava-se a todos os necessitados o alimento, o vestuario, não só para aquelles que vinham em pessôa pedir no portão, mas tambem para levarem áquelles que diziam ficavam escondidos nos mattos, porque, de nús não podiam apparecer. A uns se davam vestidos; a outros, camisas; a outros, lençóes; e assim sempre se repartia quanto era possivel com os pobres e desvalidos. Por vezes se apresentavam no portão da Caridade aquellas mulheres com os filhinhos nos braços, núsinhos, como succedeu um dia de manhã ainda muito cedo, uma mãe com uma filhinha nos braços, por não ter o que vestir-lhe.

A esta se deram com toda prestesa duas camisinhas que tinha uma orphãzinha da Caridade.

Em outro dia appareceu no portão da Caridade uma pobre velha muito doente, com os pés e varias partes do corpo chagados, montada em um cavallo no meio de uma cangalha, os cabellos desgrenhados e toda coberta de môsca, por causa do máo cheiro que exhalava das feridas dos pés, que estavam todos ensanguentados. A sua unica consolação era uma pobre moça que trazia por companhia, tambem muito doente, e ambas tão sujas, as roupas tão rasgadas, que não havia um só panno inteiro. Perguntando-lhes a irmã porteira o que queriam, responderam: «O que queremos é o amparo da Caridade».

O Padre Mestre recebeu a ambas e mandou que se fossem tratar no hospital da Caridade. E logo com toda prestesa fomos tratar de curar-lhes as chagas, lavar-lhes

o rosto, que traziam coberto de grossa poeira, e mudar-lhes a roupa. A' tarde, deitada sobre a cama em que estava descançando, a velha não parecia mais a mesma. E, ainda assim, não se esquecia de voltar para o sertão donde tinha vindo. E' assim que se passam os dias desta triste vida.

Hoje são 12 de dezembro de 1877. Não temos agua para beber, senão de duas leguas; para lavar roupas, de tres leguas. Os generos, em preço superior ás forças da Caridade, para sustentar o pessoal de quasi duzentas pessôas, sendo mais de noventa orphans e a metade de menos de 7 annos, muitas doentes, que demandam tratamento singular.

Acabou-se o milho, o feijão, o arroz, restando pouca farinha para nos remediar. Não temos cavallo, e pouco é o dinheiro. Os retirantes todos os dias nos pedem pão, e seu numero sobe ás vezes a mais de cincoenta; tambem pedem roupa, por estarem nús.

E nós, no meio dos grandes embaraços da vida, a tudo damos attenção e prestamos soccorro.

As casas do centro pedem soccorro ás suas extremas necessidades, e tudo damos, embora nos falte. Temos em redór de nós muitos necessitados e a todos damos attenção.

No meio desse tempo escuro pela tempestade da miseria, estamos tranquillos, descançando das fadigas de tão penosa posição á sombra da confiança em Deus, e esta confiança nos corrobora o espirito, que não nos assusta o futuro, por mais escuro e horroroso que nos pareça.

Como se póde viver sem Deus?!

E como é forte a confiança nelle!

Aprendam os humanos que com Deus tudo se vence; mas sem Elle é insupportavel a vida. Este quadro visto de longe assombra e de perto entristece o varão mais forte. E nós, só com a vontade de Deus resignados, olhamos a morte sem susto e sem horror, uma vez que por Deus nos venha ella, pela peste ou pela fome.

Estar na crise penosa com sinceridade é grande bem

de Deus. E' como se estivessemos na vespera do martyrio: só em Deus deviamos pensar e procurar mais a Elle unirmos. Façamos o mesmo, que o nosso martyrio será morrer á fome e vêr morrer os filhos caros, sem poder com lagrimas adoçar os lamentos da fome e da morte penosa. Mas viva o bom Jesus, que nos sacrificaremos resignados, porque foi do seu agrado que assim acabassemos no meio de um quadro tão doloroso.

Escrevo hoje esta pagina que deverá ser transcripta nos livros da casa para perpetua memoria, devendo ser completada com successos futuros que comporão a historia da penosa crise de 1877 (*).

Convem escrever um paragrapho em abono do governo e do povo Brasileiro.

O governo luctou com grandes difficuldades para soccorrer os necessitados; mas não era possivel que a sua acção beneficente se estendesse a todos os logares e a todos os indigentes, pela differença e longitude das localidades, faltando cavallos e quaesquer outros meios de transporte.

Em geral os Brasileiros são caridosos; mas o soccorro que se lhes pedia excedia á possibilidade. Visivelmente uma mão poderosa nos castigava. Seria injusto accusar o governo e o povo Brasileiro de crueldade. Era a impossibilidade que sujeitou os infelizes a tão dura sorte.

Olhemos para o Céo, e lá está Aquelle que só nos póde soccorrer.

E viva o bom Deus, que é sempre santo, amavel e caridoso!

Occurrencias para a chronica de 1878 e 1879 em Santa-Fé. — Tristes desvarios da razão humana!

Carregavam-se para a sepultura os cadaveres em multidão, mortos pela fome e miseria e desamparo; chorava o povo com fome, descomposto, em nudez. As mães entregavam e abandonavam os filhos e filhas com um desamor e indifferença, que assombraria em outro

(*) Esta pagina parece ser do proprio Padre Ibiapina.

tempo. Os filhos e filhas, por sua parte, faziam o mesmo, não se lembrando dos paes ; somente cuidavam no comer e prover por esse meio á sua subsistencia ; donde se póde vêr que a lei da propria conservação nos seres sem a Religião verdadeira reduz-se a um instincto brutal.

A morte dos paes e filhos não impressionava, e todos cuidavam de desembaraçar-se dos mortos para tratar de comer. Se chamavam os padres para confessar era para pedir comida. E chegando o padre ao doente, procurando materia para a confissão, o doente só tinha esta palavra—*quero comer* e com pouco morria.

Os hospitaes do Brejo de Areia encheram-se. Pocinhos, recebendo alem das forças necessarias e soccorrendo e carecendo de recurso, abysmou-se : morreu quase a metade da orphandade, soccorrendo-se os pobres da portaria. Oh ! quanto é horrivel contemplar esta scena dolorosa !

O irmão Ignacio, guiado por Deus, obteve na Bahia algumas esmolas, que a tempo remediaram as maiores necessidades. Foram cessando nossas graves penalidades com os gerimuns e maxixes, o que teve uma importancia de grande alimento e recurso, adoçando a parte mais grave ; mas era muito o que soffriamos para com pouca coisa nos satisfazermos.

Há quase anno e meio que a Caridade dá na portaria esmolas aos pobres : a comida, o vintem e tudo o mais que póde dar.

Todos os sabbados o Padre Mestre mandava fazer um almoço ; chamava todos os pobres que se approximavam da porta da casa delle e todos os mais que estavam famintos por ahi, para dar de comer ; a todos soccorria ; ensinava a doutrina ; dava-lhes rosarios para rezarem ; mandava tirar-lhes os bixos dos pés ; tratava-os todos com a maior doçura e gosto, reconhecendo nos seus semelhantes a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo. Quem poderá dizer tudo ? ! Graças a Deus que não nos arrependemos de obrar assim ; e é essa a regra que a Caridade seguirá sempre com o favor de Deus.

Morreram 84 pessôas na casa, não de fome, mas de enfermidade, que as comidas bravias provocaram : inchação, febres, beri-beri.

Foi nesse quadro doloroso que o mesmo irmão Ignacio, indo ao Rio de Janeiro, conquistou uma sympathia e consideração tal em favor da Caridade e destas casas do Norte, que obteve de esmolas vinte e dois contos de réis, sendo todo o povo tão disposto a favorecel-o com esmolas que foi obrigado a voltar para receber a continuação desse favor providencial.

E' aqui mui visivel a acção da Providencia: porque a figura do irmão Ignacio é desprezivel por seu vestuario; sem chapéo, descalço e vestido com desalinho, deveria na Côrte, onde impera somente o luxo, e grandeza e os nobres, ser desprezado e exposto ao ridiculo, como o tem sido em outras cidades, onde até pancadas e pedras tem levado, como em Mamanguape.

Entretanto, tal impressão causou pela causa que o occupava que teve a consolação de vêr a seu favor grandes notabilidades politicas e sociaes, como bispos, deputados e senadores, mulheres, moças e meninas. Todas as folhas, que se occupavam em discussões politicas e odiosas, depuseram as pennas para só do irmão Ignacio se occuparem e ajudarem a empresa da Caridade. Não se póde dizer tudo, porque é muito.

Quem não vê o dedo da Divina Providencia obrando maravilhas, mudando o sentir dos corações, sem que os mesmos que obravam percebessem que por poder tão alto o faziam ? !

Esse soccorro providencial se estendeu a todas as casas de Caridade.

O Padre Mestre distribuiu dinheiro, alimento, vestuario, etc.

Oh ! bom Deus, como não vos reconhecer nestes exemplos, e não vos amar por gratidão e reconhecimento de vossa infinita bondade !

Recebei, bom Jesus, esta pagina como uma oração de graças que vos damos e que jamais esqueceremos não

só os presentes como os futuros, para em todo o caso só em vós confiar e viver segundo a vossa lei e vontade.

A casa de Caridade de Souza estava em extremidade e a fome lhe batia á porta, e a apprehensão do futuro aggravava a sua sorte, sem ter conselho nem conforto. Nesta extremidade, tres homens de caridade, os Vieiras, abastados, tomaram a peito soccorrer a Casa e salvaram-na do abysmo. Quem não vê Deus nesse sentir caridoso ?!

Todas as casas de Caridade, por differentes caminhos, fôram soccorridas e salvaram o grave da crise.

Uma razão que nos consola em tão penoso estado é que não negamos do que temos aos pobres; recebemos as pobres meninas abandonadas; curamos os enfermos e lhes damos quanto podemos de alivio.

Foi talvez por isso obrar por amôr de Jesus e de Maria Santissima que tão grandes recursos encontramos dirigidos pela Divina Providencia.

Têm apparecido por aqui noticias muito horrorosas da provincia do Ceará; muitos fôram presos por ter comido os seus semelhantes; o povo torna-se antropophago não tanto pela fome, mas por haver perdido completamente o temor e a fé na doutrina da Religião.

Não se perdeu sómente a bôa fé com aquella pêrda do temor de Deus; veio tambem a pêrda do senso moral e da dignidade do homem.

Apresentaram-se roubando nas estradas, com caras descobertas e audacia autorizada pela força, pessôas de familias, que figuravam com importancia na sociedade, assim no Ceará como por outras provincias. Os homens tornaram-se feras carnivoras, comendo uns aos outros, não poupando, neste gosto feroz, nem os filhos e irmãos todos que podiam matar para comer.

Que existencia póde gosar quem têm um coração sensivel, tendo este quadro constantemente deante de si, sem poder fugir de vêr e sentir tantas amarguras?

Chegámos ao caso que a morte passou a ser o unico asylo seguro ao homem crente e temente a Deus e observador da sua santa lei. Quando Jesus Christo veio ao

mundo nunca alguem o viu rir, porque os quadros que tinha em vista eram todos dignos de lagrimas; por isso chorava. E hoje é o quadro menos carregado? Como rir, brincar, bailar e abafar os choros e lamentos com algazarras festivas?!

Oh! desvarios da razão humana!

Oh! triste humanidade que acha attractivo no que a perde e se não commove com o que faz chorar a tantos em completa afflicção.

Se o homem visse ao nascer o que o espera no futuro, bem quizera morrer no berço.

Fôram sem duvida mui horriveis as perversidades dos homens nos dias de Noé, que obrigaram o bom Deus a acabar o mundo com o diluvio! E nós que poderemos esperar, vendo peior que o povo do tempo de Noé, trazendo para nós circumstancias aggravantes, que duplicam a ira de Deus?! O exemplo da vida de Jesus, a sabedoria da sua clara doutrina, resplandescente com o martyrio que soffreu para que os homens não se perdessem, tudo isto desprezado pelos humanos, indifferentes a tão grandes manifestações do amôr divino! Pensemos nisto e, humilhados, choremos como David.

Todos nós nos confessámos e commungámos, e muitas orphans de edade de sete annos fizeram a sua primeira communhão. Que alegria e consolação!

Uma alma privilegiada como a do Padre Mestre viu brilhar na face de algumas a graça celeste em profusão.

No dia 8 de dezembro, festa da Immaculada Conceição de Maria, sahiu o Padre Mestre com toda a communidade da casa, com os andores de N Senhora da Conceição e do Senhor Santo Christo dos Milagres, bem preparados pelas irmãs de Caridade.

Fomos em direcção á igreja de Nossa Senhora da Piedade, na Arara, sendo o andor de N. Senhora da Conceição levado pelas orphans, trajando vestidos brancos, manto azul e grinaldas de rosas na fronte; e o do Santo Christo, por quatro irmãs trajando o habito de Nossa Senhora do Carmo. Abria o cortejo uma trajando de branco, com manto azul e grinalda de rosas na fonte, trazen-

do na mão o santo Lenho, adornado com ramos de flores artificiaes. Atrás vinha outra do mesmo traje, levando uma bandeira de Nossa Senhora da Conceição, donde pendiam duas longas fitas a que seguravam dois anjinhos. Acompanhava a procissão o nosso virtuoso Padre Ibiapina e grande concurrencia do povo. Chegando á igreja de N. Senhora da Piedade, houve missa espiritual cantada pelas orphans, e praticas. Depois se voltou na mesma ordem para Santa Fé, onde houve scenas theatraes e um banquete que o Padre Ibiapina deu ás orphans e a toda a communidade da casa e a umas irmãs e orphans da casa de Caridade de Croatá, que nesse tempo estavam aqui em Santa Fé.

A's tres horas da tarde fomos todos levar o Padre Mestre a sua humilde casinha.

No dia 25 de dezembro, depois de termos passado toda a noite em louvores ao menino Jesus reclinado no berço, sahiu o Padre Mestre com toda a communidade em direcção a Arara, na mesma ordem que no dia da Conceição. Era elle levado adiante na rêde, pelos irmãos da Caridade, por causa do seu estado de paralysia, conduzindo outro beato a cadeirinha para quando chegasse mais perto da igreja.

Só o andor do menino Jesus era levado pelas meninas vestidas de branco, acompanhado de dois anjinhos.

Houve orações e praticas sobre o nascimento do menino Jesus.

Acabado este acto, o nosso virtuoso Padre se dirigiu á porta da igreja, acompanhado de quatro orphans a quem mandou distribuir esmolas aos pobres mendigos que andavam errantes por estas paragens, por causa da secca, desejando que todos participassem da grande misericordia que Deus nos enviou do Rio de Janeiro, dos corações piedosos.

Depois desta scena, voltámos na mesma ordem para a Santa Fé. A's duas horas houve um jantar, com iguarias mais bem preparadas, para orphans e irmãs de Caridade, e depois todas fomos levar o Padre Mestre á sua casa. Oh! dias venturosos! Quanto foi encantador qu

as orphans distribuissem pelos pobres o pão que lhes cabia, para acompanhal-os no amor e gratidão a Jesus.

*

São 2 de janeiro de 1879. Eis-nos no anno novo. Recebendo o Padre Mestre Ibiapina, dos bemfeitores do Rio de Janeiro, avultadas esmolas, que tantos males fizeram cessar, clareou para nós o dia, fugiu a tristeza e cantámos com David: *Louvae ao Senhor todas as nações.*

Não tivemos mais fome; recebemos vestidos novos, lenços novos e muito a nosso agrado; tivemos saúde.

E esses bens estendendo sua acção beneficente a vinte casas de Caridade, onde nossas irmãs soffriam tanto como nós, nos obrigam a uma constante gratidão.

O Padre Mestre disse que varios vigarios tomaram a peito a nossa causa, mas principalmente o Vigario de Nicteroy, que, cercado de angelicas moças e meninas, esmolava pela rua a favor dos pobres orphans do sertão.

Os estudantes do Rio de Janeiro mandam dinheiro para a casa do Acahy; do Recife, um moço manda outra quantia, e de outras partes muitas esmolas se recebem.

Oh! como esquecer tantos favores que a Deus devemos! Oh! quanto isso nos toca e commove.

Que as lagrimas que taes actos nos provocam digam aos nossos bemfeitores o que palavras não alcançam.

Pensámos que seria para nós de grande consolação ter um quadro grande representando o virtuoso Pastor, cercado de innocentes velhinhas, enviando-lhes a caridade.

O Padre Mestre mandou pedir o retrato do Sr. Vigario que se interessou pelas esmolas, e nós pedimos os nomes das moças bemfeitoras, para collocal-os em lettras grandes em nosso salão de trabalho e, quando cantarmos os versos das orphans, apontarmos para elle e ellas.

O Padre Ibiapina mandou dizer missa por todos os bemfeitores do Rio de Janeiro e todos os mais que concorreram com suas esmolas para as casas de Caridade, e todos nós assistimos com o rosario na mão. Constantemen-

te oramos por todos os nossos bemfeitores; fizemos jejuns, e até as orphans de oito annos pediam licença para jejuar por quem tanto bem lhes tem feito.

No dia 22 de novembro foi para nós um dia alegre, ao começar a novena de Nossa Senhora da Conceição; nossos espiritos se reanimaram de fervor; com alegria, veio um gosto de cantar que enchemos o salão e toda a casa de nossas vozes, sem fartar o gosto nem cansar; foram dias de completa consolação Assim estava o nosso espirito, quando em dezembro raiou o dia em que as nuvens cor de rosa, formando arvores cheias de ramos estrellados, nos annunciavam melhores tempos Com effeito, quem tinha a graça de Deus como o Padre Ibiapina viu por entre as nuvens escuras uma mulher mais que angelica com delicados dedos romper a nuvem escura e apresentar um bello menino nos braços! Quem poderá dizer tudo?! Viva a Immaculada Conceição de Maria e seu piedoso Filho!

Anno de 1880.—Desde o anno de 1879 que se adoçaram as coisas que nos opprimiam. Tivemos neste anno muito legume; duplicaram-se as plantas e em bom estado se acham, tendo apparecido o inverno com regularidade. Agora, olhando para o interior da Caridade, vemos extremosa alegria nos corações. Oh! bom Deus, como vos agradecer tanta bondade?!

De Araruna nos mandaram tres rezes; Joca Torres, duas matalotagens, e D. Chiquinha, uma; e mais esmolas que vinham de outros logares.

Não foram somente estes os beneficios do nosso bom Deus. Fez-nos ainda outro, que, com muita razão e reconhecimento, lhe agradecemos.

Três dias antes do Natal, Deus nos mandou um Padre para dizer missa e nos dar a sagrada communhão; e na vespera da festa nos mandou outro padre, que tambem disse missa e nos deu a sagrada communhão. Bemdito seja Deus por tanta bondade para comnosco!

*

Anno de 1881.—Neste anno, graças ao nosso bom

Deus, tivemos muitas lavouras e bom inverno; houve tambem esmolas dos corações dos fieis.

O Padre Mestre fez as devoções do cemiterio com o mesmo fervor do costume. Na santa quaresma, na semana santa, houve praticas sobre a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, discursos que as orphans recitavam, lamentações, lava-pés, adoração da Cruz e alegria na Alleluia. Domingo da Resurreição o Padre Mestre fez a missa espiritual cantada pelas orphans: houve banquete, passeios no roçado, o que tudo exprimia o bom estado do nosso espirito e a bondade com que nos tratam nesta santa casa de Caridade de Santa Fé.

A festa da Conceição esteve explendida e continua a do Menino Jesus com o mesmo gosto e alegria de nossos corações. Este anno houve muita concorrencia de povo nas devoções do cemiterio, o que não foi sem fructo; houve muitas confissões e tambem presentes á Caridade, o que fez abundantes os recreios das orphans. E viva Deus, que tudo dispõe em favor dos que habitam e morrerem nas casas de Caridade.

*

Anno de 1882.—Tivemos tambem bom inverno e muitos legumes, graças ao nosso bom Deus, que tanto nos beneficia, sem nós o merecermos

Na quaresma recebemos a cinza, dada pelo nosso Padre Mestre, e passamos todo esse santo tempo cumprindo as nossas obrigações como elle ordenava. Chegando a semana santa, fez elle todas as ceremonias que fazia nos annos precedentes Graças a Deus, que nós não esperavamos que o Padre Mestre fizesse nenhum acto da semana santa, por causa dos seus incommodos se irem augmentando, pois nos achamos em grandes vexames, porque elle se achava muito enfermo. Pediu e recebeu os ultimos sacramentos e mandou até abrir a sepultura. Oh! meu Deus, quem poderá dizer a nossa afflicção. Quando vimos elle mandar abrir a sepultura, chorámos muito, fizemos muitas rogativas; cada uma, por sua vez, se offerecia a Deus para morrer em logar delle, se fosse de sua santa vontade.

Fizemos uma novena a S. José, pedindo-lhe que conseguisse revogar a sentença, porque aquella vida preciosa era para nós o nosso unico consolo.

Por bondade de Deus e graças a S. José, foi o nosso bom Padre Mestre melhorando dos seus incommodos; e um dia, estando nós todas reunidas, elle nos disse: «Minhas filhas, era chegado o tempo de Deus me tirar deste mundo; mas, talvez por vossos muitos rogos e lagrimas, S. José me obteve de Deus o praso de um anno; bendizei a Deus por essa mercê; mas Deus não erra o que faz». E assim succedeu. O Padre Mestre passou todo anno, ora melhor, ora peior. E elle mesmo dizia: «Graças a Deus, que ainda me concedeu um anno de vida para continuar com o meu ministerio; comquanto estivesse soffrendo, pude representar o meu papel, sem faltar com os meus deveres».

E assim mesmo adoentado como vivia não deixava de dar as suas instrucções, ora com palavras, ora com espirito. E nós com os nossos corações sempre assustados, esperando a cada passo e a cada hora fugir da nossa vista aquella preciosa existencia, aquelle santo Pae, que tanto nos attrahia para Deus

Afinal, chegou o fim do anno de 1882 O Padre Mestre nos disse: «Minhas filhas, não tenhaes tristezas, pensando no que há de acontecer para o futuro; nada vos faltará para passardes a festa com alegria; já mandei fazer 10$000 de doces e tudo o mais que é preciso para gosardes a festa alegremente».

Parecia nos que elle nos dizia claramente que era a ultima festa do Natal que passaria sobre a terra. Tivemos a festa de N. Senhora da Conceição e do menino Jesus como nos annos precedentes. As de maior edade, por saberem bem reflectir, passaram a festa sempre tristes e pensativas, pedindo a Deus pela vida do Padre Mestre, que parecia ir se finalisando; mas as meninas, como não sabiam reflectir nada, estiveram alegres e contentes.

O Padre Mestre mostrava-se sempre triste e pesaroso, dizendo: «Minhas filhas, minha vida está a acabar-se; entregae-vos a S. José, pois eu já vos entreguei a

elle, por não encontrar alguem por vocação com espirito proprio para essa empresa de tomar conta desses estabelecimentos, principalmente da minha querida casa de Caridade de Santa Fé por estar longe de freguesias. Tende confiança, que a seu tempo Deus mandará o seu enviado, para consolar as poucas que nesse tempo existirem. Eu de lá dos céus pedirei a Deus que vos dê perseverança em esperardes o cumprimento dessas promessas que da parte de Deus vos faço; pois sei que nenhuma dessas casas soffrerá tanto como esta casa de Caridade de Santa Fé; mas consolae-vos, pois eu tambem morro consolado, por ter passado aqui o resto dos meus dias e aqui jazer na sepultura, neste meu querido torrão de Santa Fé. Pertence a Deus o resto; e por isso, tranquillo, vejo approximarem-se os meus ultimos dias, sem perturbação; porque bem vejo que Deus tudo vê e dirige a seus fins E por tudo se dê honra e gloria a Deus nos céus e na terra, por seculos sem fim.

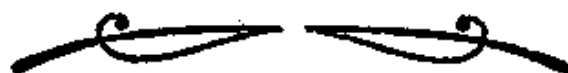
*

Anno de 1883. O Padre Mestre, ainda que estivesse muito incommodado, veio fazer uma visita á Casa, como se fosse a ultima, acompanhado de um concurso de povo que tinha vindo visital-o, por saberem que a sua vida estava se finalizando. E assim foram se augmentando cada vez mais os seus soffrimentos, que não houve mais remedios, nem pedidos e nem lagrimas, porque já era tempo de Deus chamar o seu servo para descançar na mansão celeste; até que no dia 19 de fevereiro entregou a sua ditosa alma a Deus, em um dia de segunda-feira, das 2 para 3 horas da tarde. Falleceu o nosso virtuoso e caro Pae Espiritual, o Instituidor das santas casas de Caridade, o Rvmo. Sr. Padre José Antonio de Maria Ibiapina, com idade de 77 annos, 6 mêses e 13 dias. Foi assistido pelo Rvmo. Sr. Padre José Euphrosino, que teve a ventura de lhe dar todos os sacramentos. E no dia de terça-feira, ás 6 horas da manhã, teve missa de corpo presente, pelo mesmo Rvmo. Sr. Vigario José Euphrosino de Maria Ramalho, e foi sepultado ás 2 horas da tarde, pelo mesmo vigario e pelo Rvmo. Padre José Januario, acompanhados

de uma numerosa concorrencia de povo, com lagrimas pranto de suas filhas espirituaes e de todos que assistiam E no setimo dia teve visita de cóva pelo mesmo Padr José Januario, não só aqui em Santa Fé como tambem er outras freguesias.

Dae-lhe, Senhor, o eterno descanço

NOTA—Facilmente se conclue das circumstancia da narração, sem falar na variedade de estylos, a diversi dade dos autores destes apontamentos. A biographia er primeiro logar publicada, trabalho interessante, mas qu não comprehende toda a vida do Padre Ibiapina, foi e: cripta, affirma o Irmão Antonio, de Santa Fé, por um S Bernardino de tal, de Missão Velha.

O demais, noticias de missões e chronicas das casa é trabalho de irmãos e irmãs de Caridade, que na humi dade do anonymato deixaram seus nomes esquecidos.

REVISTA

DO

INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direção de TH. POMPEU SOBRINHO

TOMO LXVI — ANO LXVI

1952

Dedimus profecto grande
patientiæ documentum

EDITORA INSTITUTO DO CEARÁ LTDA.
FORTALEZA — CEARÁ

INSTITUTO DO CEARÁ

Fundado em 4 de Março de 1887

HISTÓRIA — ANTROPOLOGIA — GEOGRAFIA
Séde Social: — Av. Alberto Nepomuceno, 332
Fortaleza — Ceará — Brasil

FINS DO INSTITUTO DO CEARÁ

O Instituto do Ceará, sociedade civil com sede em Fortaleza e fundada a 4 de Março de 1887, tem por fim a cultura da História, da Geografia e da Antropologia do Brasil, especialmente do Ceará, e empenhar-se-á no desenvolvimento das letras em geral, no Estado.

Para preencher os seus fins o Instituto manterá:

a) — intercambio cultural com instituições científicas e literárias, nacionais e estrangeiras;

b) — uma revista periódica, em que se publiquem trabalhos dos sócios e colaborações de extranhos;

c) — uma biblioteca e arquivo, em que se guardem e colecionem os papéis, documentos, livros, cartas geográficas, autógrafos, etc., obtidos pela sociedade ou a ela oferecidos;

d) — um museu antropológico;

e) — uma seção iconográfica.

PERSONALIDADE MORAL E CÍVICA DO PADRE IBIAPINA

M. N. FERNANDES TÁVORA

Jungida, irremissivelmente, à dôr e à luta, nossa existência jamais desliza ao sôpro constante das auras da ventura; e a maioria, senão a totalidade dos humanos por ela se arrasta, entre acúleos e abrolhos, em doloroso e contínuo penar. Deveremos, por isso, amaldiçoar o destino ou descrer da Providência?

Respondo negativamente a essa interrogação fremente, a bailar nos lábios de todos os que sofrem. Mesmo os descrentes, que julgam as finalidades da vida extremes de um poder soberano, se observarem, conscienciosamente, a marcha da fenomenalidade universal, acabarão se convencendo de que, sem sofrimento e sem dôr, não haveria evolução; e a humanidade, entorpecida pelas facilidades sempre ao seu alcance, involuiria na estagnação perene do corpo e na eterna imobilidade do pensamento. Felizmente, assim não acontece; e o homem transpondo, valorosamente, todos os obstáculos que se lhe antolham, e guiado pela fé, que tudo vence, vai erguendo, com lágrimas e sangue, o edifício social, talhando com o seu espírito angustiado e estoico as grandes avenidas que o levam ao progresso e à civilização.

O Padre José Antônio Maria Ibiapina foi um alto e nobre exemplar humano, porque, órfão dos pais e da ventura, desde a meninice, e atormentado por incessantes golpes do infortúnio, nunca se desviou, uma linha, da dura e mortificante estrada da perfeição.

De quanto se escreveu sôbre Ibiapina, o chamado "Apóstolo do Nordeste", uma conclusão ressalta, clara e insofismável: a sinceridade absoluta da sua fé e o alto quilate de suas virtudes invulgares. A simples exposição dos fatos mais notáveis da vida dêsse grande sacerdote, comprovará plenamente tal assertiva e fornecerá elementos suficientes para o estudo e definição de sua personalidade.

José Antônio Maria Ibiapina, filho de Francisco Miguel Pereira Ibiapina e

sua mulher Thereza de Jesús, nasceu na fazenda Morro do Jaibara, município de Sobral, a 5 de agôsto de 1806.

Com o nome secular de José Antônio Pereira Ibiapina, iniciou seus estudos primários na cidade do Icó, onde seu pai passou a exercer o ofício de Tabelião, e sua clara inteligência lhe proporcionou rápido progresso no domínio das lêtras

No Crato, onde chegou em 1819, frequentou apenas aulas e exercícios de religião, ministrados pelo padre José Manuel Felipe Gonçalves, que julgou haver no discípulo vocação para o sacerdócio.

Em 1820, transportou-se à vila de Jardim, lá estudando latim com o renomado professor Joaquim Antônio Sobreira de Melo. De Fortaleza, para onde viera, com seus pais, em 1823, seguiu, logo depois, para Olinda, em cujo Seminário se matriculou, visando à carreira eclesiástica. Não lhe agradando, porém, o nível moral daquele educandário, então sob a influência das idéias da Revolução Francesa, abandonou o Seminário, recolhendo-se ao Convento da Madre de Deus, onde continuou seus estudos.

Os acontecimentos políticos do Ceará influiram grandemente na vida do jovem estudante, como se verá. Fervoroso adepto da Revolução de 1824, o pai de Ibiapina foi fusilado, e seu filho primogênito Alexandre teve sentença de degredo perpétuo em Fernando de Noronha, lá morrendo tràgicamente, segundo se diz, por determinação do próprio comandante daquela ilha.

Ibiapina teve que abandonar o Convento da Madre de Deus e vir ao Ceará, para cuidar de seus irmãos, orfanados de pai e mãe. Amparado por José Martiniano de Alencar e outros amigos do revolucionário sacrificado, voltou com os irmãos a Recife e lá insistiu na sua vocação, continuando os estudos no Seminário e residindo no Convento de São Bento. Ignoram-se os meios que lhe permitiram a manutenção da família, composta de dois irmãos e um menino. Quanto a êle, sabe-se, apenas, que um padre do nome João de Deus, do Convento da Madre de Deus, pediu, na hora da morte, ao bispo Dom Thomaz de Noronha, que facilitasse a ordenação de Ibiapina e que, depois de abandonar o Seminário, um seu coestadano e colega, Manoel Teixeira Peixoto, muito concorreu, moral e materialmente, para que êle se bacharelasse. Quanto aos irmãos, parece não haver dúvida que ficaram em casa de parentes, segundo uma confissão do próprio Ibiapina, ao rememorar, na velhice, as desditas de sua juventude.

Abandonando a idéia da carreira eclesiástica, provàvelmente pelas dificuldades do momento, matriculou-se, em 1828, no Curso Jurídico da Faculdade de Olinda, que se instalara naquele ano, sendo um dos bacharéis da sua primeira turma, em 1832. O brilho de seu curso, sua reconhecida capacidade e, provàvelmente, o auxílio de algum amigo influente, lhe propiciaram a nomeação de lente substituto daquela Faculdade e, no ano seguinte, já nela ensina Direito Natural, tendo como discípulos Zacarias de Gois e Vasconcelos, João Felício Vanderley (futuro barão de Cotegipe) e outros que se tornaram notáveis na política do segundo reinado.

No fim do mesmo ano, foi Ibiapina despachado Juiz de Direito e Chefe de Polícia de Quixeramobim. Tamanha era a sua reputação moral e intelectual, que fc o candidato cearense mais votado à Assembléia Nacional, para a legislatura de 1834-1837.

É sabido que recusou a presidência de uma província e a pasta do Interior, numa recomposição ministerial.

E não admira que assim se passassem as coisas, pois corriam, então, os anos da Regência, em que os liberais moderados, aos quais era filiado no Ceará, dominaram com o 7 de abril e o Govêrno de Feijó.

Por êsse tempo, sofreu Ibiapina um novo e grande desgôsto, que influiu, certamente, no curso restante de sua vida. Ao encerrar-se a sessão de 1834, voltou ao Ceará, no firme propósito de casar-se com sua noiva Carolina Clarence de Alencar, sobrinha do Presidente da província, Padre Martiniano de Alencar, e filha de Tristão Gonçalves, o desventurado chefe confederado de 1824.

Ao desembarcar em Fortaleza, recebeu a triste nova da fuga de Carolina e seu próximo casamento com um primo que merecera as suas preferências.

Reassumindo o exercício de Juiz de Quixeramobim, em Dezembro de 1834, muitas dificuldades se lhe antolharam à Judicatura, atingindo mesmo as suas relações pessoais com o chefe do executivo estadual, o que o levou a exonerar-se do honroso cargo

Segundo alguns, o que mais o teria chocado fôra a absolvição, por unanimidade, de um bárbaro assassino, por um conselho de jurados inéptos e influenciados por poderosos políticos locais. Julgam outros que o motivo principal de sua decepção foi a ineficácia de um inquérito que não chegou a descobrir o autor de horrivel assassinato de um prêso retirado da cadeia e friamente trucidado em praça pública. Entretanto, Celso Mariz, cujo livro excelente (1) me serve de guia neste relato, assegura ser outro o móvel daquele desapontamento. É inegável que Ibiapina exerceu com absoluta integridade as funções de Juiz, não só como julgador, como também instrutor e comentador das leis e censor severo dos costumes dos seus jurisdicionados, tudo empenhando por diminuir os crimes e libertar o sertão dos criminosos que o infestavam. No ofício em que comunicava ao Presidente a sua posse, assim termina: "No círculo de minhas atribuições, emprego todo o meu cuidado para que, de uma vez, o crime deixe de zombar das leis".

Negando-se o Comandante do destacamento de Quixeramobim a atender à requisição de 16 praças, que lhe fizera Ibiapina, êste escreveu no final de um ofício dirigido ao Presidente Alencar: "Requisitei de novo, ao oficial, fundado nos ofícios de V. Excia., e agora vejo, pela resposta, que V. Excia. deu contra-ordem". E continúa: "Esta contrariedade e outras disposições em minha comarca, onde sou chefe de Polícia, sem ser ouvido, poderiam desgostar-me; mas são pequenas coisas de que não faço caso, e desaparecem, à vista do bem do meu país. Aqui não é o Poder Executivo que antipatiza com o Judiciário, porque êste nada tem obrado em contrário àquele; são indisposições de homem a homem, que só me podem ofender, porque elas ofendem ao meu país".

E na resposta ao ofício em que o Juiz alegava a sua contra-ordem, em relação à requisição de soldados, Alencar assim se exprime: — "Desprezando a última parte do seu ofício de 30 de janeiro próximo passado, em que Vmcê. escreve palavras inconsideradas, que além de atacarem a minha pessôa, são em extremo ofensivas do decôro devido à autoridade de que me acho investido, cumpre-me tão sòmente louvar-lhe todo o mais contexto do seu referido ofício, donde respira o maior zêlo, energia e habilidade profissional com que Vmcê. tem desempenhado o importante cargo que lhe foi confiado, não podendo deixar de significar-lhe o meu prazer,

(1) — "Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste".

quando li as diligências por Vmcê. feitas, para infundir no ânimo dos povos ainda não preparados, o amôr às instituições livres que possuimos".

E assim termina: "No entanto, desejando em tudo mostrar-lhe o conceito que faço de Vmcê., e o quanto desejo habilitá-lo com a fôrça necessária ao bom desempenho das funções de seu emprêgo, incluso remeto-lhe e com sêlo volante, êste ofício, para usar dele, se assim o julgar conveniente." Êsse ofício tem a data de 21 de fevereiro de 1835.

De tudo se infere que, apesar das aparências, uma séria incompatibilidade se criara entre Ibiapina e Alencar, culminando no abandono da Comarca pelo primeiro, que não se sentia assás prestigiado no exercício de sua autoridade. Sob a pressão de tais desencantos, não tardou em abeirar-se da oposição que se formava contra o partido do Presidente da província, chefiada pelo grande parlamentar mineiro — Bernardo de Vasconcelos. Na Assembléia Nacional não ficou inativo: — em 1835, apresentou um projeto reduzindo, a três quartas partes, a moeda de cobre em circulação; e ainda no mesmo ano, outro projeto, criando a cadeira de economia política, no Pará, com a obrigação do lente explicar a Constituição. Em uma sessão de agôsto, após a discussão do requerimento de um deputado sôbre ameaças de desordem na Bahia, Ibiapina declara que "de tudo se infere — o triste estado em que está o país" e "aconselha que se convide o Senado, para exame dos males em perspectiva".

Sua discussão com Manuel do Nascimento Castro e Silva, Ministro da Fazenda e partidário de Alencar, foi bastante áspera, demonstrando que bem amargo travo lhe ficara de suas relações com o Presidente da província e que era homem capaz de enfrentar tempestades políticas. Chamado à ordem pelo Presidente da Mêsa, respondeu-lhe, com dignidade: — "Eu poderia falar, mas calo-me, porque sei obedecer". Êsse **calo-me, porque sei obedecer,** comenta, judiciosamente, Celso Mariz, "era bem do homem que, mais tarde, num Ministério praticado com orientação autônoma, saberia mandar". Ibiapina êra, realmente, impetuoso; e, referindo-se a essa sua maneira de ser, disse um dos seus biógrafos, o Desembargador Paulino Nogueira: — "Defeito de que, só quase no último quartel da vida, conseguiu curar-se radicalmente". No derradeiro ano da legislatura (1837), Ibiapina não demonstrou entusiasmo, aparecendo apenas duas vezes na tribuna da Assembléia, apresentando e defendendo um projeto sôbre substituições nos cursos jurídicos de Olinda e São Paulo.

A política, como a magistratura, não lhe agradara e, por isso, não pleiteou sua volta à Câmara Legislativa, embora, dada a sua última atitude, não lhe pudesse ser infenso o gabinête de "11 de Setembro", o primeiro nomeado pelo Regente Marquês de Olinda, após o Ato Adicional. Creio que, para essa atitude, concorreu fortemente o seu afastamento da família a que estivera ligado politicamente e à qual deixou de ligar-se pelo sangue, em virtude do fracasso do seu noivado com a filha de Tristão.

Já nada o prendendo ao Ceará, onde só desilusões encontrara, Ibiapina, abandonando a magistratura, foi residir em Recife, dedicando-se à advocacia.

Abre-se, então, nova fase de sua vida, cheia de possibilidades, pois, segundo todos afirmam, sua competência, probidade e brilho, em breve, lhe garantiriam pleno sucesso. Sua atividade estendeu-se às provincias vizinhas. Estando em Arêia, na Paraíba, aonde fôra tratar de importante causa comercial, fêz, em 18 de março

de 1838, sensacional defesa de um pobre agricultor que se tornara assassino por motivo de honra, logrando ruidoso sucesso.

Nesse notável discurso, escapou-lhe êsse grito d'alma: — "E afinal, recai tão árdua tarefa em quem?

Em um homem sem habilidade, novel na prática do fôro, desconhecido no lugar e até (direi tudo), infeliz tambem!" Na década de 1840 a 1850, permaneceu êle em Recife, esquivo às frivolidades sociais e imbuido no estudo, consolidando sua reputação intelectual e moral. Um seu biógrafo (de Missão Velha) escreveu: — "Retirou-se, pois, do mundo, no ano de 1850, e procurou a solidão que sua alma desejava com tanto empenho. Estudando e aprofundando-se nas virtudes da humildade e pobreza voluntária, cultivando os exercícios de piedade, roborando-se com a frequência dos sacramentos, passou três anos na solidão". A essas palavras, cumpre acrescentar as de Celso Mariz, seu mais recente biógrafo: — "O gênio de Ibiapina se ia fechando, dêsse modo, ao mundo da existência comum. Do escritório para a casa, para poucas pessôas íntimas, para as igrejas, tornando-se cada dia mais grave, insatisfeito e esquisito, corriam mesmo, sôbre êle, os rumores de religiosidade e de maluqueira. À vista, porém, de seus conhecidos e crentes, o que se dava era uma santificação a olhos nús. Quando, em 1853, um seu amigo lhe sugeriu decidir-se pelo presbiterato, êle mesmo declarou que tal já èra seu desejo, acrescentando: — "Eu não me achava com coragem de abrir-me com ninguém, porque, então, é que diriam que estava maluco".

E, a 29 de julho de 1857, celebrou sua primeira missa na igreja da Madre de Deus, na capital maurícia.

Desde então, seu sobre-nome de Pereira foi substituido pelo de Maria, em homenagem àquela que seria, pelo resto de seus dias, o soberano motivo de seu culto e a segura inspiração do seu apostolado. Ordenado aos 47 anos, foi logo nomeado Vigário Geral Provisor do Bispado e professor de eloquência, no Seminário de Olinda, cargos de que se exonerou, pouco tempo depois, rejeitando, segundo se diz, uma mitra de bispo, que lhe fôra oferecida. É que não lhe agradavam as honrarias, e seu espírito ansiava por mais ampla liberdade, para cumprir, sem restrições, o seu destino de apóstolo dos sertanèjos, esquecidos e deserdados.

Que iria fazer Ibiapina nessa nova fase de sua vida? Coisas que, a muitos, pareceriam dispensáveis ou adiáveis, mas que, em verdade, éram de imenso valor, não só naquele tempo, como ainda hoje e sempre, por constituirem as bases da nossa civilização, que sôbre elas se teria de erguer. Casas de Caridade, hospitais, açudes, poços e cemitérios eram, realmente, as maiores necessidades das comunidades sertanejas, por êle tão bem compreendidas.

A educação rural e doméstica, ministrada nos estabelecimentos de caridade, por êle erigidos em todo o Nordeste, bastaria para sagrá-lo benemérito pioneiro da campanha redentora que, ainda hoje, é preocupação constante dos estadistas que dirigem consciente e patriòticamente o destino dos povos. Em suas constantes peregrinações pelos Estados do Nordeste, promoveu a construção de grande número de obras, entre as quais figuram 22 Casas de Caridade, diversos hospitais, cemitérios, igrejas, poços e açudes.

Como conseguiu êle realizar obras de tamanho vulto?

Eis o seu grande milagre! Ajudado tão sòmente pela caridade dos que possuiam alguns bens de fortuna, mas sobretudo pelo povo, que o venerava e a quem ins-

pirava a mais ampla confiança, pelo seu saber e virtudes, Ibiapina fez surgirem, nos vastos sertões abandonados pelo poder público, verdadeiros monumentos de caridade e patriotismo, onde os deserdados encontravam o pão do corpo e do espírito.

Poucos dos governantes do seu tempo fizeram alusões e teceram encômios a essa obra admirável; mas nenhum foi capaz de compreendê-la na sua grandeza e ampará-la, como era dever iniludível dos responsáveis pela causa pública. Mantida por um milagre de constância e de fé, enquanto viveu seu heroico fundador, a grande obra não tardou a fenecer e esboroar-se, sepultando em suas ruinas o formoso sonho do iluminado.

A PERSONALIDADE MORAL DE IBIAPINA

Dificilmente se encontrará um homem cuja vida haja seguido uma trajectória tão reta e tão acima do ordinário padrão humano, como aquêle que é o objeto destas considerações.

Lançando um olhar sôbre o curso de sua existência, não se encontrará uma incoerência, um desvio, uma contradição, mas tão sòmente uma nítida e bela linha inflexível entre a consciência da verdade e a prática do dever!

Ao ingressar no Seminário de Olinda, ainda muito jóvem, não lhe agradaram as normas seguidas naquele educandário, onde o cartesianismo e o racionalismo de 1789 predominavam, dando-lhe, segundo a opinião insuspeita do padre Carlos Coelho, uma feição laicista e quase irreligiosa.

Que fez Ibiapina ante uma situação que se chocava com os ensinamentos que recebera, de uma crença pura? Pobre e em meio estranho, desejando, embora, seguir a carreira eclesiástica, não transigiu e abandonou o Seminário, recolhendo-se a uma cela do convento da Madre de Deus. Essa foi a primeira e precoce manifestação da sua personalidade que, através de tantos anos de contrariedades e infortúnios, se iria enrijecendo e sublimando, no torturante cadinho dos sofrimentos e desilusões.

Obrigado, pelos acontecimentos políticos da Revolução de 1824, a chamar a si os encargos da irmandade orfanada, não mediu sacrifícios para o desempenho dessa árdua tarefa, continuando a estudar.

Nomeado Juiz de Direito da Comarca de Quixeramobim, esmerou-se no desempenho de suas altas funções, cumprindo e fazendo cumprir a lei, cujo domínio impôs a uma população primitiva e desmandada. E quando, em obediência aos cânones legais, viu seus atos mal interpretados pelo Presidente da província, não trepidou em dizer-lhe duras verdades, que o levaram à renúncia do cargo que tanto horara. Na Assembléia Nacional, suas atitudes foram as mais desassombradas; e, embora rompido com o chefe da situação provincial que o elegera, não mudou de bandeira nem se aproveitou das facilidades, com que lhe acenava o Ministério criado pelo Marquês de Olinda, para renovar o seu mandato.

Com a mesma altivez com que se afastara da magistratura, abandonou também a política, conservando intacta a sua dignidade e impoluta a sua reputação, sempre sobranceiras às insidias e malsinações que soem atormentar a vida dos homens probos.

Ingressando na advocacia, carreira na qual as suas raras qualidades de talento, cultura e caráter lhe permitiram uma rápida e extraordinária vitória, tudo fazia crer que, nela dispondo da confiança de numerosa e excelente clientela e cercado do respeito e admiração das mais altas figuras clericais e seculares da capital pernambucana, houvesse, emfim, alcançado o de que tanto necessitava sua vida atormentada. Mas não era, ainda, êsse o pôrto de seu destino. Perdendo uma questão cível que reputava justíssima, persuadiu-se da inanidade da justiça humana, já então para êle encarnada no Governador que o não compreendera e censurára, quando agira em obediência à lei, e naquele torvo e corruto Juiz que, negando-lhe tão evidente direito, não encontraria jamais, por se lavar as mãos, nem mesmo a água da bacia de Pilatos.

Sua revolta foi imensa, sua decisão irrevogável — restituiu ao constituinte a importância recebida pelos seus honorários, distribuiu pelos seus colegas e amigos a excelente biblioteca que possuia e fez publicar, por todos os meios possíveis, que nunca mais advogaria, em parte alguma! Ao contrário do célebre caso Chamillard, o êrro fôra do Juiz e não do Advogado; mas, se a límpida consciência de Ibiapina não lhe apontava qualquer falha ou omissão no desempenho do seu mandato, a sua dignidade lhe ordenava o abandono de uma profissão na qual os mais puros e esclarecidos defensores de um direito líquido são incapazes de evitar tais inclemências! Tão extranhas e nobres atitudes revelam uma alta personalidade moral, um caráter inflexível, formado ao longo de uma existência que só encontrou no seu caminho cardos e abrolhos.

Nada mais admirável que a retidão de consciência e a fortaleza de caráter dêsse homem, sempre batido pelos infortúnios, jamais curvado ante o poder, nunca bafejado pelas auras da ventura!

Orfanado no alvorecer da vida, não consta que alguma véz erguesse a voz para amaldiçoar os que lhe fuzilaram o pai e assassinaram o irmão, nem para queixar-se da revolução pela qual se sacrificaram. Incompreendido pelo governante amigo, que lhe atribuiu fraqueza ou conveniência no livramento de um criminoso, absolvido por jurados inconscientes, limitou-se a lembrar ao seu poderoso correligionário os dispositivos do código que lhe não permitiam desobedecer ou burlar o **veredictum** do Tribunal Popular.

O Presidente não se deu por convencido, mas Ibiapina, certo de haver obedecido escrupulosamente aos ditames iniludíveis da lei, não lhe deu mais satisfação e continuou impàvidamente o seu caminho. Profundamente magoado pela infâmia de um Juiz que roubara a um seu cliente, para atribuí-lo a outrem, um direito claro e incontestável, não articulou o menor libelo contra o prevaricador, vingando-se da cruel injustiça com o abandono, para sempre, de uma profissão que o jungia ao arbítrio de julgadores, sem consciência e sem probidade!

Nesta, como em todas as ocasiões em que o atribularam as injustiças humanas, manteve o absoluto contrôle do seu espírito, cuja altivez e independência nunca se deixaram de afirmar no decurso de sua existência, como o provam os seus ofícios ao Governador, já citados, e outro afirmando que "resistirá a qualquer ordem ilegal, entre as quais estava uma daquela autoridade".

Uma tal franqueza não podia agradar ao Presidente da província, que preferiu duvidar da dignidade do Juiz integérrimo, a quem irrogava tamanha injustiça.

Se idêntica fôsse a mentalidade de Ibiapina, bem poderia êle ter-se plenamente vingado de Alencar, atirando-lhe em rosto a pesada acusação que lhe faziam de conivência no, então, recente assassinato jurídico de Pinto Madeira e na impunidade dos seus autores. Não possuindo, porém, provas que fundamentassem tal suspeita preferiu silenciar, bebendo estoicamente o fel de uma imputação malevolente, que nunca lhe poderia atingir a integridade e à honra imaculada de sua toga!

Um homem dêsse quilate pairava muito acima dos preconceitos e vilezas, que constituem o lastro comum das sociedades humanas, sempre dispostas a malsinarem as consciências inflexíveis, que se não dobram aos interesses espúrios do maior número. A personalidade moral de Ibiapina não tinha falhas, era massiça e integral como um bloco de granito, que as mais violentas tempestades não conseguiram abalar.

Pobreza, orfandade, injustiças, incompreensões e desventuras inclementemente o fustigaram, num contínuo vendaval, mas, contra o férreo arnês da sua dignidade e do seu caráter, embalde se quebraram as ondas da desgraça!

Sua alma de duro nordestino, forjada no cadinho das desditas e amarguras, apoiava-se numa fé inabalável, que o fazia trilhar, intrastejavelmente, o caminho do seu destino.

PERSONALIDADE CÍVICA

Se grande foi a personalidade moral da Ibiapina, menor não foi sua personalidade cívica.

Em uma de suas cartas, dizia êle ao Presidente Alencar: — "Muito me alegrarei se puder corresponder às vistas de V. Excia. na punição dos criminosos, para o que todo sacrifício farei, não só como magistrado, mas, ainda, **como muito interessado na prosperidade da minha província e do Brasil"**. Ao solicitar ao Presidente uma providência, conclui: — "Tomo, pois, a liberdade de lembrá-lo a V. Excia., como **magistrado e cidadão"**.

No seu decidido zêlo pela causa pública, dedicava os poucos momentos disponíveis a explicar aos seus jurisdicionados a Constituição e o Código do Processo Criminal, na parte necessária ao regular funcionamento do Juri, inspirando-lhes o horror ao crime e interessando-os na punição dos delinquentes. Em outra de suas cartas a Alencar, há êsse trêcho, de grande significação social: — "Para conhecer os que trabalham e não têm ocupação honesta, dei regras aos Juizes de Paz, obrigando os Inspetores de Quarteirão a darem, em uma lista mensal, conta dos proprietários e agregados etc.; e **da ocupação de cada um, por onde se conhecerá o vadio e, por isso, o criminoso"**.

Como seria diferente o Brasil, se todos os Juizes assim procedessem! Mas aquilo que não escapou à nítida percepção do espírito do grande patriota, ainda não penetrou na mentalidade amodorrada dos nossos estadistas e administradores, que bem poderiam, com a prática de tão simples medida preventiva, aumentar a cifra da nossa produção, diminuindo, correlatamente, a dos crimes decorrentes da ociosidade e da vadiagem.

Chega mesmo a parecer que o vício e o crime não merecem as suas preocupações...

Ao iniciar o seu apostolado, nos sertões do Nordeste, não cuidou Ibiapina sòmente da parte espiritual, senão tambem da melhoria material das populações que êle ensinava a amar a Deus e à vida, pois compreendia perfeitamente que bem poucos, como êle, se conformavam com a desventura, e que não podiam ser gratos à Providência os desgraçados que se arrastam pelo mundo. carentes de saúde e extremes de consolações! Seu caminho estava, pois. traçado: — precisava iluminar os espíritos e sanar os corpos.

Daí, as fundações de Casas de Caridade, igrejas, hospitais, completadas pela construção de açudes e a abertura de poços, onde lhe pareceram mais necessários.

22 Casas de Caridade e diversos hospitais fez êle surgirem, dentro de poucos anos, no território das cinco Províncias do Nordeste, que foram teatro de suas pregações. Centenas, talvez milhares de pequenos orfãos nelas foram educados, recebendo as meninas, com a instrução religiosa, os indispensáveis conhecimentos do artezanato e de ruralismo, que as preparavam para bôas e eficientes donas de casa.

Que maior serviço poderia um homem prestar à sua terra, do que preparar, para verdadeiras mães de família, milhares de crianças que, arrebatadas à morte e à miséria, iriam constituir sólidas bases de uma sociedade em formação?

Bastaria isso para conferir a Ibiapina altíssimo título de benemerência.

Não parou, porém, aí sua ação patriótica e humanitária. Em qualquer parte que encontrasse um local apropriado, construia um açude ou escavava um poço, fazendo brotar, da terra beneficiada, a verdura e a vida, congregando em tôrno dos novos oasis os beduinos do Nordeste. Já naquele tempo, há quase um século, compreendera o grande patriota ser êsse o melhor meio de fixar o homem à terra, lição que parece não haver penetrado, convenientemente, no cérebro dos nossos governantes...

Entretanto, desde 1889, dizia em seu Relatório ao Governador da Paraíba o Engenheiro Jaguaribe: — "Chamo a atenção do govêrno para dois melhoramentos públicos que estão em têrmos de se inutilizar por falta de conservação. Um, que está prestes a arrombar-se, é o açude de Princesa, construido pelo benemérito padre Ibiapina. O outro é o grande e belo açude de Belém do Arrojado, construido, tambem, pelo mesmo padre, de saudosa memória, e que se acha em idênticas circunstâncias. **Estas duas obras, principalmente a última, prestam serviços inestimaveis às respectivas populações.** É admirável e belo de se vêr as plantações de arroz, milho, feijão, girimuns, melões, melancias etc., que existem no açude Belém".

Proclamando a necessidade da açudagem no Nordeste, para a solução do nosso problema, assim se manifestou José Américo (2): — Os açudes Fundo do Vale, no Espírito Santo, Mogeiro, em Itabaiana, Poços, em Teixeira, da Vila, em Santa Luzia do Sabugi, iniciado pelo padre Ibiapina, e Maior, em Guarabira, eram obras de utilidades daquele período, mas por sua situação ou por não se acharem todos concluidos, não produziram benefícios. O açude de Belém do Arrojado, construído pelo benemérito padre Ibiapina, como o de Princesa, ostentava, porém, nas vazantes, viçosas plantações, que resistiam à soalheira.

De maneira que os préstimos do santo missionário, **a cuja memória a Paraíba deve grande veneração, eram mais proveitosos que os do Govêrno.**

(2) — "A Paraíba e seus Problemas" (Cit. por Celso Mariz).

Confissões como estas valem mais que estátuas, porque, partindo de homens cultos e da mais alta responsabilidade social e política, representam a própria voz do povo a tributar ao nosso grande coestadano a comovedora homenagem de uma gratidão que não fenece.

A obra cuja grandeza e utilidade social é assim proclamada, volvido um século, só a poderia ter realizado um homem de rara envergadura cívica, de lúcida visão que varava o tempo, e cujo espírito iluminado, superando contingências e preconceitos coetâneos, se projetava ousadamente, no futuro eterno, arminhoso ninho em que adejam e pousam os gênios, páramo encantado em que se embalam e germinam os sonhos. Que o seu espírito fazia frequentes incursões pelo futuro, prova-o eloquentemente êste trêcho de bélo solilóquio, que foi grafado em 23 de março de 1879, em "Santa Fé": — **"O presente e os sucessos ordinários da vida não me impressionam. Sou o homem do passado e do futuro".**

Não admira, pois, que ao enumerar, nessa ocasião, suas contrariedades e desventuras, afirmasse, cheio de unção: — "Assim mesmo, descanso no meio das tempestades da minha vida à sombra da misericórdia de Deus..." Em nenhum momento de sua existência esqueceu Ibiapina os seus deveres para com a sociedade e para com a pátria. E, por isso, abandonando tudo que lhe poderia proporcionar riqueza e glória, dedicou apaixonadamente os anos, que ainda lhe restavam de vida, a instruir e sanar as desamparadas populações nordestinas, certo de que nenhum maior serviço poderia prestar ao Brasil e aos seus concidadãos. Quem, neste país, com excepção dos jesuitas, já concebeu e realizou uma obra igual? Ninguem! Mas todo êsse imenso sacrifício do singular missionário frutificou apenas enquanto êle viveu, porque a pêca mentalidade dos estadistas do seu tempo, enclausurada num presente sem horizontes, deixou esboroar-se, à mingua de amparo, o edifício que fôra alicerçado para séculos! Depois de quase cem anos de hibernação, acordam, agora, políticos e governantes, apostados em exumar, com ares de descobridores, as idéias que nunca deveriam ter sido esquecidas; e praza a Deus que, como a memória daquele que as concebeu, não sejam elas novamente sepultadas na indiferença e no olvido!

Filhas de uma razão e de um civismo esclarecidos, lembradas ou esquecidas, no turbilhão dos homens que passam, elas não morrerão; um dia hão de ressurgir, concretizadas em confortadoras realizações, que levarão às gerações de amanhã a confirmação insofismável da glória e do patriotismo do grande cidadão e evangelizador.

UM CONFRONTO

Devido à enorme influência que exerceu sôbre as populações nordestinas, houve quem o comparasse ao padre Cícero, do Juazeiro.

Ambos, sacerdotes bons e dignos, se diferenciaram, consideràvelmente, sob os pontos de vista religioso e social. Ibiapina, homem de regular cultura, para seu tempo, e espírito equilibrado, foi um verdadeiro organizador e construtor, no âmbito civil, e na órbita religiosa um soldado humilde e eficiente da Igreja, de cujas normas ja mais se afastou. Sua atuação religiosa seprocessou, invariàvelmente, nos moldes canônicos e seus serviços nunca deixaram de ser compreendidos e exaltados pelos superiores hierárquicos. O que êles representaram em benefício às

populações missionadas, já ficou esboçado em linhas anteriores e ninguém, de bôa fé, poderá contestar a sua benemerência. O padre Cícero, homem visceralmente bom e piedoso, não tinha a cultura e nem o equilíbrio mental necessário a qualquer organização religiosa ou profana. Paranoico, como já o demonstrei, em carta publicada na Revista dêste Instituto, sua atitude, religiosa ou civil, não podia deixar de ser uma revolta, mais ou menos clara, contra todos aquêles que o não tratassem de acôrdo com a personalidade que lhe outorgara o seu positivo delírio de grandezas. Sua atuação social limitou-se à proteção de alguns moços que ajudou a estudarem e, subretudo, à criação do núcleo humano de Juazeiro, aglomeração profundamente heterogênea, espêlho quebrado, em cujas mil facetas desiguais se mirava, embevecida, sua personalidade inconformada. Referindo-me a essa aglomeração de homens de todos os quadrantes do país escrevi, alhures (3). — "Encontraram-se, assim, em Juazeiro, naquele momento histórico, duas poderosas tendências que se deveriam somar, seguindo o mesmo rumo, como a resultante de um grande paralelogramo de fôrças psíquicas.

Entre essa gente adventícia e o padre Cícero, se estabeleceu uma corrente de fortíssima simpatia, logo transformada em solidariedade absoluta, cujos élos, fundidos, no cadinho de uma admiração ilimitada, foram constituidos dêsse duplo material imponderável, mas indestrutivel: — a crença ingênua e insopitável da massa que precisava adorar, e a integral convicção do delirante, que se julgava merecedor dessa adoração".

Sôbre sua ação política e social, também assim me externei (4): — "Infelizmente, toda essa imensa fôrça e prestigio pessoal, os maiores de que já dispôs um homem, neste país, resultaram inúteis.

A não ser um certo incremento na lavoura rotineira das regiões circunvizinhas de Juazeiro, naturalmente derivado da abundância de braços, nenhum outro benefício foi realizado pelas sucessivas ondas humanas que, durante décadas, se dobraram aos pés do taumaturgo, sem par, na nossa história. No campo social, nenhum avanço, porque não se abriram as avenidas da instrução, aos broncos ádvenas; na esféra religiosa, a petrificação dos espíritos, na imobilidade do fanatismo".

Ibiapina, na firmeza de sua fé e na pureza de sua crença, nunca incentivou o fanatismo, sempre a farejar milagres e à procura de Messias... Excelso conquistador de almas e integral patriota, consagrou toda sua vida de magistrado, legislador e sacerdote, a uma extraordinária obra de catequese, eminentemente religiosa, social e humana. Padre Cícero, homem simples e bom, sincero e fervoroso servo de Deus, a quem sempre desejou cultuar, nada construiu nem organizou, porque, sequestrado do mundo das realidades pelo seu delírio, passou pela vida, **velut umbra!**

A VISÃO DO JURISTA

Ibiapina não foi sòmente um Juiz e Advogado exemplar; foi também, um

---

(3) — "Considerações sôbre o estado mental do padre Cícero".

(4) — Obra citada .

pioneiro da jurisprudência moderna, isto é, daquela que se firma, algo mais nos imperativos da consciência, que na inflexiblidade das leis.

Sua admirável concepção da Justiça se manifesta, altiloquentemente, naquele pequeno trêcho da famosa defesa, no Juri de Arêia: — **"Digo, sòmente, senhores, que, se alguma vez, pode o Juiz fazer graça, é quando as leis punem e a consciência perdôa".** Poderá haver algo de mais justo e belo do que êsse grito de uma alma pura e cristã, contra a inclemência de leis, cujos autores pareciam ignorar os direitos da piedade e as prerrogativas da consciência? E a razão estava com Ibiapina! Os anos passaram sôbre aquêles tempos escuros; e a ciência do direito, evoluindo como tudo nêste mundo, proclama, hoje, como princípio, aquilo que, há tantos anos, era apenas uma generosa aspiração do jurista vidente, um anseio do defensor revoltado! O alto espírito de Ibiapina, depurado no crisol das decepções e das desditas e batido pelas cruéis lufadas de um destino adverso, teve sempre uma clara visão do mundo e dos homens, que êle aprendeu a amar através das próprias desventuras. Rijo como a própria natureza em que se plasmou o seu espírito, nunca faltaram entretanto, a êsse homem-cardo, símbolo vivo do seu adorado Nordeste, as níveas flôres em que hauriam puro néctar as débeis abelhas humanas que êle abrigava no amplo regaço da sua caridade.

E como, em função de eterna justiça toda dôr frutifica, fartos benefícios materiais e espirituais brotaram do seu longo e mortificante apostolado. As refulgências que iluminaram o soldado de Cristo não obumbraram as que fizeram brilhar o soldado da Pátria!

Sua excelsa personalidade lhe traçou honroso lugar na galeria dos grandes valores humanos.

A dôr e o sofrimento nunca lhe quebrantaram as formidáveis energias morais, e as injustiças e incompreensões dos seus semelhantes jamais turvaram a límpida visão dessa alma soberana.

É que, posuindo, como véro cearense, a triste familiaridade de todas as desgraças, Ibiapina realmente foi um daqueles homens que, no dizer formoso e expressivo de Balzac, "entraram na vida pelos seus desertos!"

REVISTA
DO
INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direção de TH. POMPEU SOBRINHO

TOMO LXXX — ANO LXXX

1966

Dedimus profecto grande
patientiæ documentum

EDITÔRA "INSTITUTO DO CEARÁ
1968

INSTITUTO DO CEARÁ

Fundado em 4 de março de 1887

HISTÓRIA - GEOGRAFIA - ANTROPOLOGIA

Sede Social: Av. Visconde de Cauípe, 2431

Fortaleza - Ceará - Brasil

FINS DO INSTITUTO DO CEARÁ

O Instituto do Ceará, sociedade civil com sede em Fortaleza e fundada a 4 de março de 1887, tem por fim a cultura da História, da Geografia e da Antropologia do Brasil, especialmente do Ceará, e empenhar-se-á no desenvolvimento das letras em geral, no Estado.

Para preencher os seus fins o Instituto manterá:

a) — intercâmbio cultural com instituições científicas e literárias, nacionais e estrangeiras;

b) — uma revista periódica, em que se publiquem trabalhos dos sócios e colaborações de estranhos;

c) — uma biblioteca e arquivo, em que se guardem e colecionem os papéis, documentos, livros, cartas geográficas, autógrafos, etc., obtidos pela sociedade ou a ela oferecidos;

d) — um museu antropológico;

e) — uma seção iconográfica.

Pede-se que acusem o recebimento desta revista.
Se ruega acusar recibo del presente numero.
Con preghiera di accusare ricevuta del presente numero.
On prie de vouloir bien accuser réception de cette revue.
Please acknowledge receipt of this exemplar.
Bitte, den Empfang dieser Zeitschrift zu bescheinigen.
Petimus ut acceptionem nunties.
Oni petas konfirmi la ricevon.

na cintura e o bacamarte, e os outros dois correram pelo caminho das Aningas, foram tomados na garupa por XX e conduzidos ainda com os bacamartes. Acrescenta que êstes assassinos confessaram os haver recebido em casa de Miguel Fernandes, onde estava o coronel Agostinho, diretamente da mão dêste; e ainda, que o Comandante da Polícia, Franklin do Amaral, era conivente, sendo que dois dias antes policiara as ruas no sentido de afastar as testemunhas do crime.

Do que nos transmitiram as crônicas e testemunhas dêsse tempo, vê-se quão exacerbados estavam os ânimos dos políticos em conseqüência da mudança do Ministério da Maioridade (dos Andradas) para o seu sucessor reacionário.

O partido liberal, que se avolumara na administração de Alencar, e adquirira fôrça na Província, embora não tivesse tempo de enfraquecer o adversário, poupado pelo espírito de concórdia dêsse presidente, e por ordens terminantes do Govêrno-Geral, especialmente do Regente, Araújo Lima, espírito autoritário, que não consentia se tocasse nos seus partidários do Ceará, ressentira-se das medidas violentas que Jerônimo Coelho pusera em prática, como demissões em massa, perseguições, recrutamento bárbaro e outras medidas de arrôcho e compressão.

Era preciso enfraquecê-lo e conquistar nas próximas eleições para deputados-gerais as cadeiras ocupadas por amigos de Alencar.

Daí todo o cortejo de arbitrariedades e de crimes, que vieram epilogar nos assassinatos de chefes liberais.

Apesar da ferocidade dos meios, demonstram que, para quebrantar as opiniões políticas, êles se tornam necessários. As lutas partidárias assumiram a gravidade de guerra civil. Os homens valiam mais do que os pacatos e condecendistas de hoje.

Fortaleza — Julho — 1922.

(Transcrito do "Almanaque do Ceará")

PADRE IBIAPINA, FILHO DE IBIAPINA

PEDRO FERREIRA

Lendo — de um trago da alma — o importante trabalho, intitulado "Apóstolo do Nordeste", de autoria do ilustre jornalista João Lindemberg de Aquino, publicado na brilhante revista "Itaytera", que se edita na bela cidade sul-cearense do Crato, notei que deu o grande padre Ibiapina, de imperecivel memória, como nascido no município de Sobral, baseado, quiçá, na certidão de batismo do aludido sacerdote.

A mesma certidão ou assento de batismo reza que os genitores do Padre eram moradores na freguesia de Sobral, quando em 1806 — época em que houve o batismo do Padre — êles moravam na antiga povoação de Ibiapina, situada no **hinterland** verde da graciosa ibiapabana serra.

Os genitores do Padre — muitos sóis antes do nascimento dêste — já haviam se mudado da cidade de Sobral, onde moravam, diretamente para a povoação serrana de Ibiapina, residentes nesta, satisfeitos, muitos anos, com vistas aos serventuários.

De Ibiapina se mudaram para a cidade de Icó.

Logo êles, os genitores do Padre, não moravam, é certo, em nenhuma fazenda ou lugarejo da freguesia de Sobral.

Assim, aquela certidão de batismo escrita **a la diable** nenhum valor histórico tem — por não dizer precisamente o lugar do nascimento do Padre em aprêço.

Ademais, quando nasceu o padre Ibiapina não havia padre no pequeno povoado serrano, razão por que seus pais, cientes da estada do padre Antônio Mendes na fazenda Ôlho d'Água que demora muito próxima a Ibiapina, levaram seu filho José para se batizar ali.

Pois é muito natural uma pessoa nascer em lugar e, depois, se batizar em outro.

Para maior prova de que a atual e florente cidade da Ibiapina, antiga aldeia do "Diabo Grande", é de feito, o berço do glorioso padre, transcrevo abaixo, ipsis verbis, alguns trechos da biografia no notável ibiapinense, feita em 1833, por seu parente Antônio Modesto de Maria Ibiapina e publicada na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano número 83, de 1911: — "Francisco Miguel Pereira, homem oriundo de uma das principais famílias de Sobral, tinha sido destinado por seus pais, para o estado sacerdotal e nesta intenção destraíram-no da vida do campo e mandaram-no estudar o latim. Quando porém devia seguir para o Seminário de Olinda, raptou e desposou-se com a D. Teresa de Jesus, também de boa família, mas que sendo a causa imediata tôda preterição da ordenação de Francisco Miguel, ficou odiada e desprezada dos sogros. Francisco Miguel vendo o desgôsto de sua querida espôsa e não tendo meios de vida em Sobral mudou-se para a povoação de Ibiapina, cujo nome juntou depois ao seu, e ali residiu alguns anos ensinando meninos para viver.

A Ibiapina era então uma pequena povoação de índios aldeados pelos jesuítas, situada em terras fertilíssimas da serra da Ibiapaba. Nesta povoação no meio dos índios da raça Tabajara, nasceu em 1906 o venturoso infante a que no batismo deram o nome de "Glorioso Patriarca", que viu florescer em suas mãos, a vara simbólica. Sôbre a proteção dêsse nome e sôbre a influência das virtudes cristãs de sua mãe, que com os beijos da maternidade lhe infiltrou no coração o germe da virtude, formou-se a alma do menino José; e sendo embalado no berço pelas doces brisas da Ibiapaba, pelo mavioso cântico das aves e pelo murmurar de suas fontes, apresentou desde o berço predisposição para as virtudes.

Sendo o terceiro filho de Francisco Miguel e de Teresa de Jesus, era ainda muito criança quando seu pai obteve a serventia do tabelião da cidade de Icó e para ali mudou-se."

Em vista do exposto, é claro que não estou, no dizer chistoso do poviléu, puxando mais uma brasa para as minhas sardinhas; por isso, peço e agradeço — a bem da verdade histórica — que isso, em edições futuras de seu importante trabalho, corrija o êrro do nascimento do padre Ibiapina na freguesia de Sobral.

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL ATINGE MAIORIDADE AOS 15 ANOS

Criada em 1950, sob os auspícios da nossa Arquidiocese, a Escola de Serviço Social de Fortaleza completou anteontem, dia 25, quinze anos de existência. Dom Antônio de Almeida Lustosa, sensível aos problemas sociais que cada vez mais preocupam a Igreja, resolveu, em boa hora, fundar o nôvo estabelecimento de ensino, agregado à Universidade a partir de 1956. Contando atualmente com 25 professôres, que exercitam a parte teórica da Escola, e 15 supervisores de ensino prático, a E.S.S. já deu ao Ceará e, por extensão ao Brasil 181 assistentes sociais, na maioria empregando as suas atividades em obras e serviços sociais, incluindo alguns ligados a órgãos e instituições governamentais. Funciona em sede própria, um edifício relativamente amplo e confortável da Avenida Barão de Studart, na Aldeota. No momento, estão matriculadas nas suas quatro séries 117 alunas, 25

REVISTA
DO
INSTITUTO DO CEARÁ

PUBLICADA ANUALMENTE
Sob a direção de Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira

TOMO XCVII ANO XCVII

1 9 8 3

Dedimus profecto grande
patientiae documentum

Fortaleza – Ceará

Rev. Inst. do Ceará	Fortaleza	V. 97	p. 326	1983

NORMALIZAÇÃO DA PERIODICIDADE

A legenda do presente períodico apareceu a partir do Tomo LXXVII–Ano LXXVII de 1963, apresentando volume 81. Essa divergência decorreu da aglutinação injustificada de 4 (quatro) tomos especiais. A partir do presente volume e para a normalização da periodicidade, foram desintegrados os tomos especiais, atualmente em número de 5 (cinco). Fica, então, a legenda atual com a numeração real dos anos, isto é:

Tomo XCV - Ano XCV - Volume 95.

Ficou deliberada, para os Tomos Especiais, a seguinte codificação:

1920 – TE - 1
1924 – TE - 2
1938 – TE - 3
1956 – TE - 4
1972 – TE - 5

Revista do Instituto do Ceará. V. 1 –; 1887 –; Fortaleza,
Edições Universidade Federal do Ceará.
v. anual
Trimestral até 1928
Órgão oficial do Instituto do Ceará
1. Geografia, História, Antropologia – periódico
Instituto do Ceará

CDU 91 + 93 + 572 (05)

INSTITUTO DO CEARÁ
Sede – Rua Barão do Rio Branco, 1594
Fone: 231.6152
60.000 – Fortaleza – Ceará – Brasil

INSTITUTO DO CEARÁ

DIRETORIA PARA O BIÊNIO 1983 – 1985

PRESIDENTE	Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira
VICE-PRESIDENTE	Luis Cavalcante Sucupira
SECRETÁRIO GERAL	João Hipólito Campos de Oliveira
1o. SECRETÁRIO	Manuel Lima Soares
2a. SECRETARIA	Maria da Conceição Sousa
1o. TESOUREIRO	Rubens Azevedo
2o. TESOUREIRO	Luis Teixeira Barros
DIRETOR DE COMUNICAÇÕES	Guarino Alves de Oliveira

CONSELHO SUPERIOR

Mozart Soriano Aderaldo
Antônio Martins Filho
Raimundo Teles Pinheiro
Francisco Alves de Andrade e Castro
Florival Alves Seraine
Fran Martins

COMISSÃO DE HISTÓRIA

Raimundo Girão
Vinícius Antonius Barros Leal
José Denizard Macedo de Alcântara
Josa Magalhães
Manoel Albano Amora

COMISSÃO DE GEOGRAFIA

Raimundo Aristides Ribeiro
Paulo Bonavides
José Teixeira de Freitas
Nilson Craveiro de Holanda
José Parsifal Barroso.

COMISSÃO DE ANTROPOLIGIA

Zélia Sá Viana Camurça
Itamar de Santiago Espíndola
Oswaldo de Oliveira Riedel
Manuel Eduardo Pinheiro Campos
Florival Alves Seraine

COMISSÃO DE VERIRICAÇÃO E MERECIMENTO

Francisco de Assis Arruda Furtado
Hélio de Sousa Melo
Abelardo Montenegro
José Caminha Alencar Araripe
Eduardo Bezerra Neto

COMISSÃO DA REVISTA

Pedro Alberto de Oliveira Silva
Francisco Fernando Saraiva Câmara
Virgílio de Moraes Fernandes Távora
João Hipólito Campos de Oliveira

IBIAPINA E A HISTÓRIA REGIONAL DO NORDESTE

João Alfredo de S. Montenegro

O que há de mais surpreendente no "modelo" pastoral do Padre Ibiapina é o realismo, a originar-se de um profundo sentido do regional.

O Nordeste, do qual ele conserva segura vivência, inspira-lhe constantemente os passos e diretrizes, norteando-lhe a edificação de uma obra duradoura.

Esta repousaria sobre um contexto sócio-econômico, sobre um espaço cultural, haurindo-lhes potencialidades e recursos, que marcam a criatividade de um homem no exercício de um múnus apostólico que, antecipadamente, realiza a síntese mais perfeita, a mais autêntica, do homem e do sobrenatural.

Ibiapina construiu, na prática, um "modelo" pastoral fundado numa larga base antropológica, no conhecimento das agruras e dos sofrimentos do nordestino, quer o de áreas mais amenas, como o Cariri cearense, quer o da zona do semi-árido, o chamado Polígono das Secas, a apresentar periodicamente desequilíbrio ecológico, desaparecendo a dinâmica da produção e emergindo a fome generalizada.[1]

Ele se faz itinerante, como não poderia deixar de ser, para lograr a necessária integração entre a extensão do seu santo mister e o perfil regional a que se propôs. Do que se deduz não haver fronteira precisa entre a missão lata e a pastoral restrita, no caso de Ibiapina, condição *sine qua non* daquele alcance regional.

É que se tem aí uma obra, insusceptível de enquadramento num "modelo" aprioristicamente dado.

Na verdade, se alinha entre aquelas tocadas pela originalidade, por uma autenticidade impressionante, pela sintonia com os imperativos conjunturais, com uma problemática estrutural, que se vai desenrolando na *praxis* continuada, no enfrentamento de uma realidade emergente.

São açudes, cemiérios, hospitais, escolas, as chamadas casas de caridade, que se constituem focos de atividades globais e socializantes, intensificando o

---

1 Rafael Alvargonzalez, O Desenvolvimento do Nordeste Árido, DNOCS, Fortaleza, 1981, pág. 37.

espírito associativo, num lúcido aproveitamento do mutirão, de raízes ancestrais.

Nisso tudo vai o empenho de satisfazer necessidades sócio-econômicas locais, regionais, o afã de plantar uma indispensável infra-estrutura não só de atividades materiais propriamente ditas, como também de espirituais, sem a preocupação de estabelecer separação rígida entre ambas.

Cedo compreendeu Ibiapona que o estilo missionário tradicional, como o utilizado pelos Capuchinhos, despertando um fervor místico, que tendia a esfumar-se com a partida do pregador com o retorno à realidade do dia-a-dia, não alcançava os resultados duradouros que iam além da religiosidade solta, pouco ou nada integrativa ou esclarecida. Uma religiosidade que não conseguia estabelecer uma ponte entre a Igreja institucional e a Igreja-povo de Deus. O que necessariamente requer a mediação da cultura, da sociedade global, postos os seus dinamismos a serviço de uma profunda inserção da fé nos negócios humanos.

O apóstolo cearense percebia lucidamente que o Cristianismo perdia muito de sua seiva vivificante, redentora, a se meter eqüidistante e desligado da problemática humana; que o catolicismo não alcançaria vigorosamente o povo sofrido, miserável, abandonado pelas autoridades, se não chegasse até o núcleo do seu calvário, se não integrasse a mensagem da Igreja no esforço material de promoção social desse povo.

Destaque-se, contudo, que Ibiapina não fica cingido a um plano pastoral vago, genérico, voltado para o homem, como ser integral.

Antes, cabe afirmar sem tergiversação, que tal plano ele o elabora intuitivamente, com base numa profunda vivência do Nordeste, de suas especificidades, entre as quais assoma com dominância o trágico, o sentido da indigência de uma região atormentada pelas secas, pois nasceu e amadureceu no coração do semi-árido, o Ceará, pela violência política, pelo banditismo, pelas homéricas perseguições movidas pelos poderosos contra os inimigos, contra os adversários, contra os humildes.

Paulino Nogueira narra com crua fidelidade os fatos relacionados com a Revolução de 1824, a chamada Confederação do Equador. Ela teve entre outros mártires, o pai, Francisco Miguel Ferreira, e o irmão do sacerdote, Raimundo Alexandre Pereira Ibiapina. O primeiro, fuzilado na praça do Passeio Público, em Fortaleza; o segundo, morto em situação trágica como preso, na ilha de Fernando de Noronha.

Por essa época contava 18 anos de idade, e o acontecimento marcou-lhe profundamente.

Esses caros parentes desaparecidos retratados como monstros pelo então Presidente da Província, Pedro José da Costa Barros.[2]

---

2 Paulino Nogueira, o Padre Ibiapina. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo II, pág. 166.

Recorde-se, por outro lado, que, no mesmo ano, irrompia no Ceará tenebrosa seca, deixando um rastro de misérias, de atrocidades, de fome. Em decorrência, aumentou consideravelmente o índice de criminalidade. Bandos de facínoras saqueavam as propriedades e matavam as pessoas sem piedade.[3]

A província estava realmente convulsionada. As paixões políticas atingiam o paroxismo. Liberais e **imperialistas**, estes últimos adpetos do Imperador, se dilaceravam entre si, cada facção incursionando pelo campo inimigo não raras vezes, cometendo atrocidades.[4]

Não obstante encontrar-se Ibiapina em Pernambuco, estudando no Seminário de Olinda, ao ocorrerem tão sinistros eventos, sentia ele a crueza do destino, recrudescida com a confiscação dos bens da família, deixando-o totalmente sem recursos.

Todo um quadro de misérias deveria fixar-se indelevelmente no seu espírito, contribuindo para uma concepção do mundo mais e mais forrada pelos ensinamentos evangélicos.

E não seria o Seminário de Olinda, direcionado primordialmente para o Racionalismo cartesiano e para os pródromos do Liberalismo, que haveria de saciar a sua fome de verdade, de atender aos seus anseios apostólicos.

Ao deixá-lo, consegue o amparo material necessário para fazer os seus estudos jurídicos em Olinda, formando-se em 1832.

Após curto período no exercício da advocacia e na academia de Olinda, é nomeado em dezembro de 1833, Juiz de Direito e chefe de polícia de Quixeramobim.

Em 1834, está feito deputado geral, com desempenho regular no Parlamento.

Nesse mesmo ano, assume o cargo de Juiz de Direito da comerca daquele município.[5]

É justamente no ofício de magistrado que se acrisola fecunda experiência em torno dos homens, das situações políticas, do quadro sócio-econômico do *hinterland*.

Forma-se aí o microcosmos do Nordeste semi-árido.

Familiariza-se, então, com os problemas gerados pelo banditismo, pela ignorância, pela prepotência dos régulos, pelo desaparelhamento da justiça, pelos entraves estruturais e conjunturais à boa aplicação da lei.

---

3 Memórias do Professor Manuel Ximenes Aragão, In: Tomo XXVIII, pág.70.

4 João Alfredo de Sousa Montenegro, Ideologia e Conflito no Nordeste Rural, Rio, Editora Tempo Brasileiro, 1976, pág. 167.

5 Paulino Noguera, op. cit., pág. 174.

Sabe que na raiz de tudo isso está o atraso do Nordeste da pecuária, do algodão, do açúcar, com populações indigentes, sofridas, faltas do necessário.

Daí o papel primordial que atribuía à educação do povo, aliás sintonizando com a concepção dominante do período, que começava a acordar para a tarefa de esclarecer, de iluminar as mentes, como condição do progresso.

E tal já punha em prática quando magistrado, gastando horas a fio instruindo os membros do juri, do chamado tribunal de fato, acerca da parte que lhes era pertinente.

Mas não ficava aí. Procurava incutir naqueles homens, geralmente de poucas luzes o horror do crime, à infrigência da lei, levando-os a se convencerem da necessidade da punição para os delitos.

Nessas preleções, costumava comparar a Constituição a uma árvore denominada **Liberdade**, matriz dos bens usufruídos pela sociedade.

Admirável como associava a ignorância à imoralidade, num entendimento de fundo iluminista, ambas causas dos males mais graves, a afligirem a comunidade humana.

Assim, a execução rigorosa das leis teria efeito educativo, na medida em que se extirpasse o mal que barrava essa execução, o condenável protecionismo dado pelos potentados do sertão aos facínoras, muitos deles autores de um sem número de mortes.

Contra essa prática malsã toma atitude de rigor, dosando severas providências de ofício com iniciativas de concórdia, reunindo as pessoas de mais prestígio e influência na comarca para um geral apaziguamento.

Escreve ele:

> "Reuni as pessoas mais influentes deste lugar; em uma ceia conciliei todos os ânimos divergentes, e de boa fé se comunicam hoje como amigos".

Dessa forma, iam desaparacendo os motivos mais contumazes de desavenças, de crimes.

Os homicidas, após essas medidas de profilaxia moral, já não encontravam mais a proteção de antes e fugiam para outros lugares.[6]

Como se vê, transparece em Ibiapina, antes mesmo de se fazer sacerdote, uma aguda identificação com os problemas da sociedade, expostos na carência do subdesenvolvimento.

Sempre um preocupado com a sorte do povo carente, sofrido, despojado de recursos. O que lhe motivava uma visão especificava: a que se centraliza na grande defasagem entre a lei, o Estado, através de suas manifestações

6 Paulino Nogueira, po. cit., pág.178.

ou aparelhos institucionais, e os destinatários dessa lei, desse Estado, constituídos geralmente por cidadãos de poucas luzes e vivendo em condições precárias.

Provavelmente, tal visão que não o abandonou jamais ocasionou mais tarde, feito apóstolo, a escolha de um "modelo" pastoral, a vocação para um tipo de trabalho que teria como objetivo básico a eliminação daquela defasagem, desta vez alargada, porque contendo a Igreja, distanciada da real situação concreta dos fiéis.

A pobreza absoluta, a ignorância, a doença, a falta de meios para uma vida normal, quer em termos pessoais, quer em âmbito social, deveriam ser enfrentadas pelo sacerdote, numa missão que não separaria jamais o "material" do "espiritual". Sem o que a justiça e a caridade se tornam coisas abstratas, desencarnadas.

Então, Ibiapina, dentro da visão mais avançada e coerente do seu tempo, exercitou aquela vocação, dando-lhe contornos bem precisos, calculados, e tendo como espaço o Nordeste.

Trata-se, na verdade de uma visão que se mostrava atualizada, provocando ainda hoje admiração, e que tendia a se enriquecer, a se redimensionar cada vez mais, em virtude da *praxis* que a tecia, que lhe ensejava matizes.

É uma *praxis* que se vai desenhando sob os influxos de um regional que não se apresenta em bloco, mas particularizadamente, na proporção de um itinerário que ia revelando cidades com a sua problemática própria, com as suas indigências específicas. Sem, porém, deixar a consciência de uma problemática central que cobria o Nordeste.

O apóstolo cearense, homem de larga vivência, havendo recebido as sagradas ordens aos 47 anos de idade,[7] depois de fecundo contacto com os males da sociedade nordestina e até do seu país, como advogado, como magistrado e como parlamentar, deveria estar a par das idéias e das discussões, sem contar o que assimilou de experiência própria, acerca dos temas das secas, da educação, da política, da economia, da Igreja etc., no contexto regional.

Será que a mensagem regionalista da Confederação do Equador, heroicamente defendida pelo pai e pelo irmão do sacerdote até o martírio, não teria repercutido no seu espírito, concitando-o a um trabalho pastoral que recolhesse os ecos da luta por uma região que, já em 1824, sofria intensa opressão, desgastando-se política e economicamente?

Apenas, desta vez a luta seria reorientada, ocupando-se de uma obra afastada das competições partidárias, com claros intuitos de organização de uma sociedade rural sob a égide da Igreja Católica e inspirando-se num

---

7 Paulino Nogueira, op, cit., pág. 206.

"modelo" pastoral original, sem laivos de imposição de uma cristandade. Ou de uma sociedade teocrática. Nem mesmo o de uma sociedade trabalhada por um "modelo" autoritário de cristandade, tal como as décadas dos anos 20 e 30 deste século exibiam no Brasil e em outros países.

Ibiapina não alimenta sonhos utópicos de transformações sócio-religiosas, não afaga propósitos messiânicos.

O que pretende realmente é, juntamente com o povo, sem discriminação de classes, urdir em obras simples mas marcantes uma história inédita do Nordeste Rural, até então não imaginada com tanta sensatez e dom tanto realismo.

O que era antes esse Nordeste rural?

Algo talado pelas guerras de potentados, pelas estruturas de poder montadas ao redor das grandes propriedades, que disseminavam a opressão, a perseguição, que conservavam comunidades inteiras em gritante atraso. Faltava justamente uma força, uma voz, um desses homens que levantam um povo, que o desperta para iniciativas arrojadas ou para um trabalho construtivo, sem abalar, por inoportuno e intempestivo aquelas estruturas de poder, antes procurando cooptá-las no esforço comum de implantação de uma rede de serviços, de instituições, de obras materiais. Tudo isso, contudo, modelado pela chama da caridade, pelo afã de cristianização daquelas comunidades.

Pode-se assinalar o ano de 1860 como o início das construções numerosas feitas por ibiapina:[8] hospitais, casas de caridade, cemitérios, igrejas e outras coisas mais.

Todas essas obras, ou melhor dizendo, cada uma de per si encerra um significado social, sócio-econômico ou sócio-religioso, de acentuado interesse histórico regional, surgindo, crescendo ou permanecendo dentro de um período de mudanças importantes para o país, para o Nordeste.

Então, o capitalismo, ampliada a revolução industrial, alcança um novo patamar. Surge um sistema de divisão internacional de trabalho assentado no mercado mundial. A princípio, o grande pólo econômico situava-se na Inglaterra, que vencia níveis elevados de tecnologia e de capitalização. Depois, esse pólo compreenderia França e Alemanha, beneficiadas com imensa industrialização. Isso determinaria grande consumo de matérias-primas por parte desses países, impondo-se a especialização no plano internacional, a esta altura marcadamente interdependente. As nações não-industrializadas fariam o papel de meras fornecedoras de matérias-primas, de alimentos.

Em cumprindo esse papel, reafirmava o Brasil a velha prática mercantilista, concentrando as suas exportações, no decurso da Monarquia, em oito produtos rurais.

---

8 Celso Mariz, Ibiapina, Um Apóstolo de Nordeste, 2a. Edição, UFPB, Universitária, João Pessoa, 1980, pág. 58.

Vê-se, pois, que a grande lavoura continuava movendo a economia mundial, ensejando a importação de artigos fabricados, suprindo necessidades do consumidor.

Não havia como, desse modo, escapar a economia brasileira às transformações e crises econômicas dos países industrializados, mostrando às claras a sua dependência.

Importante considerar as grandes transformações por que passou a grande lavoura, principalmente em função do forte impulso tomado pelo café no Sudeste, substituindo tradicionais plantações de cana-de-açúcar. Estas últimas permaneceriam no Nordeste. Trata-se de uma especialização que perduraria por longo tempo, acentuando "um sentido básico do desenvolvimento agrícola brasileiro durante os anos em estudo".

Ter-se-ia ainda no Nordeste uma vasta área, a do semi-árido, dedicada principalmente à cultura do algodão e à pecuária, para não aludir a outras, não pertinentes aos fundamentos econômicos do Nordeste em que teria atuação Ibiapina.[9]

Nesse período, mais notavelmente entre 1860 e 1870, dá-se pronunciado crescimento das rendas fiscais, do comércio exportador, inaugurando-se firmas importantes nas capitais do Nordeste, cuja urbanização se desenvolvia a olhos vistos.

Os relatórios dos presidentes de província de então constituem-se preciosas fontes de informações desse surto de progresso da região, concentrando-se mais no setor urbano.

Obras de infra-estrutura: portos, estradas, iluminação, esgotos aparecem ou se ampliam, aí.

Vai-se alargando a distância entre o setor urbano e o rural, numa demonstração de que o crescimento econômico e social privilegia o primeiro em detrimento do segundo. O que até os dias atuais continua inalterável.

As cidades do interior, no período em exame, sofriam grandes carências. Escolas, hospitais-maternidades, cemitérios, obras de infra-estrutura em geral escasseavam, deixando o povo desassistido de bens essenciais à vida.

Não havia, devidamente estruturada, uma política social capaz de atendê-lo, dotando-o de recursos pelo menos assistenciais,e numa linha de continuidade firmada.

De modo que o sertão se tornava presa fácil dos poderosos, dos proprietários ricos que exploravam os camponeses, impondo-lhes duras condi-

---

9 Alice P. Canabrava, A Grande Lavoura, In: II O Brasil Monárquico, da obra História Geral da Civilização Brasileira, São Paulo, Difel, 1971, págs. 85-86.

ções de vida, que o paternalismo tentava mitigar num círculo vicioso de perpetuidade da opressão.

Nessas condições, prosperava um tipo de religiosidade que se constituía a projeção daquele paternalismo, fazendo de Deus e dos Santos da Igreja outros proprietários distribuidores de benefícios, de dádivas.

Eles também os acudiam em algumas de suas necessidades extremas, na falta do fazendeiro, do compadre a que devia sempre "favores".

Tal inerente a um sistema social extremamente precário, dependente de uma estrutura de poder que manipulava a manutenção do *statu quo* na intensa privatização das atividades polítocas, econômicas e sociais, e concentrada na camada dos proprietários.

O Estado, por isso, se amoldava aos interesses dessa camada, ele próprio privatizado no cerne do sistema oligárquico-coronelista e padecendo de grave disfuncionalidade.

Ele se mostrava impotente na tarefa de estimular o desenvolvimento da sociedade rural, nem sequer possuindo recursos e consciência para fazê-lo, preso que estava a determinismos inibidores de iniciativas dinâmicas.

Nesse quadro, a camada dominada suportava por igual os impactos desses determinismos, faltando-lhe criatividade política para franquear a criatividade cultural, de que é pródiga.

Urgia, no período, uma força autônoma, proveniente de fora, planejando e despertando o carreamento de energias latentes do povo, para que este se tornasse agente da história, na medida de sua idade cultural, de suas possibilidades de mudança. Fazia-se mister que ele assumisse tarefas comunitárias, enveredando por um caminho que o libertasse do atraso, da extrema penúria ao mesmo tempo que se tornava aberto para Deus, para o Reino.

Missão árdua a de Ibiapina, e sobretudo realista. Deveria trilhar grande parte do Nordeste, tentando criar hábitos novos de comportamento, práticas associativas, uma religiosidade mais madura, junto com a estruturação de uma obra material. Tudo isso sem ferir o *ethos* cultural das populações visitadas.

Tem-se a impressão de que o missionário, conhecedor do meio rural da região, experiente dos assuntos temporais, afeito às propostas político-administrativas do seu tempo, estava consciente do que era possível fazer pelo povo, sob a égide de uma renovação espiritual que sacudia o mundo católico, a Igreja, e observando o peculiar estado de penúria desse povo, a desorganização em que se achava.

Estaria consciente de que o problema central a resolver condensar-se-ia na ausência de uma moral social, dentro aliás de uma concepção tão inerente àquela renovação, potente para dissolver os desregramentos dos políticos, dos que detinham o controle oligárquico, quer em âmbito provin-

cial ou local, afetando a missão da Igreja mais enfaticamente.

Como se faria ela potente?

Assumindo um determinado protagonismo social, e até político, num trabalho que se valesse da arregimentação das forças católicas, num período de mudanças sócio-econômicas, de surgimento de uma mentalidade laica e anti-clerical nos centros urbanos.

Temia a corrente ultramontana os efeitos dessa mentalidade, desconhecendo o plano social e econômico em que emergia.

Escreve Oscar F. Lustosa:

> "O que os ultramontanos denominavam de **secularização** era, na realidade, o próprio movimento de **modernização** do país, conforme país, conforme analisam alguns historiadores. Movimento global, todos os níveis da realidade social brasileira eram por ele afetados. O contexto sócio-econômico em ritmo de transição e de mudança – incluindo todo o conjunto do **progresso** material, técnico, populacional, urbano etc. –, seria a matriz da fermentação ideológica-política para a meta de reformulação do quadro de valores tradicionais."[10]

Não deixaria Ibiapina, como missionário e como líder, de dar a sua contribuição a esse contexto em mudança. Porém a seu modo, sem se prender a qualquer grêmio político, sem ceder à tentação do modernismo fácil. Não podia se libertar, é verdade, das visões filosófica, religiosa e política do período, as quais se deitavam no fundo de uma experiência sedimentada pelas lutas e pelas empresas a que se entregou desde o episódio da Confederação do Equador. Elas, estavam, contudo, retrabalhadas pela fé que o animava, pela própria evolução do seu ofício anterior de político.

O sacerdote forjara o seu espírito político levado principalmente pelo imperativo de organização, de ordem, imposto ao país com a abdicação de Pedro I, em 1831, que deixara um ambiente tumultuado, pleno de aventuras sediciosas. Os excessos de liberdade, a anarquia, eram patentes.

Assim, acusado de **regressista**, de ingrato por não mais acompanhar as idéias do pai.[11]

Seguramente, portava convicções de um liberal moderado, convicções essas a nortearem as realizações da Regência e da Segunda Monarquia.

Apoiava *in totum* o sistema liberal adptado ao Brasil.[12]

Afagaria, por isso, a noção de ordem, subjacente aí e ao Catolicismo ultramontano, a se defender dos excessos de liberdade, ao progressismo, emergentes com o processo de modernização.

---

10 Política e Igreja, São Paulo, Ed. Paulinas, 1982, pág. 26.
11 Paulino Nogueira, op. cit., págs. 171-172.
12 Celso Mariz, op. cit., pág. 23.

A autoridade, *o status quo* deveriam ser preservadas a todo custo.

A *tradição* resguardada proritariamente. Temiam-se inovações perigosas.

Veja-se a postura assumida por Ibiapina. Aceitava e agilizava o depósito de fé, as linhas mestras da restauração católica, plantadas por Pio IX e, por outro ângulo, imbuído de ideais do século, imanentes à modernização acolhida pelos gabinetes ministeriais do Império, numa pauta de pragmatismo fincada na tradição política, propunha e comandava a realização de obras de interesse público no Nordeste, utilizando, porém, uma metodologia própria, original, uma *praxis* de feição autônoma, nos seus aspectos mais gerais.

Quer-se dizer que o apóstolo do Nordeste seguiu em toda linha os traços gerais da política de modernização da região, aplicando-a ao meio rural, justamente a área abandonada pelos governos, e segundo as práticas da época. Animou-a, todavia, com uma fé criativa. Nisso de que a sua visão católica, o seu zelo missionário, integrava o povo de Deus na realização dessa política de modernização, tornando-a obra da comunidade.

E ela ia mais longe do que se imagina. Porque não se restringia somente aos aspectos materiais das realizações. Ou às implicações associativas, socializantes de sua incidência. Carregava um sentido de atyalização da fé no contexto agrário, marcada que era pelos sinais de inserção na vida, no cotidiano do povo, no campo de suas lutas, de seus sofrimentos, imprimindo um sentido ético elevado ao que praticava. Uma fé educativa, concitando-o a não abandonar jamais o campo da realidade sócio-econômica que o cercava, passando conscientemente a assumir nele responsabilidades definidas. O crescimento da fé deveria ser concomitante à modernização do meio.

Como não ver que, nessa prática, a fé se ia depurando dos messianismos alienantes que fazem recrudescer o paternalismo e o assistencialismo de uma estrutura opressora?

E aí vai a diferença entre Ibiapina e o Padre Cícero.

Eis um depoimento valioso:

> "Devido a enorme influência que (Ibiapina) exerceu sobre as populações nordestinas, houve quem o comparasse ao padre Cícero, do Juazeiro. Ambos, sacerdotes bons e dignos, se diferenciaram, consideravelmente, sob os pontos de vista religioso e social. Ibiapina, homem de cultura regular, para seu tempo, e espírito equilibrado, foi um verdadeiro organizador e construtor, no âmbito civil, e na órbita religiosa um soldado humilde e eficiente da Igreja, de cujas normas jamais se afastou. Sua atuação religiosa se processou, invariavelmente, nos moldes canônicos e seus serviços nunca deixaram de ser compreendidos e exaltados pelos superiores hierárquicos . . . O Padre Cícero, homem visceral-

mente bom e piedoso, não tinha a cultura e nem o equilíbrio mental necessário a qualquer organização religiosa ou profana".[13]

Não obstante se haver aproximado do povo, não soube o patriarca do Juazeiro entrar na sua problemática social, mantendo-o preso a velhos padrões paternalistas, inclusive os acobertados pela política partidária oligárquica, da qual participou.

Com efeito, longe se situou de um trabalho de monta em prol do Nordeste que tanto o exaltou, pouco operando, em termos assistencialistas até, e num âmbito circunscrito àquela cidade.

Durante os anos de seca viu milhares de flagelados sucumbirem pela fome e pela sede, caindo pelas ruas, sem que tomasse iniciativas concretas, a não ser ligeiras como telegrafar ao Presidente do Estado, solicitando providências.

Já o Padre Ibiapina tinha outro comportamento.

Agilizou operações de socorro através de obras duradouras, fruto de uma organização que acompanhou todas as suas realizações. E sobretudo de um espírito inovador, pondo-se ao lado dos melhores empreendedores do seu tempo. Elas partiam do centro estratégico do município onde se demorava, e convergiam para ações assistencialistas mas eficazes porque oriundas geralmente das casas de caridade, espécies de núcleos que urdiam aquela organização, e para a construção de obras de infra-estrutura, notadamente açudes.

As secas eram desse modo enfrentadas com galhardia, com realismo, pelo admirável apóstolo que, nesse aspecto, desfrutava de uma atualização a toda prova.

A que se declarou no ano de 1877, encontrou da sua parte resposta pronta, eficiente e segura. Por sinal, uma das mais pavorosas que assolou o Nordeste. Ele, por certo, pela experiência das coisas da região, sabia das medidas necessárias para conter o flagelo. Contemporâneo do Padre José Martiniano de Alencar, de quem recebera auxílio no pior momento de sua vida, consistente em recursos materiais e com ele mantendo laços de amizade até por volta de 1830, não podia deixar de acompanhar a elogiável *performance* administrativa do grande estadista como Presidente do Ceará. Este teve uma visão renovadora do problema das secas. Através dela criou e acionou dispositivo de assistência às populações rurais, e traduzido em lei especial de 1832, concedendo ao proprietário de imóvel, que nele fizesse construir um açude, um prêmio.[14]

---

13 M. N. Fernandes Távora, Personalidade Moral e Cívica do Padre Ibiapina, RIC, Tomo LVII, 1952, págs. 250-251.

14 Joaquim Alves, História das Secas, Fortaleza, Edições do "Instituto do Ceará", 1953, pág. 149.

Entre essa data e a de 77, acumulam-se estudos e experiências sobre o magno problema, sendo que a última representa o espaço de tempo em que as pesquisas atingiram o pique, chegando-se a conclusões bem mais precisas.

Então, a açudagem consistia, na definição técnico-científica, no que havia de melhor para minorar os efeitos das secas.

Era esse o remédio mais eficiente para assistir às populações atingidas pelo flagelo, sofrendo especialmente a falta de água.

Ibiapina tem consciência lúcida desse dado e o incorpora imediatamente ao seu afã missionário.

Trata-se de uma postura realmente dignificante e superior, situando-se acima do comum no seio da Igreja, mais preocupada com assuntos inerentes a uma religiosidade que não sabia como absorver ações temporais, realizações materiais.

Em várias províncias do Nordeste promove a construção de açudes, alguns bem sólidos, desafiando a força do tempo, servindo por demais a populações inteiras.

Como já dito acima, tem-se aí um exemplo frisante do empenho que o Padre tomou de dar uma base infra-estrutural ao seu múnus apostólico. Quer dizer: articulando obras materiais com atividades pastorais.

Eis que talvez caiba a tese segundo a qual Ibiapina teria sido o precursor de uma Igreja voltada nos dias atuais para o homem como ser íntegro, antologicamente se completando na circunstância do mundo, para alcançar plenamente o transcendente. Pelo menos, ele lutou e trabalhou para que o homem se inserisse sob a égide da justiça na circunstância do Nordeste, de modo a se encontrar mais valorizado, desenvolvendo-se sob moldes sócio-econômicos mais razoáveis, sob um modelo de sociabilidade que agilizasse melhormente as potencialidades regionais. Tudo sob o impulso do amor, da caridade. E de uma forma autêntica, original.

Todas as suas obras têm profundo sentido do regional, buscando modernizá-lo. E nisso ele moderniza também, no círculo de seus trabalhos pastorais, a Igreja, dominada pelo **ultramontanismo**, pelo moralismo. Ambos, sem alarde, sem conflitos, sem discussões estéreis, a se depararem com o impulso incontido de uma moral social, que ajudava a redefinir o Cristianismo no seio dessa mesma Igreja, tão afetada pelo individualismo religioso.

IBIAPINA – UM PROFETA EM SUA TERRA

Vinicius Barros Leal

A sabedoria indiana afirma que os grandes rios, as grossas árvores e as plantas medicinais não nascem para si, mas para o serviço dos outros. Podemos facilmente aplicar o conceito desta máxima à vida fecunda e frutuosa do Padre José Antônio de Maria Ibiapina. Tal como uma impetuosa corrente, um gigante da floresta ou um vegetal rico de virtudes terapêuticas se desenvolveu a vida desse extraordinário cearense de quem hoje comemoramos o centenário de falecimento.

Pois, este que espargiu benesses e que aliviou tantos desventurados, inaugurou a própria vida com o sofrimento e fez do sacrifício a virtude primordial de sua longa existência.

Muito cedo viu-se privado das ternas afeições maternas e, na juventude, sofreu a grande desgraça do fuzilamento do pai e da morte trágica do irmão mais velho. Espoliado de todo o patrimônio familiar, a duras penas conseguiu prosseguir os estudos e amparar o irmão e as irmãs, que dele agora unicamente dependiam.

As contínuas imolaçõs jamais se concluiram, e nesse escalar de amarguras percorreu a estrada da vida, contando os dias, os meses e os anos pelo triunfo sobre os estorvos. Os serviços a Deus e ao próximo eram o seu desafogo nas vicissitudes. Eram para ele vegetados e inativos os momentos de calmaria e sossego.

Teve vida longa, no entanto, plena do cumprimento do dever, esgotada na ação fecunda de suas obras. Aproveitou o tempo vibrando, qual um jovem apaixonado, cheio de santas ambições.

Muitas vezes foi visitado pela adversidade, mas, com os olhos fitos em Deus e na virtude, aproveitou a procela para acumular a força dos talentos e o remédio que o infortúnio prepara, qual vacina protetora, em proveito dos que pugnam com coragem e por um ideal.

Poucas vezes foi acariciado pelos mimos dos enlevos mais duradouros. Uma ou outra situação de encanto ou de animação temporal leniu a sua vida atribulada. Elevou-se, no entanto, pelo sobrenatural. Na Religião nobilitou-se

e notabilizou-se. Pelos meios de que o Mundo se serve para aviltar o homem, ele ergueu-se acima dos mortais de sua época. Crucificando-se, libertou-se, e nos extraordinários desses meios, encontrou sempre o dedo de Deus que aí permanece para guiar os que n'Ele confiam.

Do berço, trouxe Ibiapina o sinal de uma existência penosa. Não falaríamos de atavismo, termo tão ao gosto das gerações passadas e agora banida moderna genética; mas de um ressurgimento nele, das características morfológicas, fisiológicas e morais dos seus antepassados. O pai, como se sabe, foi um lutador. Estigmatizado pelos sogros e pela própria família, foi proscrito do grupo parental e desterrado para a selvagem Serra da Ibiapaba, onde, ensinando meninos e dirigindo índios, com muito sacrifício, constituiu um lar honrado. Do lado materno, recebeu Ibiapina uma somação genética de características acentuadamente definidas pela carga de elementos portadores de gens condicionantes ao seu tipo de vida. Mas isto não foi apenas fruto das forças biológicas. De fato, o lastro genético colaborou eficazmente, mas outros fatores, se nos impõem reconhecê-los, estiveram presentes na formação psicológica do Padre-Mestre.

O estudo da árvore de costado do Padre Ibiapina possibilita o exame dos laços de parentescos com outras individualidades que assomaram no panorama político do Ceará do começo do século passado. A imposição da herança biológica sobressaiu, no rebento do Tenente Coronel Francisco Miguel Pereira, no segmento feminino. A energia gerada dessa associação originou o grande homem, mas nem somente isso concorreu. Não devemos esquecer o ambiente em que esta individualidade se desenvolveu. O lar de Francisco Miguel e Teresa Maria deve ter sido, nesse sentido, um laboratório onde foi regulado o ótimo progresso do filho portador de tal herança. Nas veias de Ibiapina corria o mesmo sangue que impulsionou os corações magnânimos de homens que enobreceram a nossa história. Foram personagens da envergadura dos heróis do movimento republicano de 1824. O seu pai foi um destes abnegados que sacrificou a própria vida pela causa que abraçou. Foi monarquista em 17 e muito influenciou Pereira Filgueiras para que se fizesse a contra-revolução. Viveu no Crato de 1819 a 1823, quando veio para Fortaleza, já empolgado pelos ideais que o levaram ao sacrifício supremo. Envolvido ativamente na rebelião, teve os seus momentos de alegria que pouco duraram. Logo mais submetido à Comissão Militar, foi julgado muito culpado e fuzilado no Campo da Pólvora na manhã de 7 de maio de 1825. Chegou ao patíbulo quase moribundo, vítima de violenta varíola. Também o seu filho Alexandre Raimundo pagou com a vida a intrepidez, e desapareceu misteriosamente em Fernando de Noronha.

Pessoa Anta era primo em terceiro grau do Padre Ibiapina. Eram irmãs as avós de Francisco Miguel e a do mártir granjense. Outro parentesco entre estes

inolvidáveis patriotas, era o de D. Teresa Maria de Jesus, mãe do Padre Ibiapina com a irmã do Padre Mororó, que pelo casamento com Antônio Furtado de Mendonça tornara-se prima do Padre Mestre.

Mais estranho ainda, nesta cadeia de consangüinidade e relacionamentos, era a situação do primeiro Presidente do Ceará, o Senador Pedro José da Costa Barros com a família Pereira Ibiapina. O Presidente foi a autoridade que demonstrou maior rancor aos revolucionários. No zelo e ardor de manifestar a sua repulsa aos conspiradores, diligenciou ao máximo no sentido de punir exemplarmente os culpados, chegando ao ponto de declarar, em ofício de vinte e seis de dezembro de 1824 e dirigido ao Ministro da Justiça, que Francisco Miguel e Alexandre Raimundo eram "dois monstros que deveriam ter mil vidas para, em perda delas, satisfazerem e expiarem os seus horrendos delitos de todo o gênero". Dominava-lhe o ódio, a sede de vingança, e não perdeu tempo nem a oportunidade de insuflar as autoridades da Corte contra os idealistas vencidos. E, no entanto, eram parentes não muito distante. A mãe do Padre Ibiapina era bisneta paterna de Félix da Costa Barros, irmão do Coronel Pedro José da Costa Barros e tio do Senador que execrou tão apaixonadamente os dois mártires, demonstrando desperezo, repulsa, aversão e antipatia.

Tudo isto, pode-se explicar pelo desejo de Costa Barros de ressalvar qualquer atitude que pudesse transparecer acomodação ou transigência com os insubordinados. Estaria presente no seu pensamento o interesse de demonstrar energia e vontade de castigar, para prevenir qualquer restrição que indicasse uma possível excusa de sua parte para atender as solicitações de parentes e amigos. Ele queria mostrar à sociedade que os laços de sangue nada valiam para ele.

Bem longe da realidade estavam aquelas palavras suas proferidas a dezessete de dezembro de 1824 na ocasião da posse: "eis-me aqui, cearenses, enviado de novo pelo nosso imortal Imperador, pelo nosso pai comum, para limpar vossas lágrimas e ministrar o remédio a vossos males". Antes, contrariando essa promessa consoladora, só viu nos inimigos vencidos os réprobos que a sua intolerância insultou e afrontou. A família Ibiapina padeceu tristemente nesses dias tumultuados.

Transcorridos os maus momentos, vem o esforço pela preservação do pouco que o pai deixou para a infeliz prole. Ibiapina lutou tenazmente, viajando ao Maranhão em busca de salvar qualquer coisa do patrimônio paterno, mas tudo em vão. Ninguém perdoava o desgraçado pai. Sem nada, valeu-se da caridade de uns poucos amigos para continuar os estudos em Pernambuco, alcançando este feliz fim em 1832. Bacharel e com um lastro cultural razoável, teve uma fase de aparentes vitórias e sossego. Foi convidado para reger uma cadeira da Academia que acabava de deixar, e por dois anos ali lecionou Direito Natural, como lente substituto.

A carreira política entrou nas suas cogitações e viu coroado de êxito o seu intento. Deputado à Assembléia da Nação, de 1834 a 37, atuou dignamente no Parlamento. No interregno do primeiro ano de legislatura voltou ao Ceará por certas razões: primeiramente, para agradecer a confiança de seus eleitores; em segundo lugar, para assumir os cargos de Juiz de Direito e Chefe de Polícia da nova comarca de Quixeramobim, e em terceiro lugar, para casar com a jovem Carolina Clarence de Alencar, filha de Tristão Gonçalves. Nas duas últimas intenções recebeu total desengano. Na função pública da judicatura, grandes desgostos o atormentaram; no anseio do coração, a contrariedade não foi menos intensa, agravando as suas angústias. Ele, todo cheio das melhores disposições afetivas, ao saber que a sua prometida havia sido raptada por um primo por quem agora toda se dedicava, sofreu uma das maiores aflições de sua vida. Voltando a Quixeramobim, pleno de aborrecimentos, nada mais ali lhe agradou.

O exercício das duas funções no interior cearense levou .. Ibiapina atritar-se seriamente com o Presidente Alencar, tio da ex-noiva, ao ponto de gerar um rompimento entre as duas autoridades.

Juiz de Direito da Comarca, tudo fez para melhorar a atuação da Justiça no meio sertanejo. Procurou instruir os jurados, emprestou livros aos juizes leigos, reuniu as autoridades, fez preleções, mas a sua grande luta não foi acompanhada dos grandes resultados esperados, embora presidisse o seu pensamento as melhores intenções.

O sertão continuou refúgio de bárbaros, sem abrigo para os mansos, cheio de inimizades de indivíduos sedentos de vinganças. Cada vez mais o temperamento de Ibiapina tornava-se tendente à solidão diante daquela aliança sacrílega do despotismo com os mais baixos instintos de certos segmentos da sociedade primitiva.

Conhecendo-se a correspondência entre o juiz e o Presidente pode-se aquilatar a clara diferença existente entre aquele que lutava na defesa de um verdadeiro patriotismo, de alma bem formada nas auras respiradas no berço, e o seu antagonista, que apesar de bom governante, não participava da mesma fraternidade evangélica, nem se havia preparado no remanso do estudo e da meditação.

A "fala" de Alencar, lida perante a Primeira Assembléia Legislativa Provindicial a sete de abril de 1835, é sintomática da indisposição de ânimo deste Presidente. Dsse ele, perante os Deputados, referindo-se ao Juiz de Quixeramobim: "devendo falar-vos com franqueza, o (juiz) desta última comarca (Quixeramobim) no pouco tempo que nela esteve, causou males irreparáveis pelas doutrinas anárquicas que pregou, e a oposição que fez às ordens do governo dirigidas contra assassinos prepotentes, taxando-as de ilegais e insinuando contra elas o direito de resistência. Eu deixo ao vosso

prudente discernimento avaliar como será perigosa a doutrina da resistência pregada pelo próprio magistrado do lugar a um povo ignorante, que mal pode conhecer a legalidade ou ilegalidade de uma ordem, e isto nas circunstâncias em que nos achamos, especialmente nos sertões dos Inhamuns, que o mesmo magistrado em seus ofícios reconhece está presentemente aterrado pela prepotência dos assassinos, a quem só faziam barreira às ordens da primeira autoridade da Província, as quais agora perderam muito prestígio da sua força moral pela doutrina pregada por aquele magistrado". (RIC, 1899, 161).

Estes foram os argumentos do Presidente Alencar para condenar um juiz íntegro, que no desempenho de seu múnus, apenas sabia cumprir rigorosamente o que regulava a lei, no caso em tela, a que criou o tribunal do juri.

Incitou assim o Presidente os senhores deputados a tomarem medidas drásticas contra Ibiapina, que apenas dera ciência a Alencar da impossibilidade legal de atender o que ele insinuava.

Mais adiante em seu discurso, diz Alencar, baseando-se no Ato Adicional: "indispensável será proceder contra ele, e até vós, senhores, talvez vos vejais na necessidade de lançar mão da faculdade que vos concede o § 7o. do artigo 14 da Lei de 12 de agosto de 1834".

Toda esta celeuma decorreu da sentença prolatada pelo juiz em atendimento ao que tinha deliberado o Conselho de Sentença que julgou um réu de crime bárbaro. E ainda mais, Alencar havia expedido uma ordem ilegal ao juiz mandando prender um indivíduo a quem se atribuia um crime de morte. Ambas as imputações do Presidente eram sem justificativa, e além do mais, Alencar, como Presidente era incompetente, tanto para ordenar a prisão como para mandar o juiz desrespeitar o que decidira o juri. Os culpados seriam o Promotor que não apelou e os jurados que absorve mm um crimin so perverso. Somente a Lei de 3 de dezembro de 1841 veio sanar esta falha, dando cabimento ao recurso de apelação como corretivo do tribunal do juri.

O resultado desta situação foi o profundo abatimento em que se lançou Ibiapina com o constragimento do equívoco irreparável. Pediu a sua demissão após dois meses de judicatura e retornou à Assembléia, no Rio.

Agora, a indisposição com Alencar e a sua ala do partido foi a tônica da atividade parlamentar do futuro Padre-Mestre. Pode-se acompanhar o desenrolar da crescente incompatibilidade entre os dois pela leitura da correspondência ativa e passiva de José Martiniano.

Desanimado com a experiência, voltou Ibiapina ao Rio para os trabalhos legislativos de 1835. Por uma carta de Alencar, datada de 12 de julho desse ano, ao correligionário e amigo Manuel do Nascimento Castro e Silva, verifica-se a animosidade crescente, pelas palavras ásperas empregadas pelo Presidente para designar o Deputado. Chama-o de "diabrete" e diz ser ele

"uma viborazinha que nós alimentamos em nosso seio para nos dar picadas cruéis". Afirma ainda que Ibiapina "vai a cada dia desenvolvendo aquela maldade que herdou e que só a mais refinada hipocrisia pode ocultar". (RIC. 1908, p.45)

Admira a coragem de Ibiapina, de se indispor com o todo poderoso presidente, na época de seu maior prestígio. Alencar acabava de dar mostras de popularidade e influência, não só na Província natal, o mais votado, como no Sul pelo fato de ter sido eleito também por Minas. O outro contendor de Ibiapina era o influente Castro e Silva, chefe do Partido dominante no Ceará, e logo mais Ministro da Fazenda do Império.

Em 1834, a 23 de agosto, quando Martiniano de Alencar foi nomeado para um segundo mandato presidencial, antes de empossar-se, num ato de cortesia e ao mesmo tempo de matreirice, foi beijar a mão do futuro Imperador, menino ainda, de quem recebeu um singelo presente de três dos seus ingênuos desenhos, em reconhecimento ao que o Deputado fizera, como Presidente da Câmara temporária, elevando a dotação do Príncipe de cem para duzentos contos de réis.

A idéia fixa de Alencar era a de acabar com o banditismo, e isso o empolgou, ao ponto de exigir dos funcionários atitudes e medidas que não deveriam ser reclamadas por um chefe do Executivo.

A ilimitada confiança da Regência respaldava o exagero; e a incumbência de executar o Ato Adicional à Constituição do Império, resultado da revolução de sete de abril, foram os trunfos habilmente usados pelo Presidente para conseguir todos os seus intentos.

Já vimos o conflito do Presidente com Ibiapina em torno das ordens esdrúxulas partidas do Palácio, provocando a demissão do segundo, o mais fraco. Ibiapina na Câmara juntou-se ao Padre Pinto de Mendonça, a Filgueiras de Melo e Alves Pontes para dar combate ao Padre Presidente. Motivos diversos foram encontrados pelos quatro deputados para dificultar a administração provindicial. Ora, através de pareceres nas Comissões, ora pela interpretação de dispositivos legais que pensavam eles conflitarem com os objetivos de Martiniano. O caso da nomeação de um secretário do Governo cearense para uma promotoria foi motivo de rápida e anulante ação de Ibiapina. Alencar reparava ao amigo Castro e Silva as desenvolturas e atitudes agressivas do ex-juiz de Quixeramobim, já completamente inclinado para a oposição. Enquanto isto, o futuro Padre se distinguia nas sessões, exigindo Alencar de seu correligionário todo o esforço para que não mais patrocinasse eleições de pessoas que dificultassem a causa do Partido dominante. São palavras textuais do Presidente, em carta ao Ministro da Fazenda: "espero que você empenhe todas as suas forças para que a nossa Província não se veja representada na seguinte legislatura por Ibiapina, Filgueiras, Padre Pinto e

Pontes; tudo que vier será melhor que esses quatro energúmenos holandeses renegados". Na última expressão referia-se ele ao bandeamento dos deputados para a facção de Holanda Cavalcante, contrário à Regência. No fim desta carta queixa-se Alencar: "eu tenho sofrido o que nunca esperei sofrer na minha vida; até por último foi enxovalhado pelo maluco do Ibiapina".

Dias depois, Castro e Silva repetia os mesmos queixumes do amigo, agora agravados pela atitude dos quatro rebeldes deputados depois do estouro do escândalo do roubo no Tesouro. Ibiapina armou-se de farto material dialético para objurgar o Ministro, chegando ao extremo de propor, em projeto de sua autoria, a demissão de Castro e Silva. Daí por diante extremaram-se os dois amigos nos ataques ao deputado sobralense, agora tratado de "bandalho".

Na Câmara, o Padre Pinto e os três companheiros de divergências com os maiorais do Partido tudo fizeram para indispô-los entre si e, sobretudo, diante de Feijó.

Terminou esta legislatura em 1837 e não mais se candidatou Ibiapina, preferindo morar em Recife e abrir banca de advogado. Aí também não foi menor o seu desencanto, até o ápice do desgosto ocorrido em 1850, com a sua derrota em uma causa em que se imbuíra de completa razão. Antes, já tivera outros dissabores no foro. É muito conhecida a sua peça oratória de defesa de um criminoso que agira em momento de cólera, abrasado de paixão violenta. Neste longo discurso, em certos pontos, quando ele chama a atenção dos jurados para a desditosa vida de seu cliente, sustenta com boa argumentação razões que podem parecer transparências de sua própria situação nos anos passados, especialmente na infância e adolescência.

Disse ele, que as impressões da primeira idade não se podem facilmente apagar, e quando justifica a atitude do criminoso, parece-nos ouvi-lo repetir as mesmas palavras usadas por Costa Barros para injuriar e insultar o seu pai. Disse ele: "reflita sobre isto um pouco o ilustre Promotor, para não maltratar a um homem já bastante maltratado da sorte, chamando-o monstro, perverso, pés infernais, etc."

Saiu Ibiapina deste cenário de acusações e defesas da mesma maneira que, já de tantas outras coisas se afastara. Triste, desconsolado com os homens e as instituições.

Contam os seus biógrafos, que resolvido a abandonar as atividades forenses, doou todos os seus livros, os poucos pertences, alguns bens representados por algumas ações da companhia de água do Recife, e de maneira curiosa e bem conhecida resolveu ordenar-se Padre, exigindo unicamente dos que o levaram à presença do Bispo D. João, não ter de submeter-se a exames.

Ainda não estava completado o calvário do Padre-Mestre. Por obediência, depois de ordenado foi obrigado a passar alguns anos em Recife, em funções que não eram muito de seu particular agrado. Somente decorrido algum

tempo, quando se libertou das amarras que o prendiam à Cúria passou Ibiapina a exercer o seu verdadeiro apostolado pelos sertões nordestinos, fundando Casas de Caridade, construindo igrejas, açudes e cemitérios, timoneiro de sua própria vida, devorado pela ânsia ardente de fazer tudo pelos mais necessitados. Pôs em prática todas as suas virtudes na sede violenta de justiça, melhorando as condições da população mais carente do Brasil. Foi um missionário diferente, mais ao gosto dos nossos tempos atuais, da nova Pastoral, procurando, antes de tudo, fazer que o pobre, o miserável passasse a gozar de algum conforto material e de um certo bem-estar. Nas obras que realizou, especialmente procurou amparar a mulher, dando a ela um mínimo de proteção que jamais tinha tido antes. Viu, com perspicácia, os problemas da higiene e saúde pública, construindo Hospitais, cisternas e cemitérios. Estimulou a formação da família cristã, fortalecida por uma fé mais consentânea com os tempos que decorriam. O trabalho artesanal como meio de unir e reunir a família foi um aspecto de especial cuidado do Missionário.

Diz-se que nesse afã de edificar mais e mais "Caridades" indispõe-se, no Ceará, com D. Luis. A sua conhecida expressão: "o Cariri não me verá mais", é atribuída ao desengano de poder atuar com mais desenvoltura no território cearense que escolheu para o seu melhor trabalho. A interferência do Bispo do Cará manifestou-se pelo desejo deste de construir o Seminário do Crato e achar que Ibiapina estaria obstando a obtenção dos meios. Nada existe que documente isto, pois, estas coisas não são feitas de maneira a deixar registros.

Mesmo depois da morte, Ibiapina foi mal interpretado. Agora mesmo, estudando as "Crônicas das Casas de Caridade", anotação diária dos trabalhos do Missionário, verifiquei a distorção desse documento, quando publicado na Revista do Instituto do Ceará. Uma imples comparação dos textos, o original divulgado ultimamente pelo historiador Eduardo Hoornaert e o que editou a nossa Revista nos anos de 1913, 14 e 15, oferece ao pesquisador a exata intenção dos que manipularam a narração histórica, vinda de Pernambuco ou da Paraíba, para esconder o verdadeiro valor da obra extraordinária do Padre Ibiapina, sobretudo no seu aspecto sobrenatural de que ela tanto se reveste. Mas, isto é assunto para outro trabalho.

Reconheçamos, no entanto, a humildade e profunda discreção alcançada em grau superior pelo velho Padre-Mestre, fugindo de todas as honras e distinções, na sua exagerada austeridade de vida, apenas temperada pela sempre crescente doçura. De sua boca apenas afloravam palavras de conforto, de consolo e de ânimo aos que se confiavam nele. Preocupado tanto da alma como do corpo, infundiu fé e semeou esperança; reconfortou pela simpatia de sua presença e a alegria que a doce autoridade de suas palavras fazia nascer.

Foi exatamente a confirmação do provérbio indiano: não nasceu para si, mas realizou-se como o grande rio, a árvore gigante e a planta medicinal, encaminhando as suas potencialidades para suportar as injustiças, aceitar as ingratidões e transformar a calúnia, o ódio e o despeito na verdadeira caridade cristã.

REVISTA
DO
INSTITUTO DO CEARÁ

Publicada Anualmente
Sob a direção de Antônio Martins Filho

TOMO CI ANO CI

1987

Dedimus profecto grande
patientiae documentum

Fortaleza — Ceará — Brasil

Rev. Inst. do Ceará	Fortaleza	V. 101	400 p.	1987

INSTITUTO DO CEARÁ

Sociedade Civil, de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, duração por tempo indeterminado e reconhecida de utilidade pública pela Lei Estadual n.º 100, de 15 de maio de 1936, e pela Lei Municipal n.º 5.784, de 13 de dezembro de 1983.

NORMALIZAÇÃO DA PERIODICIDADE

Em aditamento às considerações já anteriormente feitas sobre a periodicidade desta publicação, observe-se que, além dos 101 Tomos correspondentes ao cento e um anos de existência do Instituto do Ceará, foram editados os Tomos especiais seguintes:

1924 — TE — 1
1929 — TE — 2
1938 — TE — 3
1958 — TE — 4
1972 — TE — 5
1977 — TE — 6
1984 — TE — 7
1987 — TE — 8

ENDEREÇO:

Rua Barão do Rio Branco, 1594
CEP — 60.025 — Fortaleza — Ceará — Brasil
Telefone: 231-6152

INSTITUTO DO CEARÁ

Presidente de Honra — Raimundo Girão

DIRETORIA

Biênio março/1987 a março/1989

Presidente . . . . — Antônio Martins Filho
Vice-Presidente . . . . — Eduardo de Castro Bezerra Neto
Secretário-Geral . . . . — Geraldo da Silva Nobre
1.º Secretário . . . . — João Hipólito Campos de Oliveira
2.º Secretário . . . . — Vinicius Antonius Holanda B. Leal
1.º Tesoureiro . . . . — Paulo Ayrton Araújo
2.º Tesoureiro . . . . — Caio Lóssio Botelho
Diretor de Comunicações . . . . Mozart Soriano Aderaldo

CONSELHO SUPERIOR

Luís Cavalcante Sucupira
Raimundo Teles Pinheiro
Cláudio Martins
Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira
Francisco Alves de Andrade e Castro

COMISSÃO DE HISTORIA

Luiz Teixeira Barros
Pedro Alberto de Oliveira e Silva
Francisco Fernando Saraiva Câmara
José Caminha Alencar Araripe
José Teixeira de Freitas

COMISSÃO DE GEOGRAFIA

José Teixeira de Freitas
Raimundo Aristides Ribeiro
Itamar Santiago Espíndola
Manuel Lima Soares
Caio Lóssio Botelho

COMISSÃO DE ANTROPOLOGIA

Manuel Eduardo Pinheiro Campos
Florival Alves Seraine
Oswaldo de Oliveira Riedel
Zélia Sá Viana Camurça
Paulo Bonavides

COMISSÃO DE VERIFICAÇÃO DE MÉRITOS

Manuel Albano Amora
Guarino Alves de Oliveira
Fran Martins
Hélio de Sousa Melo
Francisco de Assis Arruda Furtado

COMISSÃO DA REVISTA

Raimundo Girão
Geraldo da Silva Nobre
Vinícius Antonius Holanda B. Leal
Maria da Conceição Sousa
Rubens de Azevedo

INSTITUTO DO CEARÁ

(Histórico, Geográfico e Antropológico)

Fundado a 4 de março de 1887, nesta cidade de Fortaleza Estado do Ceará, onde tem sede e domicílio.

Tem por finalidade específica o estudo da História, da Geografia, da Antropologia e das Ciências correlatas, especialmente do Ceará.

Para alcançar seus objetivos precípuos, realiza sessões ordinárias, especiais e solenes, e mantém:

— intercâmbio cultural com instituições científicas e literárias nacionais e estrangeiras;

— a *Revista do Instituto do Ceará*, em que se publicam colaboração dos Sócios, documentos históricos e outros trabalhos que a comissão de redação achar conveniente;

— um Museu Histórico e Antropológico de caráter regional;

— Biblioteca, Mapoteca e Arquivo;

— Auditório Pompeu Sobrinho, para grandes solenidades.

PADRE IBIAPINA

Padre Antônio Vieira

Padre José Antônio de Maria Ibiapina, nascido em 1806 falecido em 1883, com 77 anos, teve uma vida tumultuária, de altos e baixos, de trepidante agitação interior e de vulcânica atividade apostólica.

Foi o maior revolucionário do Nordeste, dando ao sertanejo o direito de cidadania sobre a sua consciência, sobre a sua vontade, com a maturidade para ser dono da sua liberdade, do seu destino. Ensinou o Nordeste a trabalhar sem os grilhões da escravidão e sem a exploração dos latifundiários e donos do poder. Peregrinou grande parte do Nordeste, e por onde passava e onde esteve, deixou cristalizado, na terra adusta e árida, uma obra de grande alcance social, e na consciência do povo, a semente de uma renovação de mentalidade, de hábitos, de costumes, de convivência humana, na solidariedade e na fraternidade social e cristã.

Duas fatalidades marcaram a personalidade deste homem extraordinário:

a) a turbulência vulcânica do seu espírito e temperamento, que o transformou num nômade, não apenas pela vocação andeja de peregrino, mas também pela inquietude espiritual, psíquica, sentimental e revoltada de não se fixar nas funções e cargos, que ocupou na vida pública, ou exerceu na sua vida particular;

b) pelo infortúnio da adversidade, que sempre acompanhou os seus passos e o seu destino, mesmo antes do nascimento até à maturidade. Seu pai, como era tradição patriarcal do tempo, fora destinado à vida religiosa, contra a pró-

pria vontade pessoal, e por isso fugiu de casa, raptando uma jovem da sua idade, com quem contraiu matrimônio.

Ibiapina, ainda em tenra idade, teve que acompanhar o pai, em suas andanças, funcionário público transferido para Icó, mais tarde para Crato, finalmente para Fortaleza, quando participou da Confederação do Equador, tendo sido preso, processado e fuzilado em maio de 1825, no Passeio Público. E o mesmo destino teve o seu irmão mais velho, degredado para a Ilha Fernando de Noronha onde foi barbaramente assassinado. Já em 1823, sua mãe havia falecido de parto.

Ibiapina, então, foi obrigado a abandonar os estudos para assumir a paternidade adotiva dos seus irmãos menores. Desembaraçado desse compromisso familiar, tentou casar-se com Carolina, filha de Tristão Gonçalves, outro mártir como seu pai, da Confederação do Equador, mas esta desfez os idílios amorosos, casando-se com outro pretendente.

Em 1827, retorna aos estudos, formando-se em Direito, em 1832, e de imediato professor na Faculdade de Direito, de Olinda. Foi deputado federal pelo Ceará, em 1834 a 1837, e seu posicionamento de independência cívica e política, e de bravura moral, chegou a acusar o Ministro da Fazenda pelo desfalque do Tesouro Nacional, requerendo que os fatos fossem apurados com seriedade, o que marcou o fim da sua carreira política. Ontem como hoje, os que denunciam os crimes de peculato são os prejudicados, e promovidos os marajás do erário público. Político, geralmente, é como o feijão n'água, só sobem os podres.

A partir daí, passou a exercer as funções de Juiz de Direito e Chefe de Polícia, em Quixeramobim, cuja comarca pouco tempo depois, abandonou, decepcionado e, em protesto ao próprio Governo Provincial, que protecionava e acobertava os criminosos e os bandidos, que infestavam o sertão.

Volta a Recife, advogando de 1840 a 1850, tornando-se um exemplo de profissional honesto, dedicado e culto. A perda de uma questão cível, que julgou injusta a decisão judicial, fê-lo abandonar a profissão e recolher-se à solidão, de onde saiu ordenado padre em 1853, ocupando de imediato a cadeira de Eloqüência, no Seminário de Olinda e Vigário Geral da Diocese.

Mas a inquietação interior, que fermentava dentro de si, os brios revolucionários herdados do pai e do irmão, com os imperativos da sua fé, despertaram nele aquele convite do

Cristo: Ide e ensinai — transformando-o no missionário, que se adentrou pelo sertão para cumprir também a sua destinação de cigano de Deus, apóstolo da fé, do amor, da caridade.

Para dimensionar o trabalho missionário do Padre Ibiapina, como o maior apóstolo do sertão e o maior revolucionário social do Nordeste, importa situá-lo no tempo e no espaço geográfico, no domínio das estruturas econômicas feudatárias ou sesmariais, da ausência total da presença da autoridade estatal ou jurídica, onde somente os donos da terra, sempre arrimados no grupo de capangas e desordeiros, ditavam as leis e faziam cumpridas, a ferro e fogo.

Padre Ibiapina, com os lampejos da sua genialidade, com a cultura polimorfa que possuía, com os valores carismáticos da sua personalidade, poderia ter desfrutado das mais elevadas posições no mundo político, religioso, jurídico e cultural do País. Renunciou a tudo isto para identificar-se com os pobres, os humildes sertanejos, os párias sociais e libertá-los da condição de escravos, em que viviam mergulhados.

Foram 30 anos de peregrinação, de cidade em cidade, de vila em vila, onde construiu, em sistema de mutirão, de trabalho comunitário: 22 Casas de Caridade, 14 igrejas, 8 cemitérios, 9 açudes ou aguadas, afora outras obras de pequeno porte. As Casas de Caridade eram ao mesmo tempo orfanato, escola de letras, de arte, de corte e costura, de rendas e bordados, artesanato, educação moral e doméstica, catequese e outras modalidades de promoção humana.

A semente plantada produziu frutos cem por um, segundo a parábola evangélica do Bom Semeador. Ainda hoje as Casas de Caridade continuam atuantes, através das mutações sociais e educacionais dos tempos modernos, transformadas em hospitais, casas de saúde, ambulatórios, centros maternais, colégios, dispensário para os pobres, escolas profissionais, centros de treinamento, patronatos, e tantas outras atividades assistenciais.

Padre Ibiapina foi o homem profético que fez o passado avançar no tempo, e o futuro antecipar-se para atualizar o homem nas grandes renovações humanistas, sociais, culturais e econômicas dos nossos dias.

(Do Jornal *O POVO* - Fortaleza, 9.11.87)

Revista
do
Instituto do Ceará

(HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ANTROPOLÓGICO)

(Publicada anualmente desde 1887 – Ano da Fundação do Instituto do Ceará – sem interrupção)

Tomo CVI – Ano CVI

1992

Dedimus profecto grande

patientiae documentum

Fortaleza – Ceará – Brasil

Rev. Inst. do Ceará	Fortaleza	Vol. 106	388 p.	1992

Revista do Instituto do Ceará

Além dos 104 Tomos correspondentes aos cento e quatro anos de existência do Instituto do Ceará, foram editados os Tomos especiais seguintes:

1924 – TE – 1 (Centenário da Confederação do Equador)
1929 – TE – 2 (Falecimento do Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil)
1938 – TE – 3 (Falecimento do Barão de Studart)
1956 – TE – 4 (Centenário do Barão de Studart)
1972 – TE – 5 (Sesquicentenário da Independência do Brasil)
1977 – TE – 6 (90° aniversário do Instituto do Ceará)
1984 – TE – 7 (Centenário da Abolição da Escravatura no Ceará)
1987 – TE – 8 (Centenário do Instituto do Ceará)

Endereço:
Rua Barão do Rio Branco, 1594
60025000 – Fortaleza – Ceará – Brasil
Telefone: (085) 231.6152

PEDE-SE PERMUTA
PÍDESE CANJE
ON DÉMANDE LE CHANGE
WE ASK FOR EXCHANGE
MAN BITTET UM AUSTAUSCH
SI RICHIEDE LO SCAMBO
NI PETAS CANGON

Revista do Instituto do Ceará
Fortaleza:
V. anual
Trimestral até 1928
1. Geografia, História, Antropologia – periódico
Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)
CDU: 91 + 93.572 (05)

Instituto do Ceará
(Histórico, Geográfico e Antropológico)

Presidente Honorário

Antônio Martins Filho

Diretoria do biênio 4 de março 1991/1993

Presidente	Geraldo da Silva Nobre
Vice-Presidente	Vinicius A. H. Barros Leal
Secretário Geral	Paulo Ayrton Araújo
1º Secretário	Vladir Pontes Menezes
2º Secretário	Rubens de Azevedo
1º Tesoureiro	Valdelice Carneiro Girão
2º Tesoureiro	Raimundo Aristides Ribeiro

Conselho Superior

Antônio Martins Filho (ex-Presidente)
Mozart Soriano Aderaldo (ex-Presidente)
Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira (ex-Presidente)
Florival Alves Seraine
Cláudio Martins

Comissões

História
Eduardo Bezerra Neto
F. Fernando S. Câmara
Guarino Alves de Oliveira
Luís Teixeira Barros
M. Eduardo P. Campos

Geografia
Caio Lóssio Botelho
Francisco Alves de Andrade e Castro
Paulo Ayrton Araújo
R. Aristides Ribeiro
Rubens de Azevedo

Antropologia
Itamar S. Espíndola (F)
José Borges Sales
Manuel Albano Amora (F)
Miguel Ângelo de Azevedo, Subst.
Valdelice C. Girão
Zélia S. V. Camurça

Defesa do Patrimônio Histórico
Abelardo F. Montenegro
J. C. Alencar Araripe
José Teixeira de Freitas
Maria da Conceição Sousa (F)
João Alfredo de Sousa Montenegro, Subst.
Pedro Alberto de O. e Silva

Verificação de Merecimento
F. de Assis Arruda Furtado
Fran Martins
Helio de Sousa Melo
Paulo F. Bonavides
Vinicius A. H. Barros Leal

Revista
João Hipólito C. de Oliveira
Luís C. Sucupira
Mozart S. Aderaldo
Paulo Elpídio de M. Neto
Vladir Menezes

Obs.: Dos Sócios Efetivos existentes e com residência permanente em Fortaleza, em 1992, **José Liberal de Castro** não figura em nenhuma Comissão, por ter tomado posse em 22 de julho de 1991, após a eleição da atual Diretoria, como sucessor de **Joaryvar Macedo**, falecido antes dessa; mas desempenhou-se de várias missões especiais, com consta das atas.

Instituto do Ceará

(Histórico, Geográfico e Antropológico)

Fundado a 4 de março de 1887, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, onde tem sede e domicílio.

Sociedade civil, de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, duração por tempo indeterminado. Reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 94.364, de 22 de maio de 1987, Lei Estadual nº 100, de 15 de maio de 1936, e Lei Municipal nº 5.784, de 13 de dezembro de 1983. Registrada no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Educação sob nº 15.522/40 e inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica de Natureza Cultural do Ministério da Cultura sob o nº 23.000262/86-27.

Tem por finalidade específica o estudo da História, da Geografia, Antropologia e das Ciências correlatas, especialmente do Ceará.

Para alcançar seus objetivos precípuos, realiza sessões ordinárias, especiais e solenes, e mantém:

- intercâmbio cultural com instituições científicas e literárias nacionais e estrangeiras;
- a *Revista do Instituto do Ceará*, em que se publicam colaborações de Sócios, documentos históricos e outros trabalhos que a comissão de redação achar conveniente;
- um Museu Histórico e Antropológico de caráter regional;
- Biblioteca, Hemeroteca, Mapoteca e Arquivo;
- Auditório Pompeu Sobrinho, para solenidades.

Da Comissão de Redação

A **Revista** de 1991, conquanto bem recebida, pelo conteúdo valioso e feição gráfica moderna, apresentou um inconveniente, para a superação do qual esta Comissão viu-se obrigada a impor uma nova orientação. Com 540 páginas e mais de quinhentos gramas de peso, o exemplar não pode ser expedido como impresso, gozando de tarifa especial, e, como encomenda, o porte do correio tornou-se proibitivo, isto é o Instituto do Ceará, mau grado seu, reduziu consideravelmente as remessas para instituições culturais de outros Estados e Países.

A Comissão vê-se constrangida, por conseguinte, a reduzir, a partir deste número, a colaboração de pessoas estranhas ao quadro social do Instituto, passando a acolher, tão somente, os artigos originais, produzidos especialmente para a **Revista**, e não excedentes de 15 folhas de texto, incluídas notas, ilustrações, bibliografia e quaisquer outras complementações (tabelas estatísticas, resumos, índices etc.).

Além disso, na seleção da matéria, serão levados em conta os seguintes critérios de preferência em relação aos colaboradores: abordagem de temas abrangidos, efetivamente, nas áreas de estudos e pesquisas do Instituto; originalidade assegurada por documentação inédita sobre fatos ainda obscuros; recomendação de órgão, ou entidade cultural nos termos de convênio com o Instituto em cumprimento pela outra parte; e participação em eventos promovidos pelo Instituto.

Acolhendo a contribuição em apreço, a **Revista** pretende valorizar o propósito de ressaltar, tanto quanto possível, os múltiplos valores da inteligência cearense na História, na Geografia e na Antropologia, observando, em conseqüência, uma alternância na seleção dos colaboradores avulsos, nenhum deles considerado permanente.

A Comissão esclarece, por fim, a impossibilidade de aceitar qualquer colaboração fora do prazo fixado para o recebimento de originais.

Padre Ibiapina e o Seminário de Olinda

Pe. F. Sadoc de Araújo

O jovem José Antônio Pereira, posteriormente Padre Ibiapina, residiu em Olinda enquanto foi aluno do Seminário e do Curso Jurídico. No primeiro, sua permanência foi rápida e intercortada em duas etapas: uma de trinta e cinco dias em 1823 e outra, de seis meses em 1828, com interrupção de pouco mais de quatro anos entre ambas. No Curso Jurídico, permaneceu enquanto duraram suas atividades discentes do bacharelado em Direito, de 1828 a 1832. É o período de seus estudos superiores, que passamos a examinar.

Seminário de Olinda

O Seminário de Olinda foi inaugurado no ano de 1800 e, nesses quase duzentos anos de existência, atravessou muitas crises e teve seus momentos de glória e seus transes de decadência. Quatro vezes foi fechado e, outras tantas, ressurgiu cheio de esperanças. É preciso situá-lo nestes contextos históricos, para entender o tipo de educação que ministrou a seus alunos em cada época deteminada.

Seu fundador, o bispo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, preparou sua criação com muito vagar, esmero e carinho. Nomeado bispo de Olinda em maio de 1794 e sagrado em Lisboa a 25 de janeiro de 1795, permaneceu ainda em Portugal até 20 de novembro de 1798, quando embarcou para o Brasil.(1) O motivo principal dessa demora, até vir tomar posse, foi a prévia organização do seminário, ideal maior de seu governo.

Para assegurar a futura manutenção da instituição, teve o cuidado de conseguir da Rainha Maria I algumas regalias: doação à Diocese do antigo prédio onde funcionara o Colégio dos Jesuítas, sua nomeação para Diretor Geral dos Estudos da Capitania de Pernambuco, o pagamento dos professores pelos cofres públicos com o subsídio literário, a transferência para a nova casa de educação de algumas cadeiras já existentes no Recife e a aprovação de um imposto especial de um vintém por cada habitante maior de doze anos a ser recolhido e pago pelas Câmaras Municipais. A consecução de tais privilégios exigira sua presença na Corte.(2) Aproveitou mais esse entretempo para redigir os Estatutos do seminário, cuja publicação conseguiu em 1798 pela Tipografia da Academia Real de Ciências de Lisboa, e para obter um passaporte coletivo, para os padres que pretendia trazer para lhes entregar a direção do novo estabelecimento. Tal passaporte

foi emitido a 27 de setembro de 1798 a favor dos sacerdotes José de Almeida Nobre, que foi o primeiro reitor, Frei José Laboreiro, Frei Miguel Joaquim Pegado e Frei José da Costa Azevedo[3].

Com esta comitiva, Dom Azeredo Coutinho desembarcou no porto do Recife no dia 25 de dezembro de 1798 e tomou posse solene na Catedral de Olinda a primeiro de janeiro do ano seguinte. Durante todo o ano de 1799, trabalhou para organizar o corpo docente, com o acréscimo de mais sete sacerdotes locais, e procedeu a reformas no prédio.[4]

O Seminário é oficialmente inaugurado a 16 de fevereiro de 1800, com muita pompa e intensa participação das autoridades locais, do clero e do povo. Começa a primeira fase de sua história, que vai até 1817, quando teve de cerrar suas portas pela primeira vez. Foi este o período denominado de "Seminário do Bispo Azeredo Coutinho", embora este prelado fundador o tenha orientado apenas durante dois anos, pois, como se sabe, governou pessoalmente a diocese até 25 de fevereiro de 1802, quando foi obrigado a retornar a Portugal.

O espírito da pedagogia utilizada nessa fase inicial aparece nas normas dos seus Estatutos, redigidas pelo próprio bispo. É um documento coerente, composto de três partes, que regula minuciosamente "a observância econômica, moral e literária". Em linhas gerais, é fiel às determinações do Concílio de Trento e tem um objetivo preciso: "instruir a mocidade da nossa Diocese no conhecimento das verdades da Religião, na prática dos bons costumes e nos estudos das artes e ciências, que são necessárias para pulir o homem e fazer ministros dignos de servirem à Igreja e ao Estado."[5] Infelizmente, seus sucessores e o corpo docente, imbuído das idéias regalistas, não souberam continuar na busca deste objetivo.

Sendo o Seminário mantido pelo poder civil e os professores considerados funcionários públicos, o Governo da Capitania achou-se com o direito de intervir no regime interno da instituição. Também, o imposto do vintém, que nunca fora pago, tornou sua cobrança odiosa para os municípios. Tudo isto provocou um clima de desavenças entre o poder civil e o eclesiástico, o que muito desgostou o novo antístite. Estas intrigas chegaram aos ouvidos da Corte e o bispo foi removido, "condenado sem ser ouvido", como ele mesmo declara.[6] Com apenas dois anos de funcionamento, o Seminário de Olinda enfrenta sua primeira crise e perde a segura orientação de seu fundador. A partir daí, envereda pelos caminhos do envolvimento político que o levou, paulatinamente, a se integrar nos movimentos libertários, que culminaram na Revolução Pernambucana de 1817, cujos baluartes foram os professores e alunos deste seminário.[7] O Seminário

provocou a Revolução e foi a maior vítima dela, pois foi fechado a 20 de maio de 1817, dia em que as forças legalistas entraram vitoriosas no Recife.[8] Só reabriria suas portas, cinco anos depois, em 1822.

Reabertura do Seminário

Durante o período de 1817 a 1822, quando o Seminário esteve fechado, a diocese de Olinda viveu em regime de sede vacante, tendo sido governada pelo vigário capitular, Cônego Manuel Vieira de Lemos Sampaio, de 11 de agosto de 1819 a 12 de maio de 1822, e pelo Cabido, no tempo restante. O citado cônego não conseguiu reabrir o seminário, mas logo após sua renúncia, o Cabido resolveu corajosamente tomar essa iniciativa, para atender ao desejo geral do clero e da população, apesar de o Govemo da Capitania ter manifestado suas reservas, com receio de que se repetisse a experiência revolucionária do passado. Não obstante tais temores, o Cabido entendeu que a reabertura era de urgente necessidade e conveniência para a Igreja, pelo que a 22 de junho de 1822 tomou a decisão de abrir as matrículas.

Com o fim de evitar falsas interpretações, resolveu expedir um aviso impresso, dirigido aos "respeitáveis habitantes do dilatado Bispado de Pemambuc", com data de 9 de julho e vazado nos seguintes termos: "O Seminário de Olinda está restaurado e elevado ao estado de perfeição em que foi estabelecido. À testa da direção e economia desta Casa, consagrada aos conhecimento e moralidades, está o R. Padre-meste Frei Miguel Joaquim Pegado, bem conhecido pelos seus conhecimentos, virtudes cristãs e sociais, e dócil inclinação para a educação da mocidade. As pessoas amantes das letras e das virtudes, que se empenharam na sua regeneração, são as mesmas que empenham a sua palavra de não descansarem e nem pouparem-se a todos os trabalhos e cuidados precisos para a conservação da Casa. Dignos pais de família, detestai temores! Vossos filhos encontrarão no Seminário todos os meios de conseguirem os conhecimentos que conduzem o homem honesto pela estrada reta da honra, glória e virtude. Podeis pois mandá-los, na certeza de que desempenharemos nossa palavra, nosso dever. Olinda em cabido, 9 de julho de 1822.[10]

O seminário, sob a zelosa direção de Frei Pegado, reabria com nova inspiração e cautelosa advertência para não mais se repetirem os erros do passado. O fato de o novo reitor ser português amortecia as suspeitas das autoridades, mas não tranqüilizava totalmente os pais dos candidatos, pois ele havia sido professor de matemática na primeira fase de funcionamento. Apesar de tudo, no dia 27 de julho de 1822, primeiro dia de matrícula, inscreveram-se nove alunos e, até o fim do ano, mais dez compareceram, chegando ao número de 19

seminaristas. Estava reaberto o seminário, com novo espírito, nova mentalidade e novas esperanças. A instituição continuou, contudo, a aceitar alunos externos e logo, em 1824, enfrentaria as turbulências políticas da Confederação do Equador, das quais conseguiu, com muito custo, permanecer afastado. Na verdade, nenhum professor ou aluno participou dessa revolução, ao contrário do que acontecera em 1817.

No Arquivo do Seminário, infelizmente, não há qualquer documento e muito menos livro original, referente à primeira fase de seu funcionamento de 1800 a 1817. A partir, porém, de sua reabertura em 1822, todos os livros originais de matrícula encontram-se integralmente guardados e zelosamente restaurados, o que bem prova o zelo do novo reitor.

Nesse reinício, os problemas financeiros foram muitos e a instituição sobreviveu unicamente das mensalidades dos alunos. Tal situação fez com que Frei Pegado solicitasse da Junta de Governo a aprovação de uma loteria a favor do seminário, o que lhe foi concedido a 15 de fevereiro de 1823, mas cuja aplicação só começou a vigir a partir de 1826.[11] Esta circunstância explica porque, no período de 1822 a 1825, houve apenas um livro de matrícula, em que todos os alunos estão inscritos como porcionistas, isto é, pagantes. A partir de 1826, passam a existir dois livros, sendo o outro reservado aos alunos numerários, isto é, gratuitos, pagos pelo dinheiro da loteria.[12] Os Estatutos proibiam, terminantemente, que entre os porcionistas e numerários houvesse qualquer tipo de discriminação, mas ambos "sejam regidos pelas mesmas leis e costumes, das quais nenhum porcionista seja jamais excetuado, nem dispensado, por mais distinto e rico que seja."[13]

Após estas explicações preliminares, passemos a examinar as duas matrículas de José Antônio Pereira, futuro Padre Ibiapina.

As Duas Matrículas

José Antônio esteve matriculado no Seminário de Olinda em dois períodos bem distintos e em ambos sua permanência foi breve. A primeira matrícula, como aluno porcionista, foi efetivada a 10 de novembro de 1823, com saída a 15 de dezembro e permanência de apenas 35 dias. A segunda, como aluno numerário, realizou-se mais de quatro anos depois, exatamente a 3 de fevereiro de 1828, com saída a 5 de agosto, coincidentemente no dia em que completava 22 anos, e com duração de apenas seis meses.

No livro original, a primeira matrícula está assim registrada:

"Ceará – José Antônio Pereira, filho de Francisco Miguel Pereira, a 10 de novembro até 15 de dezembro. 14$400".(14)

Nesse ano de 1823 houve 27 novos alunos, sendo o primeiro, Agostinho Godoes de Vasconcelos, matriculado a 2 de fevereiro e o último, o próprio José Antônio, a 10 de novembro. O penúltimo, matrículado a 11 de setembro, foi o também sobralense Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, conterrâneo de nosso biografado.(15) Como se vê, as matrículas continuaram abertas durante quase todo o ano. Todos os alunos eram porcionistas, isto é, pagantes, pelo que seus nomes estão acompanhados das quantias que deviam, de acordo com o respectivo número de dias de estada no Seminário. José Antônio chegara já no final do ano letivo, donde se presume que iniciaria seus estudos somente no ano seguinte, tanto é que lhe foi feita reserva de matrícula para 1824, mas não efetivada.

O jovem viajou por mar de Fortaleza ao Recife e trazia consigo carta de recomendação do padre oratorianc Antônio de Castro e Silva, sobralense, residente na capital cearense, dirigida ao Pe. João Dias, oratoriano do Convento da Madre de Deus do Recife, que o acolheu e depois o encaminhou ao seminário.(16)

Segundo Paulino Nogueira, "o jovem José chegara ao Seminário de Olinda em meados de 1823, mas demorara-se pouco tempo aí, ou por falta da necessária moralidade nesse estabelecimento, como querem uns, ou por falta da precisa instrução no corpo docente, como querem outrcs. Foi residir no Convento da Madre de Deus, onde aplicou-se devotadamente ao estudo dos preparatórios que lhe faltavam."(17) Há muitos enganos nestas informações. O jovem, primeiramente, não chegou ao seminário em meados de 1823, mas a 10 de novembro. Não se demorou por pouco tempo aí pelas duas razões apontadas, mas porque foi chamado ao Ceará pelo pai, tendo em vista o falecimento da mãe ocorrido a 4 de novembro. Esteve hospedado no Convento da Madre de Deus, durante pouco tempo, antes de ingressar no seminário, e não depois. O autor não identifica os propugnadores das opiniões sobre a saída do jovem, limitando-se a dizer "como querem uns, como querem outros". A breve permanência do novel seminarista já no final do ano letivo não lhe ensejaria captar "a falta da precisa instrução do corpo docente". A alegada falta de moralidade deveria ser atribuída não ao seminário, na fase inicial de sua reabertura restauradcra, mas sim ao Convento da Madre de Deus, naquele tempo em plena decadência. Sobre este último ponto, basta se ler o Parecer das Comissões de Constituição e Eclesiástica da Assembléia Geral Legislativa sobre esse convento do Oratório de São Felipe de Néri que, entre outras coisas, afirma textualmente: "As

comissões reunidas acharam que já no ano de 1825, vindo a esta Corte um dos padres existentes, de nome João Dias, dirigiu ao Governo uma circunstanciada e amargurada queixa, pela qual mostrava a devassidão em que se achava a Congregação, cuja casa deixando de ser de oração se havia convertido na do maior deboche e prostituição lamentando a inobservância de seus estatutos, as depredações e irregular conduta do então prepósito, e pedia que este fosse obrigado a dar contas do estrago do patrimônio daquela casa, e que se cuidasse da sua reforma, a fim de atalhar-se, suspender-se e arrancar-se tanta imoralidade e escândalo público".[18] Por causa dessa triste situação, o Convento da Madre de Deus, que então abrigava apenas quatro padres oratorianos, foi fechado a 17 de julho de 1826, quando aí foi instalada a sede da Alfândega.[19] A Congregação, por sua vez, foi extinta definitivamente em Pernambuco por lei de 9 de dezembro de 1830.[20]

A deplorável fase terminal do Convento da Madre de Deus, tão diferente das gloriosas benemerências de seu longo passado, foi, por alguns biógrafos de Ibiapina, indevidamente transposta para o Seminário de Olinda já totalmente restaurado em sua "virtude e moralidade". Outras vezes por injustificável metacronismo, é a primeira fase de funcionamento dessa casa de formação, vítima de suas passadas agitações políticas, que é estendida para datas posteriores.

Após estes esclarecimentos, firmados em documentos históricos coevos, podemos julgar, com crítica imparcial, a veracidade do seguinte trecho do texto do itinerário manuscrito, publicado por Eduardo Hoornaert com o nome de "Crônica das Casas de Caridade": Do Crato, Ibiapina "passou para a cidade de Fortaleza e retomando os seus estudos seguiu em 1823 para o Seminário de Olinda. Não encontrando, porém, naquele templo da virtude e das ciências, a moralidade e religiosidade que esperava, demorou-se pouco e passou-se para o Convento da Madre de Deus. Aí, no estudo da Filosofia e na continuação de outros, principiados no seminário, demorou-se até 1825".[21]

Mons. Severino Leite Nogueira, a partir do trecho acima citado, alude ao metacronismo dos biógrafos de Ibiapina e analisa, minuciosamente e com vasta documentação, a situação moral e intelectual do Seminário de Olinda e do Convento da Madre de Deus do Recife, àquela época.[22]

Os que têm escrito sobre o padre Ibiapina, seja em livros ou artigos de revista e jornal, geralmente repetem informações retiradas dos primeiros biógrafos ou apenas as sintetizam. Quando muito, dão novas interpretações aos mesmos fatos. Desta maneira, repisam nas

mesmas imprecisões e equívocos, sem se darem ao trabalho de pesquisa histórica em busca de outros dados documentados. Cito um exemplo. Mons. Silvano de Sousa, ao justificar a primeira saída do seminário, afirma: "Chegando ali sofreu uma grande decepção: o tradicional educandário eclesiástico, onde se formava a maior percentagem do clero nordestino, passava por uma grande crise em que se prejudicavam não só os estudos que baixavam de nível, mas também a moral que não estava à altura de um estaelecimento daquela ordem."(23) Se o autor estivesse se referindo ao funcionamento do seminário no período imediatamente anterior a 1817, suas ponderações estariam perfeitamente corretas. Em 1823, a crise da reabertura ainda era conseqüência dessa crise anterior.

Se realmente o jovem seminarista tivesse sofrido "uma grande decepção" ao ingressar no seminário, não teria reservado matrícula para o ano seguinte de 1824, quando pretendia continuar seus estudos ali, não tivesse recebido, mesmo com atraso, a infausta notícia da morte da mãe. No livro original dos matriculados no Seminário de Olinda referente ao citado ano, encontra-se o nome de José Antônio Pereira, com a reserva de matrícula sem efetivação, porque diferentemente de todos os demais, após seu nome não constam dia de entrada, nem o de saída e nem a quantia a pagar.(24) Ele, portanto, tinha intenção de retornar ao seminário, no que foi impedido pelo envolvimento do pai na Confederação do Equador, que lhe custou a vida, com as tristes conseqüências para todos os irmãos, agora na completa orfandade. Esses dolorosos acontecimentos exigiram a permanência do jovem seminarista no Ceará, só lhe tendo sido possível retornar ao seu seminário no ano de 1828, como adiante veremos.

Gilberto Vilar de Carvalho, após afirmar que na refrega da Confederação do Equador, o Padre Ibiapina não perdeu apenas o seu pai, mas também o irmão mais velho, comenta: "Ibiapina, adolescente, se encontrava escondido no Convento da Madre de Deus, no Recife, durante todo o tempo que durou a revolta e a repressão sangrenta que se seguiu à derrcota dos confederados. Não se esclarece se essa reclusão tinha como causa uma maneira de preservar o jovem adolescente ou se se tratava de vocação religiosa. Seja como for, logo que as cousas se acalmaram, Ibiapina, já com 22 anos de idade, teve de deixar a Madre de Deus..."(25)

O autor, infelizmente, não indica a fonte donde colheu essas desencontradas informações, que não correspondem ao que se lê na documentação coeva. Ora, Ibiapina completou 22 anos a 5 de agosto de 1828, quando o Convento da Madre de Deus não mais existia, pois desde 27 de outubro de 1825 transformara-se oficialmente em Alfân-

dega e, naquele dia do aniversário, o que ele deixou foi o seminário, pela segunda vez.(27) Durante os anos de 1824 a 1827 o jovem Ibiapina residiu no Ceará, com um pequeno intervalo de uma viagem ao Maranhão.(28)

Estes quatro anos foram os mais dolorosos de toda sua vida. Não é fácil aquilatar o mar de amarguras que lhe envolveu a alma de jovem nesse transe afligente. Havia pouco, perdera a mãe na flor dos seus 38 anos. A 7 de maio de 1825 o pai é injustamente arcabuzado e o irmão mais velho, Alexandre Raimundo, banido para o arquipélago de Fernando de Noronha, é barbaramente trucidado, ambos mártires da Confederação do Equador. A 15 de outubro do mesmo ano, é assassinado em Sobral o cunhado Otaviano Néri, deixando sua irmã Francisca na viuvez precoce, menos de dois meses depois do casamento. Na completa orfandade ficaram os irmãos menores João Carlos com 14 anos, Rita com 13, Maria José com 10 e Ana com 9. Como irmão então mais idoso, José Antônio achou-se no dever de assumir a orientação da família economicamente esfacelada e moralmente deprimida. Superou galhardamente todas as adversidades, considerou-as passageiras, porque confiou no Deus de sua fé. Entregou-se à vida de oração e à leitura assídua da "Imitação de Cristo", onde encontrou consolação para o espírito. Recebeu apoio de parentes e amigos. Tomou também a si cooperar com o integral cumprimento do testamento do pai e por isso teve de embarcar para o Maranhão, com o fim de resolver o problema de uma fiança e responsabilidade financeira, que o genitor assumira.

Com o passar do tempo, pouco a pouco a família foi se recompondo e em 1827 a sorte dos irmãos ficou definida: a viúva Teresa e Rita, que logo se casou, permaneceriam em Sobral, enquanto os adolescentes João Carlos, Maria José e Rita seguiriam com José Antônio para o Recife. O dinheiro para as passagens foi conseguido por uma modesta subscrição promovida pelo Pe. José Martiniano de Alencar e outros amigos.(29)

A viagem ao Recife, feita por mar, foi planejada com o tempo suficiente para alcançar a matrícula no Seminário no início do ano de 1828. Acompanharam-no apenas as duas irmãs adolescentes, porque João Carlos seguiria depois, quando concluísse os estudos de humanidades.

Ao chegar ao Recife, o jovem conseguiu alojar as irmãs no Recolhimento Nossa Senhora da Glória, casa fundada por Dom Azeredo Coutinho destinada ao amparo de meninas órfãs, situado no bairro da Boa Vista, contíguo à igreja do mesmo nome.

No dia 3 de fevereiro de 1828 é matriculado, pela segunda vez, no

Seminário Episcopal de Olinda, sendo muito bem recebido pelo reitor Frei Miguel Joaquim Pegado, que já o conhecia do tempo da primeira matrícula de 1823. O reitor já estava a par dos sofrimentos por que passara o jovem seminarista durante a longa ausência de quatro anos, quando foram assassinados o pai e o irmão Alexandre, por isso o inscreveu como aluno numerário, gratuito, tendo para tanto conseguido a aprovação de Dom Tomás Noronha, que desde 25 de agosto de 1825 governava pessoalmente a diocese. De acordo com os estatutos, os numerários deveriam ser escolhidos mediante exame de seleção, mas no caso especial desse ex-aluno, o bispo prontamente o dispensou dessa formalidade.

Logo ao chegar à portaria do seminário, José Antônio encontrou-se com seus conterrâneos, os irmãos Jerônimo Martiniano Figueira de Melo e João Capistrano Bandeira de Melo, com apertado e comovente abraço de boas vindas. Foi uma consoladora recepção, que o levou às lágrimas. Finalmente, retornava ele ao convívio de ex-colegas e amigos e à vida de estudos e oração do seminário. Neste momento, compreendeu que a mão do bom Deus não o tinha desamparado.(30)

O registro de sua matrícula no livro dos numerários é simples e humilde: "Ceará – José Antônio Pereira, filho de Francisco Miguel Pereira, de idade 21, entrou a 3 de fevereiro e sahiu a 5 de agosto."(31) Note-se que, nesse 5 de agosto, completara 22 anos. Nesse ano, o seminário recebera 56 alunos, sendo 42 porcionistas e 14 numerários. Com relação à naturalidade, 29 eram de Pernambuco, 10 do Ceará, 8 da Paraíba, 5 do Rio Grande do Norte, 3 de Alagoas e 1 da Bahia. Uma comunidade representativa de todo o Nordeste, cujo território correspondia ao da própria diocese de Olinda.

O ambiente do seminário, que José Antônio vai agora cursar, é totalmente diferente da fase liberal e iluminista do passado. Direi mesmo que é o contrário, pois a nova orientação, impressa pelo bispo Dom Tomás Noronha, é conservadora, reacionária e de total apoio ao governo do Imperador Pedro I, por quem o prelado fora designado para cumprir tal missão. Na verdade, o novo bispo, que fora governador episcopal de Meliapor e Cochim, na India, desembarcara no Rio de Janeiro por ocasião da Independência do Brasil. A 10 de maio de 1823 recebeu do próprio Imperador a incumbência de reger a diocese de Pernambuco, para que "inspireis o amor (essência da lei evangélica) nos corações de todos e extirpeis os ódios e rivalidades que têm dilacerado tanto aquelas rovíncias", como diz textualmente o ato de sua nomeação.(32) Sua viagem do Rio ao Recife foi feita por terra, logo após a conflagração da Confederação do Equador, e sua posse pessoal na catedral de Olinda foi solenemente realizada a 20 de

agosto de 1825. Antes, estivera pelo interior das províncias de Pernambuco, Ceará e Paraíba incumbido da "missão política de pacificar os ânimos dos povos, bastante agitados por aquele movimento revolucionário".

Durante a viagem, publicou uma pastoral "que fulminava a pena de suspensão a todo o clérigo que houvesse tomado parte ativa na revolução mas seja logo dito, em abono da piedade de seu coração, que nunca fez efetiva essa pena e depois empregou a muitos padres que foram ostensivamente revolucionários".(33)

O antistite manifestou muito zelo para com o bom funcionamento do seminário episcopal, que "lhe mereceu sempre especial cuidado, quer em relação à sua economia interna, quer à boa escolha dos mestres, nos casos de vacância, quer enfim à proteção que prestou aos colegiais numerários, para os quais dava ou emprestava aquela parte dos réditos da casa para eles destinada, que por qualquer eventualidade faltava; de sorte que nunca se despediu ou se deixou de receber um estudante pobre, até o número que os estatutos permitiam, por falta de meios. Tinha por costume assistir aos exames do fim do ano e neste ato não se tornava mero espectador; discutia largamente com os lentes, dando assim a prova autêntica de sua variada erudição, que foi sempre reconhecida. Esse interesse pelo seminário foi constante até o fim, deixando-lhe em sua saída alguns contos de réis, e também à Sé, que foi outro objeto de sua piedade."(34)

Estas duas últimas informações são de primeira mão, pois constam de livro do padre cearense Carlos Augusto Peixoto de Alencar, ex-aluno do seminário nos anos de 1827 a 1829, contemporâneo e conhecedor pessoal de Dom Tomás Noronha, de quem diz: "Foi este o bispo, que me conferiu as ordens sagradas".

Dom Tomás Noronha renunciou da mitra no fim do ano de 1828 e embarcou para a Corte a 24 de agcsto de 1829. A renúncia do prelado deveu-se a sérias desavenças com o famigerado deão da Sé, cônego Bernardo Luis Ferreira Portugal, irrequieto e vingativo sacerdote, a quem se atribuía até o envenenamento de um bispo anterior, Dom Frei José Maria de Araújo, falecido a 21 de maio de 1808.(35)

O padre Peixoto de Alencar, contemporâneo dos fatos, afirma que entre o deão e o bispo Noronha, "travou-se uma luta de morte, para o pundonor e altivez de ambos". E acrescentava. Eram dois vultos proeminentes que se mediam. De um lado estava o bispo, com todas as vantagens de sua alta posição, de sua sabedoria e justiça de sua causa, mas pouco amestrado no manejo da intriga, pouco perseverante em sofrer qualquer contrariedade; de outro, via-se o homem da mais elevada inteligência do seu tempo em Pernambuco, dispondo

de formidável fortuna, de muita clientela, mestre da lei e da chicana, por uma longa prática de advocacia, e de uma animosidade de consciência pouco escrupulosa na escolha dos meios que o deviam levar a uma vingança".(36) Tudo isso ocorria no exato tempo em que José Antônio estava no seminário. Se, portanto, ele sofreu alguma decepção motivadora de sua mudança dos estudos eclesiásticos para os jurídicos, não se deve atribuir ao ambiente interno do Seminário, mas às atitudes escandalosas e rebeldes de parte do clero para com o pastoreio do bispo Tomás Noronha. Por isso, o jovem seminarista resolveu transferir para outra oportunidade, o prosseguimento de sua vocação sacerdotal e decidiu por iniciar o Curso de Direito.(37)

Notas

(1) A precisão dessas datas deve-se ao estudo de Mons. Severino Leite Nogueira – "O Seminário de Olinda", ed. Fundarpe, Recife, 1985, p. 117. Esta volumosa e bem documentada obra trata exatamente do "Seminário do bispo Azeredo Coutinho", durante os anos iniciais de seu funcionamento.

(2) NOGUEIRA, Mons. Severino Leite – ob. cit. p. 97. Cf. também "Annaes do Seminário", Escola Tip. Salesiana, Recife, 1921, p. 73-76.

(3) Cf. Código 807, p. 243v, relativo a Pernambuco, guardado no Arquivo Ultramarino de Lisboa.

(4) BARATTA, Mons, José do Carmo – "Escola de Heroes", Imp. Industrial, Recife, 1926, p. 60. Sobre a inauguração do Seminário, cf. Pereira da Costa, F.A., "Anais Pernambucanos", vol. 7, p. 13-16.

(5) NOGUEIRA, Mons. Severino Leite, ob. cit. p. 317.

(6) Ibidem, p. 124.

(7) CAMARGO, Mons. Paulo Florêncio da Silveira – "História Eclesiástica do Brasil", Ed. Vozes, 1955, p. 266. Um bem elaborado resumo da participação dos padres do Seminário de Olinda na Revolução de 1817 encontra-se em Dom Duarte Leopoldo e Silva – "O Clero e a Independência", Ed. Paulinas, S.Paulo, 1972, p. 65-67.

(8) BARATTA, José do Carmo, ob. cit., p. 70. Um livro manuscrito anônimo, intitulado "Revoluções do Brasil" e publicado na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP), nº 29, 1883, p. 93, afirma: "Os seminaristas mostravam ter aprendido somente três pontos: 1º, duvidar de

tudo; 2º, aborrecer livros; 3º, ignorar os de teologia."

(9) BARATTA, José do Carmo – "História Eclesiástica de Pernambuco" Imp. Industrial, Recife, 1922, p. 77.

(10) PEREIRA DA COSTA, F.A. – "Anais Pernambucanos", vol. 8, p.258.

(11) "Anais do Seminário de Olinda", ob. cit., p. 68.

(12) O livro reservado aos alunos gratuitos inicia com este título: "Matrícula dos Numerários desde o princípio de 1826, em que o seminário recebeu dinheiro da Loteria".

(13) "Estatutos do Seminário Episcopal de Olinda", Lisboa, 1798, Cap. IV § 15, in Severino Leite Nogueira, ob. cit. p. 322.

(14) Livro de Matrículas, dos Porcionistas do Seminário de Olinda, ano 1823 fl 2v. José Comblin – "Instruções Espirituais do Padre Ibiapina". Ed. Paulinas, S. Paulo, 1984, p. 10. Diz aí o autor que Ibiapina "estudou dois anos" no Seminário de Olinda, o que não é verdade.

(15) Jerônimo Martiniano Figueira de Melo nasceu em Sobral a 19 de abril de 1809. Estudou seis anos no Seminário de Olinda e todo o Curso Jurídico, onde foi colega do Padre Ibiapina. Foi Conselheiro do Império, Deputado Geral, Senador, Governador do Maranhão e Rio Grande do Sul. Autor de "Crônica da Rebelião Praieira em 1848" e "Ensaio sobre a Estatística Política e Civil da Província de Pernambuco". No parlamento nacional defendeu Dom Vital durante a "Questão Religiosa". Faleceu no Rio a 20 de agosto de 1878.

(16) Sobre o Pe. Antônio de Castro e Silva, cf. F. Sadoc de Araújo – "Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses", Fortaleza, 1985, p. 13-16.

(17) NOGUEIRA, Paulino – "O Padre Ibiapina", RIC, ano 1888, p.167.

(18) A íntegra desse parecer vem trascrita em "Anais Pernambucanos" de Pereira da Costa, vol. 9, p. 311-313.

(19) Ibidem, p. 185. cf. Flávio Guerra – "Velhas Igrejas e Subúrbios Históricos", Recife, 1870, p. 96.

(20) LUNA, Lino do Monte Carmelo – "Memória Histórica e Biográfica do Clero Pernambucano", 2ª ed., Recife, 1976, p. 93. Com atuação em Pernambuco desde 1671, a Congregação do Oratório prestou valiosos e admiráveis serviços às missões e à formação do clero, só vindo a decair nos tempos das revoluções de 1817 e 1824. A perseguição dos governos legalistas vitoriosos levou o Convento da Madre de Deus à ruína. Cf. Ebion de Lima – "A Congregação do Oratório no Brasil", Ed. Vozes, Petrópolis, 1980,

p. 147-164.

(21) Eduardo Hoornaert – "Crônica das Casas de Caridade", ob. cit. p. 35. O texto citado consta da primeira parte do itinerário, que foi redigido no Crato por "um douto", segundo afirma o Irmão Antônio Modesto na apresentação do mesmo publicado na revista do IAHGP, ano 1911, p. 50. Celso Mariz opina que o texto "fazia parte de um discurso de um Professor de Missão Velha numa das recepções feitas ali ao missionário. Cf. "Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste", ob. cit., p.67. A versão mais provável sobre a autoria da primeira parte do itinerário manuscrito é atribuída ao professor Bernardino Gomes de Araújo, que "mandou imprimir a história das missões" no jornal "Voz da Religião", do Crato. Em qualquer das hipóteses, o texto é muito posterior ao tempo em que Ibiapina freqüentou o Seminário, o que explica as imprecisões. O mesmo professor escreveu também "Crônica de Missão Velha". Cf. Raimundo Girão "Os Municípios Cearenses e seus Distritos", Fortaleza, 1983, p. 148.

(22) NOGUEIRA, Severino Leite, ob. cit., p. 213-222.

(23) Silvano de Sousa –"O Padre-Mestre Ibiapina", in revista "Itaytera", Crato, nº 6, ano 1961, p. 89.

(24) Livro de Matrícula dos Porcionistas do Seminário de Olinda, ano 1824, fl. 3. Após o nome José Antônio Pereira, não há qualquer anotação, diversamente de todos os outros matriculados, onde constam dia de entrada, dia de saída e quantia da anuidade.

(25) CARVALHO, Gilberto Vilar de – "O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo", in REB, março de 1983, p. 106.

(26) PEREIRA DA COSTA, F. A. – "Anais Pemambucanos", vol. 9, p.185.

(27) Livro de Matrícula dos Numerários, ano 1828, fl. 3.

(28) NOGUEIRA, Paulino, ob. cit. p. 168 e nota 21.

(29) Ibidem, p. 168.

(30) Os irmãos Jerônimo Martiniano Figueira de Melo e João Capistrano Bandeira de Melo, entraram a 1 de fevereiro e saíram a 30 de maio de 1828 para freqüentar o Curso Jurídico. Pagaram 96 mil réis pelos dias de estada no seminário. Ibiapina continuou até 5 de agosto.

(31) Livro de Matrícula dos Numerários, fl. 3. Seu nome está no quarto lugar entre os catorze numerários selecionados.

(32) PEREIRA DA COSTA, F.A., – "Anais Pemambucanos", vol. 8, p. 423.

(33) ALENCAR, Carlos Augusto Peixoto de – "Roteiro dos Bispados do

Brasil", Tip. Cearense, Fortaleza, 1864, p. 182.

(34) Ibidem, p. 187.

(35) PEREIRA DA COSTA, F.A. – "Anais Pernambucanos", vol. 7, p. 164. Sobre a atribulada vida do deão Bernardo Portugal, cf. Dias Martins – "Os Mártires Pernambucanos", Recife, 1853, p. 527-531.

(36) ALENCAR, Carlos Augusto Peixoto de, ob. cit. p. 184.

(37) De 1800 a 1830, a diocese de Olinda teve seis bispos nomeados e, mesmo assim, durante a maior parte desse tempo foi governada pelo Cabido, em situação de sede vacante. Um autor anônimo, que viveu nessa época no Recife, explica essa anômala situação pelas desavenças entre os prelados e os cônegos do Cabido, que era "corporação brilhantíssima, mas quase sempre agitada pelo maligno vapor pernambucano, viveu em todos os tempos em desarmonia com seus bispos; daqui as freqüentíssimas vacâncias, pelas quais esta Sé tem passado sem a morte ser culpada. Era nessas vacâncias que o Cabido se aproveitava, pois em virtude da posse abusiva contra os cânones da Igreja, entrava logo em governança, desempenhando a idéia de uma oligarquia aristocrática, famosa unicamente pelas suas desordens e animosidades." Cf. "Revoluções do Brasil", in Revista do Instituto Histórico de Pernambuco (IAHGP), nº 29, ano 1883, p. 48.

ISSN – 0100 – 3585

Revista do Instituto do Ceará

PUBLICAÇÃO ANUAL
SOB A DIREÇÃO DE GERALDO DA SILVA NOBRE

Tomo CVIII – Ano CVIII

1994

Dedimus profecto grande patientiae documentum

Fortaleza – Ceará – Brasil

Rev. Inst. do Ceará	Fortaleza	Vol. 108	351 p.	1994

Revista do Instituto do Ceará

(Histórico, Geográfico e Antropológico)

(Publicada anualmente desde 1887 – Ano da Fundação do Instituto do Ceará – sem interrupção)

Tomo CVIII - Ano CVIII

1994

Dedimus profecto grande patientiae documentum

Fortaleza – Ceará – Brasil

Rev. Inst. do Ceará	Fortaleza	Vol. 108	351 p.	1994

Revista do Instituto do Ceará

Além dos 107 Tomos correspondentes aos cento e seis anos de existência do Instituto do Ceará, foram editados os Tomos especiais seguintes:

1924 – TE – 1 (Centenário da Confederação do Equador)
1929 – TE – 2 (Falecimento do Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil)
1938 – TE – 3 (Falecimento do Barão de Studart)
1956 – TE – 4 (Centenário do Barão de Studart)
1972 – TE – 5 (Sesquicentenário da Independência do Brasil)
1977 – TE – 6 (90º aniversário do Instituto do Ceará)
1984 – TE – 7 (Centenário da Abolição da Escravatura no Ceará)
1987 – TE – 8 (Centenário do Instituto do Ceará)

Endereço:
Rua Barão do Rio Branco, 1594
60.025-061 – Fortaleza – Ceará – Brasil
Telefone: (085) 231.6152

PEDE-SE PERMUTA
PÍDESE CANJE
ON DÉMANDE LE CHANGE
WE ASK FOR EXCHANGE
MAN BITTET UM AUSTAUSCH
SI RICHIEDE LO SCAMBO
NI PETAS CANGON

Revista do Instituto do Ceará
Fortaleza:
V. anual
Trimestral até 1928
1. Geografia. História. Antropologia – periódico
Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)
CDU: 91 + 93.572 (05)

Instituto do Ceará
(Histórico, Geográfico e Antropológico)

Fundado a 4 de março de 1887, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, onde tem sede e domicílio.

Sociedade civil, de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, duração por tempo indeterminado. Reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 94.364, de 22 de maio de 1987, Lei Estadual nº 100, de 15 de maio de 1936, e Lei Municipal nº 5.784, de 13 de dezembro de 1983. Registrada no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Educação sob nº 15.522/40 e inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica de Natureza Cultural do Ministério da Cultura sob o nº 23.000262/86-27.

Tem por finalidade específica o estudo da História, da Geografia, Antropologia e das Ciências correlatas, especialmente do Ceará.

Para alcançar seus objetivos precípuos, realiza sessões ordinárias, especiais e solenes, e mantém:

- intercâmbio cultural com instituições científicas e literárias nacionais e estrangeiras;
- a *Revista do Instituto do Ceará*, em que se publicam colaborações de Sócios, documentos históricos e outros trabalhos que a comissão de redação achar conveniente;
- um Museu Histórico e Antropológico de caráter regional;
- Biblioteca, Hemeroteca, Mapoteca e Arquivo;
- Auditório Pompeu Sobrinho, para solenidades.

Nota da Comissão de Redação

A Diretoria do Instituto do Ceará tem considerado a publicação da *Revista* como preocupação inarredável, impondo-se o dever de levá-la a efeito, e assim o tem conseguido, não obstante as limitações sobejamente conhecidas aos objetivos de qualquer entidade cultural sem fins lucrativos.

Neste 4 de março de 1995, quando transcorre o centésimo oitavo aniversário da fundação do Instituto e está previsto o lançamento, na solenidade comemorativa, do número correspondente da *Revista*, a Comissão responsável por esta publicação considera-se recompensada de todos os esforços despendidos no sentido de assegurar a regularidade do cumprimento do dispositivo estatutário em questão, pelo qual é posta à disposição de estudiosos e pesquisadores da geração atual e das seguintes, o produto, inegavelmente valioso, da atividade intelectual de Sócios Efetivos da entidade e colaboradores selecionados.

Por amor à verdade e à justiça, deve ser salientado, no entanto, o concurso daqueles sem cujo apoio teria sido impossível o cumprimento daquele dispositivo estatutário, em primeiro lugar o da própria Diretoria, pois, no período administrativo ora a encerrar-se, a publicação da *Revista* não contou com qualquer ajuda financeira de estranhos, viabilizada, como foi, por uma cuidadosa e competente administração dos recursos disponíveis, a cargo da Tesoureira Dra. Valdelice Carneiro Girão, Sócia Efetiva.

Decisiva, igualmente, foi a colaboração do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, Prof. Antônio de Albuquerque e Sousa Filho, autorizando os trabalhos finais de confecção da *Revista* na Imprensa Universitária, onde o Diretor, Prof. Geraldo Jesuíno da Costa, concorreu com sua experiência e boa vontade em dar a esta a melhor feição gráfica possível.

Para tanto, contamos, igualmente, com o Prof. Dr. Alberto Flávio Alves Aguiar, verdadeiro perfeccionista na arte de composição-digitação, revisão e paginação, à qual procura imprimir a precisão matemática sendo, como é, um dos principais valores do conhecimento dessa ciência e da tecnologia da Informática, em nosso meio.

A todos, a Comissão da *Revista*, penhorada, manifesta publicamente, a sua gratidão.

Notas sobre o Perfil de Santidade do Servo de Deus Padre José Antônio de Maria Ibiapina

JOÃO ALFREDO DE SOUZA MONTENEGRO

Eu, João Alfredo de Souza Montenegro, brasileiro, casado, professor universitário aposentado, domiciliado e residente à Avenida Miguel Dias nº , bairro Edson Queiroz, Fortaleza Ceará, Brasil. Baseado em escutar a voz do povo e na leitura dos escritos sobre a vida e o ministério pastoral do missionário Padre José Antônio de Maria Ibiapina, tenho de inteira responsabilidade a declarar na qualidade de testemunha no Processo Diocesano de investigação sobre as Virtudes e a Fama de Santidade desse Servo de Deus, o que se segue: Depoimento sobre o Servo de Deus Padre José Antônio de Maria Ibiapina:

Há no Padre José Antônio de Maria Ibiapina um modelo de santidade que reflete, naturalmente, as contingências de sua época, ou precisamente, o primeiro quartel da segunda metade do século XIX.

Aflora nos escritos do Padre um forte acento sobre a moralidade. Vale dizer: a religião é vista preponderantemente como instrumento de conciliação entre as pessoas, como receptáculo de virtudes, como prática dos mandamentos.

Uma moral virtualmente dirigida para o social, para a edificação de obras assistenciais, em que o sentido de modernização, de atualização urbana é acentuadamente perseguido.

A construção de Casas de Caridade, de cemitérios, etc, é a preocupação dominante.

Observe- se que se vive então numa sociedade intensamente sacralizada, principalmente em cidades do interior, onde é ponderável a ascendência da Igreja sobre as comunidades.

Isso faz com que a Igreja intensifique a sua missão civilizadora, assumindo os símbolos, os valores de uma sociedade ainda imbuída de elementos feudais, como o paternalismo, a autoridade vigorosa, a hierarquia.

O Padre Ibiapina se curva ante tal realidade, e a comunica ao seu auditório, gente simples do sertão, fazendeiros, políticos, autoridades locais.

E o faz através de um intenso trabalho de organização do povo, encaixado em mutirões, promovendo obras sociais, como expressão de uma religião autêntica.

E aqui se chega ao ponto central deste escrito:

Como viu muito bem Eduardo Hoonaert, a partir da perspectiva das camadas sofredoras do povo:

> "Ibiapina contemplou a face da miséria e ela o converteu, pois lhe revelou a Face sofrida do próprio Deus. Nesta conversão não existe o misticismo alienado que tanto lhe foi atribuído por autores envolvidos nos mitos da modernidade."[1]

Diga-se, a bem da verdade que o Padre Ibiapina inovou o conceito de misticismo da sua época, bastante individualista, segundo o modelo de catolicismo vigente. É de se reconhecer que ele implantou uma relação dinâmica entre o exercício da contemplação mística e a prática da obra social justamente porque percebia a ligação entre Deus e os desprotegidos. Entendeu bem o sentido da autêntica Caridade evangélica.

Sentia que se entregar aos pobres era entregar-se a Deus. A contemplação, para ele, continuava na ação social , concluindo uma elaboração mística permeada por vigorosa ascese, aprimorando virtudes. Ascese esta já ocorrente nos mutirões, no sacrifício da obra assistencial. Tal é a senda percorrida por Ibiapina e que o está levando pra os altares, conforme se espera do futuro discernimento da Igreja.

É neste contexto que nasceram as condições de santificação do grande missionário.

Os milagres a ele atribuídos encontram explicação maior na mística que ele tanto enriqueceu.

---

(1) "Crônica das Casas de Caridade", São Paulo, Edições Loyola, 1981, pág. 14.

Revista do Instituto do Ceará

(Histórico, Geográfico e Antropológico)

(Publicada anualmente desde 1887 – Ano da Fundação do Instituto do Ceará – sem interrupção)

Tomo CXII – Ano CXII

1998

Dedimus profecto grande patientiae documentum

Fortaleza – Ceará – Brasil

Rev. Inst. do Ceará	Fortaleza	Vol. 112	p. 412	1998

Revista do Instituto do Ceará

Além dos 112 Tomos correspondentes aos cento e onze anos de existência do Instituto do Ceará, foram editados os Tomos especiais seguintes:

1924 – TE – 1 (Centenário da Confederação do Equador)

1929 – TE – 2 (Falecimento do Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil)

1938 – TE – 3 (Falecimento do Barão de Studart)

1956 – TE – 4 (Centenário do Barão de Studart)

1972 – TE – 5 (Sesquicentenário da Independência do Brasil)

1977 – TE – 6 (90º aniversário do Instituto do Ceará)

1984 – TE – 7 (Centenário da Abolição da Escravatura no Ceará)

1987 – TE – 8 (Centenário do Instituto do Ceará)

Endereço:
Rua Barão do Rio Branco, 1594
60025-061 – Fortaleza – Ceará – Brasil
Telefone: (085) 231.6152 Fax: (085) 254.4116

PEDE-SE PERMUTA
PÍDESE CANJE
ON DÉMANDE LE CHANGE
WE ASK FOR EXCHANGE
MAN BITTET UM AUSTAUSCH
SI RICHIEDE LO SCAMBO
NIPETAS CANGON

Revista do Instituto do Ceará
Fortaleza:
V. anual
Trimestral até 1928
1. Geografia, História, Antropologia – periódico
Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)
CDU: 91 + 93.572 (05)

Instituto do Ceará
(Histórico, Geográfico e Antropológico)

Fundado a 4 de março de 1887, na cidade de Fortaleza, Estado Ceará, onde tem sede e domicílio.

Sociedade civil, de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, duração por tempo indeterminado. Reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 94.364, de 22 de maio de 1987, Lei Estadual nº 100, de 15 de maio de 1936, e Lei Municipal nº 5.784, de 13 de dezembro de 1983.

Tem por finalidade específica o estudo da História, da Geografia, Antropologia e das Ciências correlatas, especialmente do Ceará.

Para alcançar seus objetivos precípuos, realiza sessões ordinárias, especiais e solenes, e mantém:

– intercâmbio cultural com instituições científicas e literárias nacionais e estrangeiras;

– a *Revista do Instituto do Ceará*, em que se publicam colaborações de Sócios, documentos históricos e outros trabalhos que a comissão de redação achar conveniente;

– um Museu Histórico e Antropológico de caráter regional;

– Biblioteca, Hemeroteca, Mapoteca e Arquivo;

– Auditório Pompeu Sobrinho, para solenidades.

Nota de Apresentação

A Diretoria do Instituto do Ceará prestes a encerrar o seu mandato pôs em prática, nos últimos dois anos, medidas tendentes a dar uma feição nova à *Revista* desta Entidade, tornando-a mais consistente quanto ao conteúdo e, ao mesmo tempo, atrativa para os leitores em geral. Considerando-se repositório de estudos históricos, geográficos e antropológicos, bem como a circunstância de não caber aos Consócios a tarefa de incursionar em campo tão vasto de pesquisa e estudo, está abrindo as suas páginas para a divulgação de contribuições de outros pesquisadores e estudiosos, observado, naturalmente, o critério de seleção baseado em originalidade e veracidade.

O segundo objetivo foi discutido pela Comissão da *Revista* e por outros integrantes do quadro social, concluindo-se pela conveniência de uma padronização, relativa a todos os órgãos de divulgação científica dos Institutos congêneres, cujo fundamento deve ser o da entidade matriz – o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, elo comum de uma cadeia deveras imprescindível à consolidação nacional do Brasil, máxime no momento atual, de integração econômica e cultural da humanidade.

Em outubro último (de 1998), os Institutos estaduais, com patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, deram um passo importante com a realização de um colóquio dedicado à discussão de problemas comuns, em uma perspectiva de providências pelas quais os governantes possam vir a utilizar a História, a Geografia e a Antropologia como instrumentos modelares de uma cultura autenticamente brasileira.

Por coerência, às *Revistas* dos Institutos impõe-se a semelhança na forma, como no conteúdo, sem isto significar o desconhecimento ou o desapreço da arte gráfica, atrativo para um público

numeroso, cuja sensibilidade é importante para o interesse das ditas ciências, impulsionadoras da conquista do progresso.

Este número, 112º da *Revista do Instituto do Ceará*, volta-se para a perspectiva em apreço, oferecendo conteúdo de valor e atrativo de arte.

A Comissão da Revista

Pe. Ibiapina: figura matricial do Catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX

EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES (*)

"Entre esses padres do povo, vêm os missionários errantes, dos quais Ibiapina, avultando por um tirocínio mais longo e por uma ação mais pura, original e brilhante, é, sem dúvida, o maior do Nordeste. Antes dele não temos à vista nenhum que se lhe pareça. Não nos consta, depois, outro com tão ardente e exclusivista vocação de apóstolo e educador."

Celso MARIZ (1942: VIII)

«O Padre-Mestre caminhou pela alma dos homens... (...) Padre-Mestre é o seu grande e sonoro título ritual. A pé, a cavalo, carregado em rede quando aleijado, o Pregador das Missões, o Evangelizador do Sertão, semeou a palavra de Deus, erguendo capelas, cemitérios, Casas de Caridade, Recolhimentos. Atravessou as secas e as epidemias em plena coivara acesa. E, em quatro Províncias, imprime o vestígio do seu nome no coração de todas as lembranças.»

Luís da Câmara CASCUDO (1940)

«Sob certos aspectos genial, parece ter sido Ibiapina. Mas dos gênios incompreendidos de que muito se fala e que na verdade existem, embora em número reduzido. Incompreendido tanto pelos bispos como pelos particulares ricos do seu tempo... (...)

Sua concepção de família - mesmo de família espiritual - era a democrática, em que mulheres participassem da direção da casa e o trabalho se fizesse sem auxílio de braço escravo. O que parece indicar que o grande missionário trouxe para o Catolicismo brasileiro do seu tempo tanto sua experiência democrática de família numa província já então quase livre da economia escravocrata e do patriarcado absoluto como o Ceará - a província, por excelência, do mutirão - como as lições recebidas, no Curso Jurídico de Olinda, de mestres impregnados de novas idéias..., "idéias do século XIX" que ele desejaria ver triunfantes sobre "antigos prejuízos que não podem casar com o nosso systema liberal".»

Gilberto FREYRE (1951: 90-95)

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

«O maior milagre de Ibiapina foi o de conseguir uma relativa e passageira organização do povo nordestino atomizado e desarticulado pelo cataclismo do colonialismo.

Este milagre foi apenas passageiro por falta de compreensão por parte do clero, que não entendeu a organicidade da atuação de Ibiapina e se deixou seduzir por modelos pastorais importados da Europa, sem prestar atenção ao que era possível aqui, no Nordeste, concretamente.

Eduardo HOORNAERT (1981: 11)

O Percurso de Ibiapina

Devo confessar desde logo que não sou propriamente aquilo que se poderia chamar um especialista na vida e na obra do Padre Mestre Ibiapina. Sequer me assiste alguma especial competência para falar com larga segurança sobre o tema. Apenas, na qualidade de observador interessado dos fatos ou ocorrências do País e de modo mais particular daqueles que se circunscrevem ao Nordeste e ao Ceará, pretendo dizer algo aqui sobre o tema em foco, numa perspectiva que pode ser identificada com a de uma **antropologia histórica**, sem exclusividade de aproche. Aliás, delimitar esses lugares sociais e epistêmicos de onde costumo produzir a minha fala pode até parecer, no caso, descabido ou excessivo diante do caráter sumário que pretende ter este curto ensaio.

Mas quem foi Ibiapina, essa matriz geradora de uma estirpe de conselheiros do povo (Antônio Vicente Mendes Maciel, Padre Cícero, Beato Lourenço, etc.), instituindo nos sertões nordestinos da segunda metade do século XIX uma grande escuta dos anseios e aflições de larga massa de excluídos, e inaugurando uma forma de organização que a nossa civilização litorânea dominante teimará em não aceitar e até em hostilizar ou destruir sistematicamente quase todas as suas manifestações? Dou abaixo um esboço de resposta, recompondo a largos traços a sua trajetória.

Filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus, nasceu José Antônio Pereira Ibiapina a 5 de agosto de 1806, em São Pedro de Ibiapina, região de Sobral, no norte da Província do Ceará, e morreu em sua residência ao lado da Casa de Caridade de Santa

Fé, na Paraíba, a 19 de fevereiro de 1883. O «Ibiapina» foi uma homenagem do pai ao vilarejo que o acolheu nos primeiros anos de seu casamento, por isso decidiu apor o nome do local ao patronímico dos filhos. Ibiapina é o terceiro filho do casal e o primeiro a portar esse sobrenome.

Vive parte de sua infância na cidade do Icó, para onde migraram os pais, já que o chefe da família fora nomeado tabelião, aí permanecendo até 1819, quando foi removido para o Crato, aí residindo até 1823. Em 1820, Ibiapina foi para Jardim, cidade da região, onde freqüenta a aula de latim do mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo. Em 1823, acompanha os pais que se mudam para Fortaleza. E é mandado logo em seguida para Olinda, destinado ao seminário e ao sacerdócio. Ibiapina, porém, constrangido pelo ideário racionalista e revolucionário do Seminário de Olinda, retira-se daí e vai viver no Convento da Madre de Deus, dos padres oratorianos, no Recife.

O pai de Ibiapina, que fora contrário à revolução de 1817 e até concorreu para o contragolpe de Pereira Filgueiras, abraça agora ardorosamente a revolução de 1824 (Confederação do Equador), adotando por nacionalismo o apelido de "Ibiapina" que dera ao filho. Derrotada a revolta, é preso, condenado e fuzilado, em 1825, junto com o Padre Mororó. Era Presidente da Província, então, Pedro José da Costa Barros que foi duro com os insurgentes. O irmão mais velho de Ibiapina, Raymundo Alexandre, que também participara, teve degredo perpétuo no presídio de Fernando de Noronha, onde morre tragicamente.

Ibiapina deixa o convento e retorna ao Ceará para cuidar dos irmãos menores, pois por esse tempo a mãe já havia morrido de um parto prematuro. Martiniano de Alencar, revolucionário de 1817, que o pai de Ibiapina combatera, veio em ajuda de sua família. Com o auxílio recebido, retorna algum tempo depois ao Recife com os irmãos, voltando a estudar no Seminário de Olinda, enquanto isso reside no mosteiro de São Bento.

Instalado o Curso Jurídico em 1828, nele se matricula José Antônio Pereira Ibiapina e o conclui com a primeira turma de bacharéis de Olinda em Ciências Sociais e Jurídicas, em 1832. No ano seguinte, por decreto da Regência, de 1º de fevereiro de 1833, foi

nomeado lente substituto, presta juramento a 27 de março e passa a ensinar Direito Natural no curso, que ainda era instalado no convento beneditino fiquei. Na vida acadêmica, ele fora colega de Eusébio de Queiroz, Nunes Machado e Figueira de Melo (cearense) e foram seus alunos, entre outros, Zacarias de Goes e João Felício Vanderley (depois Barão de Cotegipe). Em pleno exercício do magistério, recebe a notícia de que fora eleito Deputado Geral pelo Ceará, tendo sido o candidato mais votado, para a legislatura de 1834-1837. Era o tempo do governo de Feijó, na Regência, quando os liberais moderados, a que era filiado na província, dominavam com o 7 de Abril. Ainda no final deste ano, por Carta Imperial de 13 de dezembro, fora nomeado Juiz de Direito da recém-criada comarca de Campo Maior (Quixeramobim) da província do Ceará.

Contudo, tendo prosseguido o seu ensino até o final do ano letivo quando então pede demissão, no que foi atendido pelo Decreto da Regência de 20 de dezembro de 1833, outro golpe veio atingir a vida de Ibiapina: regressando à sua Província com o intento de casar-se com sua noiva Carolina Clarence de Alencar, filha de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o chefe confederado de 1824 e sobrinha do Padre Martiniano de Alencar, pai do romancista José de Alencar - Carolina fugira antes para casar com um primo. Mesmo nesse estado de profunda frustração amorosa, Ibiapina viaja imediatamente para o Rio de Janeiro, com bastante antecedência, a fim de assumir as funções de Deputado, na 3ª Legislatura da Assembléia Geral do Império, cuja posse só ocorrerá no dia 2 de Maio de 1834.

Encerrada a sessão legislativa daquele ano, Ibiapina retorna ao Ceará para assumir por três meses (final de 1834 a março de 1835) o cargo de Juiz de Direito de Quixeramobim, um ano após ter sido nomeado. Nessa ocasião, Ibiapina vai visitar o Padre Martiniano de Alencar, então presidente da província, que o nomeia para exercer também o cargo de Chefe de Polícia da mesma região. A referida comarca de Quixeramobim abarcava vasta extensão do território provincial, compreendendo, além da sede, os julgados das vilas de Maria Pereira (atual Mombaça), de São João do Príncipe (Tauá) e das povoações de Quixadá e Boa Viagem. Logo o seu desempenho ético e exigente o levaria a conflitos com o Executivo provincial e

com os potentados da comarca[1]. Parte então para a Corte e, só no final da sessão de 1835, exonerou-se da magistratura. Nesse segundo ano de mandato apresenta projeto propondo a redução do meio circulante para reestabilizar a economia e vai progressivamente assumindo atitude de oposição. Em 1836, tinha havido roubo no Tesouro Nacional e era Ministro da Fazenda Manuel do Nascimento Castro e Silva, deputado alencarista do Ceará. Suspeitando deste, Ibiapina apresenta indicação solicitando que o trono o substituísse por alguém mais competente. Na sessão de 1837, foi calma a sua atuação e constitui sua derradeira presença na política. Assinale-se que lhe foi oferecido um ministério e uma presidência de província, porém, declinou dessas nomeações, tal a sua decepção com a vida pública.

Findo assim o mandato de Deputado, abandonada a carreira da magistratura e frustado o casamento, Ibiapina veio viver no Recife. Resolve então dedicar-se à advocacia, com escritório num sobrado da Praça do Carmo e com atuação no foro da Capital e do interior. Antes, porém, inicia sua brilhante carreira de advocacia, atuando por dois anos na Paraíba, onde seu prestígio de criminalista assume cores de intensa popularidade, sobretudo depois de célebre defesa de pavoroso crime passional, cujo texto foi divulgado amplamente e comentado em jornais e revistas da época[2]. Continua a sua ação profissional no Recife por toda a década de 1840 a 1850, quan-

[1] Seria longo resumir aqui a intensa atividade da sua magistratura, em sua consciência ética, sua competência jurídica, seu sentimento de que aquelas funções significavam também uma educação social dos sertões semi-bárbaros, ou, nas palavras de um dos melhores estudiosos sobre o tema: «Dr. Ibiapina, durante apenas três meses de exercício de magistratura, deixou exemplo imorredouro de honradez, senso de justiça e coragem cívica. Não se limitou a julgar, mas incorporou aos deveres de juiz de direito as funções voluntárias de defensor da cidadania, instrutor da Constituição, orientador dos costumes públicos, educador do povo, civilizador dos sertões. Em tão pouco tempo, conseguiu fincar um marco indelével na história judiciária do Ceará.» (ARAÚJO, 1995: 86). Nesse sentido, é extremamente fecundo ler a correspondência trocada, nesse período, entre o Dr. Ibiapina e o Presidente da Província: ela constitui documento precioso tanto como expressão dessas duas personalidades, quanto na sua qualidade de retrato sociocultural da região.

[2] Cf., em apêndice, o texto de folheto de Cordel que relata essa ocorrência muitos anos depois, segundo a memória popular.

do consolida sua reputação intelectual e moral. Em 1850, ele tivera mais uma decepção: perdera uma causa. Devolveu os honorários ao constituinte, distribuiu seus livros jurídicos e abandonou a profissão.

Leva uma vida retraída em um sítio de sua propriedade, até decidir-se pelo sacerdócio, em 1853, aos 47 anos de idade. Propõe então ao Bispo Dom João Perdigão a sua intenção de ordenar-se padre, com uma condição: não se submeteria a exames. Isso foi no domingo, dia 12 de julho. O Bispo, a princípio, impugnou a proposta. Mas no sábado seguinte, dia 18, em virtude da intermediação de amigos, tomaria as ordens menores, e, no domingo, já seria subdiácono. Tudo foi feito em cerimônia privada. No domingo, 26 de julho, recebeu o presbiterado, celebrando a sua primeira missa no dia 29, na Igreja da Madre de Deus. Alterou seu nome civil, trocando o sobrenome Pereira pelo de Maria, passando a chamar-se Padre José Antônio de Maria Ibiapina.

O Bispo o nomeia Vigário Geral e Provedor do Bispado, e professor de Eloqüência do Seminário de Olinda. Tais cargos e honrarias não seduziam Ibiapina, que logo renuncia a eles para dedicar-se ao seu projeto missionário de viajar, doutrinar, educar e construir algo concreto para as populações abandonadas dos sertões nordestinos. E será esse o rumo que tomará sua vida até o fim dos seus dias.

Há notícias de sua presença na Paraíba, em 1856, ano da irrupção do cólera nessa província: ele constrói um cemitério para os pestosos, dando-lhe o nome de Soledade, que, mais tarde, constituiu o núcleo de povoação que veio a tornar-se a atual cidade de igual nome. Mas sua ação inovadora começa efetivamente a partir de 1860. Nessa década, Ibiapina por certo cruzou nos caminhos com outro pregador e construtor de igrejas, cruzeiros e cemitérios: o Padre Hermenegildo Herculano Vieira da Cunha. Segundo informa Celso Mariz, anteriormente aos dois, nos sertões da Paraíba, houve outros missionários: Frei Caetano de Messina (1843), Padre Manuel José Fernandes (1848) e o capuchinho Frei Serafim da Catânia (entre 1849 e 1853). Luís da Câmara Cascudo refere-se à passagem do missionário Ibiapina pelo Rio Grande do Norte, em 1860, quando fundou uma Casa de Caridade em Santa Luzia de Mossoró. Já o Presidente Francisco Araújo Lima, no governo da Paraíba em 1862,

quando irrompe a segunda epidemia de cólera na província, registra em sua fala à assembléia a ação de Ibiapina dirigindo a construção de uma casa de caridade em favor dos acometidos da doença, na cidade de Areia e na vila de Alagoa Nova. Ressalte-se que não se trata ainda das grandes Casas de Caridade que instituiu mais tarde para abrigo e educação sobretudo de meninas pobres. Estas constituirão, nalguns casos, imponentes conjuntos de edificações, misto de abrigo, orfanato, escola profissional, oficina e centro cultural. Aquelas que então construíra eram hospitais de emergência, face à multidão de atingidos pela epidemia. Mas esses mesmos edifícios de Areia e Alagoa Nova foram remodelados depois e se tornaram as Casas de Caridade dessas localidades.

Ele foi espalhando em vasta área da região tanto o seu influxo espiritual e moral quanto as obras materiais que ia construindo nas cinco principais províncias alcançadas por suas missões: Paraíba, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte e Pernambuco [ver mapa da área coberta por sua ação]. No início dos anos 60, quando dá corpo aos rumos de sua ação, funda Casas de Caridade em Santa Luzia do Sabugi (PB), em Angicos e Açu (RN), e em Barbalha (CE). Tais construções eram feitas em curto espaço de tempo, em virtude da multidão de pessoas e dos recursos que sua palavra mobilizava: a Casa de Caridade de Barbalha levou um mês; e na povoação de Caldas (CE), iniciou e concluiu um açude numa semana; em 18 dias, com um mutirão de 12.000 pessoas ergueu uma capela em Goianinha. Em fins de Agosto de 1862, chegou a Fortaleza, apresentou-se ao Bispo Dom Luís Antônio dos Santos e proferiu sua primeira pregação no Ceará. Continuou sua missão pelos povoados de Imperatriz (hoje Itapipoca) e, passando antes pelo povoado de São José, segue rumo a Sobral, sua terra natal, onde, a 27 de setembro iniciou uma Casa de Caridade, inaugurada no final de novembro e mais tarde (1864) ampliada com sala de aulas e um pavimento para hospital. Em fevereiro de 1863, instalou, em Sant'Ana do Acaraú, uma Casa de Caridade, vasta edificação de 15 janelas de frente.

Depois dessas missões e fundações, em Março de 1863, Ibiapina viaja de navio para Olinda e Recife. Mas aí não se demora, pois parte outra vez para a Paraíba, subindo a Borborema e descendo para os sertões baixos do Piranhas. Ainda no mesmo ano, pregou

em Catolé do Rocha e, no ano seguinte, fundou uma Casa de Caridade em Acari. Em Fevereiro de 1865, inaugura a Casa de Caridade de Missão Velha (CE), amplo edifício com uma roda de expostos ou de enjeitados e pavilhões para hospital. Prega depois em várias outras vilas e aldeias do Ceará. Faz uma volta pelo Rio Grande do Norte, visitando as fundações de Açu e Santa Luzia; inicia e deixa quase concluída a igreja matriz de Flores, chegando em Fevereiro de 1866 a Alagoa Nova (hoje Laranjeiras). Segue para Areia, onde prega e anuncia a próxima inauguração da Casa de Caridade de Santa Fé, em terras doadas pelo Major Antônio José da Cunha e sua mulher Dona Cândida. Esta Casa foi efetivamente inaugurada a 1º de maio de 1866 e constituirá o centro irradiador de sua obra, tanto que a escolherá para construir sua moradia e onde viverá os anos finais de sua existência. Depois de Santa Fé, ainda no mesmo ano, viajou a missionar, fundando a Casa de Caridade de Pocinhos e a de Pombas (hoje Parari), nos municípios de Campina Grande e São José do Cariri. Mantinha o seu estilo forte de pregação e partia à frente da multidão que o ajudava, dirigindo pessoalmente as reformas, a conservação, os melhoramentos ou as novas construções, retornando às vezes para fiscalizar e reparar fundações anteriores.

Em 1868, Ibiapina deixa em Barbalha uma igreja, um cemitério e uma cacimba d'água para o povo. Vai ao Crato e aí funda sua Casa de Caridade. No ano seguinte, retorna à Barbalha onde realiza várias construções: uma Casa de Caridade na cidade, e uma capela e um açude em Caldas, uma capela em Goianinha e outras obras em Porteiras. Ainda neste ano, no Ceará, constrói uma Casa de Caridade em Milagres, com anexos para hospital e asilo de inválidos; levanta igrejas nos povoados de São Bento e Brejo do Cuité; e constrói um açude em Serra da Mãozinha. Vem para a Paraíba e ergue a Casa de Caridade de Cajazeiras, em terreno cedido por outro grande apóstolo, o Padre Rolim; e, em prédio doado pelo vigário Marques Guimarães, instalou a Casa de Caridade de Souza. Permanece mais tempo em Cajazeiras, de onde parte a 9 de outubro de 1870 a fazer missões em Barra do Juá e em Souza.

Em 1871, atravessando o Ceará a pé, atinge o Piauí no mês de maio, chegando primeiro a Carnaibinha, cujo nome troca por Pio IX (hoje Patrocínio), levantando aí uma capela. Segue para Picos, onde edifica igreja e cemitério. Vai a Jacós e aí constrói cemitério e inicia

igreja. Das vilas do Piauí segue rumo a Ouricuri, Baixa-Verde e Flores. Em Pernambuco, Ibiapina tinha construído, em 1860, sua primeira Casa de Caridade, em Gravatá de Jaburu, e, em 1868, começara outra em Bezerros - esta só foi inaugurada em 1870[3]. De 1871 a 1873: a Casa de Caridade e hospital em Baixa-Verde (janeiro de 1871); igreja e cemitério em São Gonçalo; igreja e cemitério em Flores (Dezembro de 1871); igreja e açude em Santa Cruz; açude e cemitério em Mata-Virgem. Noutros povoados, repara templos, caminhos, cemitérios, etc., deixando marcas de sua presença por onde passava.

Em Junho de 1872, Ibiapina chega a Santa Fé, de retorno de sua longa caminhada missionária até o Piauí, de onde regressou pelo interior de Pernambuco e entrando enfim na Paraíba. Em Julho, constrói açude em Soledade e a 15 de agosto, instala a Casa de Caridade de Cabaceiras (PB). Dejulho de 1872 a Dezembro de 1873, realizou outro período de missões e fundações sobretudo na Paraíba. Depois, só a partir do final de Setembro de 1875, Ibiapina se dispõe à nova excursão apostólica pelos sertões, chamado pela difícil situação da Casa de Caridade de Baixa-Verde (PE). Por esse tempo, vinha ele sofrendo sérios achaques. Em especial, suas crises freqüentes de asma. Realiza, todavia, obras e sai a pregar por inúmeros povoados até chegar a Baixa-Verde (hoje Triunfo). Daí, preparou-se para retornar a Santa Fé, que, desde 1873, escolhera para residência e repouso na velhice. Contudo, sofreu uma congestão cerebral a 30 de dezembro. A 7 de janeiro de 1876, partiu de volta. Seu estado era grave. Estava no quarto dia de caminhada, quando o vigário de

[3] Em Fortaleza, o jornal *Pedro II*, de 11 de novembro de 1870, dá a seguinte notícia: «***O Rvd. Ibiapina.*** — *O Jornal do Recife noticiou que o Rvd. Padre Dr. José Antonio Maria Ibiapina, secundado pelo vigario Trajano de Figueiredo Lima, tinha fundado na povoação de Bezerros um asylo destinado aos orphãos desvalidos. A inauguração teve lugar no dia 11 de setembro ultimo. O custo do edificio, bastante espaçoso com sufficientes accomodações, é orçado em cerca de 50:000$000. Achavam-se já recolhidas ao asylo 25 orphãs. No dia da inauguração, dirigindo-se o Rvd. Ibiapina ao povo, que o cercava, pedio que cada um desse uma esmola, conforme os seus recursos, para a casa de caridade. Inmediatamente forão recebidos 415$000, e 72 cabeças de gado foram promettidas e inscriptos os nomes dos doadores para a creação de uma fazenda, que sirva de patrimônio ao asylo.*» [Cf. hemeroteca da Biblioteca Pública do Estado do Ceará].

Cajazeiras, Padre Vieira, decidiu levá-lo para Bom Conselho, onde demorou por dois meses. Chegou à Santa Fé em abril, depois de um mês de penosa marcha. Foi a derradeira viagem de Ibiapina.

Seu estado se agrava, sobrevindo uma paralisia das pernas que o prende ao leito ou à rústica cadeira de rodas. É daí que continuará escrevendo, aconselhando e provendo suas Casas de Caridade. Nessa condição enfrenta os terríveis anos da Seca de 1877 a 1879. Em 1878, institui oficialmente, com declaração passada em cartório, um pedinte para cada Casa de Caridade, com o encargo de recolher doações, a fim de salvar seus protegidos e os que ali buscavam sobrevivência. Seu estado de saúde vai piorando progressivamente até sua morte às 15 horas do dia 19 de fevereiro de 1883, em Santa Fé, onde estava recolhido desde 1876.[4]

Apreciação Historiográfica

Estranho destino este que acompanha a posteridade das personalidades que se destacam por sua atuação junto ao povo: a literatura a seu respeito tende a seguir quase inexoravelmente duas vertentes - a dos *apologistas* mais ou menos fanáticos ou ingênuos, e a dos *detratores* com maior ou menor grau de paixão negadora. Mas os líderes são assim; dividem opiniões e sentimentos, arrastando uns e provocando repulsa noutros. São figuras humanas nascidas do e para o conflito, especialmente no campo religioso que, como o político, tende naturalmente para o antagonismo e o sectarismo, no sentido etimológico desses termos.

Não foi outra, por exemplo, a sina do Padre Cícero. Até hoje não se compreendeu com equilíbrio e rigor o sentido do *milagre* de Juazeiro e são de fato raras as obras de boa historiografia que atravessem o período de sua existência clareando a real significação e o alcance dessa figura contraditória. Com o Padre Ibiapina, porém, embora não tenha gozado das simpatias sinceras de alguns mem-

[4] O roteiro aqui exposto segue fundamentalmente as notas que tomei nas obras de NOGUEIRA (1888), MARIZ (1942) e ARAÚJO (1995).

bros da hierarquia eclesiástica da região, esse destino que acompanha os líderes religiosos se tornou mais estranhável: existe ampla unanimidade na encomiástica literatura que se acumula acerca do homem e da obra missionária que desenvolveu. Posto não seja alentada essa produção, outra de suas marcas está em que seus autores tendem a repetir com monotonia os mesmos dados extraídos de uma fonte eleita como mais fidedigna[5] e a reproduzir o mesmo perfil temático da obra que se imponha como paradigma[6].

Com efeito, os trabalhos que pretendem dar conta da existência, da atividade e da influência dessa singular figura de missionário sertanejo que foi Ibiapina mostram forte inclinação para realizar o clássico modelo do gênero «vida dos varões ilustres» ou, o que é pior, deslizar no rumo da *légende dorée* heroificante, típica da hagiografia tradicional católica. Lamentavelmente, o Padre Mestre não consegue fugir desses louvadores perenes que pouco contribuem para justa avaliação de uma personalidade rica e multiforme como a sua. E, assim, o movimento que se faz hoje, no Ceará, com vistas à sua canonização parece inevitavelmente escorregar nessa direção, tanto mais contraditório quanto ele parte de uma instituição que sempre, historicamente, buscou preservar suas formas de poder e teve pouca tolerância e compreensão para com suas figuras proféticas ou carismáticas; só muito posteriormente procurando recuperar «o doce espírito cristão», que o confronto coetâneo excluiu ou deturpou; foi assim também, mais tarde, em relação ao Padre Cícero, duramente controlado pela intransigência romanocêntrica de Dom Joaquim José Vieira, como, antes, ocorreu, em menor grau,

---

[5] É o caso do escorço biográfico de Ibiapina por Paulino Nogueira, saído na *Revista do Instituto do Ceará*, de 1888, Anno II, Tomo II, 3º trimestre, pp. 157-220 [Fortaleza: Typ. Economica].

[6] No caso, é inegável que se trata de *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*, do pesquisador paraibano, Celso Mariz, publicado por União Editora, em João Pessoa, em 1942. Sob certos aspectos, especialmente na compreensão da época e na busca cronológica dos fatos que compõem a existência do Padre Mestre Ibiapina, é esta uma das obras mais completas. Muito posteriormente, surgiu trabalho mais minucioso e mais amplo no que tange às fontes e fatos, que é o livro do Pe. F. Sadoc de ARAÚJO: *Padre Ibiapina, Peregrino da Caridade*, Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1995.

mas de forma incisiva, com relação ao Padre Ibiapina da parte de Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará[7].

Forneço dois exemplos simples desses fatos. O primeiro, eu o respigo em Dom José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral no Ceará, que, não obstante demonstrar clara simpatia por Ibiapina e dedicar quase três dezenas de páginas sobre sua vida e suas missões na região norte do Estado, faz este comentário, bem integrado ao espírito institucional dominante à época e cuja forte marca perdura ainda hoje: «*Por ocasião das Missões fundou o grande Missionário uma associação de "beatas", que se revestiam de uma especie de habito religioso, com um grande véo ou lençol branco na cabeça, e residiam nas proprias casas [de Caridade]. Nesse ano [1862] veio a Sobral o 1º Bispo do Ceará, D. Luis Antonio dos Santos, que não aprovou a devoção do tal habito, como se vê no Provimento deixado no Livro do Tombo da Freguesia...*»[8] Assinale-se, no texto do bispo-historiador, o termo «associação» e as aspas sobre *beatas,* recursos que demarcam a distinção face à *ordem* religiosa canônica e às *freiras* oficialmente aceitas pela instituição.

O outro exemplo parece-me ainda mais expressivo. Eu o tomo de Irineu Pinheiro, historiador do Cariri. Em 2 de fevereiro de 1865, o Padre Ibiapina inaugura a Casa de Caridade de Missão Velha, a primeira do sul da Província, o Cariri cearense ou Cariri Novo como era chamado então, no início de suas missões nessa região. Em 1869, ele intensifica de forma impressionante sua atividade apostólica ou reevangelizadora, de modo que de março a junho, dentre outras obras, ele constrói as Casas de Caridade de Crato, de Barbalha e de Milagres. Pelos dados de sua biografia atribulada e da energia realista e prática com que investiu seu projeto missionário sertanejo,

---

[7] A província do Ceará, como a do Rio Grande do Norte e a da Paraíba, pertencia à diocese de Pernambuco, de que se autonomiza com a criação do seu próprio bispado e respectiva diocese em 1853; Dom Luís a assume 1861 e aí permanece até 1879. A sede fica vacante até a vinda do segundo bispo, Dom Joaquim José Vieira (1884-1912).

[8] Cf. sua *História de Sobral,* 2ª ed., Fortaleza: Edit. Henriqueta Galeno, 1974, p. 256. As expressões de esclarecimento entre colchetes, na citação, são minhas.

não é difícil imaginar o empenho e a esperança que depositou nessas realizações, que possuíam claro sentido de valorização das camadas subalternas; de igual modo, não há dificuldade em supor as incompreensões, conflitos e invejas que, por certo, despertava a autonomia dessa ação itinerante e relativamente fora dos quadros institucionais. Registre-se, paralelamente, o fato que, a 24 de janeiro de 1871, D. Luís Antônio dos Santos mandara fechar a igreja de S. Vicente, no Crato, em virtude de terem alguns leigos, à revelia do vigário, presidido a novenas dentro da capela, acompanhadas de músicas e cânticos. Registre-se ainda que, no ano seguinte (1872), no dia 11 de abril, chegava a Juazeiro, no Cariri[9], como capelão, o Padre Cícero Romão Batista, que também se tornaria mais tarde figura de contradições face a uma hierarquia romanizada e ciosa de sua autoridade. Pois bem, no segundo semestre deste ano, em documento endereçado aos irmãos, beatos e irmãs das Casas de Caridade do Cariri Novo (Missão Velha, Crato, Barbalha e Milagres), advertiu o Padre Ibiapina ter passado ao Bispo do Ceará, o mesmo

[9] Importa assinalar que, neste mesmo ano, circula também aí Antônio Vicente Mendes Maciel, o futuro Conselheiro, que também já ouvira suas pregações em Sobral. Não é difícil supor o enorme influxo que a ação missionária do Padre Ibiapina teve sobre o espírito desses dois líderes religiosos (Conselheiro e Cícero), que ocuparão o cenário ulterior dos sertões nordestinos. Nertan MACEDO afirma explicitamente essa filiação espiritual, quando, ao comentar uma declaração de Floro Bartolomeu acerca das práticas dos penitentes do Cariri que envolviam povo e sacerdotes, ele sustenta: *«Faziam, é certo, o que antes já fizera o Padre-Mestre José Antônio Maria Ibiapina, cujas prédicas e cilícios, no século XIX, tanta influência exerceriam sobre reverendos e beatos do sertão. Seria o Padre-Mestre imitado, não apenas por sacerdotes, como Félix de Moura e Félix Arnaud, mas pelo próprio Padre Cícero, como o fora antes, e de maneira completa, por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro. A penitência, nos sertões, era uma herança de Ibiapina, cujo exemplo encalça, permanentemente, a figura sombria do Conselheiro. Quanto mais nos debruçamos sobre essa história do misticismo sertanejo, mais assinalamos pontos de contato, mais semelhanças descobrimos, entre o rude beato de Canudos e o Venerável Padre-Mestre dos Sertões. Antônio Vicente Maciel, (...), o homem de Canudos é, em vida, uma sombra, um reflexo, uma imitação de Ibiapina. (...) Os mesmos traços de identidade, na ação apostólica, caracterizariam o beato e o sacerdote pregador. Recorda, a propósito, José Calasans que o Conselheiro conduzia consigo, sempre, as imagens do Crucificado e de Nossa Senhora, e as dava a beijar, aos fiéis, recolhendo esmolas. O beija das imagens era, também, ato comum nas missões de*

D. Luís Antônio, a direção das referidas Casas. Tal documento, carregado de significação, termina nestes termos que lembram vagamente uma certa *Epístola aos Gálatas*: *«Irmãos, eu não procuro honras de instituidor, quero que se beneficie a humanidade desvalida, como é a orfandade, principalmente na minha terra; portanto sejamos todos felizes e eu sou também. Adeus, bom povo do Cariri Novo, eu vos abraço sem exceção porque de todos vós recebi testemunhos de amor e simpatia, que bem se conhecia que vosso coração era meu, como o meu era e é vosso. (...)adeus gentes todas dessa terra de onde sou retirado por altos juízos de Deus, para que sofra o coração que gozou as ternuras do amor da pátria e as doces consolações da amizade. Beijo este papel e nele fecho meu coração para ser visto nestas poucas palavras pelo bom povo do Cariri Novo. Padre Ibiapina. Cravatá, 16 de setembro de 1872.»* [10]

* * *

Mas retomo o meu comentário sobre a construção histórica da imagem do Padre Ibiapina, que se depreende da literatura a seu respeito. Ora, como o que acima ficou dito pode insinuar algo que não pretendi afirmar ou ocultar, apresso-me a completá-lo, subli-

---

Ibiapina. (...) Da mesma forma, ainda, que o Padre-Mestre, o Conselheiro mandava queimar, publicamente, montes de xales, vestidos, saias, chapéus, sapatos de trança e outros atavios da moda naquele tempo. A primeira informação de que se tem notícia, aliás, sobre a sua estranha e fascinante figura, foi publicada, a 27 de junho de 1876, no Diário da Bahia, que o descreve como "quase uma múmia". Obrigando – afirma o mesmo jornal – as mulheres a cortar o cabelo e a queimar xales e botinas como objetos de luxo. (...) A mesma temosia, a mesma irredutibilidade, os mesmos hábitos e maneiras de ser dos seus dois conterrâneos: José Maria Antônio Ibiapina e Cícero Romão Batista.» [Cf.: *Floro Bartolomeu*. O caudilho dos beatos e cangaceiros. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image, 1970, pp. 44-46]. Desejo fazer um reparo a um ponto em que o autor exagera quanto à influência do Padre Ibiapina - quando afirma ser a penitência nos sertões uma herança sua: não há suficiente suporte histórico para tal assertiva; pelo contrário, existem bastantes evidências de ser essa prática antiga na Europa e introduzida entre nós em tempo bem anterior ao Padre Ibiapina [Cf., por exemplo, o estudo do Abbé BOILEAU: *Histoire des Flagellants*. Le bon et le mauvais usage de la Flagellation parmi les chrétiens – 1701. Reedição: Montbonnot-St. Martin: Jerome Millon, 1986].

[10] Cf.: PINHEIRO, Irineu: *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963, pp. 156-157.

nhando a importância do feliz rumo que as pesquisas históricas sobre o tema têm tomado, sobretudo a partir da colaboração trazida pelos trabalhos recentes de Eduardo Hoornaert, seus próprios estudos ou aqueles que coordenou. Refiro-me em particular ao esforço crítico que durante quase duas décadas ele desenvolveu para reconstituir preciosa documentação original e recompor fontes bibliográficas sobre o Padre e as Casas de Caridade, agora disponível em livro[11]. Completa esse trabalho o Simpósio que E. Hoornaert dirigiu no centenário da morte de Ibiapina (1983), no quadro dos trabalhos da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina - CEHILA, e que foi editado no ano seguinte com a cooperação de Georgette Desrochers e com colaborações de Dom José Maria Pires, João Alfredo de S. Montenegro, José Francisco Pinheiro, Vinicius Barros Leal, Eduardo Hoornaert, Frei Hugo Fragoso, Luitgarde Oliveira C. Barros e José Comblin.[12]

Não pretendo obviamente elaborar aqui uma apreciação desses trabalhos mais recentes. Quero apenas ressaltar que, sem desconhecer as colaborações dos demais, merecem especial referência as observações contidas nos estudos de Comblin e Hugo Fragoso, pois ambos buscam apreender, a partir da documentação disponível, o sentido missionário de Ibiapina, que se realiza menos pelo discurso e mais pela atitude prática e concreta para com o povo que evangeliza, assim como as peculiaridades da cultura local que se exprime nas formas de vida religiosa das beatas e beatos do sertão nordestino. Mas é particularmente Eduardo Hoornaert quem rastreia, com agudo faro e ousadia, os percursos indígenas da área geográfica recoberta por sua ação, bem como o sentido de brasilidade regional que ela realiza - face ao desenho institucional romanizado de velha inspiração tridentina da Igreja hierárquica de sua época -, onde se destacam: a luta contra a fome e a doença mediante a construção de

[11] Cf.: *Crônica das Casas de Caridade*. Fundadas pelo Padre Ibiapina. Edição e introdução de Eduardo Hoornaert. Transcrição do manuscrito e notas de Ildefonso Silveira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

[12] Cf.: *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*, São Paulo: Edições Paulinas, 1984 (anexos: documentos originais).

abrigos, de escolas, de açudes, de cemitérios, de hospitais, e a insistência no trabalho e na dignidade de todos, a luta contra o desamparo da mulher e da orfandade, o combate contra a desagregação sociopolítica das áreas sertanejas, a revalorização da herança indígena, etc. Assinalo, porém, que há alguns descuidos nos balizamentos cronológicos básicos que se acham nos textos de Eduardo Hoornaert, tanto mais estranho quanto mesmo uma simples consulta ao livro de Celso Mariz ou ao célebre *Diccionario* do Barão de Studart[13] serviria para bem registrá-los.

Outro reparo que não deve ficar sem assinalar reside no fato que nenhum desses estudos mais recentes aproveitou as pistas abertas pelos comentários que faz Gilberto Freyre sobre a significação e o alcance sociocultural do desempenho de Ibiapina, apoiando-se na leitura da obra de Celso Mariz. De fato, na «Introdução» da segunda edição de seu *Sobrados e Mocambos*, G. Freyre[14] destaca alguns aspectos da obra e da personalidade de Ibiapina, que ele considera como sendo *«talvez, a maior figura da Igreja no Brasil, do ponto de vista do Catolicismo ou do Cristianismo social»*. Assim, é possível por em destaque, além de seu culto à Maria e de outras características da devoção tradicional, seu senso ecológico-sertanejo e sua consciência de nacionalidade regional, seu maternalismo, a relativa democracia ou igualitarismo das Casas de Caridade em contraste com o autoritarismo dominante, sua concepção pedagógica simultaneamente intelectual e prática (educação doméstica, agrícola e artesanal), o trabalho com os pobres evitando confrontar a incompreensão de Bispos e de potentados, sua aguda percepção da desintegração do sistema senhorial, seu anti-escravismo (nas Casas só havia trabalhadores livres e até as pensionistas realizavam as mesmas tarefas que os demais), a sua confiança nas mulheres e na sua valorização, suas convicções políticas liberais, etc.

---

[13] Cf.: *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. Reedição da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1980 [fac-similada a partir da edição original em 3 vols.: Fortaleza, Typo-Lithographia a Vapor, 1910, 1913 e 1915].

[14] Cf.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, 1º vol., pp.; 87-95.

Enfim, a longa vida ativa e a marcante obra do Padre Ibiapina (1806-1883) está a exigir ainda muito trabalho de pesquisa e um esforço de interpretação mais abrangente, que, sobretudo, reconstrua amplamente as dimensões da realidade em que ele viveu e atuou, e que recobre, cronologicamente, quase todo o século XIX assim como possui implicações em escala nacional. Por outro lado, é mister não desconsiderar as marcas psicológicas que experiências dolorosas de sua adolescência e juventude por certo deixaram em sua personalidade, e que imprimiram rumos em suas decisões pessoais. O trabalho de Celso Mariz, que continua a ser um dos melhores esforços nesses dois planos, começa dizendo honestamente que Ibiapina «merecia um olhar mais competente», assim como aponta as lacunas que não conseguiu preencher e o caminho da tarefa que resta por realizar.

NOTA: Esta versão preliminar de um estudo em elaboração resumiu-se ao espírito de uma comunicação para o Grupo de Trabalho-20 «Religião e Sociedade», do *XX Encontro Anual da ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS*. Faltam partes substanciais ao texto, ou seja, maior desdobramento do exame da vida e da obra do Pe. Ibiapina, sobretudo no que tange à sua influência sobre a estirpe de Conselheiros que vieram após - hipótese central deste trabalho.

Bibliografia

ALMEIDA, José Américo de: 1980. *A Paraíba e seus Problemas*. 3. ed. Introdução de José Honório Rodrigues. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

ANNAES DO PARLAMENTO BRASILEIRO - CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS. 1879. *Primeiro Anno da Terceira Legislatura* - Sessões de 1834 a 1837, oito tomos, coligidos por Antonio Pereira Pinto. Rio de Janeiro: Typographia de H. J. Pinto.

ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de. 1995.*Padre Ibiapina, Peregrino da Caridade*. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará.

BEVILACQUA, Clóvis. 1927. *História da Faculdade de Direito do Recife*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

BRÍGIDO, João. 1919. *Ceará: Homens e Factos*. Rio de Janeiro: Typographia Besnard Frères.

CARVALHO, Gilberto Vilar: 1983 «Padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo», *REB*, março.

CASCUDO, Luís da Câmara. 1940. «Padre Mestre Ibiapina no Rio Grande do Norte», jornal *A República*, Natal, 9 de Junho.

DESROCHERS, Georgette e HOORNAERT, Eduardo (orgs.). 1984. *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*. São Paulo: Edições Paulinas.

DUARTE, Monsenhor José Paulino. 1915. *O Padre Ibiapina*. Paraiba do Norte: Typ. Pernambucana.

FRAGOSO, Frei Hugo. 1980. *A Igreja na Formação do Estado Liberal (1840-1875), in* BEOZZO, J. Oscar (cord.). *História da Igreja no Brasil*. (Ensaio de interpretação a partir do povo). Segunda Época: A Igreja no Brasil no século XIX. Petrópolis: Vozes.

FREYRE, Gilberto. 1951. *Sobrados e Mocambos*. (Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano), 2. ed., 2 vols. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora.

FROTA, Dom José Tupinambá da. 1974. *História de Sobral*, 2ª ed. Fortaleza: Edit. Henriqueta Galeno.

HOORNAERT, Eduardo (ed.). 1980 *Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina*. Edição e Introdução Geral de Eduardo Hoornaert. Transcrição, introdução ao texto e notas de Ildefonso Silveira. São Paulo: Edições Loyola.

JOFFILY, Geraldo Irineo. 1977. *O Quebra Quilo*. (A revolta dos matutos contra os doutores - 1974). Brasília: Thesaurus.

LIRA, João Mendes. 1976. *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina*. Sobral (CE): s/ed.

MARIZ, Celso. 1942. *Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste*. João Pessoa: União Editora.

MENEZES, Djacir. 1970. *O Outro Nordeste*. (Ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais), 2. ed. refundida e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Artnova.

NOGUEIRA, Paulino. 1888. «O Padre Ibiapina», *Revista Trimestral do Instituto do Ceará,* Anno II, Tomo II, 3º trimestre, pp. 157-220.

PINHEIRO, Irineu. 1963. *Efemérides do Cariri.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.

SOUTO MAIOR, Armando. 1976. *Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do Império.* Col. Brasiliana - 366. São Paulo: C.E.N.

SANTOS, Rinaldo dos: 1983. *A Revolução Nordestina - 1: A Epopéia das Secas (1500-1983).* Recife: Editora Tropical.

SOUZA, Itamar de e MEDEIROS FILHO, João. 1980. *Os Degradados Filhos da Seca.* (Uma análise sócio-política das secas do Nordeste). Petrópolis: Vozes.

STUDART, Dr. Guilherme (Barão de Studart): 1980. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense,* 3 vols. Fortaleza: Edições UFC. [Edição fac-similada da original em 3 tomos, Fortaleza: Typo-Lithographia a Vapor, 1910, 1913 e 1915].

APÊNDICE

O Dr. Ibiapina na fala do povo

A célebre defesa, de um réu condenado à morte por crime passional, feita pelo Dr. José Antônio Pereira Ibiapina, a 18 de Março de 1838, quando atuava como advogado na cidade de Areia, na província da Paraíba do Norte, foi motivo de muito comentário, artigos, crônicas, etc., em jornais, revistas e livros. Muitos anos depois, João Melquíades Ferreira da Silva, poeta popular nascido em Bananeiras (PB), em 7 de Julho de 1869 e falecido em João Pessoa aos 10 de Dezembro de 1933, fez a narrativa desse evento num folheto de Cordel, que transcrevo a seguir. Ele é o autor, entre muitos outros folhetos, de uma das mais conhecidas versões do *romance* «O Pavão Misterioso», plagiado da história original escrito por José Camelo.

01. Ninguém se julgue infeliz,
Nem desanime da sorte,
Viu-se no Brejo da Areia
Da Paraíba do Norte,
Um réu escapar da forca
Já sentenciado à morte.

02. Quando o padre Ibiapina
Ainda era doutor
Que depois disso ordenou-se
E foi grande pregador
Se foi bom advogado
Ainda foi melhor pastor.

03. Tinha no Brejo de Areia
Um rapaz que enjeitado
Um homem achou-o no campo
Morrendo desamparado,
Que nem sequer o umbigo
Quem deixou-o tinha cortado.

04. A esposa desse homem
Nunca um filho concebeu
Criou Francisco José
Adotou-o por filho seu
Tanto que um sítio que tinha
Deixou-lhe quando morreu.

05. Então Francisco José
Era um rapaz sem defeito,
Trabalhador e honrado
Andava sempre direito
Não tinha fortuna alguma
Mas era satisfeito.

06. O comendador Veloso
Alma negra e nodoada,
Senhor de grande fortuna,
Porque o caráter dele
[falta um verso aqui]
Pensava menos que nada.

07. Esse monstro era viúvo
Tinha uma filha somente,
E namorava-se dela
Achou mais conveniente,
Casá-la com rapaz pobre
Que gozava facilmente.

08. Pensava ele consigo
Não há cálculo tão sexteiro
Dou-a a um rapaz branco e pobre
Que não falta aventureiro
Que veja e faça que não
Com ambição no dinheiro.

09. Porém o cálculo do mau
É muito raro acertar
O maldoso tem consigo
A testemunha ocular
Faça ele o que quiser
Ela tem que revelar.

10. Foi ao Francisco José
Com as armas do traidor
E lhe disse: você é
Honesto e trabalhador
Quer casar com minha filha?
Disse-lhe ele não senhor.

11. O comendador não sabe
Que eu fui um enjeitado
[falta um verso aqui]
Meu futuro é o trabalho
E não pretendo casar-me
Com filha de potentado.

12. O senhor procure um desses
A quem a fortuna
[falta um verso aqui]
Prefiro uma moça pobre
Só desejo encontrar nela
Um caráter limpo e nobre.

13. Disse-lhe o comendador
Rapaz disso tudo eu sei
Minha filha não tem mãe
A tempos enviuvei
Estou caindo na idade
Não sei quando morrerei.

14. Não quero dá-la a um Doutor
Que não saiba trabalhar
Porque faltando-lhe carta
Ele não pode passar
Se tiver família grande
Pede esmola ou vai furtar.

15. O assassino da honra
Tanto fez e seduziu
Com as formas do demônio
O miserável iludiu
Agora vejam onde foi
Que o inocente caiu

16. Casou Francisco José
Achou sua esposa pura
Muito rica de dinheiro
Gado, terra, escravatura,
Carneiros, cavalos e burros
Tinha com grande fartura.

17. Francisco José então
Tomou conta do que havia
As seis horas da manhã
Com os escravos saía,
Mandavam levar-lhe almoço
Ele no campo comia.

18. Quando ele voltava a tarde
Vinha sempre carregado
Com feijão, milho e batata
Quando havia roçado
Sempre, trazia nos ombros
Um cesto grande e pesado.

19. Sua mulher costumava
Esperá-lo todo o dia
E retirar-lhe dos ombros

20. Um dia numa hora dessa
Francisco José chegou
Não encontrando a mulher

O peso que ele trazia
Com aquele fingimento
Diariamente o tinha.

Abriu a porta e entrou
Sua mulher com o pai
Em adultério os achou.

21. Mais rubro do que a brasa
Que do fogareiro sai
Com o furor do curisco
Que da atmosfera cai
Disparou uma espingarda
Matando a filha e o pai.

22. Ele morreu logo ali
Ela 3 dias durou
E confessou ao juiz
Os planos que o pai formou
E dando toda razão
Ao marido que os matou.

23. Francisco José já tinha
Entregado-se à prisão
Ela pediu ao Juiz
Que por sua intervenção
Procurasse do marido
Alcançar o seu perdão.

24. Porém Francisco José
Disse ao Juiz de Direito
O que fizeram de mim
Eu acho que está bem feito
Porém um pedido dela
Eu morro mas não aceito.

25. Os parentes do Veloso
Povo muito interesseiro,
Não sentiram a morte dele
Mas, pensava no dinheiro
E dizia fica tudo
Para aquele aventureiro.

26. Peitaram toda justiça
Para o réu ser condenado
Garantindo dividir
A terra, o dinheiro e o gado
Escravos, casas e jóias
Estava tudo arrumado.

27. Desaparecendo o réu
Era um inventário feito
Por serem herdeiros legítimos
Parentes tinham direito,
Então ajuntou-se tudo
E foram procurar jeito.

28. Logo no primeiro júri
O réu teve votação
Teve todos os doze votos
O Juiz como um dragão
Negou o alvará ao réu
Apelou para a relação.

29. A relação que (d)o crime
Tinha algum conhecimento
Mandou que metesse o réu
Em segundo julgamento
Tornou a ter doze votos
Foi o mesmo seguimento.

30. Tornou a ter apelação
Dada pelo Promotor,
Apelou segunda vez
O Tribunal Superior
O Tribunal resolveu
Júri desempatou.

31. Ao terceiro julgamento
Foi o réu submetido
Porém a justiça fez
Um júri bem escolhido
Condenaram o réu à morte
Por meio desconhecido.

32. Então condenaram sempre
O infeliz enjeitado
Ali depois de 3 dias
Ia ser ele enforcado
Cada parente do morto
Já tinha o cálculo formado.

33. Estava o Juiz de Direito
O Promotor e o escrivão
E os parentes do morto
Com grande satisfação
Cada um que projetasse
Escolher melhor quinhão.

34. O réu não dizia nada
Ouvindo a sentença ler
Disse apenas: pouco importa
Uma vida se perder
Vinguei a maior injúria
Que um homem pode sofrer.

35. Uns nascem para viver
Eu nasci para a guilhotina
Estava o réu n'aquela hora
Pensando na triste sina
Quando chegou na cidade
O Doutor Ibiapina

36. Um soldado disse ao réu
Que o mandasse chamar
E disse, aquela sentença
Ainda se pode anular
O Doutor Ibiapina
Querendo o pode salvar.

37. Disse o praça: eu vou chamá-lo
O réu lhe disse: Pois vá
Diga-lhe que mando pedir-lhe
Que se puder venha cá
Socorrer um infeliz
Que nem sequer pode ir lá.

38. O praça foi ao hotel
Onde ele estava hospedado
E disse-lhe: senhor doutor,
Venho trazer-lhe um recado,
Um réu pede que o socorra
Por Jesus Sacramentado!

39. Que réu é o que me chama?
Perguntou ele ao soldado
É um miserável triste
Que hoje vai ser enforcado
Ali contou todo o crime
Da forma como foi passado.

40. O Doutor Ibiapina
Exclamou: que coisa feia
Oh! que questão pavorosa!
É esta que me rodeia
Aí, pegou no chapéu
Se dirigiu a cadeia.

41. Ainda o júri trabalhava
Ibiapina chegou
Dirigiu-se a sala livre
Pediu licença e entrou
Que deseja cavalheiro?
O Juiz lhe perguntou.

42. Desejo ler a sentença
De um réu que foi condenado
Disse o Juiz de Direito,
O réu foi sentenciado...
Eu quero ver o processo
Disse-lhe o advogado.

43. Disse o Juiz de Direito
Depois de examinar
Com quem eu tenho a honra
Meu amigo, de falar?
O Doutor Ibiapina.
Disse o Juiz: pode entrar.

44. Mas com relação ao réu
Não se pode arrumar nada
Já foi a sentença dada
Por mim e o Promotor.
Foi aceita e assinada.
[falta um verso aqui].

45. Disse-lhe Ibiapina
Faz o favor de mostrar
Eu quero ver o processo

46. Mande julgá-lo de novo
Eu sou seu advogado,
Um réu com esse processo

Preciso o examinar
Eu sou defensor do réu
Tenho razão de falar.

Não pode ser condenado
Mate-o, porém com a lei
Assim não, está errado.

47. Veio o pobre réu, de novo
Chegou de ferros, pesado,
Ibiapina ali disse:
Eu nunca vi ser julgado
Em parte alguma do mundo
Um ente tão desgraçado!

48. Todo o homem tem um pai
Que o vendo sofrer, se importe
Que fale por ele e alegue
O revez de sua sorte;
Só um miserável deste
Disse apenas: Réu de morte.

49. Se teve mãe não se lembra
Se teve pai nunca o viu
Hoje, tão árdua sentença!...
Senhores, em que caiu?
N'um desgraçado que a sorte
Em sua face cuspiu

50. N'um homem sem eloqüência
Ninguém por ele afigura
A quem se pode chamar
Uma infeliz criatura!
Só abraça a miséria
Só escolhe a desventura.

51. O Promotor levantou-se
E a palavra pediu
Disse-lhes: Senhores jurados,
Deus é testemunha e viu
Duas vidas preciosas
Que esta fera concluiu.

52. Este monstro, este danado
Aborto da natureza,
Me parece ainda ver nele
Sinal de sangue na presa
Não sei como dum monstro deste
Um homem ainda faz defesa.

53. Eu confio que os jurados
Confirmarão a sentença,
Vós todos estão a par
Da barbaridade imensa
Quem proteger esta fera
É provado que não pensa

54. O Ibiapina ergueu-se
Encolerizado disse:
O ilustre Promotor
Deve ser mais moderado
Não precisa ofender tanto
Quem já está tão maltratado.

55. Digam senhores jurados
Qualquer de vós o que faria?
Se esta sorte negra e escassa
Atacasse a vós um dia?
O que este réu obrou
Qual de nós não obraria?...

56. Este homem n'aquela hora
De que forma não ficou?
A mulher em adultério
Da forma que ele achou
Disparando uma espingarda
A ambos os monstros matou.

57. O Pai de sua mulher
Ele nunca esperaria
A pessoa que o marido
Sua mulher mais confia
E esse não respeitar
O que mais sagrado havia!

58. O Promotor disse ali:
Seu colega está aprovado,
Este monstro é assassino
E peca o advogado
Que ainda procura meios
De salvar tal desgraçado.

59. Peço aos senhores jurados
Não atendam atenuantes
Confirmem a pena de morte
Não pensem mais um instante
Esta fera é como lobo,
Urso, hiena, assim por diante.

60. Disse-lhe Ibiapina
O ilustre Promotor,
Admira-me bastante
Estas frases do senhor
O réu também é um homem
Como eu e o doutor.

61. E seja a morte do réu
Como pediu neste instante
Prove primeiro se o crime
Tem circunstância agravante
Não sentença de morte
Havendo um atenuante.

62. Na Itália e na Inglaterra
Países civilizados
Nos casos de adultério
Que têm sido encontrados
Os maridos matam as mulheres
Que só assim são vingados.

63. Veja o grande Melo Freire
Criminalista instruído
Jurisconsulto europeu
Dá direito ao marido
Para matar sua esposa
Sendo por ela traído.

64. Saiba ilustre Promotor
Que nós por sermos formados
Vestimos bom pano fino
Somos por todos cercados
Não estamos livres de cair
Em momentos desgraçados.

65. Podem julgá-lo juizes
Descarreguem a consciência
Algum há de ter mulher
E a mulher é uma essência
E botem n'uma balança
Maldade, abuso e inocência.

66. Já bem vês homem infeliz
Eu gemo com tua dor
Pois sou sensível aos teus males
Sinto também seu clamor
Porque nunca vi alguém
Que fosse tão sofredor.

67. Meus olhos gotejam lágrimas
Pela tua sorte dura
Recomenda a tua alma
A Maria Sacra e Pura
Me parece estar te vendo
Descendo a sepultura.

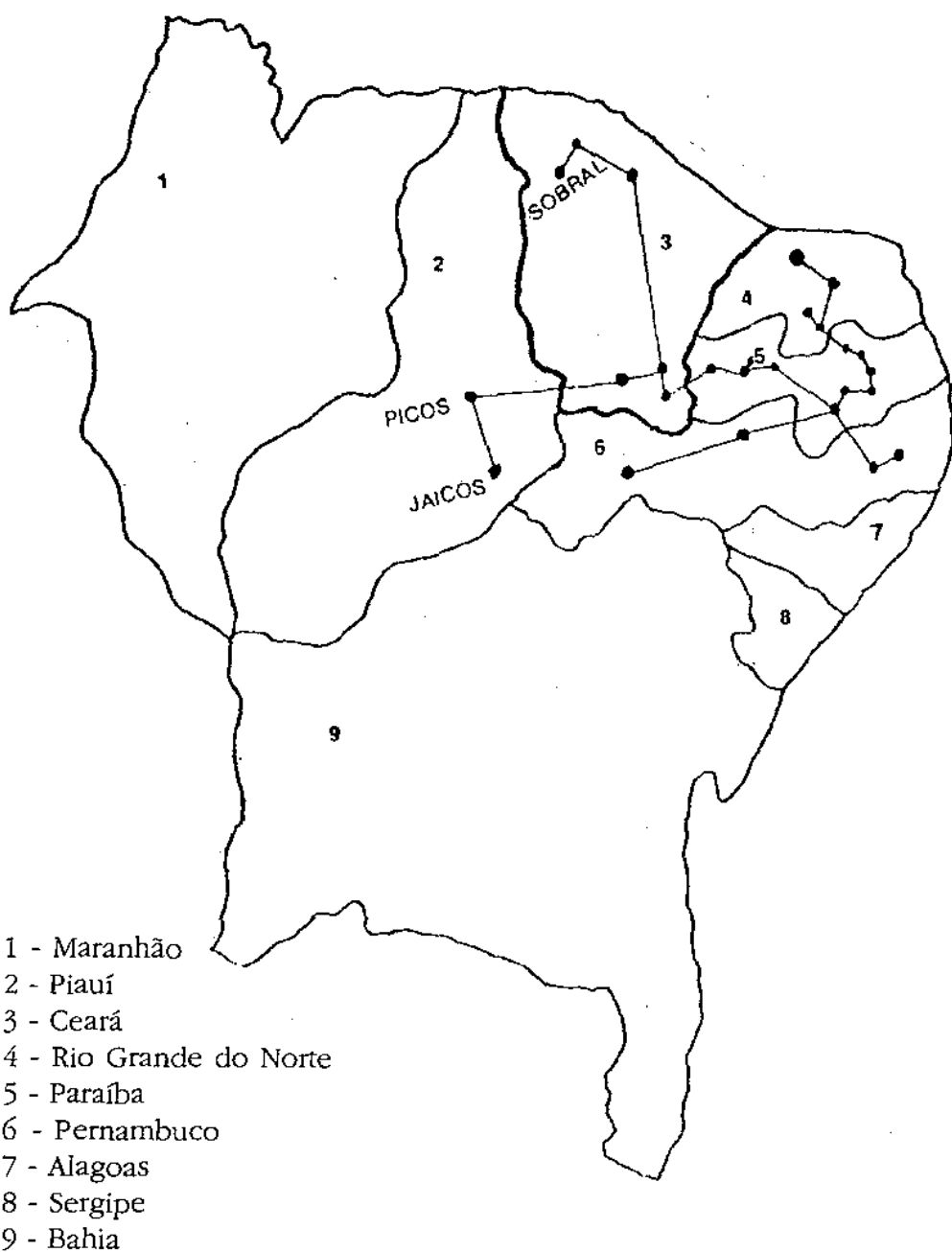
68. Se não me engano já ouço
O triste bronze tocar
Talvez que já seja a morte
Que a ti manda chamar!...
Aquelas frases fizeram
Todos na sala chorar.

69. Choravam todos do jurado
O Promotor e o Juiz
Este exclamou como louco:
Meu Deus! Meu Deus! o que fiz
Ia matando inocente
Um miserável infeliz.

70. Ali entrou o conselho
Ibiapina saiu
Quando chegou no hotel
E o almoço pediu
Com pouco chegou o réu
Curvado a seus pés caiu.

71. Levanta-se disse o doutor:
Não tem que me agradecer,
Quem deu-lhe a vida foi Deus
O mesmo que o fez viver,
Eu apenas fiz no júri
O que Deus mandou fazer.

ITINERÁRIO DO PADRE IBIAPINA

Cidades, Vilas e Aldeias por onde passou espalhando o bem, fundando as "Casas de Caridade", construindo Cemitérios e Igrejas.

1 - Maranhão
2 - Piauí
3 - Ceará
4 - Rio Grande do Norte
5 - Paraíba
6 - Pernambuco
7 - Alagoas
8 - Sergipe
9 - Bahia

Revista do Instituto do Ceará

(Histórico, Geográfico e Antropológico)

Tomo CXXX – Ano CXXX
(Publicada anualmente, sem interrupção, desde 1887,
ano da fundação do Instituto do Ceará).

2016

Dedimus profecto grande
patientiae documentum

Fortaleza – Ceará – Brasil

Revista do Instituto do Ceará	Fortaleza	Vol. 130	392 p.	2016

Revista do Instituto do Ceará

Além dos 130 Tomos correspondentes aos cento e vinte e nove anos de existência do Instituto do Ceará, foram editados os Tomos Especiais seguintes:

1924 – TE – 1 (Centenário da Confederação do Equador)
1929 – TE – 2 (Falecimento do Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil)
1938 – TE – 3 (Falecimento do Barão de Studart)
1956 – TE – 4 (Centenário do Barão de Studart)
1972 – TE – 5 (Sesquicentenário da Independência do Brasil)
1977 – TE – 6 (90º. aniversário do Instituto do Ceará)
1984 – TE – 7 (Centenário da Abolição da Escravatura no Ceará)
1987 – TE – 8 (Centenário do Instituto do Ceará)

Endereço:
Rua Barão do Rio Branco, 1594 - Centro
60025-061 – Fortaleza – Ceará – Brasil
Telefone: (85) 3021.7559
http: www.institutodoceara.org.br
e-mail: contato@institutodoceara.org.br

A matéria assinada é de responsabilidade do respectivo autor

Revista do Instituto do Ceará
Fortaleza:
V. anual
Trimestral até 1928
1. Geografia, História, Antropologia – periódico
Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)
CDU: 91 + 93.572 (05

ISSN 0100-3585

Instituto do Ceará
(Histórico, Geográfico e Antropológico)

Fundado a 4 de março de 1887, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, onde tem sede e domicílio.

Sociedade civil, de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, duração por tempo indeterminado. Reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Federal n. 94.364, de 22 de maio de 1987, Lei Estadual n. 100, de 15 de maio de 1936, e Lei Municipal n. 5.784, de 13 de dezembro de 1983.

Tem por finalidade específica o estudo da História, da Geografia, da Antropologia e das Ciências correlatas, especialmente do Ceará.

Para alcançar seus objetivos precípuos, realiza sessões ordinárias, especiais e solenes, e mantém:

– intercâmbio cultural com instituições científicas e literárias nacionais e estrangeiras;
– a *Revista do Instituto do Ceará*, em que se publicam colaborações de Sócios, documentos históricos e outros trabalhos que a comissão de redação achar conveniente;
– um Museu Histórico e Antropológico de caráter regional;
– Biblioteca, Hemeroteca, Mapoteca e Arquivo;
– Auditório Pompeu Sobrinho, para solenidades.

Ao Leitor

Prosseguindo a tradição, fazemos a entrega da Revista do Instituto do Ceará no dia 04 de março, data comemorativa da fundação de nossa entidade, estando portanto o periódico em circulação na data aprazada. Este feito é de ser creditado aos colaboradores que entregaram suas matérias no prazo determinado, à Comissão encarregada dessa missão e à *Expressão Gráfica*, aos quais rendemos nossos agradecimentos.

A Revista retrata as atividades desenvolvidas pelo Instituto do Ceará e por isso são publicadas as Atas de suas reuniões em sua inteireiza, sem qualquer omissão ou subterfúgio.

Infelizmente é impossível, por inexistência de espaço, inserir os textos de todas as Conferências proferidas e os Discursos pronunciados. De doze Conferências, foram selecionadas duas para publicação; uma do Sócio efetivo Lúcio Gonçalo de Alcântara, por sua relevância histórica inédita, e a outra, versando sobre a cidade de Fortaleza, do reconhecido professor e político Artur Bruno, Secretário do Meio Ambiente do Estado do Ceará, não integrante dos quadros do Instituto.

Não é demais realçar que o Instituto é sempre aberto à comunidade; não é uma entidade hermética como aparenta ou supõe-se ser, sendo suficiente revelar que dos doze Conferencistas, sete foram escolhidos dentre acadêmicos e profissionais das mais diversas áreas de interesse científico, merecendo destacar que essas preleções são franqueadas ao público sem qualquer restrição.

Dentre as colaborações traduzidas em Artigos, chamamos a atenção para o trabalho do Pe. Ernando Luiz Teixeira de Carvalho, Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), que vem elucidar passagens da vida do Pe. José Antônio Maria Ibiapina, cearense candidato à honra dos altares.

Ednilo Soárez
Presidente

Boatos na vida do Padre Ibiapina

Padre Ernando Luiz Teixeira de Carvalho*

Boato é uma história ou notícia que se divulga sobre alguém ou algo sem que se confirme sua procedência ou veracidade. Trata-se de uma notícia sem fundamento, mas com características que sugerem verdade, com aspecto de fato verídico. Boatos criam expectativas e ilusões, alteram o sobe e desce das bolsas de valores, destituem clérigos de suas ordens e funções, elegem ou derrotam políticos, mandam inocentes para a cadeia e podem absolver assassinos, promovem intrigas de família e mesmo guerras entre nações, aproximam, distanciam e até matam as pessoas. Quanto mais o boato se parecer com o fato, mais tem chance de permanecer no tempo como se fato fosse.

O Padre Ibiapina foi alvo de vários boatos. Sobre sua morte, por exemplo, ao menos em três ocasiões, o boato foi divulgado e pranteado como acontecimento de fato. Um desses apareceu no jornal "A Constituição", de Fortaleza, em março de 1864, com lamentos e elogios "póstumos" ao missionário[1]. No mesmo mês e ano, a notícia chegou ao jornal "A Cruz", do Rio de Janeiro (06.03.1864), que retificou sua publicação logo no início de maio, a partir de cartas de Limoeiro afirmando que o Padre estava vivo e em missão[2].

* Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - IHGP

[1] Jornal "A Constituição", Ceará, 10 de março de 1864, n.24. p. 3. O "Gravatá" citado deve ser a povoação de Gravatá, no interior de Pernambuco e não da Paraíba. A notícia/boato encontra-se também em outros jornais como em "A Liberdade", de 05.03.1864, e no "Pedro II", todos do Ceará.

[2] Jornal "A Cruz" (RJ), 01 de maio de 1864, p. 04. "A Cruz" circulava também em MT, PE e PI.

Anos depois, pelo mês de outubro de 1870, circulou na região do Cariri cearense outro boato de morte, desta vez por assassinato, quando Ibiapina pregava missões no interior de Pernambuco. A descrição em detalhes, inclusive desfazendo a má notícia, encontra-se no jornal "A Voz da Religião no Cariri", do Crato[3].

Outro anúncio de sua morte apareceu em "A Província", do Recife, em 15 de fevereiro de 1876, pouco mais de um mês que Ibiapina tinha deixado Triunfo-PE, gravemente enfermo, com destino a Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba. "A Provincia" reproduzia a nota que tinha saído no jornal "O Cearense", na edição de 02.02.1876, afirmando ter recebido a notícia através de cartas enviadas da cidade do Crato[4]. Um mês depois dessa edição, o mesmo "A Província" publicou uma nota, vinda de um leitor de Triunfo, afirmando que Ibiapina estava gravemente doente, mas ainda vivo[5]. Comentando o noticiário de 1876, diz Paulino Nogueira que "Ibiapina teve a rara ventura de ser contemporâneo da posteridade. Em vida pôde saber que juízo mereceria dos vindouros..."[6] Na época, ele mesmo escreveu artigo, publicado no jornal "A Constituição", lamentando a suposta morte do missionário em Pernambuco, na Baixa Verde[7].

Depois desse último boato, Padre Ibiapina ainda viveu sete anos na Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara-PB, paralítico, sem mais poder pegar a estrada e missionar com o povo em mutirão. Em viagem definitiva, partiu para a eternidade no dia 19 de fevereiro de 1883.

Todo esse preâmbulo, relatando boatos de morte, tem a finalidade de nos levar a outro sobre a vida do Padre Mestre: um boato especial, descrito e "sacramentado" pelo Dr. Paulino Nogueira na biografia "O Padre Ibiapina", publicada em 1888, na Revista do Instituto do Ceará --- RIC. Um boato que tem sido repetido por diversos autores, sem qualquer questionamento, interrogação ou desconfiança crítica. Um boato de vida longa que permanece, solto e fagueiro, até os dias atuais.

---

[3] "A Voz da Religião no Cariri", 16 de Outubro de 1870, p.2.

[4] "A Província", Recife, 15 de fevereiro de 1876, p.1. Semelhante transcrição do jornal "O Cearense", encontra-se em "O Diário de Pernambuco", de 14 de fevereiro do mesmo ano.

[5] "A Província", Recife, 16 de março de 1876, pp. 1-2. Também "O Cearense" de 25 de março, desdizendo a primeira notícia, afirma que o padre Ibiapina, "graças aos cuidados empregados, conseguiu restabelecer-se".

[6] Nogueira, Paulino. "Padre Ibiapina", RIC, 1888, p.217.

[7] Idem, p.217, nota 70. Publicação no jornal "A Constituição", Ceará, n.14, de 4 de fevereiro de 1876.

Dois textos e seus autores

Trazemos ao leitor dois textos publicados em 1888 sobre o Padre Ibiapina, o de Paulino Nogueira e o de José Marrocos. O primeiro, quase todos conhecem. Já o segundo, é de grande novidade.

1. Um ajuste de casamento

Vejamos o trecho da biografia do Padre Mestre, de Paulino Nogueira[8], onde é afirmado que houve na vida de Ibiapina, no tempo de sua juventude, um ajuste de casamento que resultou desfeito pelo rapto da noiva por outro pretendente. Segue o relato:

"Encerradas as camaras, Ibiapina dirigio-se à Província, onde trazia-n'o principalmente o cumprimento de dous deveres: casar-se e assumir o exercicio da sua comarca: mas em ambos foi bem mal succedido.

Havia ajustado casamento com D. Carolina Clarense de Alencar Araripe, filha mais velha do desventurado Presidente da malfadada Republica do Equador, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, irmão do senador Alencar, Presidente da Província; mas ao chegar à esta Capital soube que a noiva, preferindo um parente, eleito do seu coração, fora por elle raptada e com elle casara-se[9].

Essa contrariedade teria causado forte abalo ao seu espírito? Nunca o demonstrou senão pela resolução calma e silenciosa de jamais fallar em casamento.

Assim acontece com as almas nobremente ressentidas por uma decepção amorosa. A mulher que se deseja poetisa-se angelicamente; a que se possue adora-se humanamente; a que porem se amou e que se perdeu volta em espírito à poesia da saudade até que a imagem chorada se esbate e evola nas profundezas do nada.

Ibiapina não foi um Eurico[10], porque não teve a desventura de merecer o desamor de uma Ermengarda; mas quem sabe si a resolução que mais tarde tomou de ser presbytero não foi buscar sua origem nessa contrariedade reprimida?

Tendo sido infeliz no cumprimento do primeiro dever, tratou de cumprir o outro[11]".

---

[8] Nogueira, Paulino. RIC, art. cit., pp.173-174. Texto completo da biografia: pp. 157-220.

[9] O casamento de Carolina com seu primo Antonio Sucupira realizou-se no dia 30 de novembro de 1833, em Fortaleza, segundo registro da paróquia onde aconteceu a cerimônia. Cf. Araújo, F. Sadoc. **Padre Ibiapina, peregrino da Caridade**. São Paulo: Paulinas, 1996, p.148.

[10] **Eurico, o Presbítero** é um romance histórico de Alexandre Herculano, escritor português, datado de 1844. Nenhuma aproximação ou semelhança existe entre Eurico e Ibiapina, mas Paulino Nogueira tem prazer em citar clássicos da literatura!

[11] O outro dever: a posse como Juiz na comarca de Quixeramobim que aconteceu aos 10 de dezembro de 1834. O casamento de Carolina Clarence, como já foi dito, realizou-se mais de um

Nogueira não teve contato direto com Ibiapina, mas deixou registrado tê-lo visto, ao menos uma vez, em fins de 1863, quando viajaram do Ceará para Recife, no mesmo navio da Companhia Pernambucana. Diz ele: "... voltando nessa ocasião, depois das férias, a prosseguir nos meus estudos, senti grande prazer quando eu soube que tínhamos por companheiro de viagem um patrício tão distinto, um varão respeitável, que eu ambicionava conhecer pessoalmente. Vi-o uma só vez e de relance ao entrar no seu beliche, donde só saiu para desembarcar no Recife, depois de mim. Foi agradável a impressão..."[12]. O autor não conheceu Ibiapina pessoalmente.

Paulino Nogueira Borges da Fonseca nasceu em Fortaleza, aos 27 de fevereiro de 1842. Terminou Direito pela Faculdade do Recife, em 1865. Ao longo da vida atuou na área da educação, na política, no exercício da advocacia e, por duas vezes, assumiu o cargo de Provedor da Santa Casa de Misericórdia (1888 e 1906). Foi um dos fundadores e primeiro presidente do Instituto do Ceará, criado em 4 de março de 1887. Já na era republicana, em 1892, aceitou a nomeação para o cargo de Desembargador do Tribunal do Estado. Em 1903, com a instalação do curso de Direito do Ceará, exerceu a função de professor de direito criminal. Publicou importantes trabalhos de pesquisa histórica, quase todos na Revista do Instituto que ele mesmo ajudou a criar e presidiu. Faleceu, em Fortaleza, aos 15 de junho de 1908[13].

2. A revelação de Ibiapina

O texto que segue, da autoria de José Joaquim Teles Marrocos[14], é uma correção ao que escreveu Paulino Nogueira. Pela íntima revelação do próprio Ibiapina, o tal ajuste de casamento nunca existiu, tudo não passando de invenção ou boato do povo. Eis o artigo, na íntegra:

---

ano antes dessa posse. Pelas datas, os dois fatos não podem ser considerados ao mesmo tempo!

[12] Nogueira, Paulino. RIC, art. cit., p.216.

[13] Fonte: Dicionário Bio-bibliográfico Cearense – Barão de Studart.

[14] Trata-se do artigo **Padre Ibiapina** publicado no jornal "VANGUARDA", Crato, ano II, n.39, 18/11/1888, Ed. 30, p. 02.

"PADRE IBIAPINA

"Sobre o nome venerando do imortal Sacerdote e Apostolo acaba de publicar o nosso ilustrado patrício Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca um trabalho notável e digno de apreço, como tudo o que sai de sua pena erudita, incansável e sempre fecunda. PADRE IBIAPINA

Só temos palmas e louros a tributar ao historiador, que veio enriquecer a nossa história e a nossa literatura pátria com as primeiras notas sobre a vida do maior homem do seu tempo.

Um ponto, único talvez, precisa porém ser corrigido e retificado por amor da verdade histórica, que deve destilar e separar do precioso escrito o acidente heterogêneo, como a mosca impertinente que caiu na taça do primoroso vinho de Faraó.

O Dr. Ibiapina nunca justou casamento com D. Carolina Clarence de Alencar Araripe, filha mais velha do desventurado presidente da malfadada "República do Equador" Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Nunca, nos disse Ele mesmo em março de 1868, quando estava edificando a Casa da Caridade do Crato e conversávamos à sombra das mangueiras, sentados no aqueduto que ficava atrás do edifício, nunca me assoberbou tão estranho pensamento. É verdade porém que correu então o boato rumoroso e vago dessas núpcias, que me fazia o povo.

Amparavam o título colorado de seu fundamento no fato real da simpatia e da veneração que sempre consagrei a todos os infelizes que, como eu, foram filhos dos mártires de 1824 e 1825.

O combate de Santa Rosa, a defecção de José Felix e de outros, a traição de José Roberto, o assassinato de Tristão em outubro de 1824 e seis meses depois a execução de meu Pai pela Comissão de Sangue de Conrado de Niemeyer, o nefando homicídio de meu desventurado irmão Raymundo Alexandre, as vicissitudes e o infortúnio de minha vida me fizeram talvez dizer e proceder como a infeliz Rainha de Carthago[15]: "non ignara mali, miseris succurrere disco", mas creia-me, nunca houve nem ajuste, nem projeto desse casamento.

Ainda hoje o nosso povo não vive a fazer e a desfazer casamentos todos os dias? E assim foi também o que fizeram para mim: eis a verdade e, para que, concluiu ele, estou a dar-lhe esta explicação?

A explicação vem hoje, vinte anos depois[16], expungir da história a impropriedade do boato. É ao próprio Biógrafo que confiamos a honrosa tarefa da reparação e do restabelecimento da verdade.

---

[15] Dido, Elissa ou Alyssa foi, segundo a lenda, a primeira rainha de Cartago, com a vida marcada por tragédias e desventuras. A locução latina que lhe é atribuída significa "conhecendo por experiência própria a desventura, sei socorrer os infelizes" (Virgílio, Eneida, I, 630). São palavras de compaixão com que a rainha acolhe Eneias e os seus companheiros de exílio, depois de um naufrágio. Com esse verso o poeta Virgílio quer destacar que ninguém é mais sensível aos sofrimentos dos outros do que aquele que passou pelos mesmos ou semelhantes sofrimentos. Com esse verso, Ibiapina, de certa forma, procura explicar sua ação missionária e social junto aos desvalidos.

[16] São 20 anos, considerando o ano da revelação do Padre Ibiapina, 1868, e a data de publicação, tanto da obra de Paulino Nogueira como desse depoimento no jornal "Vanguarda", 1888.

Si der, como esperamos e bem o merece, segunda edição de seu precioso trabalho, estamos certo, não lhe escapará a depuração do pretenso ajuste de casamento, com que o povo, sempre fértil inventor de grandes novidades, acidentou e romantizou a vida do grande Apostolo.

Sua conversão foi obra do céu: sua vocação ao Sacerdócio foi vontade de Deus, como se vê das páginas 203 à 207 de sua biografia.

Nunca, portanto, a resolução que dezenove anos depois do casamento de D. Carolina C. de Alencar Araripe tomou Ibiapina de consagrar-se à Religião, podia ter sua origem na contrariedade imaginaria de que nos fala o ilustrado escritor[17].

É este talvez o único defeito de sua obra, mas, já o dissemos, não passa de um verdadeiro acidente heterogêneo, como a mosca impertinente na taça do primoroso vinho de Faraó".

Diferentemente do texto de Paulino Nogueira, esse escrito do "Vanguarda" deve ter sido visto por menos gente, talvez não indo além da sua cidade de origem. Nos tempos atuais, porém, com a facilidade de acesso a documentos digitalizados, certas descobertas se tornaram possível, dando oportunidade a muitos de ler matérias inusitadas. Ter encontrado esse texto é comparável à parábola do homem que descobriu um tesouro no campo ou a da mulher que encontrou a dracma ou moeda que estava perdida.

No artigo, não aparece o nome do autor, mas logo descobrimos que o "Vanguarda" foi fundado por José Joaquim Teles Marrocos, em 1887. Para quem não o conhece, em 1868, ano dessas revelações, Marrocos atuava no Crato e logo seria o vice-diretor do Internado do Coração de Maria, fundado pelo Padre Ibiapina, além de se tornar o redator do jornal "A Voz da Religião no Cariri", também fundado pelo Mestre no mesmo ano. Sem dúvida, Marrocos, grande amigo do missionário, é o autor do artigo "Padre Ibiapina".

O artigo do "Vanguarda" é de novembro de 1888. Logo no ano seguinte, 1889, acontecia o suposto milagre do Juazeiro, o das hóstias ensangüentadas, e José Joaquim Marrocos[18] se envolverá de corpo e alma nessa questão, na defesa do padre Cícero e da beata Maria de Araújo. O "assunto Ibiapina" deve ter se perdido em meio a outras preocupações e exigências mais graves e urgentes. Não conseguimos descobrir se Marrocos voltou a insistir nesse "velho assunto" em algum outro artigo de jornal.

---

[17] Ibiapina foi ordenado padre no dia 03 de julho de 1853, no Recife. Cf. Sadoc, p. 270: 19 anos e meio depois do casamento de Carolina Clarence com Antonio Sucupira.

[18] No Museu vivo da Serra do Horto, em Juazeiro, José Joaquim Teles Marrocos está de pé, em frente ao Padre Cícero, como para relembrar momentos em que os dois discutiam religião e política.

Tendo nascido no Crato, a 26 de novembro de 1842, José Marrocos estudou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, mas não foi ordenado padre. Ao longo dos anos atuou como professor e jornalista, tendo lutado intensamente no movimento abolicionista. Faleceu no Juazeiro, a 14 de agosto de 1910.

* * *

Sobre o estudo biográfico "Padre Ibiapina", publicado na RIC, não houve segunda edição e, portanto, não veio a lume a correção sugerida e desejada por Marrocos. Além do mais, sendo o "Vanguarda" um pequeno jornal com vida efêmera de uns 2 anos ou menos, talvez Paulino Nogueira nem tenha tomado conhecimento dessas revelações de Ibiapina. Mais tarde, outros autores também não. Ao menos, não temos conhecimento que alguém tenha feito referência a elas. Tanto pela reconhecida autoridade do Dr. Paulino Nogueira, como pelo pioneirismo de sua obra, à exceção de José Marrocos, pela força de sua amizade com Ibiapina e prática literária ou jornalística, dificilmente algum outro contestaria suas afirmações.

Por essas e outras razões que se possam imaginar, o fato é que prevaleceu para a história o "romance não correspondido" entre José Antonio Pereira Ibiapina e Carolina Clarence de Alencar Araripe. Segundo aquelas revelações de Ibiapina, publicadas por Marrocos 20 anos depois (1868/1888), tudo não passou de velho boato com mais de 50 anos: de 1833, ano do tal "noivado desfeito", para 1888, ano da publicação da RIC. Um boato com força de fato verídico pela autoridade de Paulino Nogueira, sacramentado em sua obra, copiado *ipsis litteris*, modificado ou ampliado ao gosto de muitos e diversos autores que lhe sucederam no tempo. Todos os que abordaram aquele "fato/boato" transpiram Paulino Nogueira como fonte primária e única.

No entanto, como o mundo dá voltas e só Deus é absoluto, quase 130 anos depois daquelas publicações, de 1888 para 2016, urge ser considerada a afirmação do Padre Ibiapina: **"*creia-me, nunca houve nem ajuste, nem projeto desse casamento*"**. Mesmo com tanto atraso, a correção é questão histórica de verdade e justiça para com Ibiapina, seus estudiosos, admiradores, devotos e até com a própria Carolina Clarence.

E agora? Não tendo existido o fato, aquela desventura, o que mais especular ou elucubrar a partir do que nunca existiu?!

Por tudo que Ibiapina conseguiu realizar em sua vida, nem fato, nem boato, com as interpretações das mais subjetivas, conseguiram empalidecer o brilho de sua ação civilizadora pelo interior de nossa região, de suas realizações pelo Nordeste brasileiro, em favor dos humildes, famintos, sedentos, doentes, órfãs, pobres e desvalidos. Sua solidariedade com os sofredores só aumentou ao longo do tempo. O boato, ou mesmo se tivesse sido fato, não passa de ínfimo detalhe que nada subtrai à grandeza extraordinária do nosso Padre Mestre.

Nunca será de mais lembrar o que escreveu o cronista do tempo, Irmão Aurélio, muito provavelmente, que o acompanhava colaborando na Missão: *"Quem poderá descrever todas as particularidades dos dons do coração do nosso Santo Apóstolo Ibiapina? Um coração angélico, puro, simples, casto, humilde, desinteressado, benfazejo e tão dedicado ao amor de Deus e do próximo, que era abrigo seguro da orfandade, remediador dos infelizes, consolador dos aflitos, enternecido das misérias humanas..."*[19].

Referências

"A Constituição", Fortaleza, 10.03.1864.

"A Liberdade", Fortaleza, 05.03.1864.

"A Cruz", Rio de Janeiro, 06.03.1864 e 01.05.1864.

"A Voz da Religião no Cariri", Crato, 16.10.1870.

"A Província", Recife, 15.02.1876 e 16.03.1876.

"O Diário de Pernambuco", Recife, 14.02.1876.

"O Cearense", Fortaleza, 25.03.1876.

"Vanguarda", Crato, 18.11.1888.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina, peregrino da Caridade*, São Paulo: Paulinas, 1996.

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *A Missão Ibiapina*, Passo Fundo: Berthier, 2008.

MARROCOS, José Joaquim Teles. *Padre Ibiapina*, jornal "VANGUARDA", Crato, ano II, n.39, 18/11/1888.

NOGUEIRA, Paulino. "Padre Ibiapina", RIC, 1888, pp. 157-220.

STUDART, Guilherme. Barão de. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense*, 1910.

[19] Carvalho, Ernando Luiz Teixeira de. **A Missão Ibiapina**. Passo Fundo: Berthier, 2008, p.42.

Padre Ibiapina na trama sociopolítica do seu tempo: 1873-1875

Pe. Ernando Luiz Teixeira de Carvalho*

Estamos para iniciar o último quartel do século XIX. Os conflitos desse período apontam para as próximas mudanças políticas, sociais, religiosas e culturais com o fim da escravidão pela Lei Áurea, o fim do Império pela proclamação da República, o fim do Padroado Régio com a separação entre Igreja e Estado. Pelo país, a Modernidade começa a apresentar seus sinais por meio de movimentos e organizações libertárias. O Padre José Antonio de Maria Ibiapina, filho e irmão de revolucionários martirizados[1], está no meio dos conflitos, participando de sua efervescência regional.

Não apenas quando deputado[2] (1834-1837), mas por toda a sua vida, Ibiapina empreendeu uma complexa e vasta ação também de caráter político, no sentido mais autêntico do termo, pelo bem comum, privilegiando os menos favorecidos do interior nordestino. Esse caráter político de sua atuação, como advogado, juiz ou padre missionário, a nosso ver, é um viés que ainda precisa ser devidamente explorado. Destacamos, agora, seu confronto direto com a Maçonaria que, no tempo, representava a mão mais poderosa do governo imperial.

---

* Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP.

[1] Como sabemos, com o fracasso da Confederação do Equador, o movimento revolucionário de 1824, seu pai foi condenado e executado em praça pública, aos 7 de maio de 1825, em Fortaleza. Seu irmão mais velho, Alexandre Raimundo Pereira Ibiapina, mandado para prisão perpétua em Fernando de Noronha, morreu pouco tempo depois.

[2] Excelente resumo sobre a destemida atuação de Ibiapina na Câmara dos Deputados se encontra em F. Sadoc de Araújo, **Padre Ibiapina, peregrino da caridade**. São Paulo: Paulinas, 1996, pp.150-189.

1. Ibiapina e a Maçonaria em Campina Grande.

1.1. O enfrentamento

No ano de 1873, provavelmente no mês de novembro, estando o Padre Ibiapina em Umbuzeiro, seguiu para a cidade de Campina Grande a fim pregar missões e lá encontrou a Maçonaria de bandeira levantada. O Irmão Aurélio, beato que o acompanhava, deixou registrado em seu "itinerário" que o Padre Mestre, "achando a maldita maçonaria em seu auge, teve muito que combater qual valente e fiel soldado, defendendo a Santa Religião Católica, que se achava tão ultrajada e perseguida por aqueles perversos, que não temiam a Deus nem as penas eternas do inferno. Enfim, o zeloso Apóstolo, amante da Santa Religião, deu princípio à missão, não temendo nada, nem aos mesmos maçons, que até queriam tirar-lhe a vida. Pregava com tanta força e coragem, em defesa da Religião Católica, que confundia a incredulidade daqueles infelizes que estavam com o coração tão empedernido que até proibiam os filhos de assistirem ao catecismo, que era explicado nesse tempo. Porém, nada o intimidou nem interrompeu a sua missão. Levantou a voz e clamou contra a maldita seita com tanta coragem que causava admiração". O Missionário ainda determinou que as Irmãs de Caridade explicassem o catecismo para as meninas, enquanto o Irmão Beato fizesse o mesmo para os meninos. "Fez, meu Pai, todo empenho para ver se ao menos as crianças aproveitavam a palavra de Deus"[3].

Segundo Hélio Zenaide, jornalista, historiador e maçom, o primeiro grande conflito da Igreja Católica com a Maçonaria na Paraíba aconteceu na cidade de Campina Grande, em 1873, com a criação da Loja Maçônica Segredo e Lealdade. O conflito deve ter sido esse mesmo que o Irmão Aurélio registrou no seu relato das viagens missionárias. Na versão do historiador, o mesmo fato é narrado de maneira bem diferente. Diz Hélio Zenaide que "em virtude da chamada Questão Religiosa e da prisão de D. Vital, bispo de Olinda, o vigário de Campina Grande, padre Calixto da Nóbrega, declarou guerra à Maçonaria na Serra da Borborema. Para reforçar ainda mais o combate, chamou em seu auxílio o padre Ibiapina, missionário de grande força no seio do povo nordestino. Eles instigaram,

---

[3] Cf. Carvalho, Ernando Luiz Teixeira de. **A Missão Ibiapina**. Passo Fundo, Ed. Berthier, 2008, pp. 115-116. Ver também, às pp. 178-182, um escrito de 1870, com provável autoria do Padre Ibiapina, sobre a Igreja perseguida pela maçonaria. O texto termina com a frase "Fique por agora esta página para perpétua memória", acentuando a gravidade do que foi escrito. Para outras citações dessa obra, usaremos apenas **A Missão Ibiapina**.

de tal forma, o povo de Campina Grande, contra a Maçonaria, que os maçons esperavam, de uma hora para outra, uma explosão de fanatismo exacerbado. E isso não demorou. [...] Em 1875 surgiu uma nova Loja em Campina Grande, a Loja Maçônica Vigilância e Segredo, e, logo em seguida, uma outra, a Loja Maçônica Renascença. Era um desafio: mais duas Lojas Maçônicas em Campina Grande? Chegou outro missionário à cidade, o Frei Herculano[4] e, ao realizar uma Santa Missão, arrastou o povo às ruas, instigou, invadiu e destruiu a Loja Maçônica Renascença! Isto no centro da cidade de Campina Grande"[5].

Para o Irmão Aurélio, porém, outras são as considerações: "Oh! quanto não sofreu o Sagrado Ministro, aquele herói da Religião, naquela ingrata terra! Mas, como o desejo dele era sofrer, por isso não houve nada que o impedisse de cumprir o Santo dever de que se achava encarregado. Ainda mais, sentia por ver tantos habitantes e poucos se esmeravam pela Religião, sendo todos filhos de um só Deus!" Findando a missão em Campina, Ibiapina seguiu para a Casa de Caridade de Pocinhos, chegando de volta à Santa Fé no dia 29 de dezembro desse mesmo ano de 1873[6]. Na cidade de Campina Grande e em outros lugares, o Padre Mestre enfrentava a maçonaria com seus sermões e conferências.

---

[4] Trata-se do Padre Hermenegildo Herculano Vieira, conhecido como Frei Herculano. O Padre nasceu na região da Quixaba, sertão da Paraíba, em 1820, estudou no Seminário de Olinda e foi ordenado sacerdote em 1845. Contemporâneo do Padre Ibiapina, também se dedicou a pregar missões por todo o Nordeste, além de construir igrejas, cruzeiros e cemitérios, enfrentando os problemas do seu tempo. Faleceu a 05 de agosto de 1885, na Serra do Ponte, em lugar conhecido por Pontina, então distrito de Serra Redonda, que pertencia ao município de Ingá-PB. Seus restos mortais repousam em uma pequena capela nos fundos do cemitério da cidade de Ingá. Sua história de vida missionária ainda precisa ser escrita!

[5] Zenaide, Hélio Nóbrega. "A Maçonaria na Paraíba", in *RIHGP*. Anais do Ciclo de Debates sobre a Paraíba na Participação dos 500 anos de Brasil. SECE, João Pessoa, 2000, p.317. Segundo Hélio Zenaide (1926-2017), a primeira Loja Maçônica instalada na Paraíba foi a Loja Regeneração Brasílica, na Capital, em 1865. No mesmo ano surgiu, na cidade de Mamanguape, a União e Beneficência. A terceira foi a Loja Segredo e Lealdade, de Campina Grande, em 1873. Diz o escritor que todas surgiram pelas ideias republicanas e movimentos de abolição da escravatura. Em 1875, mais duas Lojas foram criadas em Campina Grande: a Vigilância e Segredo e a Renascença. Em 12 de fevereiro de 1877, na Capital, foi fundada a Constância e Lealdade e, em 1882, a Lealdade e Perseverança. Afirma Zenaide, porém, que todas essas Lojas Maçônicas, citadas em sua explanação, cerraram suas portas e os seus arquivos se perderam no tempo. Com exceção da Loja Regeneração do Norte, na Capital, a qual ele pertencia, fundada em 1898 e ainda em funcionamento, todas as atuais Lojas, na Paraíba, foram criadas a partir do século XX.

[6] Cf. **A Missão Ibiapina**, p. 116.

1.2. A Questão Religiosa

Em nossa região, a conhecida Questão Religiosa eclodida no Recife, em 1872, foi especialmente dolorosa para a Igreja, com a perseguição e prisão de Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (em 02 de janeiro de 1874), então bispo de Olinda, e de Dom Antônio de Macedo Costa, bispo de Belém do Pará (em 28 de abril do mesmo ano). Enquanto cumpriam suas penas, o Governo perseguia os dirigentes católicos do Recife, encarcerando vários deles e expulsando os Jesuítas de Pernambuco.

A luta entre Igreja Católica e Maçonaria no Brasil começou em virtude de um fato ocorrido no Rio de Janeiro[7], antes de D. Vital assumir suas funções como bispo de Olinda. No Rio, em março de 1872, houve uma festa da Maçonaria comemorando a Lei do Ventre Livre, promulgada em 28 de setembro do ano anterior, e um dos oradores do evento foi o padre Almeida Martins, que também era maçom. O Bispo, D. Pedro Maria de Lacerda, chamou o Padre Martins para ponderar-lhe sobre a incompatibilidade de ser padre e maçom ao mesmo tempo, exigindo seu desligamento da instituição maçônica. Não atendendo aos apelos do seu superior hierárquico, o Padre foi suspenso de ordens. A Maçonaria considerou-se, então, atingida nos seus brios e decidiu iniciar uma grande campanha contra a Igreja Católica por todo o país[8].

1.3. Alguns ataques

No Recife, os ataques de membros da Maçonaria contra os Jesuítas, fiéis apoiadores do Bispo, foram marcados por muita violência. Depois de uma manifestação de apoio ao Deão do Cabido da Sé, suspenso de ordens por Dom Vital por ter se recusado a deixar a Maçonaria, os maçons saíram

[7] O "pano de fundo" mais instigante para a questão foi, sem dúvida, a encíclica "*Quanta cura*", publicada pelo papa Pio IX, em 1864, que condenava a Maçonaria e tinha como apêndice o famoso "*Syllabus*", uma relação dos oitenta erros que o mundo moderno cometia contra a Igreja.

[8] Para viabilizar a campanha, os maçons fundaram inúmeros jornais pelo Brasil afora: no Rio, o jornal "A Família"; em São Paulo, o "Correio Paulistano"; em Porto Alegre, "O Maçom"; no Pará, o "Pelicano"; no Ceará, "A Fraternidade"; no Rio Grande do Norte, "A Luz"; em Alagoas, "O Labarum" e na capital pernambucana, dois, "A Família Universal" e "A Verdade". Desse modo, quando D. Vital chegou ao Recife, tomando posse da diocese em 24 de maio de 1872, já encontrou em atividade os jornais maçônicos que procuravam atingi-lo com provocações constantes.

para invadir, depredar e saquear o Colégio S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus. Fundado em 1867, o Colégio foi fechado em 1873 por causa das perseguições. Na capela, quebraram púlpito, confessionários, imagens, desapareceram com objetos de valor e espancaram os fiéis que, na ocasião, celebravam o Mês de Maio. Em seguida, empastelaram os jornais católicos, "O Católico" e "A União", agredindo seus funcionários e os próprios Jesuítas, alguns dos quais foram apunhalados e um dos Irmãos morreu mais tarde, em consequência dos golpes recebidos. Depois, arrombaram o Colégio das Irmãs Dorotéias e, em seguida, foram afrontar Dom Vital no Palácio da Soledade, então residência oficial dos Bispos[9].

Na Paraíba, ainda nos inícios do século XX, o seu primeiro bispo, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, sobretudo através do jornal "O Comércio", também sofreu com os ataques e investidas da maçonaria na Capital do Estado. "O Comércio", tendo o maçom major Artur Aquiles dos Santos como seu redator-chefe, procurava desprestigiar o bispo diocesano e o clero em geral, atacando, satirizando, ridicularizando, caluniando, investindo pesado para afastar os fiéis, especialmente as senhoras católicas, da Igreja.

Tendo o Cônego Francisco Lima, nosso literato e historiador, realizado um trabalho magistral sobre a vida de Dom Adauto, é interessante conferir o que ele deixou escrito a respeito da pesquisa que empreendeu sobre a questão, relatando acontecimentos deploráveis e citando os jornais do tempo. A propósito, como coligiu muitos e variados fatos dos ataques maçônicos à Igreja e seus representantes, salienta o Cônego Lima: "Os documentos que focalizam esses fatos são raríssimos hoje [início da década de 1950]. Dentro de algum tempo talvez nem existam mais, tão cruel e devastadora é a traça. Perlustrando-os com o maior carinho, resumimo-los, sumariamo-los num verdadeiro arrojo de síntese, para informarmos o historiador do futuro. Somos nisto apenas um retratista da época, *sine ira nec ironia*"[10]. A maçonaria continua ativa, mesmo que usando outros métodos, com maneiras mais dissimuladas de presença.

---

9 Essas e outras informações do tempo encontram-se no livro **D. Vital -- Um Grande Brasileiro**, da autoria de Frei Felix de Olivola, OFMCap., Recife: Edição da Imprensa Universitária, 1967, citado por uma infinidade de autores.

10 Cf. Lima, Pe. Francisco, **Dom Adauto – subsídios biográficos**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1956, vol. I, pp. 214-215. Vale conferir todo capítulo IX – O quinquênio 1900-1905, pp.195-240. Segunda edição: João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2007.

2. Ibiapina e o Quebra-Quilos em Santa Fé.

2.1. O enfrentamento

“O verbo de satanás conspirou, mas seus sectários, hostilizando o Apóstolo da Caridade, perderam na trama da covardia. Só Deus é bom e grande! Só Deus faz dos fracos fortes, e por Ele os valentes são esmagados!” Com essas vigorosas expressões, a Irmã Vitória de Santa Júlia Ibiapina começa a narrar o “infausto parágrafo do Quebra-Quilos”.

No dia 8 de dezembro de 1874, uma carta entregue ao Padre Ibiapina, na Casa de Caridade de Santa Fé, alertava sobre sua possível prisão. Não ficou declarado, porém, quem escreveu e lhe enviou a tal carta, se algum amigo ou se alguém do Governo. Alguns dias depois, chegou uma pessoa trazendo a notícia de que uma tropa se encaminhava para Arara. Todos ficaram temerosos, mas se diziam dispostos a morrer por amor de Deus, junto com o Padre Mestre. “As pessoas de fora queriam armar-se contra os tiranos, porém meu Pai, com todo o sossego e tranquilidade, disse-lhes que tal não fizessem; e elas, impedidas disso, vinham somente umas com as foices de seus trabalhos, outras com os bordões e assim passou-se este amargurado dia, todos com os corações desassossegados. Somente nosso virtuoso Pai mostrava-se contente, tranqüilo e bem conformado com o que pudesse acontecer”. Nesse dia também nada aconteceu. No entanto, pouco tempo depois, apareceu uma tropa militar pela povoação de Arara, mas com outras orientações, mesmo que mostrasse “ter aversão a meu Pai e à Caridade”, diz a Irmã[11].

2.2. A rebelião

O “Quebra-Quilos” foi um movimento de revolta que partiu da então vila de Fagundes, na serra da Borborema, nas proximidades de Campina Grande, e se alastrou por outras cidades e povoados da Paraíba, chegando até as províncias do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas, pelo mês de novembro de 1874. Uma carga de rapadura atirada por feirantes contra um cobrador de impostos, na feira de Fagundes, foi o ponto de partida da rebelião que se espalhou por várias localidades paraibanas como Campina Grande, Pocinhos, Ingá, Cabaceiras, Areia, Arara, Alagoa Nova, Alagoa

[11] Cf. **A Missão Ibiapina**, pp. 118-122 para todas as citações desse item.

Grande, Bananeiras, Araruna, Guarabira, Pilar, Salgado e Mamanguape. Eram grupos armados de populares que se rebelavam e saíam atacando feiras e pequenos estabelecimentos comerciais, quebrando metros, balanças e litros, causando muita desordem com assaltos, depredações, incêndios e outros atos de destruição.

Tratava-se de uma reação popular contra os impostos provinciais, o alistamento militar e, sobretudo, contra a mudança do sistema de pesos e medidas. O novo sistema deixava o povo com a sensação ou certeza de ser enganado mais uma vez. Podemos dizer que o Quebra-Quilos foi um movimento dos homens pobres e livres, já tendo perdido muitos dos seus filhos para a guerra do Paraguai (1864-1870), desesperados pelas secas e pelas epidemias, cansados de serem explorados pelo Governo.

O governo Provincial interveio com um contingente de mais de 1000 soldados, inclusive com a ajuda de Pernambuco e da Bahia, para debelar o movimento. A repressão que se seguiu foi violenta, com prisões em massa, pois que não havia, propriamente, líderes. Uma prática comum de castigo aos revoltosos era o chamado "colete de couro", que consistia num pedaço de couro cru preso sobre o tórax e as costas do prisioneiro. Diz o jornal *O Cearense*, em 24.12.1874: "*Os infelizes que cahiam na rede eram postos nos coletes de couro, que comprimem-lhes as carnes, estragam-lhes a saúde e arrancam-lhes dolorosos gemidos. Na povoação do Cuité foi comprada porção de sola para os coletes, e na cidade de Areia entraram 6 ou 8 recrutas ligados com aquelle bárbaro instrumento e carregando moxilas dos soldados*". Sendo o couro molhado, ao secar comprimia o peito, violentamente, causando lesões cardíacas e até a morte por asfixia.

Muitos cidadãos, considerados com alguma influência sobre o povo, foram presos, entre os quais o vigário de Campina Grande, padre Calixto Correia da Nóbrega, depois inocentado. Somente em janeiro de 1875, as autoridades provinciais conseguiram sufocar o movimento e suas manifestações populares[12].

[12] Cf. Andrade, Delmiro Pereira. **Evolução histórica da Paraíba do Norte.** Rio de Janeiro: Minerva, 1946, pp. 199 – 203. Cf. também Joffily, Geraldo Ireneo. **O Quebra-Quilo – A revolta dos matutos contra os doutores – 1874**. Brasília: Thesaurus Editora, 1974; Souto Maior, Armando. **Quebra-Quilos – Lutas sociais no outono do Império**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasiliana v. 366, 1978. A prática de tortura com o *colete de couro* parece ter sido utilizada desde a Guerra do Paraguai. Segundo testemunhos do tempo, era de cortar coração ver aqueles homens, assim encouraçados, quase sem fôlego, alguns a vomitar sangue, conduzidos pelos caminhos.

2.3. Ibiapina resguardado

Pela relação direta que o Padre Ibiapina mantinha com a população, pelos sermões contra a maçonaria que dominava o Governo, por sua amizade com o vigário de Campina Grande e por encontrar-se na região mais inflamada pelos revoltosos, tornou-se alvo fácil de acusações. *O Apóstolo*, jornal católico do Rio de Janeiro, do domingo, 29 de novembro de 1874, em sua primeira página, noticia a gravidade dos conflitos desse tempo e procura defender o Padre Ibiapina das incriminações que lhe estavam sendo dirigidas por parte do governo, em Pernambuco e na Paraíba. Segue a transcrição de parte do artigo do referido jornal:

> "*... sobre os tristes acontecimentos da Parahyba do Norte, devemos desde já protestar contra a imputação, que se faz ao Dr. Ibiapina, de estar agitando o povo do sertão (telegramma da Nação). A elle sem duvida se refere o Globo quando diz, que um fanático vive pregando no sertão doutrinas extravagantes cercado de muitos adeptos. O Dr. Ibiapina, maior de setenta annos, sacerdote illustrado e virtuoso, seria incapaz de agitar os espíritos de seus ouvintes para a obra do crime, para scenas de sedição e de sangue. Sua palavra na tribuna sagrada foi sempre, como somos informados, uma palavra de paz e de amor; sua vida se tem passado a levantar templos, e construir cemitérios, a instituir casas de beneficência para a infância desvalida, asylos para as mulheres, que conheceram a tempo a insanidade da vida mundana, e hospitaes para as victimas de enfermidades de que se não podiam tratar com os próprios meios.*
>
> *E por isso, e por isso somente, que elle tem o respeito, o amor, e a devoção de todos os povos que habitam os sertões das províncias de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, e Ceará; e é por isso também, que nos julgamos autorisados a dizer, que essa voz, porque é a voz de religião, em vez de ser a voz da anarchia, é talvez a única voz que poderá acalmar nesses lugares as ondas da agitação popular. [...] Attenda o governo para estes factos, e convença-se de que no virtuoso missionario Ibiapina encontrará, não um fanático, que açule as massas populares, mas o racional instrumento com que pode fazer restabelecer a paz entre povos que o amam e consideram. E nem poderia deixar de ser assim, porque esse homem, depois de haver figurado na representação nacional; depois de ter ocupado a cadeira do magistério do corpo juridico de Olinda, e a de magistrado da província do Ceará; depois de haver advogado com distincção no Recife e em outros lu-*

> *gares, acabou de desenganar-se das grandezas humanas, e, coração ardente no amor do proximo, dedicou-se à prédica do evangelho, que civilisou os povos, e com essa prédica de todos os dias e de todas as horas ameiga actualmente o coração rude do sertanejo*"[13].

No Quebra-Quilos, além da reação popular contra os impostos provinciais, o alistamento militar ou recrutamento e a mudança do sistema de pesos e medidas, lembremos que o cenário político-religioso do tempo --- já muito tenso pela prisão de Dom Vital, em janeiro daquele mesmo ano de 1874 --- agravava o descontentamento de católicos, mas não determinava nem promovia a insurreição[14].

As acusações contra Ibiapina e outras lideranças religiosas partiam do Governo maçônico capitaneado pelo Comendador Lucena[15], então presidente da Província de Pernambuco. Era uma maneira de menosprezar a capacidade do povo de se rebelar e, ao mesmo tempo, de se eximir dos erros e arbitrariedades do próprio governo. Mesmo sem provas, Ibiapina era acusado pela "convicção" elaborada pelo comendador, como bem entendeu *O Apóstolo*. Isto é o que podemos conferir pelo que foi publicado em várias edições do referido jornal e como se pode ler no trecho destacado abaixo, com notícias saídas do Recife no dia 10 de dezembro de 1874 e publicadas na edição do dia 20 do mesmo mês e ano:

---

[13] O APOSTOLO, Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1874, edição n. 125, p.1.

[14] Para Horácio de Almeida, contestado por muitos outros historiadores, a questão religiosa deve ser considerada como o real motivo para o início do movimento contestatório, sabendo-se que muitos rebeldes entravam nas cidades gritando "morte aos maçons!". De fato, a revolta acontecia quando a luta entre Igreja e Estado estava no seu auge e muitos padres da região, como o vigário Calito da Nóbrega e o Padre Ibiapina, não economizavam sermões contra o Governo e contra a Maçonaria. Para Horácio de Almeida, o fanatismo religioso foi fator fundamental para que o Quebra-Quilos acontecesse. Cf. Almeida, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 1979, p.168.

[15] Henrique Pereira de Lucena, (1835-1913), formado em Direito, começou sua carreira profissional como delegado no Recife. Maçom proeminente, exerceu o cargo de presidente de Pernambuco (1872-1875) e de mais províncias. No seu tempo, enfrentou vários problemas políticos e fez muitos inimigos. No período da Questão Religiosa comandou a perseguição e expulsão dos Jesuítas, além da prisão de Dom Vital. Foi implacável com os revoltosos do "Quebra-Quilos". Deputado Geral (1886–1889), presidiu a Assembleia Imperial quando foi votada a Lei Áurea, tendo recebido da Princesa Isabel o título de Barão de Lucena, como um reconhecimento por ter agilizado a tramitação do projeto da lei que colocava um fim no regime escravocrata.

> "Se faltasse outra prova, se a ilustração e verdadeira caridade daquele virtuoso apóstolo brasileiro não desmentissem tão infame calumnia, se os precedentes honrosíssimos do Dr. Ibiapina não fallassem mais alto do que todas as tramas do commendador Lucena, bastaria sómente a seguinte consideração, para convencer de que o padre Ibiapina não tem a mínima participação nos movimentos sediciosos. (...) Se, pois, o ilustre missionário tivesse o infortunnio de pregar uma cruzada contra a ordem legal, podíamos ter a certeza de que elle levantaria as populações em massa, homens e mulheres acreditariam na sua voz eloquente e sympathica. E então Deos sabe o que aconteceria...
>
> Deixemos correr o tempo, acautelem-se os catholicos contra as urdiduras do commendador Lucena, e os factos se encarregarão de demonstrar a toda luz, que tem sido elle a personagem mais sinistra em todo esse enredado drama, que se denomina questão religiosa.
>
> *Nihil est occultum, quod non reveletur: dil-o a sabedoria eternal."*[16]

Sabemos que o Padre Mestre não chegou a ser preso nem sofreu outros apuros. Como, porém, o mundo dá muitas voltas, quase 10 anos depois daqueles acontecimentos, o jornal *A Constituição*, de Belém do Pará, publicava a notícia do falecimento de Ibiapina afirmando, entre muitos elogios, que a ele *"deve a província de Pernambuco o restabelecimento da ordem publica por occasião da revolta -- Quebra kilos*." Ibiapina, em sua entrega de vida a Deus e ao próximo mais sofrido, atravessava e vencia o relativismo dos mais diversos julgamentos[17]. Sabiamente, concluiu acima o articulista de *O Apóstolo*, citando o evangelho: "**nada há de oculto que não venha a ser revelado**, e nada em segredo que não seja trazido à luz do dia" (Mc. 4, 22).

[16] Cf. O APOSTOLO, Rio de Janeiro, edição n.131, de 20.12.1874.

[17] Da notícia, destacamos o que nos interessa para o momento: "**Óbito importante**. -- O Diário de Pernambuco noticiou o fallecimento do padre Ibiapina natural do Ceará. O padre Ibiapina era um sacerdote distincto pelas suas grandes virtudes e pelo seu saber. (...) Espírito verdadeiramente cordato, ao padre Ibiapina deve a província de Pernambuco o restabelecimento da ordem publica por occasião da revolta -- *Quebra kilos*. Seus serviços ao paiz são relevantíssimos. Paz a sua alma." Cf. *A Constituição* - Órgão do partido conservador. Belém do Pará, 16 de março de 1883.

3. Ibiapina e as "contrariedades" em Triunfo

3.1. O enfrentamento

"No mês de setembro de 1875, noticiaram a meu Pai que a Casa de Caridade da vila de Baixa Verde estava sofrendo oposições e contrariedades bastantes para que em breve desmoronasse; e isto falou tão alto ao seu coração que ele, como uma mãe carinhosa que vê seu inocente filhinho em perigo de ser devorado por desumana fera, não se doeu de arriscar a própria vida para salvar a do inocente amor de sua alma. Sim, porque as Casas de Caridade, que ele instituiu para honra e glória de Deus, como pérolas preciosas para ornar a coroa da Santíssima Virgem, eram-lhe fibras do coração, meninas dos seus olhos, objetos amados de sua alma. Velando constantemente sobre elas com a luz da graça que Deus lhe deu, dirigindo-as com tino e jeito de alta sabedoria, ainda assim lhe cabia fazer como manda a doutrina da verdade, pois desconfiava tudo de si para só confiar em Deus e dizia sempre: *As Casas de Caridade são de Deus; ele tome conta delas e as dirija como for de sua Santa vontade*".

A crônica do tempo continua relatando que o Padre Ibiapina dirigiu-se "em socorro da Casa de Baixa Verde, e com o plano de visitar e reformar as Casas de Caridade da vila de Santa Luzia, cidade de Souza e Cajazeiras", ainda na Paraíba. Partindo de Santa Fé, visitou as três Casas do caminho e seguiu para a Baixa Verde, hoje Triunfo-PE. Ao chegar, tomou as devidas providências no sentido de equilibrar e renovar a vida na Casa de Caridade. No "itinerário da Irmã Vitória" ficou registrado que o Padre Mestre, após a missa diária, "fazia uma prédica combatendo com toda energia e forças a maçonaria, fazendo ver bem claro os erros e grandes males que esses homens faziam à Santa Religião, e o dobrado desses males nos castigos que teriam na Eternidade; e oferecia a sua vida a Deus em sacrifício pela conversão desses ímpios. Falava a respeito da boa moralidade e reforma de vida, que todos deviam ter para tranqüilidade daquele lugar, que ia inundando-se em perversidade de costumes e ordenava ao povo que, ao sair da igreja, cantasse: Não permitais, ó Maria/ Do Brasil amparo e luz/ Que triunfe a impiedade/ Na terra de Santa Cruz"[18].

Segundo Padre Sadoc, o Padre Ibiapina saiu de Santa Fé, na Paraíba, no dia 23 de setembro e chegou a Triunfo em novembro do mesmo

[18] Cf. **A Missão Ibiapina**, op. cit., pp. 122-125, para todas as citações desse item.

ano de 1875[19]. Mas, por uma carta do Sr. Manoel Zeferino de Magalhães, Delegado da "Vila de Triumpho", ao Dr. Antonio Francisco Correia de Araújo, então Chefe de Polícia da Província de Pernambuco, cargo que hoje corresponde ao de Secretário de Segurança do Estado, redigida em 11 de janeiro de 1876, Ibiapina teria chegado "nos primeiros dias do mês de dezembro findo", portanto, no começo de dezembro de 1875[20].

3.2. Ibiapina enganado

Na Casa de Caridade de Triunfo, os problemas tratados por Ibiapina como provocados pela ação da maçonaria parecem ter outra origem ou serem de outra ordem. Nesse ponto, a fonte mais esclarecedora pode ser a carta do Delegado Magalhães, acima referida. Pelo que ficou registrado naquela missiva, na Baixa Verde de então, o que mais repercutia e dividia o povo do lugar era a rivalidade, intriga ou desavença, criada pelo Vigário, Padre João Evangelista dos Santos Lima, contra Frei Estevão da Hungria, um missionário capuchinho italiano[21]. O Delegado Magalhães escreve que: "Chegando àquela Vila o digno missionário Padre Ibiapina nos primeiros dias do mês de dezembro findo, houve quem abusando da credibilidade deste santo homem, e muito calculadamente, fizesse as mais injustas argüições contra Frei Estevão (capuchinho), que há pouco esteve ali missionando; sendo as principais e que mais voga tem sido a de ser ele

[19] Cf. Araújo, F. Sadoc, op. cit., p.321.

[20] Cf. Lopes, Diana Rodrigues. **Padre Mestre Ibiapina e a Casa de Caridade de Triumpho**. Santa Cruz da Baixa Verde: Gráfica Folha do Interior, 2004, p. 120. No livro, encontra-se a transcrição completa da carta do Delegado de Polícia da Vila de Triumpho, Manoel Zeferino de Magalhães, enviada ao Chefe de Polícia de Pernambuco, pp. 120-123. Fonte: Ofícios das Delegacias do Interior de Pernambuco. Secretaria de Segurança Pública: período de 1873 a 1883. Todas as citações da carta, que se encontram em nosso texto, são dessa transcrição.

[21] Frei Estevão da Hungria era natural de Vicência, Itália, e chegou ao Brasil em 1868. Veio para o nordeste depois de atuar na região sul, em Santa Catarina. Trabalhou em Pernambuco e na Bahia, onde faleceu a 1º de maio de 1878. O nome desse frade foi tomado do santo rei da Hungria, mas sua nacionalidade é italiana e não húngara. Ele é citado na extensa relação de missionários capuchinhos que vieram para o Brasil nos séculos XVII, XVIII e XIX. Cf. Primerio, Frei Fidelis M. de. **Capuchinhos em terras de Santa Cruz**. São Paulo: Livraria Martins, 1942, p.383. Sobre a atuação dos frades capuchinhos italianos no Brasil, de modo especial em Pernambuco, durante o século XIX, vale consultar o excelente artigo do historiador Guillermo Palácios. Cf. Palácios, Guillermo. "Século XIX: Capuchinhos italianos no Brasil", em *Revista de História*, São Paulo, Nº 167. Julho/Dezembro 2012, pp. 193-222.

massom (sic), por ter ele ali ido enviado pelo governo, e de ser contrário à adoração das imagens dos Santos, por serem de barro e de madeira".

Segundo o Delegado, os que articularam ódio e falsos comentários contra o frade missionário "fizeram calar no ânimo do venerável ancião [Padre Ibiapina] uma impressão tal que, não pôs dúvida em acreditar nessas falsidades, visto como eram confirmadas pelo Vigário da Freguesia, Padre João Evangelista dos Santos, resultando uma forte exprobração aos atos e às doutrinas pregadas por Frei Estevão ali, e com tanta autoridade que lá está o povo dividido em dois partidos; um por parte de Frei Estevão, e o outro por parte do Padre Ibiapina".

Para o Delegado Magalhães, no entanto, Frei Estevão era homem de virtude e, nos cinco meses que serviu em Triunfo, prestou relevantes serviços ao seu povo. O Frei pregava e agia de maneira correta, pois "encontrou uma boa parte do povo quase idólatra tal era o seu fanatismo e tão ignorante na doutrina quanto exterior a sua religião, e combatendo essa anomalia, pode-se assim dizer, pôde triunfar a religião e prosseguir nas lides de verdadeiro apóstolo..." O trabalho de Frei Estevão se fazia pelo atendimento diário no confessionário, pelas prédicas instrutivas à noite, três vezes por semana, pela conclusão do cemitério público, começado há 20 anos[22], por melhorias na matriz e, ainda, pela sua disponibilidade, percorrendo léguas de distância, para atender confissões de enfermos; tudo isso "sem se fazer esperar onde a sua presença se fazia necessária".

O Missionário foi transferido para Buíque, onde os capuchinhos também missionavam, e deixou Triunfo no dia 4 de outubro, dia de São Francisco, desse ano de 1875. Lemos na carta do Delegado que "o povo deu por sua vez provas de suas afeições e reconhecimento", comparecendo "em número de 1500 pessoas mais ou menos" para sua despedida, muitos "derramando lágrimas pela sua separação", e muita gente acompanhou o Frei "até uma grande distância desta Vila, indo até Flores mais de 100 pessoas e outras até 14 léguas". Tendo Ibiapina chegado a Triunfo em princípios de dezembro, apenas 2 meses depois da partida de Frei Estevão, deve ter encontrado o lugar ainda bastante convulsionado.

Para o Delegado, os "fatos provam que entre o povo e o missionário não havia divergência ou desafeições" e a divisão que estava acontecendo

---

[22] O cemitério de Triunfo, iniciado em 1856, foi concluído por frei Estêvão, em 1876. No terreno desse velho cemitério foi construído mais tarde, a partir de 1945, o convento franciscano de São Boaventura.

entre os habitantes do distrito foi provocada pelo Vigário da Freguesia. A questão parece ser bastante grave, pois o Sr. Magalhães diz em sua carta que "não é possível aqui declarar os fundamentos que tenho por assim pensar", mas se dispõe a expor pessoalmente ao seu superior, Dr. Antonio Francisco: "Se por isso V. Sa. se dignar ouvir-me, então verá que tenho a dizer que a substituição desse Vigário naquela Freguesia é conveniência pública".

O Delegado Magalhães acusa o Vigário de ter criado, de maneira calculada e, portanto, maldosa, uma falsa rivalidade entre Padre Ibiapina e Frei Estevão. Com quais propósitos não conseguimos descobrir. De qualquer modo, segundo a carta, Ibiapina teria sido enganado e as razões desse engodo, de tão graves, só poderiam ser reveladas verbalmente, se o Chefe de Polícia da Província tivesse interesse em saber.

Segue, então, o Delegado em sua missiva: "Se aí tenho falado no nome do venerável Santo, digno Padre Ibiapina, é porque assim exige a exposição dos fatos; mas se alguma cousa há de reprovável por sua parte, deverá ser levado em conta aqueles que abusam de sua credibilidade e nem a seu respeito deve haver providências que o possa desagradar, já pela consideração de que é credor e já porque a menor contrariedade que sofrer ele, deverá produzir lamentáveis efeitos por todo aquele sertão". Para encerrar, o Delegado Magalhães ainda escreve sobre o Vigário que "o seu fanatismo é coisa que não se ignora, e que, aliás, não correspondem os seus atos com os do homem verdadeiramente religioso". Pelo que nos transmite a carta, entendemos que o Padre Ibiapina caiu numa armadilha de contrariedades, sendo vítima das articulações do Padre João Evangelista, pessoa de sua total confiança[23]. O Padre Evangelista permanecerá em Triunfo por alguns anos apenas, pois entre 1880-1884, ele aparecerá à frente da paróquia de Serra Talhada.

Em princípios de dezembro de 1875, portanto, quando Ibiapina chegou a Triunfo, dois fatos recentes estavam ditando o clima geral de

[23] A paróquia de Nossa Senhora das Dores de Triunfo foi criada pelo Governo em junho de 1870 e confirmada pela Diocese de Olinda em março de 1871. Nesse mesmo ano, seu primeiro pároco, padre João Evangelista dos Santos Lima, convidou o Padre Ibiapina para ali pregar missões, dando oportunidade para o surgimento da Casa de Caridade do lugar, com inauguração a 7 de janeiro de 1872. Cf. Araújo, Francisco Sadoc de, op. cit., pp. 316-317. Antes da elevação à paróquia, porém, por toda aquela região e por muitas décadas, atuaram os missionários jesuítas e capuchinhos, levantando igrejas, catequizando o povo e até tentando acabar com rebeliões populares, a mandado do Governo.

desassossego. O primeiro era que, com a anistia de Dom Vital, em 17 de setembro desse ano de 1875, por toda a diocese de Olinda estava sendo lida a sua Carta Pastoral, escrita na prisão, com publicação em 24 de setembro daquele ano. Nessas circunstâncias, Ibiapina sentia-se no dever de explicar aquele momento histórico, fazendo seus comentários e críticas à política do Governo Imperial, defendendo a Igreja e combatendo "com toda energia e força, a maçonaria", diretamente envolvida naquelas ações governamentais. O segundo fato era a questão entre o Vigário de Triunfo e Frei Estevão, com a retirada ou despedida do Frade no dia 4 de outubro e a divisão criada no meio da população. Em relação ao frade capuchinho, pelo que escreveu o Delegado Magalhães, o Padre Ibiapina foi induzido a acreditar, lamentavelmente, nas desinteligências fanáticas do Vigário.

3.3. Consequências

É muito possível que toda essa situação, sentida como hostil e desgastante, tenha concorrido para provocar a doença que determinou a última viagem missionária do Padre Mestre. Pelo que escreveu Irmã Vitória, já no dia 30 de dezembro daquele mesmo ano de 1875, o Padre Mestre não pôde mais celebrar a missa da manhã, apresentando-se gravemente enfermo, "com muita febre e dor de cabeça, uma dor aguda sobre o lado direito, com tontice, cujos sintomas eram de congestão e pleurisia. Cresceu o dia e ele a ficar mais incomodado, empregou-se algumas doses homeopáticas, mas estas de nada lhe serviram porque os sofrimentos mais se agravavam"[24].

No dia 7 de janeiro de 1876, Ibiapina e sua comitiva, ele sobre uma cama transformada em liteira ou maca improvisada e o povo em resignação de "via sacra", partiram da Baixa Verde (Triunfo-PE) de volta para Santa Fé. Depois de andar 4 dias, descansavam num sítio chamado Cedro, mas, orientados pelo Padre Manoel Vieira, de Cajazeiras, voltaram para Bom Conselho (Princesa Isabel-PB), onde permaneceram por dois meses e dias, esperando melhoras para continuar a viagem[25]. Depois, segundo afirma a

[24] Cf. **A Missão Ibiapina**, op. cit., pp. 126-131. Estando o delegado Magalhães na cidade do Recife quando escrevia sua carta, em 11 de janeiro, não deve ter tomado conhecimento da doença e da volta de Padre Ibiapina para a Paraíba, no dia 07 do mesmo mês, pois nenhuma referência faz a esses fatos.

[25] Nesse tempo, o *Diário de Pernambuco*, do dia 14 de fevereiro de 1876, noticiou o falecimento de Ibiapina na Baixa Verde, reproduzindo nota do jornal *O Cearense*, de Fortaleza, que

tradição, a caminhada passou por Umburanas (Itapetim-PE) e, entrando pela Paraíba, seguiu por Livramento, São José dos Cordeiros, São João do Cariri, Cabaceiras e Pocinhos, até chegar à Santa Fé, na Arara, com a ajuda devotada de centenas de pessoas, gente dos muitos lugares por onde a caravana passava. Tendo percorrido uns 400 km a pé, o cortejo chegou ao destino no dia 14 de abril desse ano de 1876, uma sexta-feira santa, com Ibiapina vivo e lúcido, mas paralítico. Agora, o Padre Mestre permanecerá na Casa de Caridade de Santa Fé até sua partida definitiva que se dará no dia 19 de fevereiro de 1883, quase sete anos depois da saída de Triunfo.

À guisa de conclusão

O conflito entre Igreja e Maçonaria experimentado pelo Padre Ibiapina, nos idos de 1873-1875, continua atual e despertando polêmica. Os toques, palavras e sinais maçônicos parecem não comover a Igreja Católica, em suas leis e decisões canônicas oficiais. Na vida prática, porém, a situação é bem diversa e plural na concepção de vários dos seus membros e pastores locais.

Invocando o Concílio Vaticano II, muitos padres e bispos da hierarquia católica procuram esquecer antigas divergências e conflitos, até mesmo porque são agradecidos pelas boas ajudas materiais e colaboração pastoral que recebem de pessoas e instituições maçônicas em suas paróquias e dioceses. Lembramos alguns encontros entre líderes da Igreja Católica e da Maçonaria que tiveram, recentemente, ampla divulgação na mídia brasileira. Em 2003, Dom Dadeus Grings, quando ainda Arcebispo de Porto Alegre, procurou minimizar divergências entre as instituições, participando de várias cerimônias maçônicas[26]. Em 2009, Dom José Alberto Moura, Arcebispo de Montes Claros, procurou acertar-se com a Maçonaria para realização de projetos da Campanha da Fraternidade, tendo recebido, inclusive, uma placa comemorativa daquela instituição[27]. Em dezembro de 2010, o bispo de Caruaru, Dom Bernardino Marchió,

afirmava ter recebido a notícia por cartas vindas da cidade do Crato. Sobre esse e outros boatos, cf. Carvalho, Ernando Luiz Teixeira de. "Boatos na vida do Padre Ibiapina", in RIC, Vol. 130, Fortaleza, 2016, pp. 181-188.

[26] Cf. *O Vigilante* – Órgão de divulgação da Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul, Ano XXXV, n.59, setembro/outubro, 2003.

[27] Cf. *O Malhete* – Informativo Maçônico, Político e Cultural – Linhares-ES, 9 de março de 2009.

celebrou missa para maçons na Catedral e recebeu comenda da Maçonaria[28]. Dom Dino, como é chamado, agradeceu a distinção e denominou o evento de festa da alegria, pedindo as bênçãos de G.A.D.U.[29] para que todos se mantivessem alegres, unidos e felizes, *ut omnes unum sint* (Jo 17,21): para que todos sejam um![30].

Em diferentes lugares, nas questões envolvendo instituição maçônica e Igreja Católica, a situação apresenta suas contradições. Enquanto a Arquidiocese da Paraíba tem admitido maçons para o diaconato permanente, conferindo-lhes a Ordem Sacra[31], a Diocese de Pesqueira, agreste de Pernambuco, suspendeu um Padre de suas funções pastorais, apenas por ter celebrado missa para a Maçonaria, no dia do Maçom[32].

O Novo Código de Direito Canônico, promulgado aos 25 de janeiro de 1983, no cân. 1374, mesmo sem repetir o antigo Código de 1917, cân. 2335, que condenava expressamente a maçonaria como "associação que maquina contra a Igreja", conserva o mesmo conteúdo, mesmo teor e deter-

---

[28] Cf. *Revista Informabim* nº 181, p.2: artigo republicado em vários blogs e boletins maçônicos: "Maçons vão a Santa Missa, em Caruaru".

[29] Para quem não sabe, essa sigla representa o nome de Deus, considerado pelos maçons como o Grande Arquiteto Do Universo: G.A.D.U.

[30] Essas e outras notícias sobre o assunto podem ser encontradas, livremente, acessando a internet, usando a palavra **maçonaria** e o **nome do bispo em questão** como palavras chaves. Em relação a Dom Bernardino Marchió, não deixa de ser curioso que no *Boletim Informativo da Causa de Beatificação e Canonização de Dom Vital*, Ano I, Nº 1, novembro de 2012, ele tenha deixado sua palavra dizendo, entre outras, que "*Dom Vital foi fiel à sua missão e marcou a história da nossa Igreja. Que Deus nos conceda a graça de enfrentarmos os desafios de hoje com a mesma coragem de Dom Vital*". Talvez ele não tenha conhecimento que o grande bispo e santo Dom Vital é considerado um Mártir da perseguição maçônica!

[31] Já faz algum tempo, tomamos conhecimento que Iran Alves Soares, mestre maçom da Loja Maçônica Branca Dias, e alguns outros membros de Maçonaria foram ordenados Diáconos Permanentes da Arquidiocese da Paraíba e que atuam regularmente em paróquias. Participando do ECC (Encontro de Casais com Cristo), do Terço dos Homens,omens de outros movimentos ou pastorais católicas, em equipes de preparação de pais e padrinhos para o Batismo de crianças ou de noivos para o casamento religioso, mesmo sem terem recebido a ordem sacra do diaconato, supõem-se dezenas de maçons engajados! Com o conhecimento dos bispos ou não, essa realidade parece não ser exclusiva da Arquidiocese da Paraíba.

[32] A missa foi celebrada em 2012 e em 2013, dia 20 de agosto, com a presença maciça de membros das lojas maçônicas dos municípios de Sanharó, Belo Jardim e Pesqueira pelo Padre José Gomes de Melo, conhecido como Padre Nilson. O Bispo de Pesqueira, Dom José Luiz Ferreira Salles, discordando do ato, resolveu afastar o padre de suas funções. Cf. **Nota do Bispo de Pesqueira**, acessando a internet.

minação contra a instituição maçônica, sobretudo por motivos doutrinais. No comentário a esse cânon do Novo Código são evidenciadas, ao menos, três questões fundamentais que impossibilitam qualquer conciliabilidade: em relação às autoridades às quais o maçom deve obedecer; em relação a um humanismo radical que não admite autoridade de revelação divina; em relação à fraternidade que é restrita aos membros da própria instituição[33].

O Padre Jesus Hortal, em longo e sólido artigo[34], percorre a história das relações da Igreja com a Maçonaria, pondo em evidência a razão principal da incompatibilidade entre as duas instituições. Mais de duzentos e cinquenta anos após a primeira condenação, nas Constituições Apostólicas *In eminenti*, de Clemente XII (1738), a posição oficial da Igreja Católica parece nada ter mudado. Segundo o Padre Hortal, a razão básica das condenações continua sendo a mesma: **a inconciliabilidade entre a afirmação sincera e plena da fé católica e o relativismo que se oculta por atrás do universo simbólico maçônico**. Toda a documentação apresentada por Hortal leva a uma conclusão lógica: Maçonaria e Igreja Católica são simplesmente inconciliáveis, com uma inconciliabilidade que não depende de conjunturas históricas, nem de ações particulares, mas que é intrínseca à própria natureza de cada uma das organizações em confronto. Para ele, a Igreja até admite diálogo com a Maçonaria, mas não a pertença simultânea às duas instituições. Atualmente, com o Papa Francisco, nenhum aceno foi dado para qualquer possível reavaliação do problema.

* * *

[33] Cf. CNBB (tradução oficial). Código de Direito Canônico. São Paulo: Edições Loyola, 1983, pp. 598-600 (comentário ao cân. 1374). Sobre a inconciliabilidade entre Igreja e Maçonaria vale também conferir Ratzinger, Cardeal Joseph A. "Declaração sobre as Associações Maçônicas", em *L'Observatore Romano*, 26.11.1983. Ratzinger, então prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, reafirma que permanece inalterado o parecer negativo da Igreja em relação às associações maçônicas, pois seus princípios continuam sendo considerados inconciliáveis com a doutrina da Santa Sé. O artigo apresenta ainda proibições e sanções para quem infringir as determinações canônicas.

[34] O Pe. Jesús Hortal, S. J., PhD em Direito Canônico pela PUG-Roma, professor em diversas instituições teológicas, foi também Reitor da PUC-Rio (1995-2010). O referido artigo está publicado na revista "Direito e Pastoral", ano VI, números 23-24, janeiro-abril de 1992, pp. 58-81. O texto ainda pode ser encontrado em: Hortal, Jesus. **Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?**, São Paulo: Paulus, 2002, Coleção Estudos da CNBB, n. 66, 4ª edição revista e ampliada. O Padre Hortal foi responsável pelas notas de rodapé para os artigos do Novo Código de Direito Canônico e, no final da publicação, ele mesmo apresenta suas *Advertências sobre as notas explicativas*, justificando seus comentários.

No tempo de Ibiapina a peleja em Campina Grande era real e concreta, notadamente, pela inauguração de uma loja maçônica na cidade. Em Arara, a revolta do "Quebra-Quilos" era também real, entendida como uma perseguição maçônica, sem que nada tenha sido comprovado sobre possível envolvimento do Padre Mestre com os revoltosos. Já em Triunfo, Ibiapina lutava contra a maçonaria, mas o problema no lugar parece ter sido causado por desentendimento entre o pároco e o missionário capuchinho, acusado de ser maçom, levando-se em conta o que escreveu o Delegado Magalhães. Em todos os casos, porém, envolvendo a política do tempo, o Padre Ibiapina entrava de corpo e alma na defesa do povo e da Igreja.

Padre Ibiapina... de herança nativista e revolucionária, o próprio nome Ibiapina, para José Antonio Pereira, mais que um sobrenome, é uma marca, um selo, um emblema, um destino, um caminho, um chamado, uma vocação, um desafio, um enfrentamento, um programa de vida. O apelido plantado na alma do pai, confederado do Equador, foi passado para os filhos, mas o nosso Ibiapina teve oportunidade de abolir ou cancelar esse nome e não o fez. Em sua matrícula no seminário de Olinda, constata Sadoc[35], o sobrenome de origem tupi ainda não aparece, mas ele o adotará durante o curso de Direito e tornar-se-á conhecido, para todos os efeitos, como Dr. Ibiapina. Mais tarde, já sacerdote, quando assumiu o '*de Maria*' na sua identidade, poderia ter suprimido o Ibiapina, mas preferiu perder o Pereira e passou a assinar-se Padre José Antonio de Maria Ibiapina ou, simplesmente, Padre Ibiapina. Entendemos que a adoção desse nome representa a conservação da chama política, ampliada pela luz de Cristo, que ele alimentou por toda a vida, tentando construir um mundo novo de justiça, solidariedade e amor fraterno.

Sendo Ibiapina um missionário do clero secular, sem receber honorários do Governo, sentia-se livre o bastante para combater a Maçonaria com toda energia e força, na convicção de defender o rebanho como o Bom Pastor defenderia. Pelo seu trabalho de transformação humana e social através das missões populares e, sobretudo, por meio das Casas de Caridade, ele pode representar um ponto de partida e reflexão para a Igreja do novo tempo, com o advento da República, sem a tutela oficial do Estado. Tendo falecido em 1883, o Padre Mestre não alcançou as grandes datas de transformação do final do século, mas deixou seu legado inconfundível de missionário apostólico e de civilizador arrojado dos nossos sertões.

[35] Cf. Araújo, Francisco Sadoc de, op. cit., p.120.

Referências

JORNAL "A Voz da Religião no Cariry", Crato: Tipografia do Internato do Coração de Maria, Coleção 1868-1870.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 1979.

ANDRADE, Delmiro Pereira. **Evolução histórica da Paraíba do Norte.** Rio de Janeiro: Minerva, 1946.

ARAÚJO, F. Sadoc. **Padre Ibiapina – Peregrino da Caridade**. São Paulo: Paulinas, 1996.

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. **A Missão Ibiapina**. Passo Fundo, Ed. Berthier, 2008.

CNBB. **Código de Direito Canônico**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

HORTAL, Jesus. **Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?** São Paulo: Paulus, 2002, Coleção Estudos da CNBB, n. 66, 4ª edição revista e ampliada.

JOFFILY, Geraldo Ireneo. **O Quebra-Quilo – A revolta dos matutos contra os doutores – 1874**. Brasília: Thesaurus Editora, 1974.

LIMA, Pe. Francisco, **Dom Adauto – subsídios biográficos**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 3vols., 1956. Segunda edição: João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2007.

LOPES, Diana Rodrigues. **Padre Mestre Ibiapina e a Casa de Caridade de Triumpho**. Santa Cruz da Baixa Verde: Gráfica Folha do Interior, 2004.

OLIVOLA, Frei Felix de. **D. Vital -- Um Grande Brasileiro.** Recife: Edição da Imprensa Universitária, 1967.

PALÁCIOS, Guillermo. "Século XIX: Capuchinhos italianos no Brasil", em *Revista de História*, São Paulo, Nº 167. Julho/Dezembro 2012, pp. 193-222.

PRIMERIO, Frei Fidelis M. de. **Capuchinhos em terras de Santa Cruz**. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

SOUTO MAIOR, Armando. **Quebra-Quilos – Lutas sociais no outono do Império**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasiliana v. 366, 1978.

ZENAIDE, Hélio Nóbrega. "A Maçonaria na Paraíba", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - RIHGP*. Anais do Ciclo de Debates sobre a Paraíba na Participação dos 500 anos de Brasil. SECE, João Pessoa, 2000.